



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

DAIANI LUDMILA BARTH

**POR UMA COMPREENSÃO CONCEITUAL DE
METODOLOGIA: TEXTOS CIENTÍFICOS EM ENCONTROS
REFERENCIAIS NA COMUNICAÇÃO**

Brasília
2018



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

DAIANI LUDMILA BARTH

**POR UMA COMPREENSÃO CONCEITUAL DE
METODOLOGIA: TEXTOS CIENTÍFICOS EM ENCONTROS
REFERENCIAIS NA COMUNICAÇÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Comunicação.
Orientador: Prof. dr. Pedro Russi

Brasília
2018

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

BB284u BARTH, Daiani Ludmila
Por uma compreensão conceitual de Metodologia: Textos científicos em encontros referenciais na Comunicação / Daiani Ludmila BARTH; orientador Pedro Russi. -- Brasília, 2018. 200 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Comunicação) -- Universidade de Brasília, 2018.

1. Conceito. 2. Metodologia. 3. Saber comunicacional. 4. Texto científico. 5. Epistemologia. I. Russi, Pedro, orient. II. Título.

DAIANI LUDMILA BARTH

**POR UMA COMPREENSÃO CONCEITUAL DE
METODOLOGIA: TEXTOS CIENTÍFICOS DESDE ENCONTROS
REFERENCIAIS NA COMUNICAÇÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Comunicação da Universidade de Brasília como
requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora.

Brasília, 21 de fevereiro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. dr. Raul Fuentes Navarro – Iteso/México

Prof. dr. Alberto Efendy Maldonado – Unisinos

Prof. dr. João José Azevedo Curvello – UnB

Prof. dr. Pedro Russi – UnB (orientador)

Prof.^a dra. Elizabeth Ruano Ibarra – UnB (suplente)

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos...

Aos professores...

Alberto Efendy Maldonado

Délia Dutra da Silveira

Dione Moura

Elizabeth Ruano Ibarra

Estevão de Rezende Martins

Gustavo de Castro

João José Azevedo Curvello

Luiz Claudio Martino

Raul Fuentes Navarro

Tiago Quiroga

Aos colegas e amigos, em especial...

Brenda Parmeggiani

Bruno de Araújo

Clarissa Motter

Darliani Amaral

Emília S. Silberstein

Hadassa Ester David

Keila Cristina Rosa

Ao orientador Pedro Russi, pelo apoio, humanismo e indicações cruciais no desenvolvimento do trabalho.

Aos colegas do departamento de Jornalismo e do campus de Vilhena (RO), pelo apoio na saída para licença capacitação.

À minha família, pela compreensão nos momentos de ausência do convívio/afeto integral, principalmente, minha querida mãe, Nirce M. Barth.

Ao meu melhor amigo e companheiro, Márlu S. Santos, por compartilhar os momentos de dúvida, apreensão e dedicação a este trabalho.

Por fim, à Deus, na inspiração e perseverança necessárias para caminhar, na busca por dias enriquecedores de experiência da vida acadêmica.



O ouriço no nevoeiro
Yuri Norstein, 1975

BARTH, D. L. **Por uma compreensão conceitual de metodologia:** Textos científicos em encontros referenciais na Comunicação. 200 f. 2018. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

RESUMO

A contribuição original ao conhecimento desse trabalho situa-se na compreensão conceitual metodológica, que se localiza na discussão epistemológica da Comunicação, desde textos publicados por grupos de trabalho provenientes de comunidades de encontro referenciais na área. Um conjunto de 140 textos constituem o corpus, na possibilidade de idas e vindas reflexivas. Esses registros compõem a produção de encontros, no período compreendido entre os anos 2012 a 2016, em eventos promovidos pela Associação Latino-americana de Pesquisadores da Comunicação (ALAIC), Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPOS) e Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM). A construção do objeto de pesquisa alcança o caráter substancial da discussão metodológica no meio acadêmico, como norte e/ou entendimento do percurso de pesquisa sobre fenômenos que se vinculam a um saber comunicacional. Trata-se, portanto, de uma investigação de cunho epistemológico, que busca compreender o viés metodológico que emerge, desde eixos que abrangem tendências de enfoques textuais, codificação desde esferas analíticas e a contextualização do referencial bibliográfico dos textos. A partir desses movimentos, os operadores de sentido resultantes permitem tecer considerações e inferências acerca do problema e situam um cenário de conformação metodológica.

Palavras-chave: conceito; metodologia; saber comunicacional; texto científico; epistemologia.

BARTH, D. L. **For a conceptual understanding of methodology:** Scientific texts in referential meetings in Communication. 200 pp. 2018. Thesis (PhD) – University of Brasília – Communication School, Brasília, 2018.

ABSTRACT

The original contribution to the knowledge of this work is a conceptual understanding of methodology, which lies in the epistemological discussion of Communication, stemming from texts published by work groups deriving out of reference communities in the area. The corpus consists of a total of 140 texts, with possible reflective comings and goings. These records include the production of meetings, between the years 2012 to 2016 at events promoted by the Latin American Association of Communication Researchers (ALAIC), the National Association of Postgraduate Programs in Communication (COMPOS) and the Brazilian Society for the Interdisciplinary Studies in Communication (INTERCOM). The construction of the research object achieves the substantial character of the methodological discussion in the academic environment, as the direction and/or understanding of the research course on phenomena that are linked to communicational knowledge. It is, therefore, an epistemological research, which seeks to interpret the methodological biases that emerge, from axes that constitute tendencies of textual approach, codification from analytical spheres and the contextualization of bibliographic references. Given these movements, the resulting sense operators allow to make considerations and inferences about the problem and lead to a scenario of methodological conformity.

Keywords: concept; methodology; communicational knowledge; scientific texts; epistemology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Algumas características principais do positivismo, estruturalismo e materialismo dialético.....	53
Quadro 2 – Grupos Temáticos Alaic.....	75
Quadro 3 – Grupos de Trabalho Compós.....	78
Quadro 4 – Prêmio Expocom – Jornalismo.....	80
Quadro 5 – Prêmio Expocom – Publicidade e Propaganda.....	81
Quadro 6 – Prêmio Expocom – Relações Públicas e Comunicação Organizacional.....	81
Quadro 7 – Prêmio Expocom – Cinema e Audiovisual.....	82
Quadro 8 – Prêmio Expocom – Rádio, TV e Internet.....	82
Quadro 9 – Prêmio Expocom – Produção Transdisciplinar.....	83
Quadro 10 – Divisão Temática Jornalismo.....	84
Quadro 11 – Divisão Temática Comunicação Audiovisual.....	85
Quadro 12 – Divisão Temática Comunicação Multimídia.....	86
Quadro 13 – Divisão Temática Interfaces Comunicacionais.....	86
Quadro 14 – Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania.....	87
Quadro 15 – Divisão Temática Estudos Interdisciplinares.....	87
Quadro 16 – Textos por ano e evento.....	99
Quadro 17 – Esferas analíticas.....	107
Quadro 18 – Concentração temática corpus.....	113
Quadro 19 – Instância numérica - Ênfase textual.....	115
Quadro 20 – Enfoques textuais.....	116
Quadro 21 – Segmentos codificados por ano e evento.....	121
Quadro 22 – Operadores de sentido.....	123
Quadro 23 – Ambiguidade.....	124
Quadro 24 – Análise.....	125
Quadro 25 – Aplicação.....	126
Quadro 26 – Caminho.....	128
Quadro 27 – Combinações.....	130
Quadro 28 – Constituição.....	131
Quadro 29 – Contribuição.....	132
Quadro 30 – Diligência.....	133
Quadro 31 – Planejamento.....	134
Quadro 32 – Instância numérica de assuntos – Bibliografia geral.....	137
Quadro 33 – Comparativo de citações de autores.....	139
Quadro 34 – Monólogos paralelos.....	141
Quadro 35 – Referencial GT Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación.....	142
Quadro 36 – Referencial GT Epistemologia da Comunicação.....	145
Quadro 37 – Referencial GP Teorias da Comunicação.....	147

LISTA DE ABREVIACÕES

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
ALAIC – Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación/
Associação Latino Americana de Investigadores da Comunicação
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação
FAPESP – Fundação de Amparo  Pesquisa do Estado de São Paulo
IAMCR – International Association for Media and Communication Research
ICA – International Communication Association
INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
PPG – Programa de Pós-Graduação
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. EPISTEMOLOGIA E O VIÉS CONCEITUAL METODOLÓGICO.....	22
2.1 A CONSTRUÇÃO DE UM LUGAR DE FALA ACERCA DE METODOLOGIA.....	24
2.2 A PERSPECTIVA PROCESSUAL METODOLÓGICA.....	26
2.3 AUTONOMIA COMO VIRTUDE EPISTÊMICA DO PESQUISADOR.....	29
2.4 MODOS DE PENSAR E A ESPECIALIZAÇÃO DOS SABERES.....	35
3. DELINEAMENTOS COGNITIVOS E A EMERGÊNCIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS.....	42
3.1 POSITIVISMO: CARACTERÍSTICAS E ESTILO COGNITIVO.....	44
3.2 ESTRUTURALISMO: PROPOSTA DE UM SISTEMA.....	47
3.3 MATERIALISMO DIALÉTICO: FENÔMENOS INTERLIGADOS.....	51
3.4 RECONFIGURAÇÕES METÓDICAS E METODOLÓGICAS: O EMPIRISMO E O QUALITATIVO.....	55
4. APROPRIAÇÕES METODOLÓGICAS DESDE O SABER COMUNICACIONAL.....	62
4.1 DELIMITAÇÕES E DINÂMICAS FORMATIVAS.....	63
4.2 DECISÕES METODOLÓGICAS BASEADAS EM MÉTODOS E TÉCNICAS EMPRESTADOS.....	68
5. A PRODUÇÃO ACADÊMICA EM COMUNIDADES DE ENCONTRO.....	73
5.1 PERCURSOS: ALAIC, COMPÓS E INTERCOM.....	74
5.1.1 Notas sobre Alaic.....	76
5.1.2 Notas sobre Compós.....	78
5.1.3 Notas sobre Intercom.....	80
5.2 A CONCEPÇÃO DE COMUNIDADES DE ENCONTRO.....	90
5.2.1 Episódio de discussão paralela.....	93
5.2.2 Sobre comunidades de encontro de epistemologia e o viés metodológico.....	95
6. A COMUNICAÇÃO ESCRITA E O SENTIDO DE PUBLICAR TEXTOS CIENTÍFICOS.....	101
6.1 TEXTO CIENTÍFICO E A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA.....	105
6.2 PRIMEIRO MOVIMENTO: ESFERAS ANALÍTICAS.....	107
7. O PROTAGONISMO DO MÉTODO NA EXECUÇÃO METODOLÓGICA.....	111
7.1 ENFOQUES TEXTUAIS: TEÓRICO, EMPÍRICO E ENSAIO.....	114
7.1.1 A tendência empírica.....	117
7.1.2 O enfoque teórico.....	118
7.1.3 A emergência do ensaio.....	119
7.2 O MOVIMENTO DE CATEGORIZAR.....	121
7.2.1 Ambiguidade.....	124
7.2.2 Análise.....	126
7.2.3 Aplicação.....	127
7.2.4 Caminho.....	128

7.2.5 Combinações.....	129
7.2.6 Constituição.....	132
7.2.7 Contribuição.....	133
7.2.8 Diligência.....	134
7.2.9 Planejamento.....	135
7.3 O CONTEXTO REFERENCIAL.....	136
8. A COMPREENSÃO CONCEITUAL METODOLÓGICA.....	151
8.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	155
BIBLIOGRAFIA.....	162
APÊNDICES.....	174
ANEXOS.....	195

1. Introdução

O estudo que se discorre, a partir deste trabalho doutoral, refere-se à construção da compreensão conceitual metodológica desde encontros referenciais acerca do saber comunicacional. Trata-se de levantar questões e relações teóricas sobre os elementos que constituem assuntos centrais e paralelos ao tema. A isso aliado, observam-se indicativos e regularidades com vistas a entender um fenômeno, desde o acionamento empírico, que inicialmente é composto por 260 textos e se delimita a um conjunto de 140 textos provenientes de comunidades de encontro, cujo tópico de discussão possível situa-se no viés metodológico. Ao longo do texto, encontram-se interpretações relacionadas ao problema, com a finalidade de avançar em direção a possíveis inferências durante o processo, em uma compreensão que alia pontos de partida para outras reflexões/estudos vindouros.

Este trabalho visa, ao estudar o conceitual metodológico, problematizar também a construção de um saber metodológico comunicacional, no sentido de auxiliar pesquisadores que se interessam em estudar fenômenos comunicacionais. A proposta de estudo toma forma, assim, tendo como base os entendimentos acerca do conceitual metodológico diante do saber comunicacional, explícitos nos textos em análise.

Ao considerar a jornada pessoal de inquirição, que permite construir o problema, este inicia a partir de inquietações na trajetória acadêmica, desde o primeiro momento de pesquisa em Comunicação como obtenção de grau na graduação, até a responsabilidade de ministrar aulas, especificamente na disciplina Teorias e Métodos de Pesquisa em Comunicação, na Universidade Federal de Rondônia (Unir). Aliado a isso, importa a experiência na orientação de trabalhos de conclusão de curso (TCC) de graduação e especialização, onde se inscreve uma constante, acerca do que significa o metodológico na sua execução. Assim, emerge a necessidade de compreensão da metodologia nos estudos que se propunham estudar fenômenos comunicacionais, sem pressuposições antecipadas, no entendimento do porquê monografias e demais pesquisas, bem como artigos publicados na área

descrevem, quando muito, métodos X, Y ou Z e, todavia, reflexões críticas acerca disso serem escassas.

Ao recordar a própria formação, houve senão a apresentação a métodos e técnicas de pesquisa, que passam a integrar a etapa procedimental instituída como o metodológico no processo.¹ O início dessa trajetória ocorreu quando bolsista de Iniciação Científica, pois no contato diário com a pesquisa acadêmica foi possível participar desse universo desde a graduação, com a vivência da ida a campo, recordando Winkin (1998) e sua preparação.² Esse aprendizado proporciona a empatia com a dimensão empírica da pesquisa.³

Ainda durante a graduação ocorre, afinal, a primeira investigação acadêmica através do Trabalho de Conclusão de Curso, onde o detalhamento empírico causa maior entusiasmo e vocação descritiva no corpo do trabalho. A experiência proporciona realizar etnografia na internet (método recente àquela época, com destaque aos estudos de HINE, 2000) e, a partir dela, a motivação de estudar diferentes e possíveis métodos e técnicas de pesquisa que a internet proporcionaria.⁴

Na continuação, com o curso de Mestrado em Ciências da Comunicação, emergiu a reflexão de estudar temas que figuravam em desafio, no sentido da inquirição: “como relacionar essas questões?”. Ilustram esse momento a trajetória de relacionar empiricamente estudos de cibercultura, oriundos desde uma abordagem sistemática, e estudos migratórios, com propostas advindas das teorias da Recepção, no que remetia a formação em histórias de vida, entrevistas e a preparação de roteiros, também diários de campo, em uma perspectiva entendida, naquela época, desde uma

¹ É pertinente a lembrança de um episódio, quando estudante de graduação em Comunicação Social - Jornalismo, em disciplina específica de Elaboração de Projeto de Pesquisa. Durante a apresentação à turma, ao perceber que se tratava de uma bolsista de Iniciação Científica (IC) na universidade, a professora comentou alegremente que não havia nada a explicar, pois IC já sabia (supostamente) como fazer uma pesquisa.

² Na pesquisa “Mídias, migrações internacionais e cidadania no cenário brasileiro”, coordenada pela prof.^a dra. Denise Cogo (PPGCC-Unisinos, 2004-2007). Também como participante no projeto de cooperação internacional Brasil-Espanha, cuja investigação de recepção midiática com migrantes transnacionais está publicada em: COGO, Denise; GUTIERREZ, Maria; HUERTAS BAILÉN, Amparo (coords.). *Medios de comunicación y migraciones transnacionales: relatos desde Barcelona y Porto Alegre*. Madri: Los Libros de La Catarata, 2008. A pesquisa foi financiada pela Capes (Brasil) e MEC (Espanha) entre 2004-2008.

³ Por exemplo, na realização de histórias de vida e entrevistas com migrantes latino-americanos no Brasil, no contexto de Porto Alegre (RS).

⁴ O trabalho intitula-se “Internet, imaginário e migrantes brasileiras: o sonho de morar na Europa visto do site www.midiamigra.com.br”, realizado como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social-Jornalismo pela Unisinos (RS), em dezembro de 2006.

instância de teor qualitativo. De que maneira, portanto, deveria tratar essas questões metodologicamente? Estava ali presente a inquietação.⁵

Na construção posterior de projeto de pesquisa, como professora assistente, diante do fenômeno de proliferação de sites que se propunham noticiar fatos em Rondônia, o questionamento metodológico fez-se presente. O momento de submissão de trabalhos para congressos da Comunicação, a fim de discutir aspectos da pesquisa sugeria dúvidas, pois as propostas pareciam não se “encaixar” completamente às ementas dos grupos de trabalho. Assim, a instância metodológica que permite pensar acerca do caminho para estudar o fenômeno em questão, mostra-se desafiadora.

O contexto de ingresso no curso de doutorado em Comunicação na Universidade de Brasília (UnB) acarretou na possibilidade de discussão efetivamente metodológica, que permitiu desenvolver o problema dessa pesquisa a partir da dúvida inferencial: será que existe um silêncio conceitual metodológico nas pesquisas em Comunicação? Ao optar pela observação exploratória realizada em textos publicados, inicialmente, nos anos 2014 e 2015, em eventos organizados pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM) e pela Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), observou-se indicativos de escassez de publicações que insiram o estudo e reflexão metodológica. Nessa observação, quando metodologia surge nas publicações, indica uma demanda necessária, cujo emprego tende à análise de constatações/interpretações apresentadas nos textos publicados, a fim de validar cientificamente determinado estudo, de modo a representar um selo de credibilidade.

O movimento exploratório perpassa textos advindos de grupos de epistemologia, onde o viés metodológico surge como possível discussão na ementa, ao mesmo tempo que permite a construção problemática. Na ampliação posterior da análise, agregam-se os textos publicados desde o congresso organizado pela Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAI), que congrega pesquisadores da área no continente. Portanto, a esfera empírica da pesquisa constitui-se de textos provenientes de três encontros representativos e referenciais desde o saber comunicacional no Brasil e América Latina, com a participação periódica de pesquisadores, cujas discussões propostas relacionadas à epistemologia

⁵ A dissertação intitula-se: “Brasileiros na Espanha: Internet, migração transnacional e redes sociais”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCC) da Unisinos, sob orientação prof^a dra. Denise Cogo. O texto encontra-se publicado pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), disponível em: <http://tinyurl.com/zqy9tfj>

da Comunicação constituem-se em marcos interpretativos referenciais e possibilitam parâmetros importantes para pensar o saber metodológico comunicacional.

Dessa forma, apresentadas essas questões, objetiva-se compreender os significados que resultam da esfera conceitual metodológica dos trabalhos analisados em questão. A construção do objeto de pesquisa perpassa essa compreensão, desde o conjunto de textos publicados nas comunidades de encontro dos eventos referenciados, diante do caráter substancial da discussão metodológica no meio acadêmico, como norte e/ou entendimento do percurso de pesquisa sobre fenômenos que se vinculam a construção de um saber comunicacional.

Nesse contexto, o desenvolvimento do problema de pesquisa inicia desde uma primeira questão inferencial situada na premissa de silêncio conceitual, referida anteriormente, consoante o indicativo de escassez de trabalhos elaborados na discussão do viés metodológico nos textos. Ao refletir acerca do silêncio, qual seria sua interpretação? O silêncio representa o pensar/compreender ou ainda, ignorar algo, quando sua permanência indicaria falta de argumentos para a discussão. O silêncio, assim como o ruído, está presente na esfera noturna e diurna, *está* em, *está* com, no mundo, nas relações entre pessoas. O silêncio está pela sua ausência, representa o latente e permite observar, ler, escrever, alcançar concentração.

Em torno da ideia do silêncio, indaga-se a ocorrência de elementos a serem descobertos, referentes ao conceitual metodológico, que poderiam estar em gestação, maturação e reinterpretação ao longo da prática científica. Embora essa premissa ocupe boa parte da problematização inscrita, sobretudo no exploratório, atinge-se, posteriormente, outro patamar interpretativo desde a instância metodológica da pesquisa. Diante da leitura do conjunto composto por 262 textos científicos, na ampliação efetiva do período em análise, a situação figura de maneira diferente da proposta/inferência inicial entendida em torno do silêncio.

Aliado a isso, após a leitura do texto “O silêncio na comunicação” (CARDOSO, 2001), compreende-se outra dimensão que considera o silêncio na meditação, ao escutar-se música e, mais do que a ação de escutar, situa o silêncio como condição de existência musical em sua plenitude. Além disso, considera-se o silêncio para escrever, ler, pintar, em um sentido contemplativo, a partir do qual reconhece-se a incapacidade de dar conta do fenômeno em questão, proporcionado pela inquietação em torno do metodológico, que persiste. Dessa forma, ao imaginar comunicólogos em silêncio, refletindo, inferindo sobre metodologia, percebe-se que a

busca pela inquietação, referida anteriormente, não se constitui nesse cenário, o que situa uma formulação problemática diferente.

Dessa maneira, o entendimento que os significados advindos do conceitual metodológico nos textos científicos em análise, representam o pensamento de comunidades de encontro referenciais, onde se compartilha a discussão epistemológica, permite elaborar a pergunta da seguinte maneira: qual a compreensão conceitual metodológica que se inscreve desde os textos publicados acerca do saber comunicacional? A problematização em torno do conceitual metodológico não é apenas fundamental, como também influencia sobremaneira a dimensão metódica/metodológica, ou ainda, sua escassez. E isso ocorre diante de um saber comunicacional a ser construído em um campo que, embora constituído de um conjunto de teorias e conceitos vastos, oriundos de outras áreas do conhecimento, institucionalizado em cursos, programas de pós-graduação, associações científicas, o que possibilita um acúmulo de produções significativo, é deveras recente.⁶

Nesse cenário, mesmo legitimado pela via institucional, discute-se acerca de seu caráter disciplinário (GALINDO CÁCERES, 2005; MARTINO, 2003, 2008; QUIROGA, 2013), bem como a preocupação com o “fazer metodológico” (MALDONADO, 2002, 2012, 2013; LOPES, 2004; BONIN, 2006; BRAGA, 2011b), cuja discussão e embates auxiliam a compreensão de seu caráter, historicamente, em contínua (des) integração. Essa característica, todavia, também proporciona a recorrência de pesquisas que se propõem a estudar o estado da arte ou meta-pesquisa (FUENTES NAVARRO, 2007) em uma proposta de análise e avaliação empírica das produções advindas do campo institucionalizado, cujo estudo aqui proposto se alinha, encontrando a diversidade e riqueza de perspectivas adotadas na Comunicação e a importância das interlocuções entre pesquisadores.

Assim, ao reverberar sua influência, a perspectiva metodológica das pesquisas em Comunicação deve contribuir para a contínua construção do saber comunicacional. Sua ausência, pelo contrário, prejudica a intenção de consolidar a especificidade do que se produz, no sentido de alcançar uma autonomia de campo

⁶ Interessante mencionar a falta de consenso na nomenclatura dos Programas de Pesquisa em Comunicação brasileiros, onde os cursos de Mestrado ou Doutorado em Ciência da Comunicação aparecem nos primeiros programas das universidades iniciados nas décadas 70 – 80. Atualmente, entretanto, a designação *ciência* estaria em desuso ou desgastada. Este apontamento realiza-se na palestra “A pesquisa de Comunicação ou os desafios da institucionalização de um campo de conhecimento transdisciplinar”, proferida pela prof^a. dra. Maria Immacolata Vassalo Lopes, na Universidade Católica de Brasília (UCB), em 07 de dezembro de 2015.

(BOURDIEU, 2004) que possibilite sua legitimidade, na proposição de estudos de determinados fenômenos que explicam fatos do mundo traduzidos em verdades, em contínuo processo de diálogo com os saberes.

Desde já, importa entender metodologia desde atitude, que possibilita as idas e vindas que atravessam a execução e reflexão, na construção do trabalho acadêmico. Constitui-se, logo, na postura do sujeito pesquisador que está a formular e, ao mesmo tempo, livre para desviar-se de procedimentos metódicos que, de tão difundidos e aplicados, podem impor um estado de claustrofobia, contrário à inquirição aberta. Por isso, metodologia, nesse trabalho, não é um tópico específico no qual se apresenta/discute métodos e técnicas empregados. Ao contrário, o exercício aqui proposto é o de metodologia que atravessa a discussão e está presente na formulação e concepção do próprio trabalho, para movimentar-se um pouco além do rito procedimental, no desafio de enxergar não apenas o *como*, mas buscar entender o trabalho desde as instâncias *o quê* estou pesquisando, ou *porque* estou pesquisando.

Tendo em vista a problematização exposta, apresenta-se, brevemente, os capítulos que compõem esse estudo.⁷ A epistemologia e o viés conceitual metodológico perfaz o mote inicial, com a exposição de um lugar de fala acerca de metodologia, situando a perspectiva de entendimento conceitual a que se alinha essa discussão. Aliado a isso, inclui-se a perspectiva processual metodológica e a postura de autonomia do pesquisador. Essas dimensões corroboram, ao final do capítulo, no tópico que procura situar modos de pensar e a especialização dos saberes, a fim de destacar dinâmicas presentes na construção do pensamento científico.

Após esse debate, insere-se o capítulo que versa sobre delineamentos cognitivos e a emergência das Ciências Sociais, no intuito de procurar entender três pontos de vista que se desenvolvem em positivismo lógico, estruturalismo e materialismo dialético. Nessa abordagem, incluem-se características de cada uma das perspectivas, desde o desenvolvimento dos estudos sociológicos para, dessa maneira, situar também o método em formação, que implica em desdobramentos posteriores

⁷ Importa inserir um esclarecimento quanto ao norteamento teórico, que implica também no metodológico, delineado pelas competências linguísticas da pesquisadora como sujeito em formação. Assim, o conjunto bibliográfico que orienta e possibilita propor questões no trabalho, constitui-se de referências a textos majoritariamente na língua portuguesa, com inclusões de outros em inglês e espanhol. O encontro com esses textos configura modos de pensamento, uma vez que a língua escrita os articula de distintas maneiras, que podem ser problematizadas desde áreas como Letras e Linguística, no entanto, reconhece-se, também contribuem na construção de um lugar de fala aqui exposto.

nos estudos de fenômenos comunicacionais. Essa contextualização corrobora na abordagem das reconfigurações metódicas e metodológicas ao longo do século XX, no que abrange a discussão entre o empirismo e a instância qualitativa, onde atenta-se, em especial, às transformações que ocorrem desde a Escola de Chicago.

A partir dessas considerações, emerge o capítulo que versa sobre apropriações metodológicas desde o saber comunicacional, onde se define, inicialmente, a compreensão em torno das delimitações e dinâmicas formativas desse saber. Após, intenta-se situar o contexto de decisões metodológicas baseadas em métodos e técnicas emprestados, ou seja, construídos consoante o desenvolvimento de outras áreas do conhecimento e que se incluem no itinerário de *como fazer*, presente no estudo de fenômenos em Comunicação.

Após localizar a discussão acerca do saber comunicacional, o capítulo posterior inicia com o debate sobre a produção acadêmica em comunidades de encontro, aliado ao processo de construção metodológica desde a instância empírica da pesquisa. Assim, os percursos da Alaic, Compós e Intercom passam a ser contextualizados, bem como, particularmente, o entendimento das comunidades de encontro que versam sobre epistemologia da Comunicação e o viés metodológico.

Inserindo-se na construção do objeto de pesquisa, emerge o capítulo sobre a comunicação escrita e o sentido de publicar textos científicos. Nele, circunscrevem-se entendimentos desde a comunicação oral e escrita para confluir, especialmente, nas características do texto científico. Ao final, discorre-se sobre o primeiro movimento na instância de ação metódica da pesquisa, situado na decomposição textual em esferas de análise (título, resumo, palavras-chave, organização textual, texto corrido e bibliografia).

Ao aprofundar o protagonismo do método na execução metodológica, o capítulo seguinte realiza a análise textual com vistas a buscar elementos, a fim de compreender o situacional acerca de metodologia. Assim, os movimentos de pesquisa passam a ser pormenorizados, tendo início nos enfoques textuais e as tendências teórica, empírica e ensaio. Após, particulariza-se o movimento de categorizar segmentos codificados nos textos, a partir de menções explícitas à metodologia, onde emergem associações que confluem em núcleos e operadores de sentido. Por fim, o próximo movimento discorre sobre o contexto referencial dos textos em análise.

Afinal, o último capítulo constitui-se dos achados da pesquisa, ou seja, situa a compreensão conceitual metodológica, diante dos textos que representam o registro

de compartilhar conhecimento desde um recorte epistemológico do saber comunicacional. Além disso, inscreve-se o movimento de desfecho, com vistas a elencar os entendimentos alcançados durante o processo de pesquisa, ao situar inferências e pontos de partida para outras discussões vindouras.

2. Epistemologia e o viés conceitual metodológico

Na empreitada pela busca do conhecimento, a partir da vontade de compreender os significados de metodologia e sua percepção construída a partir de textos científicos, importa, antes de tudo, introduzir os entendimentos acerca de epistemologia, a partir de sua definição. Aliado a isso, esse capítulo situa o viés conceitual metodológico, uma vez que congrega um dos ramos que compõem o epistemológico, desdobrando-o em tópicos que versam sobre a construção de um lugar de fala, a perspectiva processual, a autonomia como virtude epistêmica do pesquisador, além da configuração de modos de pensar e a especialização dos saberes.

Inicialmente, em sua definição etimológica, a epistemologia consiste no estudo da *episteme*, propriamente, da ciência. Para Foucault, que conjuga um sentido arqueológico do saber, é enunciada da seguinte maneira: “por *episteme* entende-se, na verdade, o conjunto das relações que podem unir, em uma dada época, as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas, a ciências, eventualmente a sistemas formalizados” (2008, p.214, grifo do autor). A epistemologia, assim, perfaz o estudo/reflexão acerca do conhecimento que, desde sua vinculação à Filosofia, situa-se desde a teoria do conhecimento, cujo problema específico encontra-se na realidade das coisas ou do mundo externo (ABBAGNANO, 2007). Constitui-se, em termos gerais, em “ramo da Filosofia que estuda a investigação científica e seu produto, o conhecimento científico” (BUNGE, 1980, p. 5) e passa a obter maior ênfase na formação desse tipo de conhecimento em meados do século XIX.

Ao considerar a epistemologia no que se refere ao estudo e reflexão das vertentes, limites e a validade do conhecimento, existem pelo menos seis formas diferentes de abordagem. Um primeiro bloco inclui a gnosiologia e a filosofia das ciências, enquanto um segundo bloco é formado pela psicologia das ciências, pela história das ciências e pela sociologia das ciências (MARTINO, 2008, p. 76) o que, de fato, constituem perspectivas que definem epistemologia. Para o autor, o primeiro bloco é constituído por entendimentos exteriores ao âmbito das disciplinas científicas, situando o problema no interior da Filosofia, enquanto o segundo bloco refere-se à produção do conhecimento no interior de disciplinas de tipo científico. Ao longo da

história em torno de distinções de temas de estudo e a posterior especialização, constituem-se, logo, discussões epistemológicas próprias e, assim, cada área de conhecimento científico enfrenta sua epistemologia, ou ainda, dedica-se a discutir suas próprias questões, geradas no decorrer de sua formação/existência, na reflexão do conhecimento em elaboração.

Desde uma concepção de epistemologia no sentido útil, Bunge (1980, p. 15) amplia os ramos da epistemologia, para além do habitual, que para o autor concerne à lógica e semântica da ciência, teoria do conhecimento científico e metodologia da ciência. A essa lista, adiciona as possibilidades de estudo epistemológico em ontologia, axiologia, ética e estética da ciência.

Existe, ainda, uma diferenciação da origem latina e anglo-saxônica acerca da epistemologia. Enquanto a origem latina representa teoria da ciência, o que incide em refletir acerca do conhecimento científico produzido, a concepção anglo-saxônica orienta-se desde a teoria do conhecimento, vista com um sentido amplo, ou seja, o estudo de qualquer tipo de conhecimento (MARTINO, 2008). O autor frisa que é importante saber distinguir as coisas, especialmente epistemologia, teoria do conhecimento e filosofia das ciências, no sentido de evitar confusões que possam atrapalhar a reflexão epistemológica no campo da Comunicação.

Essa distinção, remete ao cultivo da vigilância epistemológica (BACHELARD, 1996), ao evocar o caráter de discernimento sobre o processo de pesquisa, ao mesmo tempo em que forma propriamente o pesquisador, uma vez que a pesquisa se fundamenta em pressupostos ontológicos e de natureza humana que definem o ponto de vista que o pesquisador elabora. Isso também orienta a abertura concernente às práticas científicas, que encontra consonância em Bruyne, Herman, Schoutheete:

Esta concepção da epistemologia como reflexão, vigilância interna da ciência sobre seus procedimentos e seus resultados, é a única que respeitará o caráter constantemente aberto das ciências sem lhes impor dogmaticamente exigências ilusórias de fechamento (1982, p. 41)

Isso posto, a partir de uma entrada que considere vigilância e abertura epistemológica, é que se faz a passagem para o tópico seguinte, no sentido de introduzir a questão do metodológico, desde a construção de um lugar de fala acerca de metodologia. Essa tarefa marca perspectivas teóricas para pensar o conceitual metodológico além de situar o debate desde a compreensão metodológica relacionada

ao conceito em estudo, conforme a problematização deste trabalho. Portanto, neste capítulo, é importante esclarecer que, o que concerne à metodologia, se encontra na esfera do problema de pesquisa e problematização, e não se refere a metodologia desta pesquisa em si.

2.1 A construção de um lugar de fala acerca de metodologia

A formação da palavra metodologia compõe-se a partir da combinação de três vocábulos gregos: *metà* cujo significado é “para além de”, *odòs* que significa “caminho” e, por fim, *logos* que remete a “estudo”. Essa origem etimológica agrega, no mínimo, um entendimento mais abrangente do que “processo que torne possível a descrição, a classificação e a previsão dos objetos cognoscíveis” (ABBAGNANO, 2007, p.164), quando se considera o dicionário.

Algo que permanece constante em metodologia é sua necessidade de (re) formulação, contrária ao conteúdo que versa sobre a normatização de referências bibliográficas, questionários, cronogramas, o que é (sucintamente) uma pesquisa quantitativa, com demonstrações estatísticas e modelos de gráficos, além das características de uma pesquisa qualitativa ou, ainda, as duas perspectivas em uma mesma investigação.⁸ Esse entendimento de reformulação encontra consonância em Bergson (2006) na possibilidade de cristalização simbólica conceitual, o que estaria na contramão do movimento fluido da realidade e da própria inteligência. Através dessa perspectiva, na possibilidade de formulação conceitual que, na passagem do tempo de maturação de pesquisa, coloca em crise um quadro de referências antes claro e delimitado, promove um acontecimento que permitirá sua reelaboração a partir de múltiplos entendimentos (GOODE; HATT, 1989, p. 67).

A pesquisa, dividida em partes logicamente encadeadas e que suprem a necessidade por resultados, corrobora em modos cognitivos que ignoram a densidade e a riqueza metodológica. Sob esse enfoque, o entendimento reduz-se à etapa de coleta de dados, onde o pesquisador direciona a análise com vistas a provar e validar uma hipótese desejada. Dessa maneira, a necessidade de respostas e soluções promove a construção mental de um porto seguro (DEMO, 2014) estável, em consonância com a precisão dos procedimentos adotados, onde a dúvida e o erro são

⁸ A perspectiva adotada neste trabalho evita priorizar argumentos quanti ou qualitativos, entendendo a pesquisa como processo dinâmico de idas e vindas, onde essas duas esferas se complementam.

desprezados porque incorrem em falhas e riscos. O usual, desse modo, é desviar, ou melhor, evitar completamente qualquer menção ou possibilidade de erro, cuja passagem abaixo, relacionada à métodos e técnicas científicas, ilustra esse desdobramento:

A época do empirismo passou. Hoje, não é mais possível improvisar. A atual fase baseia-se na técnica, na precisão, na previsão e no planejamento. Ninguém pode se dar ao luxo de fazer tentativas ao acaso para ver se colhe algum êxito inesperado (CERVO; BERVIAN, 2002, p. 23).

A força desse discurso, dentre outras questões, reside em trabalhos cuja ênfase se situa em “disciplinar o espírito”, com vistas a garantir “segurança e economia na ciência” (CERVO; BERVIAN, 2002, p. 23). Consequentemente, ao invés de buscar a verdade acerca do fenômeno em estudo, peca-se pelo esquecimento de que entre o dado empírico e o objeto de pesquisa existe uma distância razoável, onde se reconhece a *ars inveniendi*, do latim “arte da invenção”, que remete, inclusive, à obra do filósofo e matemático Gottfried Willhelm Leibniz (BUNGE, 1980; MOLINA; HOFFMANN, 2007). Nesse sentido, é fundamental reconhecer que, nas tentativas de evitar o erro, desconsiderar sua reflexão ou, simplesmente, desviar-se de fatos que possam ocorrer desde o inesperado, confluam atitudes aquém do real significado de pesquisar.

A tendência pela valorização da produção de resultados que, ao mesmo tempo, ignora ou minimiza a produção de sentidos acerca dos fenômenos estudados, requer, sobretudo, a construção de um lugar de fala que considere o entendimento da ciência, que Santaella (2001, p. 103) ao parafrasear Charles Sanders Peirce, compreende como coisa viva, logo, concomitantemente, falível, o que corrobora no processo de pesquisa vivo, “(...) que se extiende en el tiempo y que en cierto sentido nunca termina” (BARRENA, 2007, p. 160).

A metodologia, neste âmbito, perfaz o processo reflexivo que dá condições ao pesquisador de compreender o processo da pesquisa e não apenas seus produtos. Ao ser entendida, afinal, como conceito em seu sentido vivo, ou seja, “(...) uma estrutura de inteligibilidade que é criada para pensar uma coisa, mas não é a coisa” (CHÂTELET, 1993, p. 48) corrobora no esclarecimento de que “cada conceito, em resumo, comunica ao especialista uma grande quantidade de experiência, abstraída e

esclarecida para aqueles que compreendem o termo” (GOODE; HATT, 1989, p. 58), o que também está em consonância à experiência intrínseca do pesquisador.

Dessa maneira, a metodologia como exercício constante remete a uma tarefa, de acordo com Kaplan, que visa “(...) indicar o estudo – descrição, explicação e, justificação – dos métodos e não os próprios métodos” (1975, p. 21). Através da metodologia, é possível dar “lugar a uma lógica reconstruída que pode ser independente por completo da lógica-em-uso” (KAPLAN, 1975, p. 26). E essa lógica reconstruída ocorre, logo, através de um processo cognitivo que permite idas e vindas.

Defende-se, portanto, esse exercício inseparável onde cada pesquisa proporciona o desenvolvimento epistêmico para sustentar-se argumentativamente e configurar um pensamento. Em consequência, cada pesquisa é também um saber e um desenvolver metodológico único, um caminho a uma aprendizagem, o que remete ao artesanato intelectual (MILLS, 1975) construído pelo pesquisador. Nessa perspectiva, o método irá configurar o desfecho da postura reflexiva metodológica, cujo objetivo está em “(...) descrever e analisar esses métodos, lançando luz sobre suas limitações, realçando sua utilidade, esclarecendo em que se baseiam e as consequências que acarretam” (KAPLAN, 1975, p. 26). O pesquisador está em relação com seu objeto, busca o entendimento de um processo, articulado ao problema de pesquisa. A jornada de aprender a pensar epistemologicamente, acerca de seu papel na construção do conhecimento, depende disso e está relação com o processo de construção do saber metodológico comunicacional.

2.2 A perspectiva processual metodológica

Entender a metodologia como processo, significa um requisito para além da concepção que a situa desde o viés instrumental, ou com o peso que a palavra ferramenta implica, àqueles que se dedicam a estudar fenômenos de Comunicação, ou ainda, comunicólogos. A dedicação ao estudo epistemológico acerca da metodologia pode, inclusive, tornar-se tema recorrente durante a jornada acadêmica através de dinâmicas/tensões advindas do processo de pesquisa entendido como sendo comunicacional (RUSSI, 2005). Dessa forma, perpassa o reconhecimento dos processos mentais que a metodologia demanda, desde as ações simultâneas da esfera metódica, incluídas, muitas vezes, em uma realidade caótica da pesquisa. Com vistas a apontar alternativas para fomentar essa postura, Maldonado propõe:

Os processos investigativos comunicativos podem contribuir em muito nessa orientação, a alfabetização comunicativa nos currículos escolares e a promoção de atividades culturais/comunicativas, vinculadas ao exercício da pesquisa em todos os níveis, formais e não formais, em espaços micro e meso sociais, misturando os tempos de entretenimento, descanso e lazer com processos lúdicos de aprendizagem prazerosa e participação em projetos de pesquisa que alimentem as instituições e tornem possível a estruturação de *fortalezas estratégicas* de sabedorias e conhecimento (2012, p. 30).

Desde essa abertura, a produção crítica e autocrítica da metodologia situa-se em seu caráter processual, inclusive, operando na descoberta de possibilidades dentro do caos criativo implícito na pesquisa, quando os caminhos vigentes e passados representam questionamentos e implicam, porventura, outras estratégias. Em Demo (2014, p. 59) há a eleição de conteúdos evidentes de preocupação metodológica onde, inicialmente, a metodologia questiona a cientificidade da produção científica, colocando em discussão sua demarcação.

Nesse panorama, referencia-se o movimento crítico à linha positivista, cujas características e estilo cognitivo discorre-se posteriormente, no direcionamento que cultua o desdobramento quantitativo o qual, dentre outras coisas, implica na “dependência metodológica a receitas produzidas nas metrópoles acadêmicas do hemisfério norte; a repetição sistemática de procedimentos, rituais e montagens de textos; como também a subserviência às lógicas do lucro fundamentalista de mercado” (MALDONADO, 2013, p. 31). Segundo o autor, essa estrutura epistêmica carece de reformulação, confluindo para, ao contrário, articular fortalezas estratégicas de sabedoria e conhecimento, de potencial criativo sociocultural, além de práticas científicas renovadoras, onde ocorra, de fato, uma ruptura epistemológica, com o que denomina “senso comum acadêmico conservador, burocrático e elitista” (MALDONADO, 2013, p. 30).

Para isso, Demo (2014) elenca questionamentos importantes que visam a autocrítica metodológica, entendidos, neste trabalho, como aliados às possibilidades de desvio à dependência metodológica a que se refere Maldonado (2013), com vistas a um processo metodológico renovador/libertador diante do saber comunicacional. Esse processo perpassa, logo, as preocupações de cunho metodológico, a começar pela pesquisa metodológica de pretensão crítica. Nela, ocorre a busca por refutar um paradigma e, nesse processo mental, substituí-lo por um novo paradigma, o qual abre

precedente de questionamento quanto a sua originalidade, bem como possibilita a dúvida quanto às posições ideológicas implicadas. Existe ainda a possibilidade de pressupostos ontológicos, cuja visão de mundo subjacente está no mesmo nível de pressupostos obscuros. Então, na busca tentativa de captar a realidade, supõe-se ter uma concepção dela, que delimita a opção por determinados métodos. Nesse sentido, é possível questionar o tipo de projeto social que influencia os rumos da pesquisa, bem como se é constituída à revelia, por ingenuidade ou por sagacidade (DEMO, 2014, p. 60).

Outro tipo de pesquisa a que se refere o autor, encontra-se nas aferições associadas ao metodológico, cujo conteúdo central representa a análise minuciosa de determinada produção científica, autor e/ou escola. Nessa perspectiva, ocorre a aplicação de critérios de cientificidade, sobretudo do ponto de vista da crítica interna, muito embora, evita-se mencionar os critérios desde a intersubjetividade e um modo peculiar de argumentação, que se resume a uma maneira pessoal ou típica de conduzir as fundamentações teóricas. Além disso, Demo inclui outros tópicos de preocupação metodológica, que abrangem a filiação, aproximação ou afastamento da pesquisa a determinadas escolas, além dos caminhos próprios que a pesquisa é capaz de sugerir. O autor questiona, ainda, como ocorre o equilíbrio entre teoria e prática, bem como o lugar que a teoria e a empiria implicam no sentido da atividade específica do cientista, ao elencar o papel do teórico, do coletor, do mensurador, do analista de dados, incluindo o papel do crítico. Novamente, o termo originalidade surge, desde a relação entre o que o processo metodológico oferece de singular e o que se repete, além da capacidade autocrítica (DEMO, 2014, p. 61).

Em estudos comparativos, há o confronto de abordagens que permitem a crítica interna, com opções conscientes, críticas e autocríticas. As tendências, para o autor, versam sobre indagação acerca de rumos emergentes, revisões e polêmicas relevantes. A investigação em metodologia constitui, afinal, abordagens metodológicas, clássicas e atuais, bem como alternativas, onde situa o empirismo, positivismo, dialética, estruturalismo, sistemismo, pesquisa participante, dentre outras. Adentrando às características dessas abordagens, o autor levanta questões pertinentes que implicam em desvendar o que emerge. Assim, com o intuito de ilustrar a questão, isso implica em desvendar a infraestrutura econômica para entendimentos epistemológicos de viés dialético, o consenso social para o funcionalismo e o inconsciente para o estruturalismo (DEMO, 2014, p. 60). Em

particular, esses três modos de pensar serão pormenorizados posteriormente, bem como os indicativos de sua influência no conceitual metodológico abordado neste trabalho.

Por fim, o autor também inclui a autodefinição, que possibilita a crítica interna, onde se procura compreender a sustentação de cada abordagem, na descoberta do que promete, o que imagina superar e o que deseja inovar (DEMO, 2014, p. 60). Essa visão dialoga com o que pontua Maldonado (2012, p.31), quando critica o culto a formas quantitativas, o empirismo abstrato e, finalmente, a dependência metodológica produzida nas metrópoles acadêmicas do hemisfério norte. Uma alternativa que promoveria essa ruptura é enunciada a seguir:

*A transmetodologia define-se como uma vertente epistemológica que afirma a necessidade de *confluências* e *confrontações* entre vários métodos, realizando processos de atravessamento lógico, desconstrução estrutural, reconstrução de estratégias e problematizações redefinidas em cada empreendimento/projeto de investigação iniciado. Nutre-se de conhecimentos transdisciplinares, na dimensão teórica, e promove estratégias de exploração, experimentação e reformulação metodológicas (2012, p. 31).*

Isso posto, compreende-se o esforço contido no transmetodológico enquanto alternativa para pensar a pesquisa, desde sua perspectiva processual, bem como desde o viés da autocrítica proposto por Demo (2014) e da sua emergência desde a postura do pesquisador. Essa última instância, onde se evocam as dinâmicas subjetivas atuantes no ato de pesquisar, conjuga o tópico de debate que se desdobra a seguir.

2.3 Autonomia como virtude epistêmica do pesquisador

Na formação de uma cultura epistêmica, o conjunto de pesquisadores que a integram é revestido de um conjunto moral de virtudes, construídas individualmente e entre seus pares. Essas atitudes são chamadas de virtudes epistêmicas, encontradas em Paul (2011) consoante os preceitos morais de honestidade, prudência, exatidão e equilíbrio. Na prática, requer-se que as virtudes epistêmicas sejam constantes, pois, como Weber proclamou⁹, “(...) sempre que o homem de ciência surge com o seu

⁹ A palestra foi realizada em Munique, em 07 de novembro de 1917. Na ocasião, Max Weber é convidado por um grupo de estudantes que pretendiam uma orientação sobre questões profissionais.

próprio juízo de valor, *cessa* a plena compreensão dos fatos” (2005, p. 22). Dessa forma, o processo de pesquisa submetido ao crivo das virtudes epistêmicas elencadas, situa vícios e crenças como território delicado, confuso e propenso a conflitos. Se, ao contrário, evita-se vigiar, o risco está em estabelecerem-se razões suficientes à procura de justificativas (não raro utópicas), em detrimento de uma conduta por examinar o que prevalece na forma de crenças adquiridas, tanto em um movimento interior, quanto na organização social.¹⁰

A metáfora do teatro da vida e, por conseguinte, da prática da pesquisa acadêmica, fornece requisitos básicos de como agir, onde o personagem, introduzido ao seu papel na peça, utiliza a máscara adequada para este fim. Importa que, identificado com a máscara apropriada para exercer a função de pesquisador, o comunicólogo ajuda a construir um *ethos*¹¹, que é específico e que o auxilia na performance cotidiana da pesquisa. E isso tem relação com a formação do saber comunicacional, onde o tempo presente marca mudanças com relação às crenças de outrora. Os comunicólogos, ao entenderem-se, de fato, como aqueles que estudam fenômenos da Comunicação, conformam crenças internas.

Aliado a isso, ao recorrer a Chauí (2001; 2014), o panorama é configurado por um entendimento de universidade organizada como empresa, onde impera a administração burocratizada e a formação de competências técnicas para o mercado de trabalho, em detrimento da formação humanista que impulse a liberdade de pensamento e ação. Esse modelo interfere nas crenças internas construídas entre os envolvidos e, portanto, altera, ao mesmo tempo que reduz, o sentimento comum em torno da ideia de comunidade acadêmica, proveniente da concepção da universidade liberal. O discurso da eficácia, todavia, paira de forma recorrente e alternativas quanto às más condutas suscitam debates em torno da integridade da pesquisa.¹² De qualquer

¹⁰ A questão de crenças adquiridas relaciona-se com a “metáfora da cebola”, apresentada pelo prof. dr. Estevão de Rezende Martins, na disciplina Teoria e Metodologia da História, durante o semestre 2015.1, que ilustra essa situação. De acordo com a metáfora, o sujeito adquire um núcleo duro, formado por crenças pessoais desde a infância e que determinam boa parte de seu comportamento. Ao longo dos anos, novas camadas formam sua concepção de mundo e podem eventualmente cair, porém, o núcleo duro permanece durante sua existência. Consultar em: MARTINS, E. R. *O conhecimento histórico e sua rede fatorial*, 2012.

¹¹ A noção de *ethos* tem origem grega e significa caráter, costume, modo de ser. Está relacionada com a noção de *alethea*, cujo significado é a verdade, bem como está presente na construção da retórica em Aristóteles (1969).

¹² A revista Pesquisa Fapesp aborda o assunto, em publicação recente sobre a promoção da integridade científica, intitulada “O papel decisivo das universidades”. Disponível: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2017/09/22/o-papel-decisivo-das-universidades/> Acesso em: 10 out. 2017

forma, a crítica quanto a esse panorama que evita a dedicação e manutenção desde uma perspectiva humanista das virtudes, parte sobretudo na instância de diálogo entre os pares, o que configura a comunidade de encontro, a ser caracterizada posteriormente, um meio proficuo nessa correspondência.

A formação do *ethos* advém de dois grupos de virtudes epistêmicas: *reliability* (confiabilidade) e *responsibility* (responsabilidade). Sua definição pode ser encontrada em Paul (2011), como também em enciclopédia online¹³, onde o primeiro grupo é intrínseco ao pesquisador e engloba visão, introspecção e memória. Já o segundo grupo é formado por virtudes intelectuais que podem ser adquiridas ao longo da prática de pesquisa, no caso, em referência à historiografia. Essas virtudes são, portanto, a atenção, a imparcialidade, a abertura de espírito, a tenacidade intelectual e a coragem. De qualquer forma, preliminarmente, a partir da reflexão epistemológica, torna-se possível elencar e discutir características de um grupo de pesquisadores, desenvolvidas ao longo de um período, a partir de suas produções acadêmicas. E, dessa forma, justificar a prática de virtudes epistêmicas.¹⁴

A famosa experiência de Pisa, atribuída a Galileu Galilei pode exemplificar isso, no que concerne à História. Conforme narra Koyré (1982, p. 198), Aristóteles havia formulado que, se dois pesos diferentes da mesma matéria, caíssem da mesma altura, o mais pesado atingiria a Terra primeiro. Galileu, ao contrário, propôs que, salvo uma diferença insignificante, devida à desproporção da resistência do ar, os pesos cairiam ao mesmo tempo. Após vozes dissonantes levantarem-se contra sua premissa, Galileu decide submeter sua hipótese à aprovação experimental e, dessa forma, sobe a Torre inclinada de Pisa e lança duas esferas juntas, uma de 10 libras e outra de 1 libra. Diante dos céticos da universidade de Pisa, elas caem simultaneamente no solo.

Para Koyré (1982), a partir desse momento, ocorre o efeito profundo de dúvida através da experiência. A partir de Galileu, e posteriormente em Descartes e Kepler, inscreve-se, portanto, “a relação da observação e da experimentação com a teoria que se impõe de modo decisivo” (CHÂTELET, 1993, p. 12). No entanto, após incluir o relato, Koyré questiona a realização efetiva da experiência. Segundo o autor,

¹³ Ver sua definição pormenorizada em Internet Encyclopedia of Philosophy. Disponível em: <http://www.iep.utm.edu/virtueep/>. Acesso em: 3 jul. 15

¹⁴ Sobre esse assunto, reconhece-se sua inclusão introdutória, a fim de complementar o tópico desenvolvido. Há o planejamento em curso, que objetiva discutir e aprofundar o tema das virtudes epistêmicas em outros trabalhos vindouros.

o único relato autêntico existente é registrado por Vincenzo Viviani, 70 anos mais tarde do feito. Dessa maneira, emerge o questionamento da falta de registro escrito à época, nem mesmo um relato do próprio Galileu. Assim, o autor conclui que os historiadores “(...) *acreditavam* na experiência; aceitavam todo o relato de Viviani, em bloco” (1982, p. 202), sem confrontar ou questionar a fonte. Para além disso, Paul (2011) critica que também os filósofos da História se aliam ao *status quo* e buscam justificar as crenças dos historiadores.

Isso posto, em um contexto no qual a ideia de pesquisar sofre influência da especulação financeira, que impacta diretamente na Economia, onde a universidade é entendida como formadora de especialistas pulverizados em especializações, cujo interesse primordial é o ingresso no mercado de trabalho, que se caracteriza por sua instabilidade, via apostas e investimentos aleatórios, seu mote inicial desde a autonomia está longe de ser efetivado. Sendo assim, um espaço para tão somente *pensar, discutir* ideias, torna-se conceitualmente uma raridade. E talvez seja realmente utópico, ao recordar-se Kant (1985) e a busca interior do homem para sair de sua minoridade em prol do esclarecimento (*Aufklärung*), considerando as tutelas sob as quais se encontra e nas quais permanece, confortavelmente, amparado. Assim, sem a possibilidade de autonomia de pensamento, existe uma força tutelar determinando como ser, agir, e conseqüentemente, sobre o que pensar.

No que tange a formação do pesquisador, ocorre uma preocupação de modo geral, uma vez que se deseja honestidade com a discussão metodológica, muito embora no processo de pesquisa, cobranças veladas ou diretas, a fim de seguir modelos teóricos e/ou metódicos, transformam-se em constante. Na dinâmica entre pesquisadores em ingresso e aqueles que já estão, ocorre que os primeiros necessitam do aval dos segundos para firmarem-se na área. Conseqüentemente, o sistema de tutelas emerge e sua permanência amplia o que critica Weber: “E a profecia da cátedra criará apenas seitas fanáticas, mas nunca uma autêntica comunidade” (2005, p. 32). Isso corrobora na concepção do espírito científico de uma época. Paul, recorre à teoria sociológica de Merton, no século XX, para explicar que estudantes “(...) develop their research skills, their working habits, as well as their ‘personal qualities’, under the influence of expectations and examples offered by their teachers and peers”

(2011, p. 9).¹⁵ Mesmo assim, essa tutela não significa aceitação passiva: novos pesquisadores frequentemente interpretam, adaptam-se e até modificam as normas. Por isso, é preciso reiterar que as virtudes epistêmicas são negociadas e têm seu sentido reinterpretado continuamente.

No entanto, o sentido protocolar normativo reproduz, de modo recorrente, a falta de estímulo no ingresso à postura e ao empenho pessoal, construídos com base na autonomia e reflexão. Estas, fruto de elaboração pela via metodológica, no decorrer da pesquisa e da vida do pesquisador. Haack ecoa como uma voz dissonante da permanência dessa conjuntura:

O formulário de aplicação para as bolsas de verão do *National Endowment for the Humanities* exige que os requerentes indiquem qual a ‘metodologia’ que utilizarão; não se trata, obviamente, de uma questão que espera a resposta: ‘Devo pensar sobre...’, mas uma questão que chama por uma resposta aceitavelmente técnica, seja ela apropriada ou não (HAACK, 2011, P. 301).

Assim, o cenário de luta por autonomia na configuração de uma trajetória acadêmica singular, que incentive o desenvolvimento integral do pesquisador, torna-se desafio incessante. Kaplan (1975) formula, inclusive, sua crítica à idealização da pesquisa por meio da lógica em uso, na qual boa parte de sua realização, baseia-se em detrimento da lógica reconstruída propriamente dita. Para o autor, os incidentes ocorrem na ciência “de trás das cortinas”, ou seja, no sentido da produção, o que também corrobora com Richardson, ao diagnosticar que “o problema não está nas características dos métodos, metodologias ou técnicas. Está no uso delas” (1999, p. 31). Ou, ainda, alia-se ao entendimento de Bardin, ao explicitar a questão a partir da metáfora da cozinha da pesquisa:

[...] cada investigador tem repugnância em descrever a sua hesitante alquimia, contentando-se com a exposição rigorosa dos resultados finais, evitando assim explicitar as hesitações dos cozinhados que os procederam (2009, p. 34).

Dessa forma, a publicação final de relatórios, teses, dissertações e demais textos que se dispõem a estudar fenômenos científicos, caracteriza-se pela capacidade

¹⁵ Tradução livre: “(...) desenvolvem suas habilidades de pesquisa, hábitos de trabalho, bem como suas qualidades pessoais, sob a influência das expectativas e exemplos oferecidos pelos seus professores e pares”.

de reconstrução lógica dos atos complexos da pesquisa, onde o encadeamento de fatos e argumentos, provocado pelo pesquisador, direciona-se aos resultados, permanecendo oculto o enredo de execução (KAPLAN, 1975, p. 12-13). Tendo em vista essa característica, Kaplan questiona que nem mesmo o maior dos cientistas possui estilo cognitivo que seja inteira e perfeitamente lógico, a trair divagações demasiado humanas (1975, p.12-13). O autor esclarece, portanto, que a construção da pesquisa é contraditória, uma vez que ao sustentar a perfeição científica através de um *modus operandi*, reduzido no que significa a lógica reconstruída, e ao *opus operatum*, representado pela metodologia, não se satisfazem condições suficientes para a realização científica, assim constituindo o que chama de “mito da metodologia”.

Aliado a essas questões, importa o entendimento de que, apesar de sua característica contraditória, a apropriação que o pesquisador faz do método é o que resulta em pesquisas criticáveis ou colocadas no nível de receituários. O pesquisador que evita situar, portanto, cada pesquisa em um processo epistêmico único e, para além disso, desvia-se em elaborar seu próprio problema de pesquisa, não está realmente a pesquisar. Está, pelo contrário, seguindo passos ou combinações metódicas que ocultam a busca pelo entendimento de um fenômeno, propriamente construído desde problema científico, que o conduzem senão a uma antecipação analítica nula, no que tange ao rigor metodológico necessário.

Ao considerar, nesse sentido, o rigor e a descoberta, Bardin (2009) realiza importantes constatações que merecem ser mencionadas. A autora traz a questão da “vigilância crítica” como atitude que exige o desvio metodológico e o emprego de “técnicas de ruptura”. Isso acarreta em evitar a leitura simples ou superficial dos fatos e, segundo a autora, “(...) forjar conceitos operatórios, aceitar o caráter provisório de hipóteses, definir planos experimentais ou de investigação” (2009, p. 30). Assim, ao remeter novamente à vigilância epistemológica (BACHELARD, 1996), duas perguntas pairam na superação de incertezas e no enriquecimento analítico: “(...) será minha leitura válida e generalizável?” e “se um olhar imediato, espontâneo, é já fecundo, não poderá uma leitura atenta aumentar a produtividade e a pertinência?” (2009, p. 31). É nesta esfera que se busca um entendimento científico em sintonia com a proposta de construção de conhecimento onde possa ocorrer, de fato, a passagem do pesquisador de um modo de anomia para outro que permita, primeiramente, um estado de heteronomia (que ocorre em sua formação, que é

contínua), com vistas a vivência de autonomia,¹⁶ que é a postura doravante pressuposta, diante do que se pretende pesquisar.

2.4 Modos de pensar e a especialização dos saberes

Existem formas de racionalidade expressas pelo mundo que são determinantes para o entendimento adotado neste trabalho, onde se compreende a relação sincrônica e diacrônica da ciência, do conhecimento. Nesse sentido, configura-se inviável dividir pensamentos em velhos ou novos, em modernos ou ultrapassados, nem mesmo tem-se a pretensão de realizar amplo resgate histórico. A partir desse esclarecimento, reconhece-se, de qualquer modo, especificidades que particularizam momentos, os quais se destacam por dinâmicas ou, ainda, saltos qualitativos, que perpassam àqueles momentos particulares e foram capazes de gerar futuras operações cognitivas, bem como outras percepções acerca do conhecimento. Assim, o entendimento da construção de modos de pensar, que conformam entendimentos acerca da ciência, relacionados com a experiência do passar do tempo, transcorrem em um exercício para além do entendimento usual *chronos* de medição desse tempo, onde se incluem a passagem cíclica de momentos que determinam certas etapas de vida, ou a determinação de datas e de acontecimentos entendidos através da cronologia, mas sobretudo outras dinâmicas, com o intuito de buscar referências que inspirem a construção contínua desde um saber comunicacional.¹⁷

Dessa maneira, uma relação cognitiva que representa um desses momentos singulares, ocorre entre a ideia mito e pensamento, onde o princípio de Vernant é decisivo: “O nascimento da filosofia, na Grécia, marcaria assim o começo do pensamento científico – poder-se-ia dizer, simplesmente: do pensamento” (1990, p. 441). Entre a crença mítica e a Filosofia, há uma transformação, portanto, de ordem cognitiva, a ser considerada:

¹⁶ Ao referir a formação das palavras e seus significados, anomia, heteronomia e autonomia têm origem grega. O dicionário de Filosofia explica que, a primeira, basicamente, significa “ausência de regras”, e é um termo utilizado por sociólogos, como Émile Durkheim, para indicar a ausência/deficiência de organização social. Já heteronomia significa sujeitar-se a uma lei/vontade de outrem, enquanto que autonomia, significa a capacidade de governar-se por si próprio, de acordo com Immanuel Kant, em conformidade com uma lei própria, que é a da razão (ABBAGNANO, 2007, p. 62; p. 97-98).

¹⁷ Trata-se de uma interpretação da autora em referência à participação na disciplina Teoria e Metodologia da História, com o prof. dr. Estevão de Rezende Martins, durante o semestre 2015.1, cuja a dimensão acerca do tempo diante do contexto histórico foi constantemente explanada.

O nascimento da filosofia aparece, por conseguinte, solidário de duas grandes transformações mentais: um pensamento positivo, excluindo toda forma de sobrenatural e rejeitando a assimilação implícita estabelecida pelo mito entre fenômenos físicos e agentes divinos; um pensamento abstrato, despojando a realidade dessa força de mudança que lhe conferia o mito, e recusando a antiga imagem da união dos opostos em benefício de uma formulação categórica do princípio de identidade (1990, p. 453).

A figura do filósofo, por sua vez, origina-se do mago, onde se inclui a diferença que, a partir do entendimento filosófico, a ideia é procurar solucionar problemas não anteriormente elaborados como tal. Há, dessa forma, um salto qualitativo que permite, ao longo dos séculos, “o crescimento tranquilo da ciência”, proporcionando “nova cor a nossa mentalidade” (WHITEHEAD, 2006, p.14). Esse pensamento modifica-se em formas ou nuances diferentes advindas de imprevisíveis realidades, que corroboram em posteriores especializações.

A visão moderna auxilia a ilustrar essa questão, uma vez que é assim definida ao encontrar o ápice na razão, construída desde o Iluminismo, onde “(...) o pensamento sente-se ainda mais profundamente conquistado, mais apaixonadamente comovido por uma outra questão: a de sua própria natureza e do seu próprio poder” (CASSIRER, 1992, p.21). A explicação flui de maneira racional e experimental, no âmbito de consolidação do pensamento moderno, a partir do que o autor intitula “forças criadoras oriundas da física”, aliadas à amplitude promovida pelo autoconhecimento na formação de uma Ciência da Natureza. Assim, ao configurar uma dinâmica de pensamento que encontra certezas e explicações a respeito dos mais diversos fenômenos, constitui-se uma “(...) nova relação que se estabelece entre sensibilidade e entendimento, entre experiência e pensamento” (CASSIRER, 1991, p. 67). Ao considerar a especialização dos saberes como um processo consensual, no advento do pensamento científico, defendido de maneira autônoma em relação ao pensamento filosófico, chega-se, logo, a este panorama:

(...) a propensão para a história da parte das ciências físicas e das sociais, com a recusa destas em refletir sob algum mecanismo final, desviou a filosofia da corrente efetiva da vida moderna. Perdeu o seu próprio papel como constante crítica das formulações parciais. Retirou-se para a esfera subjetiva do espírito, por ter sido expulsa pela ciência da esfera objetiva material (WHITEHEAD, 2006, p. 177).

A perspectiva inaugurada pelo pensamento complexo, posteriormente, é demarcada pela crise da razão, onde, pelo contrário, emerge a relatividade, a incerteza, a possibilidade de contestar a abordagem nomotética de “fazer ciência”. Por isso, Morin desloca a epistemologia do centro da verdade, e compreende que ela “(...) gira em torno do problema da verdade passando de perspectiva em perspectiva e, tomara, de verdades parciais em verdades parciais”, confluindo para “(...) na e através dessa rotação que se pode realizar uma rearticulação/reorganização do saber, ele mesmo inseparável de um esforço fundamental de reflexão” (1999, p. 32).

Com relação a esse sentido nomotético, cuja força permanece em continuidades e descontinuidades desde então, expressa-se a ordem do quantitativo, nas investidas de aproximação entre Ciência Social e Ciência Natural, onde a ênfase ocorre na mensuração, na busca de causalidade, no controle estatístico e de variáveis como meio de gerar conhecimento científico. Kant caracteriza-o como juízo reflexivo que fornece máximas para a unificação das leis naturais. Além disso, Windelband considera nomotéticas as Ciências Naturais em contraposição às ciências do espírito (ou históricas) denominadas idiográficas (ABBAGNANO, 2007, p. 715). Também é possível encontrar em Vernant a interessante concepção grega *nomothétes*: “Exprime-se, em um Sólon, no conceito do *Μετρον*, a justa medida, que a decisão do *nomothétes* deve impor às facções rivais fixando um ‘limite’ à sua ambição excessiva” (1990, p. 463).

Já na possibilidade de abordagem idiográfica, que também se equipara à hermenêutica, considera-se o indivíduo como sujeito, capaz de autorreflexão e de constituir-se através de interações sociais. Nessa concepção, o objeto físico por si só não é passível de importação das ciências naturais. É por isso que a perspectiva hermenêutica está relacionada metodologicamente à possibilidade de descrição, compreensão de fenômenos relacionados ao social, significação, interpretação, estudo da linguagem e discurso.

Essas questões demonstram, sobretudo, como modos de pensar estão relacionados a diferentes realidades, com elos que acabam por remeter vínculos às construções mentais anteriores. Assim, verdades científicas entendidas como tais em determinado momento, merecerem interpretação diante de crises teóricas e paradigmáticas em outros períodos. Aliado a isso, é interessante observar que, na construção do pensamento científico, houve duas ou três crises ‘profundas’ no modo

de pensar desde os gregos, onde se fez necessário abolir antigas ideias em prol do esforço e adaptação a outras, no que se inclui a revolução galileana e cartesiana, até a formulação da ciência moderna (KOYRÉ, 1982, p. 181).

Além disso, deve-se incluir ao debate as controvérsias acerca da chamada “guerra das ciências” no curso do século XX, divididas em três momentos por Shinn; Ragouet (2008). Para os autores, o primeiro ocorre na década de 50, onde se situa a ciência autônoma, um modo de conhecimento, portanto, diferente dos demais, com organização, normas e critérios próprios. Em meados dos anos 70, emerge outro posicionamento que passa a questionar o conteúdo produzido pela ciência e diagnostica a inexistência de autonomia ou especificidade que se diferencie de outras atividades socialmente constituídas.¹⁸ A proposição de Shinn; Ragouet (2008) abrange uma perspectiva transversal, no sentido da proliferação de especialidades relativamente autônomas nos regimes de produção e difusão científica. O contexto transversal configura, assim, uma linguagem comum e uma concepção de universalidade prática da ciência, além de estabelecer espaço para a colaboração e competição na produção científica, diante de um contexto de fronteiras e circulação do conhecimento. Essa leitura, entretanto, desconsidera que embora perdurem inter-relações entre áreas do conhecimento científico, o que se concebe é uma ciência sem paixão, em processo de desencantamento durante milênios na cultura ocidental, ante esforços realizados em nome do progresso. A constatação acerca disso encontra-se em Weber, ainda no início do século XX, para quem a ciência torna-se elemento e força propulsora, porém carente de sentido, que não o puramente prático e aplicado (2005, p. 14).

A definição científica entendida em relação direta com o que remete ao ativo, à ação, ao imediatismo, necessita de respostas e de soluções em ritmo acelerado, para entrar em consonância com um tipo de sociedade esgotada em suas próprias questões, tendo em vista a ênfase na aplicação. O acionamento metódico, nesse sentido, ao mesmo tempo que consome um conjunto de possibilidades advindas do movimento empírico, também opera a técnica à exaustão, onde o rigor metodológico é camuflado em suposta precisão, a fim de sucumbir, portanto, na inquietude de provar hipóteses.

¹⁸ As orientações científicas que se destacam, em determinados períodos, continuam a ser vistas posteriormente. Em geral, nas leituras realizadas para esse trabalho, costuma-se encontrar os dois primeiros períodos de forma similar. Em particular, desde as Ciências Sociais, será visto o posicionamento de Jensen; Jankowski (1993) e as fases de configurações metodológicas na investigação da comunicação de massas, no próximo capítulo.

De qualquer modo, a crença no empírico e na estatística, impulsiona a ciência e sua “utilidade” ou ainda, sua dimensão estratégica do ponto de vista econômico e político. Importa lembrar que essa realidade está distante do aconselhamento de Ramón y Cajal, no sentido de cultivar “(...) a ciência por si mesma, sem considerar no momento as suas aplicações” (1979, p. 18). A contribuição de Peirce, desdobra-se, também, nesse sentido:

Mas deixem um homem aventurar-se num campo pouco familiar, ou onde os seus resultados não são continuamente verificados pela experiência, e toda a história mostra que o mais másculo intelecto perderá por vezes a sua orientação e desperdiçará os seus esforços em direções que não o aproximam do seu objetivo ou desviam-se mesmo inteiramente dele (1877, p. 4).

Para além disso, na leitura de Popper (1972), distingue-se a pseudociência em métodos que confirmam crenças. Essa prática ancora pesquisadores em um *status quo* que, movido pelo desvio das virtudes epistêmicas, resulta na esquivança da leitura crítica dos trabalhos uns dos outros, bem como a refutação de ideias, em prol do convencionalismo. Conseqüentemente, forma-se um contínuo fenômeno de dispersão, na procura de constatações, divisão em dicotomias e repetições. Importa, nesse sentido, a crucial lembrança de Haack em seu manifesto:

Se você não está tentando buscar a verdade sobre o-que-quer-que-seja, não está realmente a investigar. A investigação genuína busca a verdade com relação a alguma questão ou tópico; a pseudoinvestigação busca argumentar a favor da verdade de alguma proposição ou algumas proposições determinadas de antemão (2011, p. 287).

Apesar do contexto de dispersão e pseudociência, exerce-se o pensamento científico com a pretensão de tornar-se comum e abrangente, ao mesmo tempo em que se distingue em especializações. No contexto brasileiro, também se operacionaliza a partir de instituições e relações financeiras por meio de investimento estatal que enfrenta, recentemente, o retorno ao descaso e falta de recursos via

orçamento público.¹⁹ As principais agências de fomento, Capes e CNPq, organizam-se como tal somente a partir da segunda metade do século XX, além das demais fundações de amparo à pesquisa nos estados e outras instituições. Estas, definem áreas de conhecimento e determinam custos e financiamentos futuros. Além disso, também elencam áreas prioritárias que contam com maior prestígio que outras, o que determina impossibilidade da gratuidade no pensar e fazer pesquisa, e sim valores de referência entre áreas que são entendidas como estratégicas para distintos projetos de governo, e outras que subsistem. Dessa forma, emerge o programa Ciências Sem Fronteiras, que privilegia as Ciências Exatas e da Terra, Engenharias, Ciências Biológicas e da Saúde, em detrimento das Ciências Sociais Aplicadas, Letras e Humanas.²⁰ Há ainda o panorama que intensifica cortes de bolsas de estudo nessas áreas, no que se refere à formação no mestrado, doutorado e pós-doutorado.

Diante das questões expostas, é possível inferir que a consolidação científica, resultante de esforços no modo de pensar de outrora, estaria em vantagem no que significa compreender as revoluções passadas, uma vez que já as teria ultrapassado. E assim, em prol dessa aptidão, formular conceitos, entendê-los e considerá-los poderia configurar em algo realizado a partir de um quadro de referências amplo e detalhado de experiências anteriores. Porém, a ingenuidade desse pensamento deve ser evitada, e um posicionamento crítico faz-se necessário, diante do tecnicismo propiciado pela ciência interessada em dados que, para além disso, implica em modismo em torno da ideia de convergência.²¹ Neste panorama cognitivo, vale remeter-se a Santaella:

Foi essa ideia de que o computador poderia ser um bom modelo para entender o funcionamento do cérebro humano que brotou a inteligência artificial, cuja expansão interdisciplinar deu origem

¹⁹ Após retirar o status de Ministério de Ciência e Tecnologia, o Poder Executivo diminui a pasta incorporando-a ao Ministério das Comunicações, com redução absurda de recursos, comprometendo o fomento à pesquisa, em um contexto de sérias acusações de corrupção que envolvem, inclusive, a presidência do país. Reportagens a respeito são numerosas, tais como: “Brasil vai perder muitos cérebros com fim do Ministério da Ciência”, disponível: <http://p.dw.com/p/1J5t7> ; “Pesquisadores criticam fusão de ministérios da Ciência e Comunicações”, disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/pesquisadores-criticam-fusao-de-ministerios-da-ciencia-comunicacoes-19318187> ; “Mais armas, menos pesquisas” - A profecia de Alexandre de Moraes está se cumprindo”, disponível em: <https://theintercept.com/2017/10/15/mais-armas-menos-pesquisas-a-profecia-de-alexandre-de-moraes-esta-se-cumprindo/> Acesso em 17 out. 2017.

²⁰ O programa busca o fomento da ciência no país e disponibiliza inúmeras bolsas de estudo para intercâmbio de estudantes de graduação e pós-graduação das áreas contempladas. Disponível em <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/home>

²¹ Exemplo disso está na ideia de Ciência 2.0, que remete um pouco à ideia de Web 2.0, no intuito da colaboração entre pesquisadores via plataformas digitais de compartilhamento.

àquilo que passou a ser chamado de ciências cognitivas ou ciência cognitiva (2009, p. 75).

A insistência por um entendimento computacional da mente gera consigo uma lógica, portanto, modelar, proveniente desde uma matriz de aprendizagem cujo mote responde à metáfora em torno do cronômetro, em detrimento do caráter inferencial, por vezes contemplativo, como também latente, na imersão proporcionada pelo pensamento advindo do ócio grego. A intersecção homem/máquina “envolve a automatização das inferências mentais e das ações perceptivas e motoras por meio da força do hábito, que é justamente o que caracteriza os procedimentos do usuário experto” (2009, p. 70). Esse cenário implica no reducionismo de questões, constantemente justificado pelo uso de algoritmos da inteligência artificial em softwares autossuficientes na busca, novamente, por resultados em ritmo acelerado, na contramão da problematização das questões.

Nessa empreitada, afinal, intentou-se realizar essa passagem, que perpassa o metodológico como viés epistemológico, a partir dos tópicos abordados em construção de um lugar de fala acerca da metodologia, sua perspectiva processual onde, após, enfatiza-se a autonomia do pesquisador e a construção de virtudes epistêmicas para abordar, enfim, o caráter coletivo que abarca modos de pensar na construção da ciência, aliada à discussão da conjuntura da especialização dos saberes que procura por respostas ante a formulação das perguntas. No próximo capítulo, especificam-se três delineamentos cognitivos, que emergem como desdobramentos da ciência moderna e marcam a emergência das Ciências Sociais para, a partir dessa compreensão, buscar os elementos que perfazem a apropriação metodológica posterior, concomitante à formação de um saber comunicacional.

3. Delineamentos cognitivos e a emergência das Ciências Sociais

Este capítulo é construído através da leitura de três delineamentos cognitivos na emergência das Ciências Sociais, que representa uma retomada no sentido de auxiliar o percurso do trabalho, aliado a uma perspectiva estratégica que permite realizar inferências posteriores acerca dos textos analisados. Desse modo, realiza-se o percurso contextual desde os primórdios da Sociologia, no que concerne também às características e estilo cognitivo presentes no positivismo, a proposta sistemática advinda do estruturalismo e, por fim, a concepção de fenômenos interligados desde o materialismo dialético. Essas correntes de pensamento interligam-se às reconfigurações metódicas e metodológicas associadas ao empirismo e a instância qualitativa, desde orientações possíveis de pesquisa que se desdobram no tópico final.

Preliminarmente, atribui-se a emergência das Ciências Sociais a Émile Durkheim na clássica obra *Suicídio* (1996), publicada originalmente em 1897, na concepção científica de um fenômeno cuja particularidade de estudo reside no social. Ao longo do período, juntamente com Karl Marx e Max Weber, tem início a construção de um novo ramo da ciência, cujo objeto de estudo localiza-se, portanto, no social. Há uma diferença importante do que era considerado ciência até então, sobretudo representada pelas leis da Física e as Ciências Naturais. Dessa forma, assuntos não antes problematizados passam a fazer parte de pesquisas sociológicas, com preocupação inicial de demonstrar, através da experiência, a abordagem de temas a serem construídos conceitualmente, tais como organização social, trabalho, capitalismo, religião, comunidade e o próprio fenômeno de crescente urbanização e concentração social no âmbito das cidades. Simmel (2005), inclusive, na conferência “As grandes cidades e a vida do espírito”, retrata o surgimento do homem urbano e a formação desse cenário, representado pela incipiente metrópole.

A ascensão de um outro olhar acerca de um objeto de construção científica, representado no social, cria embates com o que ainda não havia sido exposto à dúvida: o caráter representado pela visão nomotética da ciência. Dessa forma, surge uma pressão em demonstrar, assim como a Física e suas leis, também universalidades

que operassem no social, para que essa nova ciência pudesse, de fato, receber o selo de credibilidade da comunidade científica da época.

Nesse sentido, as escolas e as correntes de pensamento da Sociologia dividem-se e por vezes são concorrentes. O tratamento estatístico e os empréstimos marcaram o que a Sociologia não tardou a designar seus métodos (COMBESSIE, 2004). Ao recomendar que os fatos sociais fossem tratados como “coisas”, que consistem em “representações”, Durkheim indica o princípio desses empréstimos. Trata-se de aproximar os métodos da Sociologia dos métodos das Ciências Exatas para fundar científica e socialmente seu direito à diferença.

As transferências de procedimentos de tipo experimental caracterizam a nova disciplina: é preciso definir, enunciar hipóteses, aplicar protocolos de experimentação, constatar, concluir. Segundo Combessie (2004), conceitos “ferramenta” tais como função, estrutura ou campo balizam um processo contínuo de empréstimos análogos ao que na época denominou-se Física Social.

Pela via do tratamento numérico desde o século XVIII, aplicado à análise de estatísticas públicas ou privadas e à produção de pesquisa por meio de questionários, a Sociologia arma-se de um instrumental estatístico. Gradualmente, essa importação suscita precauções contra riscos de transferências descontroladas. O questionamento de Combessie indica isso: “a função de uma instituição é analisável como a função de um órgão em um organismo?, a causalidade das ciências da natureza é da mesma ordem da ciências da sociedade?” (2004, p. 8). Instantaneamente, de acordo com o autor, a estatística passa a ser considerada ferramenta de conhecimento legítima, transferível, sem nenhum problema, afinal, a matemática seria uma ciência “pura” e suas aplicações estatísticas seriam, epistemologicamente, “neutras”.

As questões, obviamente, não cessam nesse ponto, porém o breve delineamento tem o intuito de introduzir a necessidade de pensar o metodológico em formação a partir das Ciências Sociais, uma vez que esse implica em desdobramentos posteriores na conformação dos estudos de fenômenos comunicacionais. Após esses esclarecimentos, realiza-se o movimento de situar as principais características de correntes que marcam as Ciências Sociais no século XX: o positivismo lógico, o estruturalismo e o materialismo dialético. Essa contextualização também se inscreve no entendimento posterior, desde indicativos de suas implicações no conceitual metodológico, a partir de textos produzidos em encontros referenciais acerca do saber comunicacional, onde se inscreve a instância metodológica desse trabalho.

3.1 Positivismo: características e estilo cognitivo

De acordo com Richardson (1999), o positivismo configura um modo de pensar que demarca o início Ciências Sociais, inserida nos alicerces da visão de mundo moderna (TARNAS, 2008) onde se desenvolve o contexto de especialização dos saberes, como visto anteriormente. O intuito de aproximar-se das Ciências Exatas tem como finalidade proporcionar o caráter de cientificidade do social, como objeto de estudo científico. Assim, a tendência positivista alcança influência desde a primeira metade do século XIX e importância como escola de pensamento, onde perduram características com ênfase em sua continuidade, também descontinuidade, por determinados períodos.

Com a prática científica norteada pelos métodos de investigação empírica e a construção da imagem do cientista ligada à ideia de que os problemas das ciências se resolvem com experiências, as técnicas das Ciências Naturais passam a ser adequadas às Ciências Sociais. Tanto que, um dos fundadores do positivismo, Herbert Spencer, insiste na necessidade de uma ciência prática que servisse às necessidades da vida humana (RICHARDSON, 1999), ideia que corrobora com o cenário de entendimento da ciência que deve ser *útil*, evitando outras construções mentais. A pesquisa aplicada, nesse sentido, recebe maiores recursos financeiros que atestam a mensuração, em um ordenamento de importância, em detrimento da pesquisa simples ou teórica.²²

Sodré (2014, p.33) localiza um marco inicial da orientação positivista, ao apresentar a linha mestra explicativa positivista-funcionalista na França, através da figura central de Auguste Comte, o qual cria a palavra *sociologie*. Este, inclusive, é fundador de uma religião da Humanidade baseada no positivismo, cuja importância ocorre durante o século XIX, com repercussões também no século XX.²³ Comte

²² A questão pode ser ilustrada no texto “Os Impactos do investimento”, na edição de agosto de 2016, da revista Pesquisa Fapesp, onde se aborda a tendência a priorizar gastos, provenientes de financiamento público, em pesquisa aplicada em detrimento da pesquisa básica. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2016/08/18/os-impactos-do-investimento/> Acesso em: 17 out. 2017.

²³ No Brasil, fundam-se igrejas positivistas, uma no Rio de Janeiro (RJ) e outra em Porto Alegre (RS). A religião positivista homenageia aqueles que considera grandes nomes da ciência e do conhecimento, identificando-os em cada mês do ano. Os detalhes sobre o templo de Porto Alegre podem ser consultados na reportagem “Não se pode viver para sempre, mas se pode amar para sempre” (BARTH, BARCELLOS, 2006). Além disso, o exemplo clássico da influência positivista encontra-se na bandeira nacional, com a inscrição “Ordem e Progresso”, que segue a orientação de Comte: “O amor por princípio. A ordem por base. O progresso por fim”. A primeira frase, originalmente esquecida, foi incluída em recente proposta de design, conforme matéria “Hans Donner propõe nova bandeira do Brasil com tons degradê e palavra ‘amor’”. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/11/1934382-hans-donner-propoe-nova-bandeira-do-brasil-com-tons-degrade-e-palavra-amor.shtml> Acesso em: 15 nov. 2017.

persiste na separação entre metafísica (reduzida a ficções e abstrações) e pensamento científico (com sentido positivo), uma vez que o espírito positivista estabelece a ciência como investigação do real, do certo, do indubitável e do determinado. A imaginação e a argumentação, por outro lado, ficam subordinadas à observação que, limitada, elabora a construção de conhecimento pela apreensão de fatos isolados (RICHARDSON, 1999).

Na crença positivista, situa-se a ênfase ao método representado na instância da Física, como fonte inigualável de conhecimento, o que estabelece distinção entre fatos e valores. A naturalização de leis que a sociedade deve seguir, então, assume aspectos de formação religiosa, referida anteriormente, o que ocorre em determinado período no Brasil. Assim, a fachada do templo positivista erguido em Porto Alegre (RS) anuncia que naquele lugar paira a “religião da humanidade”, onde os seguidores buscam a plenitude da ascensão humana:

Tantos anos se passaram, porém o templo continua lá, resguardando um mundo à parte. São treze os degraus que levam os visitantes até a entrada. Mais do que isso, cada um deles representa a elevação em busca da essência do ser humano: proletariado, patriciado, sacerdócio, mulher, monoteísmo, politeísmo, fetichismo, domesticidade, fraternidade, filiação, paternidade, casamento e humanidade (BARTH; BARCELLOS, 2006).

Assim como em sua concepção religiosa, o entendimento da busca pela verdade dos fatos científicos, constrói-se através de dados em estudo de forma distinta. Para Richardson (1999), o pesquisador preocupa-se, basicamente, em estudar características dos elementos fundamentais do fenômeno e possíveis relações. O positivismo lógico, portanto, está associado à postura nomotética, onde o pesquisador é desinteressado, busca a objetividade e sua ação na pesquisa é desconsiderada. Uma associação decorrente disso, situa-se, em geral, no reconhecimento de Émile Durkheim como “exponente clássico” (SODRÉ, 2014, p.33) dessa maneira de pesquisar.

Algo importante a ser mencionado é a demarcação histórica entre ciência e metafísica, no limiar do pensamento positivista, o que acarreta, a partir de 1920, o surgimento do positivismo lógico desde a perspectiva do Círculo de Viena. Este, composto por um grupo de cientistas, matemáticos e filósofos que se reuniam na Universidade de Viena e travavam discussões caracterizadas pela ênfase de

posicionamento empírico desde a lógica positiva. O positivismo lógico, dessa forma, é um movimento filosófico do século XX, que visa distanciar-se da metafísica e substituí-la por uma filosofia de base científica. Entre os frequentadores, estão Moritz Schlick, Rudolf Carnap, Hans Reichenbach, Viktor Kraft, Herbert Feigl e, de forma tangencial, Karl Popper e Ferdinand Gonseth (BUNGE, 1980, p.7). Consoante o posicionamento de Bunge, portanto: “A filosofia exata, que já tivera brilhos esporádicos com Leibniz, Bolzano, Russell e outros mais, estabeleceu-se definitivamente graças ao Círculo de Viena” (1980, p. 7).

Em geral, os integrantes do Círculo de Viena desconsideravam afirmações advindas da metafísica, diante da impossibilidade da experiência empírica que pudesse comprová-las. Dessa forma, o princípio básico do positivismo lógico baseia-se no significado de uma proposição como sendo seu método de investigação. É possível afirmar, nesse sentido, que uma proposição é empiricamente significativa apenas ao identificar uma maneira de verificá-la, logo, empiricamente. Na discussão com a metafísica, os positivistas lógicos consideram que suas proposições não podem ser verificáveis nem tautológicas, por isso, são insignificantes ao conhecimento científico. O mesmo ocorre com proposições teológicas, éticas e estéticas. Portanto, desde esse ponto de vista, a metafísica, a ética, a filosofia da religião e a estética são eliminadas. A única tarefa da filosofia configura, assim, o esclarecimento e a análise. (RICHARDSON, 1999).

Ao distanciar-se da filosofia tradicional, o positivismo lógico elege o método indutivo como verificável do significado de uma proposição. Sendo assim, a indução compreende um processo pelo qual parte-se de dados ou observações particulares para chegar-se a proposições gerais. Dessa maneira, o caminho vai do particular para o geral, dos indivíduos às espécies, dos fatos, às leis. As premissas que formam a base de argumentação (antecedentes) referem-se a alguns casos e a conclusão abarca o entendimento geral, ou seja, uma proposição universal, na utilização do pronome indefinido *todo*, alvo de constantes críticas (RICHARDSON, 1999; SANTAELLA, 2009). Importa relacionar a isso o posicionamento de Popper, que acompanha algumas questões referentes ao Círculo de Viena, ao mesmo tempo que se distancia de outras, como nessa passagem referente ao uso da indução:

Ora, está longe de ser óbvio, de um ponto de vista lógico, haver justificativa no inferir enunciados universais de enunciados

singulares, independentemente de quão numerosos sejam estes; com efeito, qualquer conclusão colhida desse modo sempre pode revelar-se falsa: independentemente de quantos casos de cisnes brancos possamos observar, isso não justifica a conclusão de que *todos* os cisnes são brancos (1972, p.27-28, grifo do autor).

Essa perspectiva acaba por reforçar a impossibilidade científica no alcance de verdades ou falsidades totalizantes. Assim sendo, seus enunciados alcançam graus de probabilidade. Segundo Popper, portanto, a única forma de testar um argumento científico é comprovar sua *refutabilidade* empírica, realizada a partir do método dedutivo, “e tão-somente *após* haver sido formulada” (1972, p. 30, grifo do autor).

Entre as observações ao positivismo lógico, ressalta-se sua importância para o desenvolvimento científico, em especial desde as Ciências Exatas e Naturais, muito embora exista a problematização desse pensamento/corrente desde a ponderação, por exemplo, de que o universo é caótico e, portanto, não é regido pelas leis gerais elaboradas desde o desenvolvimento da Física (CAPRA, 2006). Ainda, concernente às críticas, Richardson (1999) coloca a questão de que o positivismo lógico se contenta com o estudo das aparências de um fenômeno, porém, sem mergulhar em sua essencialidade, na insistência por analisar dados e/ ou fatos de forma isolada, assim desconsiderando a relação que existe entre os elementos de um fenômeno e, para além disso, dos fenômenos entre si. Por fim, uma vez que configura o cenário vigente, com relação ao senso comum do que representa a ciência e seu caráter utilitarista, pondera-se a falta de reflexão do positivismo lógico como processo de conhecimento, desde a necessidade de direcionar pesquisas na obtenção de resultados.

Há ainda outras críticas a esse modo de pensar. Na perspectiva da pesquisa social, constroem-se rejeições na compreensão idealística da ciência, além de um entendimento que desconsidera as prováveis conexões históricas de um fenômeno em estudo, bem como o enfoque empírico que se baseia na preocupação fundamental inscrita em manifestações imediatas e concretas. Aliado a isso, também se configura a crítica final na insistência de tentativas de aplicação de leis e modelos das Ciências Exatas e Naturais aos fenômenos sociais (RICHARDSON, 1999).

3.2 Estruturalismo: proposta de um sistema

As origens do estruturalismo, de acordo com Richardson (1999), ocorrem com Ferdinand Saussure em curso de Linguística Geral, em 1916 e a Escola Fonológica de

Praga, com Roman Jakobson. Essa vertente de pensamento forma a Linguística Estruturalista, a qual engloba dois princípios fundamentais, sendo que o primeiro diz respeito aos fenômenos linguísticos que se baseiam em infraestruturas inconscientes, os quais suscitam pesquisa de viés sociológico, marcada pelo método estruturalista de Claude Lévi-Strauss, cuja contribuição inicia após conhecer Jakobson nos Estados Unidos, em meados dos anos 40. Já o segundo princípio compreende o objeto da Linguística pelas relações entre os termos formadores de uma língua, o que inclui, nesse sentido, um sistema cujas partes correspondem a solidariedade sincrônica. Esse princípio também é importante para a Antropologia, além da contribuição de Saussure e outros pesquisadores à análise da língua, na procura de uma estrutura de linguagem comum. Outra contribuição, posteriormente, advém dos pesquisadores franceses que difundem a análise das narrativas, como Roland Barthes. Por fim, emerge a própria Semiologia com o estudo do sistema de códigos e signos.

Segundo Richardson (1999), a base do estruturalismo encontra-se na ideologia, uma vez que o homem vive a partir de uma representação do mundo ao acreditar que a sua relação com a natureza e com os outros, exige a urgência de ações e reações imediatas, postura que evita a dependência ao conhecimento científico. O autor marca os estudos acerca de sociedades primitivas, onde se situa Lévi-Strauss e a caracterização do estruturalismo como sistema. Nele, a modificação de um elemento implica na alteração dos demais. Bardin inclui, ainda, que o esforço em se apoderar da lógica que ordena e rege esses coletivos, a partir de Lévi-Strauss, abre caminho para a análise estrutural (2009, p. 265). Nesse sentido, Richardson (1999) também inclui as contribuições de Jean Piaget, o qual encontra estrutura, quando existem elementos reunidos em um conjunto, aliada às qualidades específicas dessa totalidade, com propriedades dos elementos dependentes das características da totalidade. Outra tentativa de englobar o estruturalismo, segundo o autor, está em Jean Pouillon, o qual sustenta que as relações dos termos unidos admitem valores de posição em um conjunto organizado, dessa forma, o estruturalismo implica na totalidade e na interdependência.

O estruturalismo tem importância no desenvolvimento das Ciências Sociais no século XX, sendo que, na síntese de Richardson (1999) emerge como alternativa ao positivismo lógico, ao evitar a singularidade da realidade concreta e exclusiva da experiência sensível ou, ainda, considerar como insignificante o estudo de fatos isolados. Essa relação é passível de discussão, uma vez que Demo reconheça

“conotações positivistas bastante indigitáveis” (2014, p. 171) sobretudo e inclusive, na crítica a Lévi-Strauss. Aliado a isso, encontra-se, por exemplo, o estrutural-funcionalismo de Parsons, onde “volta-se para o reconhecimento de que há funções estruturais na sociedade, aquelas que se tornam vigentes em todo o grupo humano, como normas, valores, cultura, papéis, etc..” (DEMO, 2014, p. 172), constituindo, assim, leis invariantes da convivência.

Nessa perspectiva, determinam-se fenômenos por leis de atividades inconscientes na vida ordinária, logo, o centro não é o sujeito, mas o inconsciente como sistema simbólico (RICHARDSON, 1999). O mesmo autor elenca três possibilidades advindas do estruturalismo: a fenomenologia (estruturalismo fenomenológico) a partir de Merleau-Ponty, o estruturalismo genético de Jean Piaget e o estruturalismo de modelos de Lévi-Strauss, no qual também se inclui Louis Althusser. Com relação à aplicação do estruturalismo a outras áreas do conhecimento, importa lembrar Lévi-Strauss como o primeiro a aplicar seu método à Antropologia. Althusser relacionou a corrente de pensamento à Sociologia, enquanto que Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron problematizaram-na no âmbito da Educação (RICHARDSON, 1999).

Na Sociologia, especificamente, deve-se fazer referência a dois conceitos fundamentais, que se situam em modelo sincrônico/simultâneo e modelo diacrônico (através do tempo) ou modelo de sucessão temporal. No primeiro modelo, o social explica-se por um conjunto de estruturas, o que abarca, assim, uma concepção estruturalista. Acerca do que concerne estrutura, Demo ilustra o termo “(...) identificado com as raízes mais profundas do problema, com sua ‘essência’. Por trás há imagem arquitetônica, como num prédio, onde estrutura significa os fundamentos, a base” (2014, p. 172). Já no segundo modelo, o social explica-se por uma sucessão de acontecimentos desde uma concepção histórica, que forma a designação histórico-estrutural, cujo exemplo situa-se no Marxismo (RICHARDSON, 1999). Essa concepção, consoante Demo (2014), intenta unir estruturalismo e dialética, em autores como Althusser ou mesmo Lévi-Strauss.

No que concerne ao estruturalismo em termos metódicos, Richardson (1999) situa o procedimental proposto por Lévi-Strauss, o que também é discutido em Demo (2014). Nessa perspectiva, a forma de captar a realidade é afastar-se dela, sendo o objetivo do trabalho científico buscar as invariantes da sociedade, representadas pelas estruturas sociais invisíveis. Assim, ao definir uma estrutura, procura-se trabalhar no

nível da gramática e sintaxe, não no nível da língua falada. Para Richardson (1999), afinal, as estruturas sociais invisíveis constituem um modelo teórico construído, onde o paradigma elaborado pelo pesquisador está entre a realidade e a estrutura. Esse paradigma segue um conjunto de normas e regras específicas determinantes para sua validade teórica. Nesse sentido, importa incluir que:

O método estruturalista procura 'revelar, por debaixo da disparidade dos fenômenos, as relações ilegíveis ou diluídas que verificam uma ordem escondida. A estrutura, realidade oculta do funcionamento da mensagem, ou modelo operatório construído pelo analista, permite abstrair-se dos elementos que a compõem. As regras de articulação, as leis relacionais, tomam então, aos olhos do analista, a dianteira sobre as unidades mínimas da comunicação, aparentemente desorganizadas e variáveis, e que escondem estas leis e regras profundas (BARDIN, 2009, p.265).

O modelo estrutural, de acordo com Richardson (1999), deve oferecer características de sistema consoante, novamente, o que preconiza Lévi-Strauss, ou seja, consistir em elementos tais que uma modificação produza alteração nos demais. Ainda, se esse sistema pertencer a um grupo de transformações, cuja modificação de um dos elementos congrega uma variação combinada dos outros, a consequência será a transformação do modelo. Por fim, as condições anteriores, desde esse modo de pensar, permitem prever reações desde o modelo e modificações de algum de seus elementos. É imprescindível que o modelo dê conta de seus elementos constituintes e seu funcionamento deve explicar os casos em observação. Nesse sentido, conforme Demo, o modelo configura em simplificador desde Lévi-Strauss, uma vez que "(...) explicar é também analiticamente simplificar, e por razão real, já que a realidade no fundo é simples" (2014, p. 187).

Em uma análise estruturalista, a pergunta sobre quais serão os fatos observados e que estarão em estudo é necessária. O elemento deve ser pertinente ao modelo na sua construção, como também o valor do elemento depende exclusivamente da posição que ocupa com relação aos demais. Assim, a nomenclatura ao procedimento adotado é a decomposição do fenômeno estudado procurando variação de elementos que produzam modificações em seu conjunto. Na prática, o pesquisador reconstrói a estrutura, partindo das menores unidades do fenômeno em estudo e descobrindo as regras entre os elementos (RICHARDSON, 1999).

Entretanto, é necessária cautela ante a transformação dos fenômenos e, em consequência, conformam-se críticas a essa corrente de pensamento. Assim, o estruturalismo corre o risco de reduzir realidades significativas, ao simplificar fenômenos em modelos estruturais. Além disso, nos estudos estruturalistas pode ocorrer a ausência de centro, individual ou grupal, onde o pesquisador corre o risco de pré-determinar o que é negativo para as transformações sociais (RICHARDSON, 1999).

Por fim, há a questão de o modo de pensar estruturalista evitar englobar o contexto histórico acerca do fenômeno em estudo. Essas e outras críticas tem dado sustentação a ideias “pós-estruturalistas” ou “pós-constitutivistas” que procuram afirmar-se no limiar do terceiro milênio (RICHARDSON, 1999). Consoante ao posicionamento crítico, que interessa na passagem para o próximo tópico, a relação, afinal entre estruturalismo e dialética, ilustra-se na seguinte situação: “(...) diante do nascimento de uma criança, pode dizer o dialético que se trata de algo novo, irrepetível na individualidade histórica, enquanto o estruturalista boceja e murmura que é sempre a mesma coisa” (DEMO, 2014, p. 199).

3.3 Materialismo Dialético: fenômenos interligados

A abordagem desde o Materialismo dialético encontra-se em Richardson (1999) como ideologia e ciência do Marxismo, em oposição clara às demais concepções do positivismo e estruturalismo. O argumento, nesse sentido, configura a interpretação da natureza, a concepção dos fenômenos naturais e sua teoria desde instâncias materialistas. Ao considerar a matéria, sua essência está no movimento, constante, e sua constituição engloba as grandezas volume, dimensão, extensão, espaço e/ou tempo. Sendo assim, a definição da matéria, para Richardson, configura “qualquer objeto ou fenômeno natural com existência e características próprias que ocupa um lugar no tempo e no espaço” (1999, p. 44). Assim, segundo o autor, o entendimento nuclear acerca da dialética compõe a investigação das contradições da realidade, a qual envolve forças propulsoras da natureza.

Ao materialismo inscreve-se dialético, no que tange o entendimento acerca dos fenômenos naturais. A dialética vincula-se ao debate entre confrontação de teses, hipóteses ou teorias, baseadas no uso de refutações ao argumento, por redução ao

absurdo ou falso. O termo em si deriva do diálogo, onde Abbagnano distingue quatro significados fundamentais, sendo o primeiro, o método da divisão, o segundo, a lógica do provável, o terceiro, a lógica e o quarto, a síntese dos opostos (2007, p. 269). Aliado a esse entendimento, é também dialética a arte de encontrar a verdade, onde mostram-se contradições dos argumentos do oponente e, em sua superação, inclui-se o conhecido movimento de tese, antítese e síntese. Na argumentação dialética, a tese refere-se ao que se expõe para ser impugnado ou questionado, assim, o argumento oposto é a antítese e, por fim, a síntese resulta da fusão das proposições anteriores e introduz um outro ponto de vista.

No sentido da dialética, Abbagnano acrescenta que esta: “foi utilizada por Marx, Engels e seus seguidores no sentido atribuído por Hegel, mas sem o significado idealista que recebera no sistema de Hegel” (2007, p.273). A dialética idealista dos filósofos alemães (séculos XVIII e XIX) encontra em Hegel a doutrina dialética que considera o desenvolvimento do mundo como resultado de interação de forças opostas, diretamente relacionado à concepção de um Espírito Absoluto.

A dialética materialista conforma-se nos séculos XIX e XX sendo que, em geral, atribui-se sua origem a Karl Marx, “mesmo que este jamais tenha admitido pertencer (...) à linhagem dos sociólogos – nem também à dos economistas, vale frisar, pois o que ele de fato empreende é a análise teórica da ideologia econômica” (SODRÉ, 2014, p. 33). Ao considerar o processo histórico, em conjunto com Engels, Marx situa o materialismo como mundo exterior, que existe independente da consciência. Em termos de pensamento filosófico, essa não é uma questão de senso comum, e sim incerta, onde as representações conscientes que ocorrem são, de fato, características do idealismo. Nessa concepção, é improvável o saber de algo que não seja fenômeno da consciência, logo, o mundo inexiste fora da consciência humana (RICHARDSON, 1999).

Em geral, as ideias marxistas têm como base a análise da Revolução Francesa, a situação econômica e social dos operários ingleses e, como já referenciado, a filosofia alemã. Com relação a essa última instância, a visão marxista altera seu entendimento a partir da crítica ao conceito hegeliano de dialética, desviando-se do significado idealista referido anteriormente, uma vez que “(...) para Hegel, é consciência e permanece na consciência, não alcançando nunca o objeto, a realidade, a natureza, a não ser no pensamento e como pensamento” (ABBAGNANO, 2007, p.273). Dessa forma, a dialética passa a ser considerada uma ciência das leis gerais do

movimento, em relação à consciência humana e também ao mundo exterior. Assim, o pensamento de Marx faz ressurgir o método dialético para análise da realidade, como também relaciona o método com as ideias hegelianas, ao mesmo tempo que diferencia o materialismo do idealismo, direcionando a discussão ao capital (RICHARDSON, 1999).

Diante dessa repercussão, o autor caracteriza o materialismo dialético como corrente de interpretação de fenômenos sociais que apresenta princípios, leis e categorias de análise. Seus princípios perfazem uma conexão universal dos objetos e fenômenos, além de considerar o movimento permanente, cuja fonte incorpora contradições internas, as quais causam constante transformação. De acordo com Richardson (1999), portanto, são dois princípios ligados às leis universais do materialismo dialético. O primeiro congrega a lei da unidade e luta dos contrários, uma vez que “as realidades sociais não são apenas complexas; são sobretudo complexidades polarizadas (DEMO, 2014, p. 97), que remete à dinâmica da conexão universal. O segundo princípio configura a lei da transformação da quantidade em qualidade e vice-versa, relacionada com a ideia de movimento.

Nessa perspectiva, considera-se a interconexão entre objetos e fenômenos, assim, um objeto inexistente de forma isolada e os fenômenos da natureza estão interligados e determinados mutuamente. Nessa linha de pensamento, portanto, o surgimento e as transformações de um fenômeno ocorrem com a interligação a outros sistemas materiais, sendo essa uma diferença em comparação ao sistema positivista, no qual a interligação dos fenômenos está determinada por leis objetivas (RICHARDSON, 1999).

De todo modo, existem cuidados e exigências na utilização da dialética como método. Para Richardson (1999) um dos primeiros versa sobre a objetividade da análise, quando o objeto em estudo deve caracterizar-se em detalhes, nos seus aspectos e conexões, o que abrange a análise dos elementos e processos, com suas propriedades, conexões e qualidades. Importa procurar causas e motivos dos fenômenos, bem como analisar historicamente os fenômenos e processos sociais, considerando o lugar (espaço) e o período de duração (tempo). Assim, a maneira através da qual se constrói o objeto de pesquisa, parte de investidas de contextualização com ênfases que procuram abranger a forma individual, social, cultural e histórica. O desafio é constante, uma vez que, afinal:

Dialética não combina com fanatismo, messianismo, esoterismo. Dialética é sobretudo o respeito a uma realidade tão complexa, profunda e dinâmica, que nos impõe a reverência típica do mistério. Quanto mais pesquisamos, mais temos a perguntar. Quanto mais transformamos práticas históricas, mais temos a transformar. (DEMO, 2014, p. 125)

Nesse sentido, é importante observar que, ao concluir as considerações ao materialismo dialético, Richardson (1999) inclui o posicionamento epistemológico ante o objeto ou fenômeno que se deseja estudar, postura que está ligada ao método e a metodologia no ato de pesquisa. Nesse sentido, encontra-se uma relação com a abordagem idiográfica ou hermenêutica, vista anteriormente, onde o entendimento perpassa a figura do pesquisador que assume o posicionamento crítico, consciente das ações que afetam o processo de pesquisa, o que dialoga, então, com as considerações e desafios desse modo de pensar.

A partir dos entendimentos expostos, esse breve percurso histórico tem o sentido de contextualizar as principais características dos três delineamentos cognitivos, os quais constituem, de qualquer maneira, modos de pensar o processo de pesquisa. Isso posto, com vistas a auxiliar o percurso metódico desse trabalho, a síntese abaixo compilada elenca os elementos formadores dos delineamentos epistemológicos vistos, conforme o quadro a seguir:

CARATERÍSTICA	POSITIVISMO	ESTRUTURALISMO	MATERIALISMO DIALÉTICO
Visão de mundo	Ordem do universo Leis naturais	Ordem estrutural	Tudo é matéria em movimento União dos contrários
Visão do homem	O indivíduo Importância do sujeito Individualidade	Não existe Existe estrutura	Homem Ser histórico e social
Visão da sociedade	Sistema social funcional	Estrutura social	Classes antagônicas
Visão da realidade	Empirista A-histórica	Subjetiva A-histórica	Objetiva Histórica
Objetivo da pesquisa	Testar teorias	Procurar estrutura nos fenômenos	Procurar compreender fenômenos
Objeto de estudo	Elementos	Relações entre elementos	Elementos e relações entre eles
Método científico	Método indutivo dedutivo	Método estruturalista	Método dialético

Quadro 1 - “*Algumas características principais do positivismo, estruturalismo e materialismo dialético*”

Fonte: Adaptação de Richardson, 1999, p. 54 (grifo do autor)

Importa esclarecer, ainda, que os delineamentos cognitivos se relacionam no âmbito de reconfigurações metódicas com implicações metodológicas, desde as Ciências Sociais, o que se discorre no próximo tópico. Para além disso, configuram elementos presentes desde o momento de analisar o conteúdo dos textos selecionados, na instância metódica dessa pesquisa, cujas relações também se encontram nas associações à metodologia em estudo.

3.4 Reconfigurações metódicas e metodológicas: o empirismo e o qualitativo

A reflexão epistêmica nesse tópico, inicia com arranjos e construções acerca de metodologia que ocorrem ao longo do século XX e conformam práticas metódicas adequadas à pesquisa em Comunicação. Com esse intuito, interessa a condução histórica encontrada em Jensen; Jankowski (1993), que situa três períodos de configurações metodológicas e sua repercussão na investigação da Comunicação de massas, advindas de discussões epistemológicas das Ciências Humanas e Sociais.

O primeiro período ocorre de 1890 a 1930, com o desenvolvimento da Antropologia e os estudos das sociedades consideradas “primitivas”, cuja referência fundamental situa-se em Malinowski e a obra “Os Argonautas do Pacífico Sul”. Também tem início a criação do departamento de Antropologia e Sociologia da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos.

Convidado a realizar uma conferência no Brasil sobre a história dessa universidade, Becker (1996) inicia relatando que sua a criação ocorre no final do século XIX, a partir de doação financeira de John D. Rockefeller, milionário estadunidense à época. Através do recém-contratado professor Albion Small, fomentam-se os estudos acerca da Sociologia nos Estados Unidos, em um contexto de expansão e crescimento demográfico, resultado de acelerado desenvolvimento industrial em Chicago.

Assim, em meados de 1910 e nas décadas seguintes, o departamento de Antropologia e Sociologia da Universidade de Chicago domina o horizonte sociológico estadunidense (COULON, 1995), cujo foco de investigação passa a ser o meio urbano, dando origem aos estudos que discutem as relações entre cidade e Comunicação. Na Sociologia, o trabalho desenvolvido pelos membros da escola

constitui ramos especializados na chamada Sociologia Urbana, em decorrência ao aparecimento de fenômenos sociais como a criminalidade, delinquência juvenil, desemprego, pobreza, imigração e a formação de guetos.

Do ponto de vista metodológico, a cidade é vista como laboratório social, o que propicia a valorização da pesquisa empírica em contraposição a tendência à reflexão teórica das escolas sociológicas europeias. Assim, enquanto a inspiração teórica-filosófica perdura no velho continente, busca-se uma abordagem empírica que leve em consideração os sujeitos e o meio social em que vivem. Nesse contexto, emergem como práticas metódicas a etnografia, a observação participante, a história de vida, a entrevista e o estudo de caso.

Em Chicago, pela primeira vez, a pesquisa é privilegiada ante o ensino. Coulon retoma uma passagem onde o presidente da universidade à época, William Harper, considera que apenas “quem se dedicou à pesquisa pode ensinar aos demais como pesquisar” (1995, p.13), assim, eventualmente, libera-se os professores de seus cursos para dedicação integral à pesquisa. Emerge, dessa forma, a importância de considerar o contexto da pesquisa, o cenário em análise, além do desenvolvimento de métodos de ida a campo. Becker recorda o caráter fundamental de entender o contexto acerca dos fenômenos em estudo, seu testemunho demonstra isso:

Nós éramos muito mais ecléticos em relação a métodos do que as pessoas que conhecíamos e que estavam em outras instituições. Assim, achávamos que era preciso fazer entrevistas, coletar dados estatísticos, ir atrás de dados históricos. Não havia nada demais nisso, tudo isso me parece puro bom senso, mas muitas pessoas tinham uma espécie de apego religioso a métodos de pesquisa (1996, p. 186)

Contribui nessa perspectiva a influência do filósofo John Dewey, que juntamente Charles S. Peirce e William James é considerado um dos criadores da filosofia do pragmatismo (GHIRALDELLI JR, 2007), cujo legado perpassa a Escola de Chicago, influencia gerações de pesquisadores e a cultura estadunidense. A perspectiva metodológica a partir dos princípios do pragmatismo busca compreender as dimensões simbólicas e o contexto social dos sujeitos. Aliado a isso, é no empirismo norteado pela comprovação de evidências práticas que se desenvolvem estratégias de coleta de dados a fim de buscar o entendimento dos sujeitos e seu mundo social. Conseqüentemente, entre outros fatores, as pesquisas passam a ocorrer

de forma localizada, ao que Becker afirma: “(...) Chicago passou a ser a cidade mais pesquisada do mundo e provavelmente o será sempre” (1996, p.183).

A filosofia pragmatista também configura forma e sentido à perspectiva do interacionismo simbólico, através de Charles Cooley, John Dewey e principalmente George Mead (JOAS, 1999), cujo trabalho tem prosseguimento com Herbert Blummer (1980). Desde esse ponto de vista, o observável centra-se no sujeito, entendido como protagonista social e intérprete do mundo simbólico do qual faz parte. Na construção do objeto de pesquisa, emergem múltiplos métodos de pesquisa, como a prática do relato autobiográfico, a utilização de documentos pessoais (como cartas e diários íntimos), jornais diários, documentos públicos, painéis de discussão e conversas (GOLDENBERG, 2007). Além disso, a observação participante é realizada no sentido da interação social e *self* (GOFFMAN, 1985), bem como a própria etnografia, na busca por compreender o social diante da estrutura. O interacionismo simbólico é especialmente importante em estudos que envolvem microssociologia e psicologia social, sendo posteriormente também desenvolvido na Escola de Palo Alto.

Ao considerar a concepção de um pensamento onde a epistemologia, enquanto reflexão acerca de conhecimento, de teorias, ideias e buscas/tentativas que configuram um saber científico, dilui-se diante da pressão por resultados, vícios metodológicos ocorrem, no sentido de apropriação de lógicas de maneira naturalizada. Entretanto, a inquirição epistemológica origina-se desde outra instância, onde se inclui a discussão metodológica, que pode durar uma vida para sustentar-se cientificamente. Onde, ainda, o tempo experimentado e refletido terá outra dimensão do que apenas cronológica, como referido anteriormente, algo a ser refletido a partir de Chicago.

Assim, a profusão metódica da época, advinda do florescimento de pesquisas sociais, cujos objetos centram-se no humano e no social, gera, como consequência, um momento de debate epistemológico importante. É no Círculo de Viena, citado anteriormente, que se inicia boa parte do debate em torno do enfoque de demonstração empírica, e que corrobora em desdobramentos de modos de pensar, desde autores como Ludwig Wittgenstein, Bertrand Russel e Karl Popper, o que auxilia a reforçar a ideia do método como resultado da experiência empírica, a fim demonstrar a comprovação científica (RICHARDSON, 1999). Na Sociologia estadunidense, tal debate provoca divergência sobre os métodos de pesquisa, dividindo, dessa forma, os estudos quantitativos e positivistas, sob influência do

funcionalismo e o viés qualitativo e humanista, representado pela Escola de Chicago (COULON, 1995, p. 25). Consequentemente, a perspectiva funcionalista estrutural, tem início através de *surveys* e assume importância em Chicago a partir de então, entretanto, a perspectiva antropológica continua a ser fundamental (BECKER, 1996).

Os fenômenos sociais estudados propiciam o desenvolvimento metodológico das pesquisas, com destaque ao método descritivo. Assim, suscitam as práticas biográficas a partir das histórias de vida individuais ou coletivas dos sujeitos, o que valoriza a análise desde o ponto de vista do sujeito a ser pesquisado, perspectiva que ainda vigora na contemporaneidade.

Nesse movimento de defesa da Sociologia como ciência, Jensen; Jankowski (1993) localizam o segundo período de configuração metodológica na intensificação da base positivista entre os anos de 1930 a 1960. É nesse contexto que se situa o protagonismo de Harold Lasswell e o início das investigações que buscam medir o impacto da comunicação de massa, o que estabelece a expansão de métodos como a análise de conteúdo (BARDIN, 2009). Durante a 2ª Guerra Mundial e também no período posterior, a Guerra Fria, intensificam-se estudos acerca da propaganda publicitária, o que colabora para a disseminação de grupos focais como técnica de pesquisa para estudar transmissões de rádio e efeitos às propagandas. Um exercício metodológico interessante reforça essa visada, quando, em 1949, Lasswell publica “*Why be Quantitative?*”, texto onde identifica limitações em sua própria análise realizada em 1927, cuja orientação se situa na perspectiva qualitativa. A partir do exercício de autocrítica, passa a defender a importância de procedimentos quantitativos com vistas a controlar a incerteza dos dados (LASSWELL, 1949).

A guerra também suscita o encontro entre Paul Lazarsfeld e Max Horkheimer que, juntamente com Theodor Adorno e Herbert Marcuse, deixam a Alemanha nos anos 40 e passam a viver em Nova Iorque. Assim, novamente, tem-se a discussão metodológica em torno da empiria, quando Lazarsfeld planeja que a equipe de Adorno trabalhe desde o modo positivista/funcionalista norteamericano. Entretanto, essa dinâmica de trabalho encontra um impasse representado por Adorno, uma vez que, para ele, é impossível “medir a cultura” (JENSEN; JANKOWSKI, 1993).

Ainda com relação ao método, especialmente nos primórdios da sociologia estadunidense, importa reforçar que estudo de caso remete à Escola de Chicago, cujo foco encontra-se nos significados pessoais das pessoas envolvidas. Posteriormente, seu desenvolvimento metódico corrobora em estudos de caso clássicos traduzidos,

portanto, nos trabalhos de Elihu Katz e Paul Lazarsfeld, determinantes na pesquisa em Comunicação (DONSBACH, 2008).

Afinal, Jensen; Jankowski (1993) situam uma terceira fase a partir dos anos 60, na emergência da investigação social interpretativa. Nesse contexto, ocorre a reorientação do interacionismo simbólico para o estudo de conflitos sociais, com o protagonismo de pesquisadores advindos novamente da Escola de Chicago, tais como Howard Becker e Erving Goffman. Dessa forma, desenvolve-se a fenomenologia sociológica, a etnometodologia e a etnografia interpretativa (GOLDENBERG, 2007). Aliado a isso, Feyerabend (2007) propõe, no início dos anos 70, a ruptura com o modo de pensar as teorias do conhecimento, ao criticar a postura da ciência como mito e elaborar a sua famosa crítica ao método científico, reconfigurando o entendimento epistemológico passível de uma utopia necessária. De toda sorte, nessa mesma época, Morin dá início a publicação da série de cinco volumes de “O método”, onde propõe que a busca da verdade está ligada à investigação da possibilidade da verdade (1999, p.16), instigando a construção do pensamento complexo.

A partir desse momento, apesar de considerar difícil aceitar a posição de metodologia anárquica proposta, Demo (2014) aponta a construção de um cenário que propicia a crítica autocrítica da metodologia, com a busca de metodologias alternativas que considerem contextos históricos e a realidade social. É preciso refletir que, ao se tornar comum, a antimetodologia abandona seu status inicial e passa a integrar o próprio sentido de metodologia, que interessa a este trabalho do ponto de vista dos significados atribuídos ao conceito. De acordo com Demo (2014), portanto, a produção científica obedece uma estrutura que visa atingir uma situação normalizada, cujos parâmetros lógico-formais devem ser seguidos pelos pesquisadores. Na visão cíclica que remete à História, a antimetodologia conduzida à posição normativa, no sentido de ser superada, poderá transformar-se em nova síntese metodológica, o que remete a própria ideia de processualidade metodológica, vista anteriormente.

Para Demo (2014), a metodologia também é um caminho a ser seguido, podendo atribuir-se ao metodólogo a tonalidade moralizante do guarda de trânsito. Contudo, caso o rigor lógico seja tomado em demasia, ao invés de propiciar a produção criativa, torna-se fim em si mesmo. É possível conciliar a equivalência do viés empírico, na argumentação pela busca da verdade no fenômeno em estudo, desde que este não enfatize apenas o instrumental.

Assim, é interessante considerar o posicionamento de Mills (1975), ao elaborar a ideia do artesanato intelectual que se situa como seu próprio metodólogo. O autor conduz o leitor a algo resoluto, no sentido de conselhos desde a questão de como organizar ideias em arquivo, sem dissociar a rotina acadêmica da experiência de vida. O intelectual é uma pessoa, humana, que cultiva o hábito de pensar e deve encontrar o tempo para escrever sobre suas reflexões, para anotações em diário onde possa ocorrer a escrita livre de esboços, rascunhos, acerca do que está a estudar, do que planeja, sobre autores, sobre ideias, etc. A passagem a seguir elucida esse aconselhamento:

(...) evitemos qualquer norma de procedimento rígida. (...) evitemos o fetichismo do método e da técnica. É imperiosa a reabilitação do artesão intelectual desprezioso, e devemos tentar ser, nós mesmos, esse artesão. Que cada homem seja seu próprio metodologista; que cada homem seja seu próprio técnico; que a teoria e o método se tornem novamente parte da prática de um artesanato (1975, p. 240).

Nesse sentido, a formulação de Mills relaciona-se à Bachelard, quando esse esclarece o problema da dinâmica de “medir para pensar”. Na crítica ao pensamento científico, que enfatiza essa dinâmica e por isso, acaba por encontrar-se relacionado de forma *natural* à instância do empírico e em associação à metodologia, o pesquisador acaba por afastar-se da pergunta original que motiva a pesquisa. Dessa forma, ao concentrar-se na medição, Bachelard ilustra o seguinte cenário:

(...) o cientista *aproxima-se* do objeto primitivamente mal definido. E, antes de tudo, *prepara-se* para medir. Pondera as condições de seu estudo; determina a sensibilidade e o alcance de seus instrumentos. Por fim, é *o seu método de medir*, mais do que o *objeto de sua mensuração*, que o cientista descreve (1996, p. 261).

Diante dessas relações, importa considerar o resgate da “teoria da suspeita” em um cenário de procedimentos dados previamente, muitas vezes colados a determinado objeto de estudo de acordo com a conveniência de estudos anteriores, cujo uso é *naturalizado* com a pretensão de alcançar a eficácia e resultados. Na contramão desse panorama, os trabalhos desenvolvidos desde a Escola de Chicago remetem à importância do desenvolvimento da pesquisa a partir do problema em estudo. Por conseguinte, voltam-se os esforços na preparação da ida a campo e na busca pela construção de métodos que auxiliem a compreensão dos problemas em estudo. Esta é uma conduta que remete à reflexão crítica necessária, que adota a

experiência interpretativa no fazer pesquisa, aliada à formação e autonomia do pesquisador (BLUMMER, 1980).

Isso posto, diante das reconfigurações metódicas e metodológicas discutidas, passa-se a, através de indicativos e relações construídas desde o saber comunicacional, alcançar outras abordagens no próximo capítulo acerca das apropriações metodológicas desde o reconhecimento na Comunicação. Intenta-se, ao mesmo tempo, realizar um exercício que problematiza a questão a partir de métodos que foram construídos para pensar/tratar problemas situados, inicialmente, nas Ciências Sociais ao passo que esta, na configuração história desenvolvida até aqui, também se apropria de métodos e técnicas, inicialmente, das Ciências Exatas e Humanas. Essas apropriações repercutem em dilemas enfrentados pelo campo da Comunicação, institucionalizado, onde se encontra diversidade de temas trabalhados nos eventos e o conceitual metodológico, desde uma esfera auxiliar no que tange aos entendimentos encontrados nos textos em análise.

4. Apropriações metodológicas desde o saber comunicacional

Esse capítulo situa as apropriações metodológicas desde a configuração do saber comunicacional, onde se define, inicialmente, a compreensão em torno desse saber, em tópico preliminar que discorre sobre suas delimitações. Esse debate contextualiza a discussão seguinte, cujo intento é problematizar as apropriações que se constituem em decisões metodológicas baseadas em métodos e técnicas emprestados. Essas discussões relacionam-se diretamente à instância problemática da pesquisa, em compreender o saber metodológico que se origina nos textos publicados, a partir de encontros periódicos e referenciais da Comunicação.

Isso posto, importa situar, brevemente, a formação dos estudos em torno da concepção do saber comunicacional. No Brasil, a institucionalização da área encontra-se inserida no âmbito das Ciências Sociais Aplicadas e, atualmente, define-se por Comunicação e Informação, mantendo-se institucionalmente via recursos advindos de agências governamentais como Capes e CNPq.²⁴ Mesmo que ocorra o fomento das agências, adicionado aos esforços contínuos da comunidade acadêmica, no que tange à produção e ampliação de cursos e especializações, a definição de Sodré é ilustrativa dos desafios que se reconhecem em sua legitimidade:

(...) o campo permanece cientificamente tão ambíguo quanto no passado, em meio a milhares de estudos recortados sobre todo tipo de tema imaginável, se não diretamente relacionado à prática industrial da mídia ou do espetáculo diversificado, pelo menos permeável à colagem do par ‘comunicação/informação’ ou ajustável ao vago rótulo de ‘estudos culturais’ (2014, p. 93).

A partir dessa introdução, na formação dos estudos em torno de fenômenos que conformam o saber comunicacional, onde se consideram, portanto, perspectivas inter, trans e/ou multidisciplinares, é preciso considerar enfoques analíticos acerca de sua caracterização, uma vez que recebem diferentes associações e conformações de

²⁴ É possível consultar maior detalhamento da área no site da Capes. Disponível em: <http://capes.gov.br/component/content/article/44-avaliacao/4662-ciencias-sociais-aplicadas-i> Acesso em: 20 jun. 2017

pesquisa. No próximo tópico, dessa forma, tem início a abordagem dos delineamentos que constroem o saber comunicacional.

4.1 Delimitações e dinâmicas formativas

Para introduzir a discussão, eis que surge a pergunta: O que interessa ao comunicólogo, ou seja, ao pesquisador da Comunicação? Essa é uma pergunta simples se o seu entendimento não acarretasse em contínuas dúvidas ao longo da formação e institucionalização do campo.²⁵ Ao considerar Galindo Cáceres, é possível encontrar comunicólogos, entretanto, a comunicologia perfaz uma incógnita. Como alternativa, o autor propõe a fundação do que intitula “Comunicología posible” (2005, p. 10). Esta, desde início, depara-se com um desafio constante que se configura na formação de ilhas, entre aqueles que se propõem estudar fenômenos comunicacionais:

La ecología de la investigación depende de las relaciones que existen entre los diversos investigadores y sus diversos niveles de organización y complejidad. Y también de las relaciones entre esos diversos nodos y sistemas de vinculación interior con el resto del mundo social (2005, p. 20).

Os estudos em torno do saber comunicacional nascem vinculados ao contexto econômico, político e cultural ao longo do século XX, juntamente com o desenvolvimento de outros delineamentos, cujas ramificações constituem diferentes áreas de interesse. Estabelecem-se, preliminarmente, a partir de vertentes teóricas que instigam a construção da ideia de *media*, permitindo que a sociedade “sinta-se” e “situe-se” a partir desses processos. O repertório teórico corrobora-se desde o advento dos meios de comunicação e sua repercussão social, experienciada no cotidiano, que constitui a designação meios de comunicação de massa. Uma entrada tradicional de reflexão acerca do saber comunicacional, em especial no Brasil, é atribuída à publicação de Wolf (1999) com os estudos, nesse sentido, desses meios (MARTINO, 2008).

Desde essa perspectiva, a popularização dos meios ocorre, primeiramente, com o jornal, onde se situa o marco teórico atribuído aos estudos de Robert Park, nos

²⁵ Importa esclarecer que, na perspectiva adotada, a discussão de campo da Comunicação não é abordada explicitamente, tendo em vista a opção epistemológica que versa sobre o saber comunicacional.

anos 1910, e suas observações acerca do processo migratório nos Estados Unidos, bem como, especialmente, o entendimento do Jornalismo como forma de conhecimento (PARK, 2008). Posteriormente, emerge o protagonismo do rádio até meados dos anos 40-50, para dar lugar, a partir dos anos 50, ao auge da televisão. A sociedade descobre-se, logo, através da Comunicação. Um recorte epistêmico que viabiliza a faceta desse entendimento, configura-se no fascínio diante dos meios, o que enseja a formação da sociedade do espetáculo (DEBORD, 2003) que, por sua vez, dá suporte e circunstância a uma cultura reduzida à informação superficial e entretenimento, na visão de Vargas Llosa (2013). Assim, de modo geral, consolidam-se três etapas da trajetória do pensamento comunicacional, com a inclusão, a partir dos anos 70, da internet ao debate, as quais acompanham o desenvolvimento dos meios.

Uma outra leitura, entretanto, direciona argumentações factíveis a outras frentes, que devem ser consideradas. Neste panorama, Sfez (1994) situa os estudos da Comunicação a partir de demandas culturais e sociais, principalmente vinculadas à eclosão da 1ª e 2ª guerras mundiais e seus desdobramentos políticos e econômicos. Esse contexto, aliado às tensões advindas desde outras instâncias do conhecimento científico, auxiliam a construir um cenário em que *tudo* comunica. Por outro lado, em detrimento da ideia da Comunicação como ciência especializada, Rüdiger (2015, 2017) retoma/reforça o protagonismo do Jornalismo no pensamento acadêmico e sua proposição como ciência na década de 20, nos contextos da Alemanha, União Soviética e Japão e, no mesmo sentido, em meados da década de 50, identifica a inclusão da propaganda no centro de discussões, a partir de sua influência social.

O enfoque nos meios, todavia, não deixa de receber críticas, a exemplo do que Quiroga inscreve como “diversas tentativas que se vêm dedicando a pensar a entronização dos meios de comunicação, de modo geral, junto à sociedade” (2013, p. 71). O casal Mattelart (1991) também encontra contradições e realiza críticas, em detrimento da ideologia de uma Comunicação sem limites. Dessa maneira, desenvolvem a ideia da reabilitação do ruído no processo comunicacional, um elemento geralmente esquecido nas problemáticas, porém fundamental em sua compreensão. Ao ilustrar essa questão, ruídos representam uma noção ampliada de sons, mensagens não codificadas, para além da unilateralidade e direcionamento presente na transmissão de informação concebida como Comunicação. Assim, passam a incorporar outras realidades e temporalidades no entendimento do fenômeno.

De qualquer forma, no sentido de entender o conhecimento gerado nesse âmbito, a produtividade existente é capaz de gerar, ainda, outra indagação: O que constitui a epistemologia da Comunicação? A sustentação realizada por Martino é a de que nem comunicólogos nem epistemólogos, poderiam responder à pergunta, no sentido de indicar o lugar da Comunicação no espaço das epistemologias contemporâneas. Nessa perspectiva, o autor questiona a caracterização do trabalho epistemológico desenvolvido na área, que permitiria localizar tendências epistemológicas desde uma especificidade proposta por comunicólogos (MARTINO, 2003, p. 72).

No processo de tentativas de delimitações fronteiriças, confluem fatores que determinam a institucionalização, tanto cognoscitivos como sociais (FUENTES NAVARRO, 1999, p. 62). Na Comunicação, para o autor, o cenário que se observa é aquele que enfatiza a denominação institucional do campo ante sua fundamentação conceitual. Sendo assim, desde a *mass communication research*, observa-se a permanência de estudos ancorados nos desdobramentos das famosas perguntas de Harold Lasswell: ‘quem, diz o quê, a quem, por qual canal e com que efeito’, o que constitui um panorama que perpassa o paradigma disciplinário situado desde Wilbur Schramm (FUENTES NAVARRO, 2003).

A necessidade de vigilância, nesse aspecto, emerge em esforços epistemológicos que evitam a discussão desde o entendimento disciplinário estanque (TORRICO, 2005, p. 42), ao que se adiciona o desafio constante pela emancipação da área. Ao criticar a suposta necessidade de constituição da Comunicação como disciplina, pela via do que chama de “autoritarismo epistemológico”, interessa adicionar as considerações de Rüdiger:

A legitimação acadêmica e reconhecimento institucional não bastam para conferir autonomia epistemológica a um saber e, por isso, relativamente à matéria, só mantém o espírito livre quem evita confundir prática política institucional e voluntarismo epistemológico com justificativa intelectual e filosófica (2014, p. 398).

Nessa perspectiva, é possível diagnosticar, consoante Fuentes Navarro, a ocorrência anterior de uma disputa ideológica por legitimidade científica, demandada por grupos, determinadas perspectivas ou modelos, que implica na “(...) acumulación y distribución no sólo de intereses ajenos al conocimiento dentro del campo, sino a la imposición desde su exterior de las definiciones de qué y cómo, porqué y para qué

producirlos y reproducirlos en la institución universitaria” (2003, p. 27). Nesse debate, importa considerar Braga (2008), quando elabora a discussão situacional desde um paradigma indiciário, sem constituir, no entanto, caráter disciplinar.

Adicionado a isso, na ausência consensual de objeto e proposições teóricas próprias, os estudos comunicacionais encontram-se em um contexto fragmentário (MARTINO; BERGER; CRAIG, 2007; FUENTES NAVARRO, 2007), mesmo com alcance de temas diverso e amplo. Uma proposição válida, nesse horizonte, situa-se em evitar a centralização que aponta para o marco disciplinar que acarreta na contínua divisão acadêmica. Ao contrário, importa procurar analisar diferenças e semelhanças, que confluem para a profusão epistemológica, bem como metodológica, desde diferentes perspectivas. Por isso, é pertinente registrar que a dinâmica em torno do saber comunicacional configura, efetivamente, o reconhecimento de um processo de reflexão contínuo.

Uma possível elucidação marca o entendimento dos estudos de fenômenos comunicacionais, relacionados de forma contínua aos demais saberes, semelhante ao que ocorre na Escola de Chicago, em meados do século XX. Joas (1999) descreve esse contexto quando, por um lado, pesquisadores defendem a necessidade de profissionalização das Ciências Sociais e, por outro, também reconhecem que há responsabilidades para as quais inexitem alternativas de renúncia, no que se refere a gravidade de problemas sociais, principalmente aqueles de cunho religioso. Dessa forma, destaca-se a importância dada à busca pelo diálogo com diferentes áreas, inicialmente com a Antropologia, e posteriormente o vínculo com a Ciência Política, a Psicologia e a Filosofia (COULON, 1995; GOLDENBERG, 2007).

Relacionado ao viés comunicacional, Galindo Cáceres sustenta, nesse sentido, a emergência de um espaço conceitual, que inclua a maioria dos objetos nomeados a partir do que se considera de domínio próprio, os quais sejam reconhecidos por outras perspectivas, desde a Sociologia até a deontologia, a partir de quatro dimensões básicas para entender essa formulação conceitual acerca do comunicacional, quais sejam: expressão, difusão, interação e estruturação (2005, p. 13). Ao remeter à vertente do que se refere ao midiático, também se constrói um panorama abrangente e plural, desviando-se do puramente disciplinar, a exemplo do que encontra Maldonado, ao referir problemáticas renovadoras:

A pesquisa em comunicação é requerida pelos processos históricos, socioculturais e tecnológicos a aprofundar, ampliar e problematizar de maneira diferente a recepção e os receptores. Investigações realizadas durante as duas últimas décadas são incisivas e demonstrativas da complexidade desses processos e da necessária reformulação metodológica, que permitirá abordagens abrangentes, aprofundadas e transdisciplinares desses problemas/objeto (2013, p. 99).

Ao considerar a orientação oferecida por Bounoux, obtêm-se uma mirada em que a Comunicação “(...) permaneça essa coisa turbulenta e vaga, da qual não há ciência nem técnica, mas que está acima ou enquadra a maior parte delas” (1999, p. 18). Nesse sentido, desde Cooley (2005), é possível considerar que a instância do comunicacional, como processo interior, é/está inseparável do pensamento. Expressa-se, logo, no sentido da transdisciplinaridade, ao considerar a resistência “às tentativas prematuras de fazer dela uma área fechada, universitária ou profissional” (BOUGNOUX, 1999, p. 14). Dessa forma, inexistem um programa e objeto específico, ao mesmo tempo em que se deve evitar falsas expectativas. O autor, por fim, a compara à Filosofia, que compensa “(...) a sua ausência de fundamentos ou de teoria dominante circulando entre os saberes e requestionando estes últimos” (BOUGNOUX, 1999, p. 14).

Essas dinâmicas, que ocorrem ao longo do delineamento de interesses em torno do fenômeno social em Comunicação, também conformam diferentes concepções desde o campo profissional, bem como culminam para os constantes desacordos em torno do núcleo disciplinar acadêmico, como visto nesse tópico. Além disso, desde a perspectiva de realização efetiva da pesquisa em torno de fenômenos comunicacionais, esses embates direcionam a atenção ao processo de construção de um saber metodológico comunicacional. Nesse trabalho, enfatiza-se, dessa forma, o desenvolvimento metódico e metodológico a partir das análises das transformações sociais iniciadas pela Escola de Chicago, como referido anteriormente, cujos desdobramentos sociológicos influenciam o viés metodológico desde o saber comunicacional no Brasil e América Latina.

De qualquer modo, não se intenta reduzir o debate como desfecho provisório na elucidação de um panorama do saber comunicacional, senão propô-lo desde a instância do metodológico. Assim, faz-se imprescindível a observância à avaliação crítica diagnosticada por Sodré onde “(...) nem a multidisciplinaridade, nem as aberturas metodológicas resolvem o problema epistemológico do saber

comunicacional” (2014, p. 104), o que atesta a necessidade de compreender a instância metodológica, desde os textos analisados provenientes de encontros referenciais acerca do saber comunicacional. Em vista disso, no tópico seguinte, insere-se a discussão de uma dinâmica de métodos e técnicas emprestados, que acarretam em decisões metodológicas desde os estudos de fenômenos comunicacionais.

4.2 Decisões metodológicas baseadas em métodos e técnicas emprestados

A reflexão epistemológica a partir do entendimento conceitual de metodologia visa problematizar o situacional acerca de vícios metodológicos e lógicas apropriadas no estudo de fenômenos em Comunicação, bem como realiza o resgate de uma concepção conceitual metodológica voltada para um entendimento além da descrição metódica, ao emergir a riqueza proveniente da metodologia. Em livros de tipo “manual”, onde figuram os elementos formadores de um trabalho acadêmico de maneira padronizada, para algo que se pretende reconhecer enquanto caráter científico, o entendimento de metodologia perpassa o modelo de *como fazer* a produção de conhecimento. Assim, a pesquisa é dividida tal qual um móvel que se adquire pré-fabricado, cujo resultado final, se o encaixe das partes ocorrer devidamente, está previsto desde sua instrumentalidade. O problema de um roteiro de procedimentos predefinido é que, conceitualmente, epistemologia, metodologia, método, técnica, instrumento, ou ainda, a própria instância empírica, afastam possibilidades de formulação ou explicitação crítica, no âmbito de processos geradores de conhecimento.

Essas diferentes angulações e entendimentos, ocorrem em determinado tempo social, de acordo com o debate epistêmico que as conforma. No que concerne ao entendimento desenvolvido pela Escola de Chicago, Becker esclarece que: “(...) para nós a unidade básica de estudo era a interação social, pessoas que se reúnem para fazer coisas em comum” (1996, p. 186). Na ausência de definição de um objeto de estudo comum e, conseqüentemente, de um método específico para operacionalizar a pesquisa, eis que os métodos sociológicos, especialmente os desenvolvidos a partir de Chicago, serão sucessivamente adequados aos estudos de fenômenos comunicacionais. Recorre-se à etnografia, à observação participante, às histórias de

vida e aos estudos de caso, o que pode ser encontrado, por exemplo, em Goldenberg (2007), na coletânea de Duarte; Barros (2008), bem como em Braga (2008).

Nessa instância, no contexto de métodos e técnicas emprestados, insere-se a pergunta anterior que auxilia a construção metódica desde o saber comunicacional, ou seja, a indagação: qual é o objeto da comunicação? Braga (2011a) inicia apontando para a interdisciplinaridade da área, quando diferentes angulações permitem olhar para a sociedade e, portanto, construir objetos de pesquisa. E continua na passagem “ainda que transversais a vários campos, estes diversos temas são facilmente subsumidos ao ângulo de interesse de cada disciplina. No diálogo entre uma disciplina e outra, são essas angulações específicas que são cotejadas para ampliar o enfoque” (BRAGA, 2011a, p. 64). E dessa maneira, constitui-se:

(...) um ‘lugar’ epistêmico de ocorrência dos episódios comunicacionais, em que os diversos elementos sociais, heterogêneos, se articulam e tencionam, segundo determinados sistemas de relações, em função mesmo dos objetivos comunicacionais da sociedade e seus setores (BRAGA, 2011a, p. 76).

No diagnóstico inscrito por Martino (2008), a partir dessas características epistemológicas, não se define consensualmente o objeto da Comunicação. O autor recorre a Wolf (1999) como a primeira obra básica fundamental publicada no contexto brasileiro discorrendo sobre teorias, quando entram em cena a cultura de massa e os meios, referido anteriormente. Assim, Martino critica esse cenário e desenvolve a ideia de um objeto da Comunicação situado no conceito de atualidade mediática (KÜNSCH; BARROS, 2008). As concepções acerca do objeto da Comunicação costumam dividir entendimentos, desde ângulos e indicações teóricas que formam a diversidade de temas acerca de fenômenos, onde se inscreve, afinal, seu caráter de especificidade desde processos comunicacionais (BRAGA, 2011a).

Ao considerar a reflexão metódica acerca da construção do objeto de pesquisa, proveniente da diversidade de temas que compõe a fragmentação encontrada desde a Comunicação, possíveis mudanças que ocorram no processo metodológico podem acarretar em outras alternativas metódicas e abordagem teórica. Aliado a isso, considera-se a dimensão sensitiva/emotiva, crucial na construção do conhecimento e que influencia a prática da pesquisa (MALDONADO, 2002, p. 4). Por isso, Demo sintetiza que a objetividade completa é um mito e, inicialmente, não traz um problema

metodológico em si. Segundo o autor, ocorrem carências metodológicas situadas em tentativas de:

- dogmatizar o ponto de vista, negando outros;
- eliminar a objetivação, tornando a captação da realidade subserviente à ideologia;
- negar pressupostos gratuitos, de modo a posar de neutro e evidente;
- negar distinções lógicas, ainda que na realidade façam parte do mesmo todo (2014, p. 81).

Braga (2011b), propõe que o percurso da formação em pesquisa perpassa a compreensão metodológica para além de informações sobre teorias e métodos. Ao contrário, constitui-se de decisões contínuas, apoiadas em um conjunto teórico norteador, e assim, nesse sentido, sem aprisionar o objeto empírico. Esse posicionamento corrobora com a postura autônoma esperada pelo pesquisador, em formação contínua. Sendo assim, defende-se que o empréstimo de métodos e técnicas ocorra desde um entendimento pleno do pesquisador, levando em consideração que, tanto estudos que remetem a análise estrutural, quanto aqueles voltados a indivíduos, estão presentes no âmbito da Comunicação, portanto, desde autonomia diante do estudo que se constrói e que servirá de referência.

Importa lembrar que o empréstimo de métodos ocorre, também, na formação das Ciências Sociais, desde uma concepção inicial de Física Social, com o intuito de equiparar-se às ciências nomotéticas, como referido anteriormente. Assim, antes do desenvolvimento de métodos sociológicos, cujo objeto está no social, ou ainda, em referência a Becker (1996), nas interações sociais, recorre-se ao empréstimo de métodos desde a matemática, especialmente no que tange à estatística na Sociologia que, afinal, se consolidam metodicamente e a definem, fortemente, até hoje.

No sentido da reflexão em torno do saber metodológico comunicacional, importa problematizar o entendimento acerca de ciência e método com o intuito de compreender o que, de fato, a instância metodológica significa na pesquisa. Compreende-se um contexto de tensão, portanto, no uso de métodos advindos de problematizações de outras áreas do conhecimento, a fim de encaixarem-se aos problemas comunicacionais, quando se desvia a discussão metodológica e o entendimento, inclusive, do conceito metodologia no processo de pesquisar. Russi-Duarte (2007) traz à tona a questão, especificamente no ingresso/egresso de

estudantes da graduação no país e pós-graduação em Comunicação, no âmbito da Universidade de Brasília (UnB), onde constata que:

Nesse ambiente, pode-se falar de ausência de noções básicas e falta de clareza no que tange principalmente a: o campo da comunicação, os projetos de pesquisa, a pesquisa em si – método, objeto de pesquisa, problema de pesquisa, técnicas, instrumentos, desenho metodológico, misto entre: técnica, método e metodológico. Também se denota a confusão feita pela opinião vulgar na dicotomia da pesquisa como de tipo fácil/difícil, simples/complicado, possível/impossível e assim por diante (2007, p. 4)

Com relação a esse panorama, Braga (2011b) propõe encontros para apresentação e discussão de trabalhos na formação de mestrandos e doutorandos. Aliado a isso, emerge a noção/ideia de eixos, que remete a ligações no desenho da pesquisa, ao invés da utilização da ideia de recorte, que isola coisas. Assim, o olhar metódico que se mune de uma lente de aumento centrada no aprendizado exclusivo da experiência científica, é passível de refutação da experiência processual da pesquisa. O cuidado com a empiria é que, ao ser exaltada, acaba por minar a formulação conceitual como aspecto chave do pensamento. Importa lembrar que se vive em uma cultura onde o aprendizado se dá através de exemplos, e não através de conceitos, onde há uma naturalização pela busca por responder perguntas, alcançar resultados e, desde o paradigma da medida (BACHELARD, 1996), fazer emergir dados. Estes, logo, pairam órfãos de uma problematização necessária, e que significa permitir a reflexão diante do caminho a seguir.

Na emergência deste panorama epistemológico, outro possível questionamento, refere-se a como superar o lugar comum e construir uma fala própria desde o lugar distinto de pesquisador (a), remetendo a Foucault (2008), quando existem indicativos suficientes da falta de diálogo referente ao metodológico na Comunicação. Preocupação semelhante à de Maldonado (2002), na construção de uma perspectiva *trans*, especificamente acerca da pesquisa em Comunicação, como referido anteriormente. A transmetodologia é formulada como opção viável, especialmente afinada com o contexto social latino-americano:

A nossa opção epistemológica que situou a investigação como valor central de orientação real nas práticas de trabalho, mostrou-se forte, prolífica, coerente com as necessidades socioculturais contemporâneas de *Nossa América*, comprometida com o aperfeiçoamento das comunidades de investigação científica da área,

e renovadora da formação investigativa e intelectual das novas gerações (2012, p. 35).

Aliado a isso, Galindo Cáceres contribui na elaboração de uma proposta pedagógica de entendimento da Comunicação, que nomeia *Comunicometodología*, a qual se agrega à dimensão prática da interação e chave de construção social (2005, p. 15). Na sequência, o autor inclui que constitui a tarefa da *Comunicometodología* “(...) recorrer ese gradiente con todas sus opciones, para llevar a los actores, primero, a la síntesis de la representación y, después, a la búsqueda y resultado de una solución” (2005, p. 18). Na conclusão, afinal, sugere a necessidade de investigar *a, com e na* Comunicação.

Ao relembrar o caráter fragmentário que constitui o saber comunicacional, a obra de Tavares (2010) dialoga com essa questão. No livro, o autor inscreve o pensamento fragmentário como constante, ao invés da tendência por separações disciplinares que, nesse sentido, limitam o processo criativo. Para isso, inclusive, busca escrever em tom ensaístico, na emergência de proposições e ideias que permitem pensar. Assim, abrem-se possibilidades para formular pontos de saída à conjuntura de não saber metodológico, identificada desde Russi-Duarte (2007). Outra possível relação, afinal, encontra-se na proposta de diálogo, que se encontra em Galindo Cáceres (2005), ao conjugar a ideia de *Comunicometodología*, com vistas a potencializar a construção, logo, do saber metodológico comunicacional.

Por fim, esse e os demais tópicos, foram vistos até agora no sentido de proposições e relações teóricas que seguem uma lógica de contextualização, na medida em que objetivam construir a proposta de conhecimento teórico acerca do problema de pesquisa. Ao mesmo tempo, auxiliam a instância do metodológico e a construção do objeto de pesquisa. Assim, a partir do próximo capítulo, serão particularizadas as ações metódicas a fim de, ao final, buscar regularidades que permitem entender a concepção metodológica acerca do saber comunicacional, a partir de textos científicos produzidos para/em comunidades de encontro referenciais.

5. A produção acadêmica em comunidades de encontro

Esse capítulo discorre sobre o processo de construção metodológica, onde se realiza a verificação empírica de regularidades, que possibilitam construir inferências desde o saber metodológico, no âmbito de encontros referenciais na Comunicação. Nessa instância, delimita-se a análise documental dos textos produzidos em cinco anos, de 2012 a 2016, nas comunidades de encontro Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación, referente à Alaic, Epistemologia da Comunicação, referente à Compós e Teorias da Comunicação, referente à Intercom. Procura-se, portanto, contextualizar os percursos das entidades que organizam eses encontros, descrevendo-as em suas particularidades. Além disso, discute-se o entendimento de comunidades de encontro e as discussões distintas através dos ementários, na localização dos grupos como possíveis espaços de discussão metodológica. Aliado a isso, encontra-se o tópico que aprofunda a construção do objeto de pesquisa desde os textos científicos, incluindo sua caracterização e inserção singular como meio de discussão e difusão do conhecimento científico. Ao final, insere-se o primeiro movimento metódico na identificação de esferas analíticas.

A delimitação do conjunto de textos em análise tem início com a pesquisa exploratória nas bases de dados disponíveis dos referidos eventos. No processo de qualificação doutoral, iniciou-se uma possibilidade de olhar metódico a partir das produções referentes aos anos 2014 e 2015, desde as comunidades de encontro mencionadas, nos eventos organizados pela Alaic, Intercom e Compós. Após essa fase, ampliou-se a esfera empírica para o período que engloba os anos 2012 a 2016, no sentido de optar pela intensidade analítica presente nos cinco últimos anos, ao invés de outros possíveis direcionamentos metódicos. Aliado a essa opção, registra-se o auxílio instrumental através da obtenção de licença do programa MaxQda²⁶. No âmbito numérico, afinal, a fase exploratória contou com 72 textos sendo que, com a ampliação do período de análise, esse conjunto soma 262 textos.

²⁶ O software é desenvolvido pela Verbi GmbH, com sede em Berlin (Alemanha). A primeira versão para análise textual foi intitulada “Max”, criada em 1989 pelo prof. Dr. Udo Kuckartz, pesquisador de metodologia ligado ao departamento de Educação na Philipps-University Marburg. Em 2017, encontra-se na 12ª versão. Disponível em: <http://www.maxqda.com/> Acesso em: 03 jun. 2017

A decisão metódica propicia, logo, a ocorrência de cinco edições, porquanto que são anuais, dos eventos Compós e Intercom, além de abranger três edições do evento Alaic, que ocorre com periodicidade bianual. Os eventos foram escolhidos por representarem entidades organizadas em torno de ações que culminam nos três congressos, de teor representativo desde a Comunicação no âmbito do Brasil e da América Latina (com a participação periódica de pesquisadores brasileiros). Assim, o fator determinante para a abrangência de cada edição, que além de contar com números expressivos de participantes, como é o caso da Alaic e, principalmente, Intercom, também estabelece-se desde sua referencialidade, através de esforços da comunidade acadêmica envolvida, no sentido da periodicidade dos eventos de forma recorrente e ininterrupta, atividades paralelas, bem como instância de formação institucional acadêmica em torno do saber comunicacional, no que se destaca, desde a conjuntura da pós-graduação, a Compós.

Doravante, portanto, importa assinalar o percurso de associações promotoras de encontros acerca do saber comunicacional, o que inclui a produção textual periódica que resulta desses eventos. As associações definem-se por suas características organizativas bem como ajudam a formar as bases institucionais do campo.

5.1 Percursos: Alaic, Compós e Intercom

Uma forma interessante de iniciar esse tópico, encontra-se na enciclopédia internacional de Comunicação organizada por Donsbach (2008, p. 683). Nela, descreve-se que o campo da Comunicação é servido por duas associações de abrangência internacional, quais sejam, a International Communication Association (ICA) e International Association for Media and Communication Research (IAMCR), além de outras sociedades internacionais com foco em assuntos especializados, tais como World Association of Public Opinion Research (WAPOR), a International Association of Language and Social Psychology (IALSP) e a International Association for Relationship Research (IARR).

Segundo a enciclopédia, a ICA é fundada nos Estados Unidos, nos anos 1950, com nomenclatura inicial de National Society for the Study of Communication (NSSC). A associação também lança, em 1951, o Journal of Communication, sendo

que sua reorganização e adoção da nomenclatura atual ocorre em 1969. O crescimento e internacionalização da entidade inicia-se a partir de 2007, com a participação de membros de 76 países, os quais constituem 21 grupos de trabalho ou divisões, referentes ao campo da Comunicação e estudos de mídia.²⁷ Já a IAMCR teve um início diferente da anterior, ao ser fundada em 1957 pela Assembleia Constituinte da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em Paris. Embora esse seja um momento emblemático de polarização representado pela Guerra Fria, a entidade constitui-se com enfoque na diversidade, com a participação de pesquisadores da União Soviética e outros países para além do eixo Estados Unidos – Europa. Além disso, desde o panorama midiático no início dos anos 90, IAMCR muda sua nomenclatura, permanecendo com a mesma sigla, para tornar-se a International Association for Media and Communication Research.²⁸

Apesar do enfoque internacional, as duas associações destacadas na enciclopédia, de matriz linguística predominantemente baseada no inglês²⁹, dentre outras razões, acabam por não representar os enfoques epistêmicos e trabalhos da incipiente comunidade acadêmica que vai se formando no continente latino-americano, a partir da segunda metade do século XX. Dessa forma, há o espaço para o surgimento de associações científicas locais, sendo que as primeiras são criadas entre o final da década de 70 até o início dos anos 90.

Entre elas, destacam-se as associações promotoras dos eventos cujos textos constituem esse trabalho, as quais reúnem, periodicamente, outros milhares de pesquisadores em encontros que ocorrem em português e espanhol, tornando-se referências acerca do saber comunicacional, como mencionado anteriormente. Essa perfaz uma questão que assegura, de qualquer forma, a importância da criação dessas associações para o crescimento e o fomento da institucionalização desde área da Comunicação no Brasil e continente latino-americano. Nesse sentido, a Alaic, Compós e Intercom passam a ser caracterizadas a seguir.

²⁷ Essas informações estão contidas no site institucional da associação. Disponível em: www.icahdq.org Acesso em: 29 nov. 2016.

²⁸ Essas informações podem ser encontradas no site institucional da associação. Disponível em: www.iamcr.org Acesso em 29 nov. 2016

²⁹ A fim de ilustrar a questão, somente no Congresso IAMCR realizado em Cartagena (Colômbia) em 2017 que o espanhol passou a integrar a língua oficial do evento, juntamente com a língua inglesa.

5.1.1 Notas sobre Alaic

A Alaic é criada em 1978 com a finalidade de reunir investigadores latino-americanos da Comunicação no intuito de impulsionar o desenvolvimento da pesquisa comunicacional e consolidar uma comunidade acadêmica na região. Os pesquisadores fundadores que se articularam para tal feito foram Antonio Pasquali, Luis Ramiro Beltrán, Jesus Matín-Barbero, Alejandro Alfonso e Marco Ordoñez. Em um contexto de formação da comunidade mundial de pesquisadores de Ciências da Comunicação, o mote inicial é também obter maior representatividade institucional frente à UNESCO e IAMCR. A entidade disponibiliza o acesso ao regulamento, com informações de admissão de associados, acerca da caracterização de grupos temáticos, organização de congressos e seminários, apresentação de trabalho para congressos e seminários, convocação de eleições para o comitê diretivo, normas para submissão de artigos para a Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, finalizando com questões pertinentes à gestão do site da associação.³⁰

No período que concerne a essa pesquisa, a associação realizou três congressos, que perfazem nessa ordem, respectivamente, o XI Congreso em Montevideu, Uruguai, em 2012, XII Congreso em Lima, Peru, em 2014 e XII Congreso realizado na Cidade do México, em 2016. Também existem encontros paralelos, tais como seminários e outras iniciativas que ocorrem durante o intervalo dos congressos maiores. Nessas oportunidades, há espaço para a socialização de resultados acadêmicos através da publicação de livros e outros documentos.

A associação é formada por 19 grupos temáticos³¹, que funcionam como espaço de “intercâmbio e trabalho acadêmico” entre os participantes. O quadro abaixo, congrega o conjunto de grupos designados em nomenclatura bilíngue, preconizada pela associação:

Grupos Temáticos Alaic	
1	Comunicación Intercultural y Folkcomunicación / Comunicação Intercultural e Folkcomunicação
2	Comunicación Organizacional y Relaciones Públicas / Comunicação Organizacional e Relações Públicas
3	Comunicación Política y Medios / Comunicação Política e Mídia

³⁰ Informações obtidas na página institucional da associação na internet. Disponível em: <https://www.alaic.org/site/associacao/> Acesso em: 05 jun. 2017

³¹ Informações disponíveis na página do Alaic no seguinte endereço: <http://alaic.org/site/grupos-de-trabalho/> Acesso em 05 jun. 2017

4	Comunicación y Educación / Comunicação e Educação
5	Comunicación y Salud / Comunicação e Saúde
6	Economía Política de las Comunicaciones / Economia Política das Comunicações
7	Estudios de Recepción / Estudos de Recepção
8	Comunicación Popular, Comunitaria y Ciudadanía / Comunicação Popular, Comunitária e Cidadania
9	Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación / Teoria e Metodologia da Pesquisa em Comunicação
10	Comunicación, Tecnología y Desarrollo / Comunicação, Tecnologia e Desenvolvimento
11	Comunicación y Estudios Socioculturales / Comunicação e Estudos Socioculturais
12	Comunicación para el Cambio Social / Comunicação para Mudança Social
13	Comunicación Publicitaria / Comunicação Publicitária
14	Discurso y Comunicación / Discurso e Comunicação
15	Comunicación y Ciudad / Comunicação e Cidade
16	Estudios sobre Periodismo / Estudos sobre Jornalismo
17	Historia de la Comunicación / História da Comunicação
18	Ética, Libertad de Expresión y Derecho a la Comunicación / Ética, Liberdade de Expressão e Direito à Comunicação
19	Comunicación Digital, Redes y Procesos/ Comunicação Digital, Redes e Processos

Quadro 2 - Grupos Temáticos ALAIC

Fonte: Barth, D. L. [2017]

Ao focar possibilidades de discussão metodológica, as ementas dos grupos temáticos indicam tendências inseridas, inicialmente, no entendimento/associação entre teoria e metodologia, que ocorre no grupo Comunicação e Saúde e Estudos de Recepção. Há, ainda, indicações à metodologia desde a instância de interesse de discussão de cada grupo, assim, aparece a ideia de desenvolvimento metodológico no grupo Comunicação e Saúde e enfoques metodológicos, desde Estudos de Recepção. No grupo Discurso da Comunicação, a possibilidade de discussão surge a partir do trio epistemologia/teoria/metodologia. Já no grupo História da Comunicação, há a menção de debater metodologias de pesquisa na investigação desde o direcionamento histórico. Os demais grupos, afinal, não apresentam considerações explícitas de possíveis discussões desde a metodologia.

Importa referir ainda que, de modo geral, os 19 grupos temáticos não seguem um padrão normativo na apresentação de suas ementas. Dessa maneira, abre-se espaço à diversidade com a apresentação de textos sucintos ao passo que outras ementas contêm extensos parágrafos, a que se adicionam, por vezes, demais itens de possíveis discussões.

Isso posto, no que diz respeito ao grupo Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación, este será visto, particularmente, no decorrer do

capítulo, uma vez que abrange reflexões epistemológicas da produção de conhecimento no campo da Comunicação desde sua ementa, o que inclui o viés metodológico. Assim, como referido anteriormente, perfaz o conjunto de textos em análise desse trabalho.

5.1.2 Notas sobre Compós

A Compós oficializou-se em 19 de novembro de 1991, em Brasília, fruto da articulação de pesquisadores tais como Sérgio Porto, Antônio Fausto Neto e José Luis Braga.³² Inicialmente, congregou os programas de pós-graduação da Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Instituto Metodista de Ensino Superior (IMS) e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), os quais assinam o estatuto em 16 de junho daquele mesmo ano, em Belo Horizonte. Trata-se de sociedade civil sem fins lucrativos que reúne os programas de pós-graduação em Comunicação do Brasil e tem sua sede em Brasília, com apoio da Capes e do CNPq.³³

O objetivo principal da Compós configura-se no fortalecimento e qualificação dos cursos de mestrado e doutorado, bem como a consolidação do campo, sendo que, atualmente, a entidade reúne 50 programas de pós-graduação em Comunicação.³⁴ Nesse propósito, anualmente, a entidade promove a premiação de trabalhos de estudantes de pós-graduação através do prêmio Compós de Teses e Dissertações Eduardo Peñuela, cujos títulos e justificativa de participação são atribuídos ao PPG onde o trabalho foi produzido, o qual é analisado por comissões julgadoras independentes.³⁵

Além disso, prioriza encontros com a finalidade de cooperação, integração e intercâmbio entre os programas da área, onde procura incentivar a participação da

³² Dados socializados no seminário Rumos da Pós-graduação, realizado no auditório da Faculdade de Comunicação (FAC/UnB), em 24 de junho de 2016.

³³ A ata de criação da Compós consta na íntegra no site da associação. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_680.pdf Acesso em: 06 jun. 2017.

³⁴ É importante mencionar, a variedade de nomenclaturas dos programas, cujos dados podem ser acessados através da plataforma Sucupira, mantida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/>. Acesso em 27 mar. 2017

³⁵ As orientações acerca da premiação constituem regulamento publicado pela entidade em sua página na internet. Disponível em: http://compos.org.br/data/biblioteca_1791.pdf. Acesso em: 06 jun. 2017.

comunidade acadêmica em políticas específicas, na defesa pelo aperfeiçoamento e desenvolvimento profissional, teórico e também cultural, científico e tecnológico. No estatuto da associação, consta o detalhamento organizacional, a função dos conselhos e da diretoria e o respectivo regime eleitoral, que prevê a eleição de presidência a cada dois anos, durante o evento.³⁶ Os grupos de trabalho passam por avaliações em cada evento, bem como periódicas, em um processo chamado “reclivagem”.³⁷ Os encontros são realizados em edições anuais e congregam 17 grupos de trabalho (GT’s), definidos no quadro abaixo:

Grupos de Trabalho Compós	
1	Comunicação e cibercultura
2	Comunicação e cultura
3	Comunicação e política
4	Comunicação e sociabilidade
5	Cultura das mídias
6	Epistemologia da comunicação
7	Estudos de jornalismo
8	Estudos de cinema, fotografia e audiovisual
9	Recepção: processos de interpretação, uso e consumo midiáticos
10	Comunicação e cidadania
11	Comunicação e experiência estética
12	Estudos de televisão
13	Imagem e imaginários midiáticos
14	Práticas interacionais e linguagens na comunicação
15	Memória nas mídias
16	Estudos de som e música
17	Consumo e processos de comunicação

Quadro 3 - Grupos de Trabalho Compós

Fonte: Barth, D. L. [2017]

Ao consultar as ementas que elencam assuntos de discussão em cada grupo, é possível observar que há um padrão constante, que encaminha os textos em um sentido de sintetização das ideias e construção efetiva de pontos de discussão. No que concerne às menções de metodologia, esta aparece comumente relacionada ao assunto principal que norteia o grupo. Assim, são recorrentes às associações de teoria e metodologia desde os grupos Comunicação e cidadania, Imagem e imaginários midiáticos bem como Práticas interacionais e linguagens na comunicação. Além

³⁶ O estatuto e demais informações foram consultadas no site da Compós. Disponível em: http://www.compos.org.br/a_compos.php Acesso em 06 jun. 2017.

³⁷ A partir do encontro da Compós em 2018, os GT’s serão extintos para dar lugar a novas configurações que se desdobram em novos grupos ou a manutenção daqueles que proponham renovação em suas ementas e objetivos. Essas informações estão disponíveis no site da entidade, cujo endereço é http://www.compos.org.br/gts_informacoes.php#sistemica Acesso em: 11 out. 2017.

disso, há também a inserção do trio teoria/metodologia/empíria, no entendimento que distingue as duas últimas instâncias, que ocorre nos grupos Comunicação e cibercultura e Estudos de som e música. No grupo Recepção: processos de interpretação, uso e consumo midiáticos menciona-se outro trio que se localiza em dimensões teóricas, epistemológicas e metodológicas, relacionadas à pesquisa interdisciplinar. Há menções de metodologias de ensino, no grupo Estudos de jornalismo, novas abordagens e metodologias, no grupo Cultura das mídias e, afinal, a referência à aparatos críticos e metodológicos na análise de fenômenos televisivos, desde o grupo Estudos de televisão.

Os demais grupos não mencionam possíveis discussões no âmbito da metodologia e, por fim, há o grupo Epistemologia da Comunicação que se propõe a estudar a Comunicação enquanto área bem como os limites de seu objeto científico, o qual abrange o viés metodológico, consoante sua ementa. Assim, será caracterizado posteriormente, uma vez que congrega, dessa forma, o conjunto de textos em análise desse trabalho.

De qualquer forma, importa referir que a discussão por meio digital, especialmente via e-mail, ocorre de maneira recorrente também em lista de discussão que a entidade mantém. Isso demonstra preliminarmente, a vitalidade dos integrantes da associação ao passo que, por vezes, ocorrem discussões paralelas, como em maio de 2016, que será detalhada posteriormente, uma vez que o teor é pertinente do ponto de vista metódico desse trabalho.

5.1.3 Notas sobre Intercom

A Intercom apresenta-se em sua página na internet como “instituição sem fins lucrativos, destinada ao fomento e à troca de conhecimento entre pesquisadores e profissionais atuantes no mercado”, elegendo o foco interdisciplinar com vistas a contemplar a diversidade da área.³⁸ A associação passa a integrar atividades de desenvolvimento da produção acadêmica desde 12 de dezembro de 1977, tendo como sede São Paulo, com destaque para a iniciação científica de graduandos e recém graduados da área da Comunicação. Além disso, oferece prêmios em suas edições

³⁸ Estas e demais informações, doravante mencionadas, encontram-se no site institucional da associação. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br> Acesso em 06 jun. 2017

anuais, a fim de reconhecer estudantes e professores/pesquisadores que se destacam em seus trabalhos.

A maior quantidade de prêmios é concedida durante a Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação (EXPOCOM), destinada a jovens pesquisadores e que se encontra dividida em extensa lista de modalidades, com orientação docente e indicação de instituição de ensino superior. O regulamento esclarece o caráter simbólico da premiação, inserido na proposta de qualificação do currículo dos vencedores, sendo útil para maiores oportunidades no mercado de trabalho, conforme anunciado em sua divulgação via internet. A ênfase situa-se, portanto, desde a instância produtiva, assim, mesmo que ocorra espaço para a descrição do processo de realização de trabalhos, a lógica visa premiar o resultado, que marca uma constante.

A especialização em áreas e subáreas é evidente, e também serve como panorama da diversidade de temas que abrangem a Comunicação no âmbito brasileiro, desde campo institucionalizado. Além disso, demonstra a sintonia com a lógica mercadológica que orienta os cursos superiores, distintos em pluralização de ênfases, em um processo fragmentário intradisciplinar constante. Algo que ilustra esse modo de pensar, encontra-se no afastamento de uma abordagem em Comunicação e habilidades, para seguir a ideia na ênfase produzida pela especialização, que atende, desse modo, à criação de diretrizes próprias normatizadas junto ao Ministério da Educação.³⁹ A divulgação do prêmio Expocom, portanto, reflete esse panorama, cujos temas premiados iniciam-se desde o Jornalismo. As modalidades reconhecidas encontram-se no quadro abaixo:

Prêmio Expocom – Jornalismo	
1	Agência Júnior de Jornalismo (conjunto/série)
2	Projeto de Assessoria de Imprensa (avulso)
3	Jornal-Laboratório Impresso (conjunto ou série)
4	Revista-Laboratório Impressa (conjunto ou série)
5	Produção Laboratorial em Audiojornalismo e Radiojornalismo (avulso/conjunto ou série)
6	Produção Laboratorial em Videojornalismo e Telejornalismo (avulso/conjunto ou série)

³⁹ O movimento de desvinculação desde um entendimento abrangente, situado na Comunicação Social, tem início com a publicação das diretrizes de funcionamento para o curso Jornalismo, através da Resolução CNE/CES n° 1, de 27/09/2013, bem como Relações Públicas, por meio da Resolução CNE/CES n° 2, de 27/09/2013. Esse movimento amplia-se para outros cursos, a exemplo de Publicidade e Propaganda, cujas diretrizes curriculares encontram-se em reformulação no Ministério da Educação. As diretrizes já publicadas estão disponíveis em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12991-diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao> Acesso em: 20 out. 2017.

7	Produção em Jornalismo Digital (avulso/conjunto ou série)
8	Reportagem em Jornalismo Impresso (avulso)
9	Reportagem em Radiojornalismo (avulso)
10	Reportagem em Telejornalismo (avulso)
11	Livro-Reportagem (avulso)
12	Produção em Fotojornalismo (avulso/conjunto e série)
13	Produção Jornalismo literário e/ou de Opinião (avulso/conjunto e série)
14	Jornal Mural (avulso/conjunto e série)
15	Documentário Jornalístico e Grande Reportagem em Áudio e Rádio (avulso/conjunto e série)
16	Documentário Jornalístico e Grande Reportagem em Vídeo e Televisão (avulso/conjunto e série)

Quadro 4 - Prêmio Expocom – Jornalismo

Fonte: Barth, D. L. [2017]

Ao seguir a lógica de apresentação preconizada no site da entidade, a próxima categoria a receber prêmios situa-se na Publicidade e Propaganda. Segue-se a mesma tendência que enfatiza o reconhecimento do trabalho pedagógico, desde o âmbito universitário, no sentido da especialização. No quadro abaixo, encontram-se as modalidades que são avaliadas nessa instância:

Prêmio Expocom – Publicidade e Propaganda	
1	Agência Júnior de Publicidade e Propaganda (conjunto/série)
2	Campanha Promocional (conjunto/série)
3	Campanha Publicitária (conjunto/série)
4	Pesquisa Mercadológica (avulso)
5	Jingle (avulso)
6	Spot (avulso)
7	Filme Publicitário (avulso)
8	Fotografia Publicitária (avulso)
9	Anúncio Impresso (avulso)
10	Cartaz (avulso)
11	Outdoor (avulso)
12	Publicidade em Mídia Digital (avulso ou conjunto)
13	Publicidade em outros meios (avulso)

Quadro 5 - Prêmio Expocom – Publicidade e Propaganda

Fonte: Barth, D. L. [2017]

Outro ramo de especialização situa-se no âmbito das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional, as quais constituem frentes que ensejam cursos distintos, desde o rol universitário que os oferecem, muito embora surjam, na instância de premiação, de forma associada. Seguindo a lógica fragmentária, essas poderão ser particularizadas ou, ainda, absorvidas em um entendimento único, possibilidades que, de qualquer forma, determinam-se por distintos entendimentos,

alcançados pela via de excessos em suas condições internas. Desde o parâmetro situacional encontrado, o prêmio reconhece trabalhos das modalidades dispostas no quadro abaixo:

Prêmio Expocom – Relações Públicas e Comunicação Organizacional	
1	Agência Júnior de Relações Públicas (conjunto/série)
2	Pesquisa em Relações Públicas (avulso)
3	Organização de Evento (avulso)
4	Projeto de Assessoria de Comunicação Empresarial (avulso)
5	Projeto de Assessoria de Comunicação Governamental (avulso)
6	Projeto de Assessoria de Comunicação para o Terceiro Setor (avulso)
7	Produto de Comunicação Institucional Impresso (avulso)
8	Produto de Comunicação Institucional Radiofônico (avulso)
9	Produto de Comunicação Institucional Digital (avulso)
10	Produto de Comunicação Institucional Audiovisual (avulso)
11	Planejamento Estratégico de Relações Públicas (avulso)

Quadro 6 - Prêmio Expocom – Relações Públicas e Comunicação Organizacional

Fonte: Barth, D. L. [2017]

Outra especialização que emerge é a categoria Cinema e Audiovisual que, semelhante à anterior, demonstra um movimento de associação. Entretanto, nesse caso, existe a distinção concomitante que não se refere quanto ao curso, senão por meio de um entendimento de linguagem empregada de forma distinta. Nessa categoria, encontram-se modalidades de premiação no quadro abaixo:

Prêmio Expocom – Cinema e Audiovisual	
1	Filme de Ficção (avulso)
2	Filme de Não Ficção/Documentário/Docudrama (avulso)
3	Filme de Animação (avulso)
4	Videoclipe (avulso)
5	Roteiro de Filme de Ficção (avulso ou seriado)
6	Roteiro de Filme de Não Ficção (avulso ou seriado)
7	Fotografia em Movimento (avulso ou seriado)
8	Vinheta (avulso)

Quadro 7 - Prêmio Expocom – Cinema e Audiovisual

Fonte: Barth, D. L. [2017]

Na sequência, destaca-se a categoria que congrega premiações de Rádio, TV e Internet. Nesse caso, o movimento é o de agregar premiações de trabalhos direcionados a especificidades de três diferentes meios que suscitam, também, diferentes linguagens. Os prêmios correspondem às seguintes modalidades:

Prêmio Expocom – Rádio, TV e Internet	
1	Programa Laboratorial de Áudio (avulso ou seriado)
2	Programa Laboratorial de TV (avulso ou seriado)
3	Ficção em Áudio e Rádio – Audiodramatização, Peça Radiofônica e afins (avulso ou seriado)
4	Ficção em Vídeo – Telenovela, Séries Televisivas e afins (avulso ou seriado)
5	Produção Audiovisual para Mídias Digitais (avulso ou seriado)
6	Blog (avulso)
7	Website (avulso)

Quadro 8 - Prêmio Expocom – Rádio, TV e Internet
 Fonte: Barth, D. L. [2017]

Por fim, a categoria Produção Transdisciplinar reconhece trabalhos no sentido de abrangência maior, ou seja, unidades de premiação ainda não especializadas incluem-se em um sentido transdisciplinar. Essa perfaz uma última categoria de premiação no rol de possibilidades, segundo a lógica apresentada na divulgação via internet. As modalidades incluem certa diversidade e estão elencadas abaixo:

Prêmio Expocom – Produção Transdisciplinar	
1	Edição de Livro (avulso)
2	Design Gráfico (avulso)
3	Ensaio Fotográfico Artístico (conjunto)
4	Fotografia Artística (avulso)
5	Fotonovela (avulso ou série)
6	Charge/Caricatura/Ilustração (avulso)
7	Embalagem (avulso)
8	Histórias em Quadrinhos (avulso)
9	Roteiros de Games (avulso)
10	Projeto de Comunicação Integrada (avulso)
11	Produção Multimídia (avulso)
12	Revista Customizada (avulso)
13	Comunicação e Inovação (avulso)
14	Games (avulso)

Quadro 9 - Prêmio Expocom – Produção Transdisciplinar
 Fonte: Barth, D. L. [2017]

Além da premiação apresentada e que concerne ao Expocom, ocorrem outras possibilidades de reconhecimento profissional. Assim, na sequência, Luiz Beltrão intitula outro prêmio concedido pela entidade, sendo menos extensa que a anterior, uma vez que é distinta em duas categorias. A primeira delas é “Liderança Emergente”, concedida a jovens doutores de projeção local ou regional que se destacam pela seriedade de seu trabalho. Já a segunda intitula-se “Maturidade Acadêmica”, e é indicada desde o conjunto da obra de um pesquisador sênior de

reconhecimento nacional e/ou internacional. Além disso, ainda há premiação para instituições que se destaquem pela inovação em pesquisa.

Outro prêmio intitula-se Freitas Nobre, e é concedido aos estudantes de doutorado que participam nos grupos de pesquisa durante o congresso nacional organizado pela entidade. Há, ainda, o prêmio Francisco Morel, que se destina de forma semelhante, no caso, a estudantes de mestrado. Ambas premiações acontecem em etapas, iniciando pela seleção dos trabalhos pelos coordenadores do evento e submissão a um júri de professores especializados. O mesmo ocorre no prêmio Vera Giangrande, concedido a estudantes de graduação e recém-graduados em Comunicação Social, que apresentam trabalho durante o congresso, porém em modalidade específica, intitulada Intercom Júnior. Por fim, o Troféu José Marques de Melo é concedido a pesquisadores na concepção de maturidade acadêmica, os quais apresentam um conjunto de trabalho referencial na região em que ocorre o congresso.

Com seus 1,7 mil associados, a Intercom organiza encontros periódicos por regiões (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul), além de congresso nacional que ocorre desde 1977 e, atualmente, recebe milhares de participantes em edições anuais, entre alunos de graduação e pós-graduação, pesquisadores e profissionais da área. Além disso, ocorrem eventos paralelos, tais como cursos, lançamento de livros e revistas especializadas, bem como parcerias com institutos e órgãos de incentivo à pesquisa no Brasil e exterior.⁴⁰

Durante o congresso, ocorrem apresentações de pesquisas em oito divisões temáticas, as quais congregam 32 grupos de pesquisa, cuja lógica de apresentação apresenta certas semelhanças à encontrada desde a premiação da Expocom, vista anteriormente. A começar pela primeira divisão que se situa no Jornalismo, com cinco ramificações que ensejam apresentações de trabalhos, conforme o quadro abaixo:

Divisão Temática Jornalismo	
1	Gêneros Jornalísticos
2	História do Jornalismo
3	Jornalismo Impresso
4	Teorias do Jornalismo
5	Telejornalismo

Quadro 10 - Divisão Temática Jornalismo

Fonte: Barth, D. L. [2017]

⁴⁰ Importa mencionar, novamente, que as informações referenciadas no texto estão publicadas no site da associação. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br> Acesso em 05 jun. 2017

Nesse agrupamento, cada grupo de pesquisa disponibiliza uma ementa de possíveis conteúdos de abordagem sendo que esses demonstram a concentração de temas que envolvem as também possíveis discussões. Dentre elas, distinguem-se elementos interessantes para essa contextualização, como a ementa de História do Jornalismo. Nela, incluem-se pontos de discussão tais como “conceitos sobre História da Comunicação e do Jornalismo”; “conceitos e princípios de periodização para uma História do Jornalismo”; “discussões sobre os conceitos de Imprensa e de Jornalismo”; “conceitos sobre Imprensa e Jornalismo que circulam a cada momento”; “diferentes produtos de Jornalismo, editoriais, conceitos sobre o produto jornal, revista, etc”; sendo que nas palavras-chave, que indexam a ementa, consta, ainda, “Conceitos de Imprensa”. Recorre-se, à princípio, a uma ênfase na proposta de discussão de conceitos que, entretanto, ignora uma perspectiva desde a epistemologia, ou aliada à ideia de epistemologia.

Outros grupos, pelo contrário, a incluem como ponto de discussão. É o caso de Jornalismo Impresso, que apresenta “Epistemologia, teoria e ensino do jornalismo impresso”, ou mesmo Telejornalismo, que inicia a ementa com “aspectos teóricos e metodológicos resultantes de pesquisa científica (...)”. Nesse sentido, observa-se, sobretudo, que a discussão epistemológica aparece de forma pulverizada nas ementas, sendo somente assumida e concentrada no grupo intitulado Teorias do Jornalismo. Nessa ementa, emerge, então, a possibilidade de “sedimentar conceitos teóricos em torno do jornalismo”, que enfatiza, portanto, a instância teórica. Ao considerar a possibilidade de discussão metodológica, essa aparece somente como item indexado desde as palavras-chave. Tendo em vista essa situação, emerge o indicador de metodologia em sua contínua vinculação à teoria, bem como de forma auxiliar dentro do contexto da divisão temática, situada, portanto, no que se assume como conhecimentos que se referem ao Jornalismo.⁴¹

Na divisão temática Publicidade e Propaganda encontra-se o grupo de mesmo nome, Publicidade e Propaganda, sem maiores ramificações, cujo mote de discussões concentra-se nos aspectos instrumentais ressaltando ensino, técnica e profissionalização do campo de atuação. O mesmo ocorre na Divisão Temática

⁴¹ Os trechos transcritos referentes aos grupos de pesquisa citados encontram-se no site da associação, particularmente na página de ementas. Essa perfaz uma observação com vistas a contextualizar o ambiente de discussão, proposto desde a associação, e que também poderia suscitar, futuramente, outras possíveis pesquisas a respeito, principalmente no que concerne a fragmentação associada ao entendimento da instância do epistemológico. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/eventos1/gps1/ementas-dtsgps> Acesso em: 11 nov. 2017.

Relações Públicas e Comunicação Organizacional cujo grupo leva o mesmo nome, onde a ênfase está na “gestão da comunicação nas organizações”.

Na sequência, encontra-se a divisão temática Comunicação Audiovisual que, ao contrário da premiação prevista na Expocom, aparece sem o integrante Cinema no título, sendo que este já se encontra setorizado como grupo. Este e os demais grupos integrantes encontram-se distintos no quadro abaixo:

Divisão Temática Comunicação Audiovisual	
1	Cinema
2	Ficção Seriada
3	Fotografia
4	Rádio e Mídias Sonoras
5	Estudos de Televisão e Televisualidades

Quadro 11 - Divisão Temática Comunicação Audiovisual

Fonte: Barth, D. L. [2017]

Nessa divisão temática, os grupos de Cinema e Fotografia relacionam-se com tópicos que não incluem, preliminarmente, possibilidades de discussão metodológica. Essa possibilidade, quando aparece, novamente está relacionada a partir da combinação com teoria. Assim, ambos grupos Ficção Seriada e Rádio e Mídia Sonora incluem “diferentes perspectivas teóricas e metodológicas” em suas ementas, no primeiro, relacionada ao campo da Comunicação e, no segundo, relacionada aos estudos radiofônicos.

A próxima divisão temática localiza-se desde o entendimento Comunicação Multimídia. Nesse conjunto, as ementas referentes aos grupos não especificam, explicitamente, possibilidades de discussão metodológica. Os três grupos formadores encontram-se relacionados no quadro abaixo:

Divisão Temática Comunicação Multimídia	
1	Comunicação e Cultura Digital
2	Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas
3	Games

Quadro 12 - Divisão Temática Comunicação Multimídia

Fonte: Barth, D. L. [2017]

Na sequência, a divisão temática divulgada pelo site da Intercom intitula-se Interfaces Comunicacionais. Esta, constitui-se de associações de Comunicação com Cultura, Divulgação Científica, Saúde, Meio Ambiente, Esporte, Educação, Música e

Entretenimento. O quadro abaixo elenca esses entendimentos, no que se inclui uma exceção, ou seja, um único grupo que se abstém de explicitar Comunicação no título, que é Produção Editorial:

Divisão Temática Interfaces Comunicacionais	
1	Comunicação e Culturas Urbanas
2	Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente
3	Comunicação e Educação
4	Comunicação e Esporte
5	Comunicação Música e Entretenimento
6	Produção Editorial

Quadro 13 - Divisão Temática Interfaces Comunicacionais

Fonte: Barth, D. L. [2017]

Nessa divisão, no que se relaciona à metodologia, outra vez emerge a vinculação com teoria e, novamente, repete-se o trecho “diferentes perspectivas teóricas e metodológicas”, na ementa do grupo Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente. Ainda, refere-se à busca de “referenciais teóricos e metodológicos” no grupo Comunicação e Educação. Os grupos que relacionam comunicação ao esporte, culturas urbanas, música e entretenimento e produção editorial não mencionam possibilidades dessa discussão.

Há, ainda, outra ramificação de temas que se encontra na divisão Comunicação, Espaço e Cidadania. Os grupos de pesquisa relacionam-se abaixo:

Divisão Temática Comunicação Espaço e Cidadania	
1	Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local
2	Comunicação para a Cidadania
3	Geografias da Comunicação
4	Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina

Quadro 14 - Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania

Fonte: Barth, D. L. [2017]

Nessa divisão, as ementas de Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local e Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina associam possíveis discussões, no primeiro grupo, aliada à combinação teórico/metodológico e no segundo, à ideia de proposta metodológica. Nos demais grupos, não há menções à instância metodológica.

Afinal, a última divisão temática no rol dos grupos de pesquisa da Intercom intitula-se Estudos Interdisciplinares e é interessante não deixar de notar, novamente,

semelhanças encontradas na premiação Expocom, quando a última categoria também reúne uma ideia extra disciplina, no caso, com o sentido transdisciplinar. Há, por outro lado, diferenças como a falta de premiação a trabalhos, por exemplo, de Teorias da Comunicação, provavelmente na ausência de um produto explícito a merecer avaliação, segundo a lógica da premiação. De qualquer modo, a divisão de temas apresenta os grupos de pesquisa distintos a seguir:

Divisão Temática Estudos Interdisciplinares	
1	Comunicação, Imagem e Imaginários
2	Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão
3	Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura
4	Políticas e Estratégias de Comunicação
5	Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade
6	Semiótica da Comunicação
7	Teorias da Comunicação

Quadro 15 - Divisão Temática Estudos Interdisciplinares
 Fonte: Barth, D. L. [2017]

Os grupos que apresentam nuances de discussão metodológica são Comunicação, Imagem e Imaginários, Políticas e Estratégias de Comunicação, bem como Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade, e situam-na desde a combinação teórico/metodológica, fortalecimento epistemológico e metodológico desde a discussão contínua teórico-conceitual e procedimento metodológico, respectivamente. Os demais grupos não fazem menção a essa discussão e, por fim, o grupo Teorias da Comunicação emerge com possibilidade de discussão metodológica, uma vez que intenta pensar o campo da comunicação desde um ponto de vista epistemológico que abarca correntes teóricas e perspectivas metodológicas, também prevista em sua ementa e que perfaz o conjunto de textos em análise desse trabalho.

Para finalizar, os grupos seguem uma dinâmica de atualizações periódicas⁴², ao mesmo tempo que apresentam, como se pode notar, ampla diversidade de divisões temáticas e de pesquisa, que representam uma marca das atividades proporcionadas em cada edição do congresso. As ementas dos grupos não seguem um padrão normativo no que diz respeito à forma e conteúdo, sendo que algumas apresentam extenso conteúdo, com várias palavras-chave, enquanto que outras são concisas. Observa-se que, de forma geral, a ênfase na combinação teoria e metodologia é

⁴² Importa atentar à mudança de nomenclaturas dos grupos de pesquisa e eleição de novos tópicos de discussão que identificam grupos com o passar dos anos, indicando tendências em transformação constante.

contínua e esse configura desde já um elemento marcante, que permanece em inferências posteriores. Além disso, os grupos que evitam especificar possíveis discussões metodológicas em suas ementas, também se posicionam, comumente, desde uma situação de expectativa e proximidade ao aspecto formador profissional, que remete ao âmbito mercadológico, relacionado a profissões com demanda de mercado, tais como fotografia, publicidade, cinema, bem como àquelas relacionadas ao digital.

5.2 A concepção de comunidades de encontro

Como referido anteriormente, as três associações descritas são fundamentais para ampliar e institucionalizar o campo da Comunicação a partir dos anos 90, com objetivo que enfatiza a realização de encontros periódicos acerca do saber comunicacional. Entretanto, o que se pode refletir acerca da ideia de comunidades de encontro?

Consoante o que consta na descrição dos grupos temáticos desde a associação de pesquisadores ALAIC, os grupos funcionam como espaços que permitem interesses e iniciativas conjuntas para construir linhas e práticas de investigação. Aliado a isso, exprime-se o entendimento do grupo caracterizado por um conjunto de parceiros engajados, os quais partilham experiências e pesquisas. Dessa forma, a entidade denomina-os como “entidades orgânicas”, onde se subentende espaços vivos bem como oportunidades para o diálogo e discussão crítica. Justamente por isso, compreende-se a continuidade da definição dos grupos, formados para “promover intercâmbio e trabalho conjunto dos parceiros, canalizar seus interesses de pesquisa e projetar os resultados de seus esforços acadêmicos”.⁴³ Na sequência da definição dos grupos temáticos, a associação ALAIC espera que os “parceiros” dos GT’s devam:

(...) participar irrefutavelmente de suas atividades. Os membros podem expressar a sua filiação a um único grupo focal permanente, mas pode participar variáveis grupos livremente temáticas que são propostas para cada do Congresso. O GT de pode contar com a

⁴³ A definição completa dos grupos temáticos está disponível em: <http://alaic.org/site/grupos-de-trabalho/> Acesso em: 04 jun. 2017

participação de membros não associados com ALAIC mas para a seleção de obras e iniciativas receberão parceiros preferenciais.⁴⁴

Essas passagens são emblemáticas no sentido de entender o significado dos grupos de pesquisadores, que se encontram periodicamente nos eventos. Na realização destes, constroem-se, portanto, comunidades de encontro em torno de um tema comum, explicitado em cada ementa que os caracteriza, cujo enfoque na perspectiva desse trabalho, constrói-se desde a epistemologia e o viés metodológico, já referido.

Na concepção do artesanato intelectual de Mills, compreende-se, inclusive, a possibilidade de interlúdios, ou seja, intervalos que compreendem possíveis espaços de discussão, desde o que se apreende e se compartilha na vida, de forma indissociável do âmbito acadêmico. Nesse sentido, ao aconselhar o pesquisador a construir e manter um arquivo pessoal de ideias, o autor também reconhece a importância dos encontros. Assim, permite-se discernir que, se a comunidade “(...) florescesse de modo vigoroso, haveria interlúdios de discussão entre as pessoas, sobre o trabalho futuro” (1975, p. 214). Então, situada na instância do interlúdio, a comunidade encontra sua “razão de ser”, onde o autor acrescenta a necessidade do arquivo. E esse, bem se sabe, pode ser relacionado à publicação posterior de anais, confluindo para discussões de problemas, métodos e teorias que formam, portanto, um arquivo coletivo a cada edição do evento.

A questão do entendimento de grupos de trabalho dos eventos realizados na área, como comunidades de encontro, parte de um ideal que não necessariamente contenha uma finalidade científica prévia, mas concentra um último local ou referência, para que ocorra aquilo que, no entendimento atual acerca da universidade, perde constantemente o sentido, diante de cobranças administrativas e acúmulo de tarefas dispensados aos professores e pesquisadores: um espaço de discussão de ideias. Essa era a ideia primeira em torno da definição de Academia, retomando a tradição independente do pensamento na Academia de Platão, fundada em 384 a.C., sobre a qual Châtelet discorre:

⁴⁴ Trecho extraído da denominação de grupos temáticos da Alaic, cujos erros de gramática e concordância na língua portuguesa são perceptíveis. Importa observar que não sofreram alteração em várias consultas durante este estudo. Disponível em: <http://alaic.org/site/grupos-de-trabalho/> Acesso em: 04 jun. 2017.

“(…) a Academia era uma escola, provavelmente cara, aberta nos jardins de um cidadão chamado Akademos, à qual as famílias gregas mandavam seus filhos para receberem aulas de matemática, dialética e talvez o ensino secreto de Platão, que infelizmente desapareceu por completo. Nunca saberemos o que era o ensino secreto de Platão. Conhecemos apenas o seu ensino exterior, chamado ‘exotérico’. Nessa escola, Platão procede a uma refutação sistemática do pensamento dos mestres da democracia. Faz uma crítica acerba. Mostra que não há nenhuma razão para que a maioria tenha razão (1993, p. 23).

Uma parte importante e auxiliar do percurso metódico corrobora no acompanhamento e participação como ouvinte em duas edições da Compós, no grupo Epistemologia da Comunicação, e em uma edição no grupo Teoría y Metodología de la Investigación em Comunicación, da ALAIC, durante o curso desse estudo. As impressões e características gerais do funcionamento configuram um breve diário de anotações que, todavia, não prevalece, necessariamente, como análise, uma vez que o organizador central da pesquisa se encontra nos textos publicados. Entretanto, são válidas algumas considerações a esse respeito.

As discussões na Compós, historicamente, são organizadas através da apresentação oral do trabalho, cujo teor textual é previamente socializado mediante a condução central da coordenação do grupo, na designação de apresentadores e relatores de cada trabalho. Durante o encontro, após a apresentação do (s) autor (s), cede-se o espaço para as conduções de réplica e tréplica dos envolvidos, a fim de fomentar o debate do texto. Após, abre-se o espaço para contribuições dos demais participantes. Nas edições observadas, o tempo foi cronometrado de forma minuciosa, a fim de que um integrante não prevalecesse em demasia com a palavra, em detrimento da oportunidade de fala dos demais inscritos. Já na edição da ALAIC, o grupo temático também se organiza desde a apresentação oral dos trabalhos, de forma a respeitar um tempo específico de minutos, porém, não houve controle rigoroso e algumas discussões ultrapassavam o previsto, enquanto outras não foram privilegiadas com comentários ou perguntas.

Inclui-se, desse modo, o entendimento que a prática da discussão de qualquer tema é concernente à retórica tradicional científica e deve, a rigor, ser cultivada, como se denota a partir das participações nos grupos. Nesse sentido, ao referenciar o grupo Epistemologia da Comunicação, a prática do debate ocorre com parte dos integrantes que se encontram periodicamente no evento, uma vez que se repetem durante as

edições do congresso, com participações esporádicas de outros pesquisadores. Esse configura, inclusive, um posicionamento exposto em reunião de encerramento do grupo, quando se prioriza um tipo de discussão em que os integrantes, familiarizados com as especificidades discutidas nas edições periódicas, de certa forma conduzem, sob o argumento de proporcionar aderência ao tema epistemologia e encaminhamento das discussões, com vistas a um fluxo de debate já estabelecido.⁴⁵

Essas considerações, afinal, visam introduzir o entendimento da comunidade de encontro. E, assim, também configuram um entendimento paralelo que auxilia a localizar a construção de lugares de fala que estão inscritos desde os textos da análise. Aos mesmo tempo, contextualiza-os na recorrência de entender o texto como resultado do encontro, uma vez que sua publicação ocorre em um movimento de convite/chamada à escrita, consulta à ementa que situa as possíveis discussões propostas, a escrita em si, aceitação mediante avaliação e apresentação do texto na realização do evento, com a inclusão de possíveis debates sobre o tema que, por fim, emergem na confluência da comunidade de encontro, representada pela publicação que preconiza também a socialização dos anais de cada evento.

5.2.1 Episódio de discussão paralela

A Compós mantém um grupo de discussão via e-mail no provedor Yahoo. Eventualmente, ocorrem debates sobre temas referentes à associação, divulgação de eventos, publicações, concursos, solicitações de auxílio para pesquisas, entre outros. O grupo é restrito, foi aberto em 2000 e é formado por 2.687 inscritos.⁴⁶ Entre os dias 1 a 6 de maio de 2016, entra em cena uma discussão que passa a ser relevante, na medida em que suscita argumentos fervorosos na lista de discussão, acerca da forma e conteúdo de um dos artigos publicados naquele período. A polêmica teve início com o e-mail “Novo número de MATRIZES publicado”, que foi enviado pela comissão editorial da revista, a fim de socializar o conteúdo da publicação, uma das poucas da

⁴⁵ Trata-se de um posicionamento adotado consoante a opinião de participantes, durante a reunião de encerramento do grupo Epistemologia da Comunicação. O encontro da Compós ocorreu em junho de 2015, na Faculdade de Comunicação na Universidade de Brasília.

⁴⁶ Tendo em vista a imprevisibilidade numérica de inscritos, é possível consultar essa informação na página do grupo mantido pela associação. Disponível em: <https://groups.yahoo.com/neo/groups/COMPOS/info> Acesso em: 06 jun. 2017.

área Comunicação e Informação avaliada na posição A2 no país, segundo quadro de avaliação de periódicos da Capes.⁴⁷

A crítica levantada por alguns integrantes da lista, convergia para o rigor na aceitação do artigo, que continha linguagem poética em detrimento da linguagem acadêmica. Além disso, suscitaram-se dúvidas com relação a avaliação cega entre pares e o processo editorial da revista, com acusações de que o autor do artigo, por ser integrante do quadro de professores da Universidade de São Paulo (USP), teria sido privilegiado na publicação.

Em consequência disso, um único tópico com o título “é sério isso? artigo Matrizes”, recebeu 32 respostas, sendo que a discussão total originou 48 mensagens trocadas naquela semana. Na oportunidade, os e-mails foram respondidos por pesquisadores com muitos anos de experiência na área, como Ciro Marcondes, José Luiz Braga, Marcos Palacios, Nilda Jacks, entre outros, bem como pesquisadores iniciantes. Alguns desses respondentes, inclusive, raramente manifestam-se na lista, dessa maneira, o episódio suscitou-os a tomar posições. Assim, a crítica, a partilha de ideias e, sobretudo, a construção de posicionamentos em torno da polêmica, ecoou de maneira frutífera desde o âmbito digital, o que demonstra a vitalidade dos integrantes da lista, assim como ilustra o significado das comunidades de encontro, para além da evidente preocupação no que tange à forma e à avaliação dos textos publicados.

Importa, afinal, também a reflexão a partir disso, ao ponderar que a configuração de dinâmicas e limiares desde o saber comunicacional reside para além da delimitação concreta/material via produção de artigos científicos, ensaios ou outros textos em periódicos ou em formato de livros, teses e dissertações, publicados desde a perspectiva institucional. A legitimidade analítica de tais textos ocorre em processo anterior, no envio de textos aos eventos científicos da área, uma vez que é de praxe o exercício de publicação em eventos e, posteriormente, em periódicos científicos ou outras produções. Dessa maneira, a comunidade de encontro propiciada durante os eventos suscita a vitalidade das discussões e, conseqüentemente, do campo da Comunicação. O que delas resulta, logo, a publicação nos anais dos eventos é o que, em teoria, demonstra a produtividade dessas discussões. Entretanto, resiste a necessidade de vigilância epistêmica, quando se identifica a naturalização no envio de

⁴⁷ A avaliação trienal de periódicos da Capes segue a classificação cuja ordem de maior pontuação resulta em estratos A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C, respectivamente. A consulta aos periódicos está disponível em: <https://qualis.capes.gov.br/> Acesso em: 5 out. 2017.

textos aos eventos e, mediante o pagamento da taxa de inscrição, o contrato de leitura (VERÓN, 2004) previamente firmado de garantia da publicação do mesmo, declinando possíveis alterações socializadas no momento de encontro com os pares.⁴⁸

5.2.2 Sobre comunidades de encontro de epistemologia e o viés metodológico

Um modo a introduzir esse tópico, perfaz o sentimento comum acerca da escassa ou até mesmo nula discussão metodológica quando da apresentação de trabalhos durante eventos na área da Comunicação, que permitem reunir comunidades de encontro em suas edições sob a diversidade de temas, exposta anteriormente.⁴⁹ Todavia, apesar dessa impressão que também dialoga/provém de inquietação pessoal formadora do problema dessa pesquisa, os grupos que se reúnem periodicamente nos três eventos abordados, ALAIC, Compós e Intercom e versam sobre epistemologia, incluem a metodologia como ponto de discussão em sua caracterização, o que se constata através de sua ementas disponíveis na internet. Essa proposta de norteamto epistêmico apresenta-se de diferentes modos em cada grupo, ao mesmo tempo que confirma a importância da discussão do viés metodológico na compreensão de onde se *está*, diante da construção de um saber comunicacional. Aliado a isso, inscreve-se o caráter referencial dos eventos exposto anteriormente, cujo produto situado desde os textos publicados nos anais, contribuem e preconizam sentidos no que concerne à epistemologia da Comunicação no âmbito do Brasil e da América Latina.

Isso posto, inicia-se com a apresentação da ementa do grupo temático Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación, da ALAIC. Os tópicos de discussão no grupo encontram-se, portanto, a seguir:

⁴⁸ Esse tópico, inclusive, emerge como indicador de estudos futuros, ao relacionar as virtudes epistêmicas do pesquisador nesse processo (em fase de elaboração), o que conflui para o entendimento de comunidades acadêmicas orientadas pela ideia de compartilhar conhecimentos, em detrimento da ênfase no produtivismo.

⁴⁹ Essa é uma afirmação preliminar de caráter inferencial, que ocorre a partir da participação em eventos durante a jornada acadêmica, desde a experiência de iniciação científica até o presente momento. Em particular, durante o período de formação doutoral, embora este não fosse o objetivo específico da análise, cujo enfoque está nos textos científicos publicados, foi possível presenciar rápidas descrições metódicas lidas aos demais participantes reduzindo o sentido metodológico das pesquisas, a falta de qualquer referência à metodologia ou ainda, pelo contrário, a ocorrência de dúvidas explícitas sobre que metodologia “usar” em conversas informais, no compartilhamento das angústias de colegas/pesquisadores em formação.

El GT pretende ser un espacio para la reflexión de las cuestiones relativas a la producción de conocimiento en el campo de la Comunicación. Para ese fin, propone la discusión de temas como los siguientes:

- Crítica al estado del conocimiento en el campo de la Comunicación;
- Fundamentos teóricos y metodológicos de la interdisciplinariedad;
- La fragmentación y la integración teórica en Comunicación;
- La actualización de las teorías en Comunicación;
- Construcción de los objetos de investigación;
- Estrategias de combinación metodológica;
- Fundamentación empírica y teorización en la investigación;
- Relatos de experiencias metodológicas.⁵⁰

O norteamento central do grupo situa-se desde espaço para reflexão da produção de conhecimento no campo da Comunicação, com destaque na recorrência ao que tange a questões teóricas levantadas em termos de fundamentos, integração, teorias e teorização. A instância metodológica aparece vinculada a fundamentos teóricos, onde se reconhece/delimita uma ideia de interdisciplinaridade. Outra proposta de discussão insere-se em estratégias de combinações metodológicas, também vinculada na instância do empírico em associação ao movimento de teorização da pesquisa bem como, por fim, na possibilidade de relatos de experiências. Os tópicos são indicativos do que, posteriormente, se encontra desde o conceitual metodológico nos textos e ajudam, nesse sentido, a direcionar seu conteúdo no que concerne ao entendimento de metodologia.

Na coleta de textos direcionados a esse grupo, a busca pelos Anais das edições de 2012, 2014 e 2016 é realizada a partir de diferentes sites, disponibilizados desde a universidade sede de cada evento. Os textos ficam disponíveis durante certo período e, posteriormente, as páginas de cada congresso são extintas. Por isso, fez-se necessário solicitar os textos referentes ao congresso de 2012 à coordenação do GT, que prontamente enviou os arquivos dos textos via e-mail.

O XIII Congresso da Alaic realizou-se em outubro de 2016 na Cidade do México, com o tema “Sociedad del Conocimiento y Comunicación: Reflexiones Críticas desde América Latina”. Nessa edição, o grupo temático formou-se com 32 textos. O XII Congresso da Alaic ocorreu em Lima, Peru, em agosto de 2014. O tema

⁵⁰ A ementa encontra-se na página do grupo no site da Alaic. Disponível em: <http://alaic.org/site/grupos-de-trabalho/gt9-teoria-e-metodologia-da-pesquisa-em-comunicacao/> Acesso em: 6 dez. 2016

central foi: “Pensamiento crítico latinoamericano y los desafíos de la contemporaneidad”, onde foram disponibilizados 26 textos. Já o XI Congresso da Alaic realizou-se em maio 2012 na cidade de Montevideu com o seguinte tema: “La investigación en comunicación en América Latina: interdisciplina, pensamiento crítico y compromiso social”. Para este evento, o grupo temático acolheu o maior número de contribuições: 35 textos. Durante o período de realização dos congressos, a coordenação do GT permanece com o prof. dr. Raúl Fuentes Navarro, da Universidad Jesuita de Guadalajara (ITESO), no México.

Com relação à Compós, o grupo de trabalho Epistemologia da Comunicação tem a coordenação em 2012 do prof. dr. Francisco Paoliello Pimenta, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). No biênio 2013-2014, a coordenação passa ao prof. dr. Luiz Antonio Signates Freitas, da Universidade Federal de Goiás (UFG). Nos anos 2015 e 2016, afinal, a coordenação é do prof. dr. Luis Mauro Sá Martino, da Faculdade Casper Líbero. O grupo Epistemologia da Comunicação divulga a seguinte ementa:

O GT está voltado para o estudo da comunicação enquanto área de investigação e para a definição de características e limites do seu objeto científico. Para tanto são pesquisadas distintas correntes teóricas em circulação na área, na proposta epistemológica e metodológica dos seus idealizadores. Na proposição daquele estudo, valoriza-se a exposição de pesquisas empíricas em andamento ou concluídas, no que se refere a suas respectivas propostas metodológicas e consequências epistemológicas. É igualmente de interesse do GT acompanhar os processos da produção acadêmica na área, pelas inferências e reflexões que se possam fazer a partir dessa produção; e ainda pelas articulações voltadas para a consolidação da área. O GT espera contribuir para fazer avançar o estudo dos paradigmas clássicos da comunicação, além de contribuir para a produção e definição de novos parâmetros, estimulando as questões e proposições transversais observáveis entre as várias linhagens de pesquisa.⁵¹

O direcionamento de discussões possíveis desde a metodologia, inscreve-se na proposta metodológica dos idealizadores de distintas correntes teóricas, confluindo para, novamente, a associação teoria/metodologia de forma constante. O texto também faz referência à vinculação metodologia na exposição empírica de pesquisas.

⁵¹ A ementa encontra-se na página do grupo no site da Compós. Disponível em: http://www.compos.org.br/ler_gts.php?idGt=OQ== Acesso em: 5 out. 2017

De modo geral, situa-se desde possibilidade de estudo e avanço dos paradigmas da Comunicação, entendida como área, no que se alia às discussões de objeto científico.

Em geral, na divulgação de chamada para o evento, a coordenação envia um e-mail para a lista da Compós, onde expressa o convite para envio de trabalhos ao grupo, cujo teor situa o grupo com o objetivo de pensar a Comunicação, a partir de discussões de aspectos relevantes ao campo. Aliado a isso, inclui o grupo como espaço de interlocução sobre questões metodológicas, que está associada a questões teóricas e conceituais. Ao elencar temas possíveis para o GT, inclui-se a metodologia em relação aos objetos em estudos e “suas consequências teóricas” ou, ainda, “as correntes teóricas da comunicação, seus idealizadores e respectivas linguagens e metodologias”.⁵²

Em 2016, o encontro da associação ocorre em Goiânia, Goiás; em 2015, em Brasília, Distrito Federal; em 2014, em Belém do Pará; em 2013, é realizado em Salvador, na Bahia e em 2012, na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Os encontros são realizados no mês de junho de cada ano e não há um tema central norteador para cada edição. Sendo assim, fazem parte do corpus os artigos publicados nas edições 21 a 25 no grupo Epistemologia da Comunicação, corroborando em um total de 50 textos, tendo em vista a limitação de 10 textos por grupo de trabalho prevista pelo grupo.

Como referido anteriormente, a associação mantém a biblioteca dos eventos⁵³ onde disponibiliza arquivos de trabalhos apresentados desde o ano 2000. Assim, os textos analisados, nessa pesquisa, provêm dessa base de dados. Quando ocorre a coleta dos textos em abril de 2017, todavia, dois artigos não estavam disponíveis na plataforma. Portanto, foi necessário entrar em contato via e-mail com o envio de solicitação dos mesmos. O teor da resposta, proveniente da direção da entidade, foi de que os textos estariam disponíveis, contudo, após verificar novamente o conteúdo nos anais, percebeu-se que a grafia do endereço URL dos arquivos estava incorreta, razão que impossibilitava seu acesso. Dessa forma, ao editá-la, nos dois casos, obteve-se o acesso aos mesmos.

Com relação ao grupo de pesquisa Teorias da Comunicação da Intercom, a coordenação em 2016 é do prof. dr. Luiz Claudio Martino, da Universidade de

⁵² O e-mail de chamada de trabalhos para o GT Epistemologia da Comunicação encontra-se como Anexo desse trabalho, com vistas a ilustrar o conteúdo do convite à contribuição ao grupo de trabalho.

⁵³ Os textos provenientes dos encontros da Compós encontram-se disponíveis em: <http://www.compos.org.br/anais.php> Acesso em 05 jun. 2017

Brasília (UnB). Nos anos de 2015 e 2014, a coordenação foi do prof. dr. Edson Fernando Dalmonte, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sendo que nos anos 2013 e 2012 a coordenação do grupo ficou a cargo do prof. dr. Osvando José de Moraes, da Universidade de Sorocaba (UNISO). Na Intercom, o grupo de pesquisa Teorias da Comunicação está situado dentro da Divisão Temática intitulada “Estudos Interdisciplinares”. A ementa do grupo dispõe como proposta de discussão:

O GP se propõe analisar a Comunicação a partir das várias correntes teóricas e suas perspectivas metodológicas. Trata-se de pensar o processo, o campo teórico, o objeto, o estatuto disciplinar do saber comunicacional e demais contribuições voltadas para a formação de um amplo panorama de conhecimentos necessários a sua fundamentação.

Palavras-chave

Teorias da comunicação; Teorias da recepção; Pensamento comunicacional; Epistemologia da comunicação.⁵⁴

No grupo de pesquisa, portanto, a instância metodológica aparece associada a ideia de perspectivas, inserida de forma geral no texto, desde a proposta de analisar a Comunicação. Na divulgação de chamada para o evento, a coordenação envia um e-mail para a lista de sócios da Intercom, onde há informações acerca do evento e o convite ao envio de trabalhos, e esse baseia-se na mesma ementa do grupo.⁵⁵ Compreende-se, em sua leitura, o caráter auxiliar que se atribui à metodologia, uma vez que a fundamentação do saber comunicacional recebe o protagonismo de possíveis discussões, sem explicitar questões/associações metodológicas.

O congresso nacional acontece na primeira semana de setembro, anualmente. Os textos analisados abrangem da 35^a à 39^a edição de encontros nacionais da entidade e foram coletados desde os anais dos eventos que a associação mantém de forma integral via internet.⁵⁶ Em 2016, o congresso ocorre em São Paulo, com o tema “Comunicação e educação: Caminhos integrados para um mundo em transformação”. Nesta edição, o grupo de pesquisa Teorias da Comunicação recebe 26 trabalhos. Em 2015, realiza-se no Rio de Janeiro, com o tema central “Comunicação e Cidade

⁵⁴ A ementa do grupo Teorias da Comunicação está publicada na caracterização de grupos da Intercom. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/eventos1/gps1/gp-teorias-da-comunicacao> Acesso em: 3 mar. 2017

⁵⁵ O e-mail de chamada de trabalhos para o GP Teorias da Comunicação encontra-se como Anexo desse trabalho, com vistas a ilustrar o conteúdo do convite e a relação acionada desde a instância explícita do metodológico.

⁵⁶ Os textos referentes à Intercom estão disponíveis em: <http://www.portalintercom.org.br/eventos/congresso-nacional/apresentacao5> Acesso em: 25 set. 2017

Espectáculo”, sendo que o grupo acolhe 34 textos. Em 2014, Foz do Iguaçu, no Paraná, sedia o evento com o tema “Comunicação: guerra e paz”. Nessa edição, são publicados 26 trabalhos pelo grupo. Em 2013, o congresso ocorre em Manaus, com o tema “Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades”, quando o grupo publica 13 trabalhos. Por fim, na edição de 2012, o congresso é realizado em Fortaleza com o tema central: “Esportes na Idade Mídia – diversão, informação e educação” e nesta edição Teorias da Comunicação recebe 20 textos.

A fim de sintetizar o número de textos por ano e evento, abaixo encontra-se o quadro numérico dos trabalhos analisados. O maior quantitativo de textos ocorre nos anos de 2012, 2014 e 2016 na confluência de realização dos três eventos, muito embora, o ano de 2015 apresente quantidade expressiva de textos referentes ao grupo da Intercom, que também apresenta o maior número de publicações ao considerar o conjunto de cinco edições realizadas:

Textos por ano e evento						
Comunidade de encontro	2016	2015	2014	2013	2012	Total
Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación – Alaic	32	-	26	-	35	93
Epistemologia da Comunicação – Compós	10	10	10	10	10	50
Teorias da Comunicação – Intercom	26	34	26	13	20	119
Total	68	44	62	23	65	262

Quadro 16 - Textos por ano e evento
 Fonte: Barth, D. L. [2017]

Diante da contextualização realizada, importa destacar o que permanece desde a efetivação dos eventos em cada edição e que se encontra, notoriamente, na publicação dos anais desses encontros. Esses documentos, que marcam os registros desde o entendimento que permite formar comunidades de encontro, explicitadas na perspectiva desse trabalho, constituem-se, sobretudo, de textos científicos remanescentes ao evento. Por isso, na sequência, inicia-se a contextualização desde o entendimento do processo de escrita e publicação de textos científicos. Essa é também uma discussão de fundo na dinâmica acadêmica, a qual fornece elementos que auxiliam a construção do objeto de pesquisa.

6. A comunicação escrita e o sentido de publicar textos científicos

De acordo com Richardson (1999), desde o surgimento do registro escrito, as sociedades passam a ter duas fontes para transmitir os fenômenos sociais: a comunicação oral e escrita. Embora os dois fenômenos sejam complementares, o registro escrito marca, sobretudo, as formas de socialização do conhecimento científico e sua constante elaboração.

A comunicação oral permite observar fenômenos e comunicá-los no momento em que ocorrem, como também posteriormente. Ao dedicar-se às artes do fazer, De Certeau (2014) inclui a oralidade em um sentido que expressa a riqueza em torno da dinâmica do social ordinário, cotidiano, em modos de fazer contrários, anônimos e alheios à cultura escrita. A comunicação oral, todavia, é passível de alterações ao ser repassada de uma pessoa a outra, cuja brincadeira do “telefone sem fio” bem ilustra, com as possíveis nuances que a mensagem original recebe até chegar ao destinatário final. Ao considerar a instância metódica, portanto, essas possíveis alterações comprometem sua confiabilidade, fato que, segundo Richardson (1999), passa a ser evitável a partir do surgimento do registro escrito. Assim, emerge a transformação de documentos a partir do texto escrito e sua possível transmissão por gerações. O registro escrito constrói, desde o desenvolvimento da ciência moderna, o marco cultural compreendido pelo universo acadêmico (DE CERTEAU, 2014).

Aliado à prática escrita, também o interesse por interpretar textos é antigo, uma vez que remete à dedicação em elucidar escritos sagrados ou políticos antes da Idade Média (RICHARDSON, 1999). Na Suécia, inscreve-se em 1640, o marco referencial desde a análise de conteúdo, representado pelo estudo da autenticidade de hinos religiosos e seus possíveis efeitos sobre os luteranos, cuja abordagem inclui temas religiosos, valores e manifestações favoráveis ou desfavoráveis (BARDIN, 2009, p. 16). Posteriormente, o registro escrito recebe valorização com fatos sociais diariamente expostos nas páginas de jornais e outros impressos. O processo de análise passa a incluir, logo, diários, biografias, literatura, obras científicas e técnicas, além do material disponível proveniente de instituições públicas e privadas, que mantêm

um registro ordenado e regular dos acontecimentos referentes às atividades da vida social (RICHARDSON, 1999).

Assim, em consonância com a comunicação escrita, emerge uma proposta analítica a partir do conjunto de textos científicos disponíveis para a ação metódica, cujo intuito converge na análise desse trabalho, tendo em vista o aspecto situacional de determinado fato/fenômeno em estudo. Parte-se do pressuposto de que o pesquisador em formação ou titular, procura seguir o *ethos* que o insere efetivamente desde uma comunidade acadêmica, onde perpassa o princípio ético de divulgação de suas pesquisas, inquições ou descobertas, sobretudo, à mesma comunidade que o legitima, contribuindo, desse modo, pelo dinamismo na construção do conhecimento.

A escrita e publicação científica traduz-se em maneira consolidada para essa finalidade, onde a partir do que está publicado e acessível através da internet e sua inserção cultural na vida cotidiana, evolui também a ideia do pensamento e ciência *livre*. Entretanto, necessária se faz a reflexão crítica de um panorama de produção contínuo, tendo em vista o aspecto situacional da ciência, no incentivo ao *modus operandi* que salienta novidades e resultados, na construção do conhecimento em consonância ao paradigma da medida (BACHELARD, 1996). Entende-se, desde esse panorama, a redução de possíveis entradas de discussão metodológica limitadas a instância metódica, que emerge no texto, quando muito, como item imprescindível a fim de tornar-se científico.

Ao relacionar a discussão do texto à figura do pesquisador, importa considerar que a institucionalização da pesquisa através de órgãos de fomento, a exemplo do Brasil, preconiza a exibição da trajetória acadêmica de seus pesquisadores através de currículo unificado e publicado pela plataforma Lattes⁵⁷, mantida pelo CNPq. Além disso, a ocorrência de sites de redes sociais para finalidades diversas promove espaço e circunstância, desde plataformas de contato e discussão especificamente voltadas ao universo acadêmico⁵⁸, onde se reivindica a criação e manutenção de perfis públicos com informações do pesquisador, áreas de estudo e de interesse, bem como disponibilização de publicações realizadas pelo autor ou em parceria. Essas

⁵⁷ De acordo com o texto explicativo da plataforma Lattes, o currículo gerado pelo sistema tornou-se “(...) padrão nacional no registro da vida pregressa e atual dos estudantes e pesquisadores do país, e é hoje adotado pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa do País”. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/> Acesso em: 10 jun. 2017.

⁵⁸ Nesse sentido, figuram como exemplos as plataformas Academia.edu e a Research Gate. Disponível em: <https://www.academia.edu/>, <https://www.researchgate.net/>, respectivamente. Acesso em: 10 jun. 2017.

plataformas, objetivam criar condições de suporte e encontro entre acadêmicos com recursos semelhantes a outras redes sociais, traduzidas na ferramenta *follow*, a fim de possibilitar o recebimento involuntário de atualizações acerca do trabalho do pesquisador. Além disso, recentemente, verifica-se as opções de geração de relatórios que incluem a procedência do acesso, número de solicitações e descarregamento de arquivos disponíveis e visualizações de publicações acessadas pelo público de seguidores, oferecida, no entanto, a partir da lógica de monetização pelo serviço/rastreamento de informações. Na mesma ideia de agregar valor em torno dos dados, são disponibilizadas estatísticas de impacto, o que corrobora no sentido de valorização entre os mais acessados em detrimento dos menos acessados.

Para além dessas possibilidades, a produção de artigos científicos envolve um mercado editorial vigoroso, representado pela explosão de periódicos digitais, o que aumenta sobremaneira as possibilidades de publicação do pesquisador, em formação ao sênior. Novamente, sobretudo, associada à possível necessidade de pagamento prévio, tendo em vista a mercantilização da produção de conhecimento.

Esse cenário merece reflexão crítica desde a existência do *culto* a determinados autores, que figuram entre os mais citados, bem como o horizonte de competição em galgar posições no *ranking*.⁵⁹ Nesse sentido, o questionamento proposto em Foucault (1998) é incisivo, quando indaga: “O que é um autor?”, no sentido que o discurso científico é perpassado por crenças, modos de pensamento e condições compartilhadas pelos entes. Nessa perspectiva, é possível refletir, inclusive, sobre os limites do humanamente possível em termos de publicações, onde comumente emerge a estratégia de escrita de textos em coautoria a fim de manter um mínimo de produção medida anualmente e que determina investimentos nas pesquisas futuras. Ainda, há a prática da autocitação, realizada por pesquisadores e revistas acadêmicas, onde surgem referências a textos anteriores com o intuito de citar o (s) próprio (s) autor (es) ou pesquisas publicadas em determinados periódicos, na tentativa de aumentar o fator de impacto e, como resultado, o prestígio no universo

⁵⁹ Observa-se que, mesmo com o advento da Internet e suposto compartilhar de conhecimentos, no âmbito acadêmico, a estatística com *ranking* de autores mais citados demonstra o estímulo ao produtivismo bem como a recorrente citação dos mesmos autores nas publicações periódicas de cada área. Considerações a respeito podem ser encontradas no texto “The 1% of scientific publishing”. Disponível em: <http://news.sciencemag.org/scientific-community/2014/07/1-scientific-publishing>. Acesso em: 8 nov. 17

científico, sem necessariamente estar relacionado ou ser relevante à retórica textual apresentada.⁶⁰

Em consequência ao estado fabril proporcionado pela indústria da citação, os principais medidores estatísticos englobam a Web of Science, do grupo Thomson Reuters, o Scopus, do grupo Elsevier, o Google Scholar, da empresa Google e Microsoft Academic Search da Microsoft, onde a discussão a respeito do conhecimento como mercadoria permanece constante.⁶¹ Uma voz destoante à mercantilização, surge na figura pública de Aaron Swartz, que entre outras atividades potencializa o padrão RSS e a licença Creative Commons⁶², mas que acaba por morrer aos 26 anos, após perseguição por supostos “crimes”, em consequência de seu ativismo e, principalmente, seu interesse na defesa política à cultura livre.⁶³

A luta do ativista tem relação direta com a construção do conhecimento que acarreta a conformação do mundo acadêmico em si, de modo a privilegiar o capital em troca da acessibilidade, o que se desvia do entendimento da prática científica universal. O panorama de cooperação científica, que se alimenta a partir de um caráter seletivo, favorece também a competição em detrimento da própria ideia de cooperação. Subentende-se, nesse sentido, a proteção do tempo inventivo/criador para abrir possibilidades de pesquisar livres, na contramão de prerrogativas que sobrecarregam o pesquisador com tarefas extracurriculares, problematizada, por exemplo, pelo movimento Slow Science.⁶⁴

⁶⁰ O elevado índice de autocitação ocasionou a suspensão por um ano da divulgação do fator de impacto de 66 periódicos científicos pela Thomson Reuters em 2013. Disponível em: <http://blogs.nature.com/news/2013/06/new-record-66-journals-banned-for-boosting-impact-factor-with-self-citations.html> Acesso em: 8 nov. 2017.

⁶¹ Sobre esta questão, importa mencionar a iniciativa da Unesco através da Global Open Access Portal, que acompanha a implementação de acesso aberto a informações de cunho científico em 158 países. Em análise recente, o Brasil figura em posição destacada de acesso aberto. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/communication-and-information/portals-and-platforms/goap/>

⁶² O padrão RSS permite que notícias ou novidades de sites e blogs sejam armazenadas em arquivo conhecido como *feed* ou *feed* RSS. Assim, ao incluir esse *feed* em um serviço leitor de RSS, a pessoa recebe atualizações periódicas do conteúdo indexado. A licença Creative Commons permite adquirir conteúdos na rede sem a cobrança de direitos, ou com alguns direitos por parte dos autores, ampliando as possibilidades de compartilhamento, para além do exclusivista Copyright.

⁶³ Informações presentes no documentário “O menino da Internet: A história de Aaron Swartz”, dirigido por Brian Knappenberger, lançado em 2014.

⁶⁴ Inspiração advinda de movimentos como Slow Food, iniciado na Itália contra a abertura de uma loja McDonald's ao priorizar a cozinha regional e tradicional, que ecoou mundialmente em detrimento do *fast food*. O movimento Slow Science é contra cientistas operários, escravos de publicações, atividades de ensino e administrativas, resultando no “(...) distanciamento crescente dos valores fundamentais da ciência: o rigor, a honestidade, a humildade diante do conhecimento, a busca paciente da verdade”, de acordo com a reportagem “Slow Science”, disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/slow-science/> O manifesto está disponível em: <http://slow-science.org> Acesso em: 8 nov. 2017.

Por fim, o texto escrito e a necessidade de sua publicação, constituem o marco referencial do que engloba o imediato dentre a publicação científica (no sentido de pensar em seu formato, etc). A fim de responder à lógica produtiva que preconiza a divulgação de descobertas científicas, os eventos oferecem locais latentes de encontro, discussão que confluem na posterior publicação dos textos. Desde o que se explicita a partir da formação de comunidades de encontro, os textos publicados em seus anais representam pontos de partida para futuras publicações em periódicos, ao mesmo tempo que demonstram o situacional referente a instância epistemológica desde o saber comunicacional, como visto nesse trabalho.

6.1 Texto científico e a construção do objeto de pesquisa

O texto científico⁶⁵ apresenta forma distinta de organização, padronizada de acordo com as normas de submissão de cada evento onde, normalmente, se dá preferência às regras de associações, tais como Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) ou American Psychological Association (APA).⁶⁶ Dessa forma, há um modo de organização específico, com a possível determinação da quantidade máxima de páginas, aliada à ênfase em seu sentido técnico, contendo fórmulas, gráficos, citações, anexos e referências. Destaca-se que o método das pesquisas realizadas surge como item imprescindível, onde se situa o entendimento científico desde, portanto, a esfera da ação metódica (ABNT, 2003). Essas características auxiliam uma compreensão essencialmente instrumental, onde a possibilidade da instância metodológica, como processo de reflexão crítica do método, está situada à distância.⁶⁷ Ao mesmo tempo, também permitem sua associação como sinônimo de

⁶⁵ Durante a participação no evento “Encuentro Latinoamericano de Metodología de las Ciencias Sociales (ELMCS)”, realizado em novembro de 2016, em Mendoza (Argentina), ocorreu a discussão acerca de uma diferenciação entre artigo científico e o que em espanhol se intitula *ponencia*, vistos como instâncias diferentes de publicação. Assim, *ponencia* é o termo utilizado para eventos científicos, enquanto *artículo* é a denominação utilizada para publicação do texto em periódico. A fim de evitar controvérsias, optou-se pela denominação texto científico, que engloba as publicações em anais tanto no evento latino-americano, quanto nos eventos brasileiros (onde não há essa diferenciação).

⁶⁶ Sobre essa questão há interessante artigo que questiona a ideia da linguagem acadêmica, intitulado “Why is academic Writing so academic?”. Disponível em: <http://www.newyorker.com/books/page-turner/why-is-academic-writing-so-academic> Acesso em: 10 out. 17

⁶⁷ Importa mencionar a participação em curso online na plataforma Coursera, intitulado “Understanding Research Methods”, reunindo centenas de estudantes de pós-graduação e pesquisadores de diferentes áreas e países, como indicador de um entendimento metodológico *naturalizado* em descrição procedimental. O curso foi oferecido pela University of London, realizado em maio de 2014. Disponível em: <https://www.coursera.org/learn/research-methods> Acesso em: 21 set. 2017.

método, o que acarreta, com relação ao saber comunicacional, no que Russi-Duarte (2007) diagnostica em “não saber metodológico”.

Na escrita do texto, compartilha-se a ideia que o autor deve elaborá-lo partindo de um tema ou resultado de pesquisa para comunicações em congressos e demais encontros científicos, mediante aceitação por julgamento dos pares. Assim, no sentido de um propósito motivador de sua condução, os encontros periódicos também contribuem, disponibilizando um tema central norteador a cada edição. Outra maneira de direcionar as discussões ocorre através de ementa, publicada por cada grupo.

Na construção do texto científico como objeto de pesquisa, além da consideração aos aspectos formais de apresentação, é preciso reconhecer que escrever é, antes de tudo, um modo de pensar, de encontrar ideias, coordená-las, concatená-las e formar estruturas frasais que expressem seu conteúdo desde uma lógica clara, coerente e simples (GARCIA, 2007; MILLS, 1975). Essa construção mental também se relaciona à dinâmica sincrônica e diacrônica, que permite idas e vindas, como visto anteriormente. Assim, é possível encontrar modos de superação da ênfase no caráter instrumental, reservada ao texto científico.

No conteúdo textual em análise, encontram-se os indícios formadores de lógicas e a preocupação com argumentos (SALMON, 1971), que nesse trabalho configuram uma trama de entendimentos (DEMO, 2014) na abrangência dos enfoques epistêmicos acerca de metodologia. A compreensão entre conteúdo e forma, logo, oferece os elementos para construir o objeto de pesquisa desde o empírico, por meio da elaboração do sujeito pesquisador.

A intenção é problematizar o texto científico entendendo sua forma e conteúdo como duas variáveis centrais de análise do corpus, a fim de encontrar significados da metodologia nos textos socializados através de publicações de comunidades de encontro em torno do tema epistemologia, em três distintos eventos da área da Comunicação no Brasil e América Latina, referenciados anteriormente. No âmbito metodológico procura-se, portanto, refletir, entender e interpretar o conceitual metodológico, reconhecendo indicadores que permitem compreender significados resultantes.

A proposta de análise de textos científicos converge para o estado situacional, ou seja, quais estudos são realizados e, portanto, planejados, escritos e enviados para encontros científicos, com a pretensão latente de virem a ser discutidos, nessas oportunidades, pelos pares e participantes. O critério metódico parte, dessa forma, de

produções de autores alinhados ao campo da Comunicação, que se propuseram a participar de encontros referenciais da área institucionalizada, no âmbito brasileiro e latino-americano, em comunidades de encontro onde se propõe o encontro e reflexão epistemológica, que abarca, por conseguinte, o viés metodológico.

Isso posto, importa explicar que esse processo se inicia com a busca das palavras identificadas em associação à metodologia. A partir dessa busca, os segmentos textuais encontrados são codificados, o que faz emergir a necessidade de análise do seu teor no âmbito de ação metódica. Sendo assim, consoante Laville & Dionne, o acionamento metódico, nesse sentido, consiste em “(...) desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação” (1999, p. 214).

Ao refletir na lógica reconstruída (KAPLAN, 1975) do corpus analítico, é preciso esclarecer que a construção do objeto de pesquisa ocorre a partir de uma perspectiva que tange à indução ao longo do processo, considerando que “a fonte da verdade não é a lógica, mas a experiência” (CHALMERS, 1993, p. 31). Dessa forma, apesar de envolver um processo de movimentos de pesquisa, não há a eleição de etapas circunscritas em ordem predeterminada, na lembrança de que cabe ao autor decompor e recompor o material estudado a fim de melhor fazer surgir sua significação (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 216). Assim, a partir das referências e entendimentos acerca de metodologia encontrados, foi possível desenvolver esferas analíticas a fim de obter agrupamentos de sentido e, por fim, encontrar operadores de sentido, obtendo, dessa forma, instrumentos fundamentais de interpretação na procura da instância metodológica na construção do saber comunicacional. Com este intuito, a opção de análise a fim de realizar esse caminho, ocorre a partir das proposições acerca do entendimento sobre metodologia em referência a Kerlinger (1974), Selltiz et al, (1974) e Goode & Hatt (1989).

6.1.2 Primeiro movimento: Esferas analíticas

Esse movimento é realizado de forma inferencial no sentido metódico de pesquisa, com início em março de 2015, consoante finalidade de apresentação de uma primeira análise para fins de qualificação doutoral. Após, entre os meses de abril e maio de 2017, incorre-se ao movimento que engloba um *re* olhar, a partir da análise de sua forma e conteúdo como estratégia para entender o conceitual metodológico

presente nos textos científicos em estudo nesse trabalho, uma vez que ocorre a ampliação da análise para os anos 2012 a 2016.

Importa considerar que a partir desse *re* olhar, inclui-se o que Bardin (2009, p. 193) intitula “informatização da análise das comunicações” e que trata do aperfeiçoamento técnico com vistas a contribuir na execução da análise, especificamente, neste trabalho com o auxílio do software MaxQda, referido anteriormente. Combessie (2004) indica a execução em etapas no sentido de extrair, identificar e classificar os documentos em análise, as quais podem ser viabilizadas mediante esse auxílio instrumental. Dessa forma, é possível isolar as unidades temáticas distinguindo temas e subtemas, além da indexação necessária a fim de identificar seu sentido. O autor recomenda anotar à margem do (s) trecho (s) palavra (s) assinalando temas e subtemas de conexão, bem como anotar a (s) referência (s) do documento e o lugar do trecho no texto, a fim de organizar temáticas e subtemas (2004, p. 109). De qualquer modo, importa entender os usos do programa como um recurso auxiliar no andamento metódico da pesquisa e não restringir a análise adequando-se às ferramentas propiciadas pelo software, uma vez que esta experiência seria limitadora. Assim, recursos adicionais como o caderno de anotações, editores de texto (Word, bloco de notas) e planilhas do Excel também fazem parte da execução técnica da pesquisa.

Isso posto, distingue-se, inicialmente, os requisitos básicos encontrados nos textos científicos, no que configura uma compreensão de esferas analíticas, organizadas nas instâncias título, resumo, palavras-chave, organização textual, texto corrido e bibliografia. As esferas analíticas demarcam o acionamento metódico desde, portanto, o total de 262 textos, que se referem aos encontros dos grupos de epistemologia da Alaic, Compós e Intercom, no período de 2012 a 2016 e que distingue os fatores gerais que emergem acerca do conceito metodologia e sua localização nos artigos. No quadro abaixo, demonstra-se o que se considera como esferas analíticas, na proposta de relação posterior, ao conceitual metodológico:

Esferas Analíticas	
Título	O título identifica o assunto do texto. Apresenta a relação, em forma de frase explicativa, de matrizes conceituais que o artigo irá demonstrar/refletir.
Resumo	O resumo indica, ou deve indicar, sucintamente, do que o artigo trata. Para a análise, importa a existência de base teórica, as relações que se realizam a fim de sustentar argumentativamente o texto, a possível apresentação

	empírica de dados, as interpretações e conclusões apresentadas.
Palavras-chave	As palavras-chave funcionam como indexadores a fim de, ao selecionar o texto para a leitura, o leitor identifique os conceitos abordados.
Organização Textual	A organização textual demonstra a maneira que as ideias foram organizadas para dar forma e conteúdo ao texto, no movimento de <i>introdução, desenvolvimento e conclusão</i> .
Texto corrido	O texto corrido engloba a construção explícita de modos de pensar, no interior da organização textual.
Bibliografia	A bibliografia refere-se à construção de mapa referencial que aponta para as bases teóricas consultadas.

Quadro 17 - Esferas Analíticas

Fonte: Barth, D. L. [2017]

Os textos e suas características agruparam-se, anteriormente, em quadros a fim de explicitar suas características gerais, onde se realiza a distinção entre os trabalhos de acordo com o ano e evento.⁶⁸ Ao considerar as esferas analíticas e a presença de metodologia no conjunto de textos analisados, descobriu-se unidades de sentido por meio de segmentos codificados, que passam a constituir núcleos e, em movimento posterior, operadores de sentido. No entanto, desde já, importa mencionar que a experiência metódica de uso de software, aliada às relações teóricas desde a postura de autonomia do pesquisador, direcionam a instância empírica que intenta evitar a valoração de cada unidade de sentido por meio de sua frequência, notoriamente a partir do quantitativo de menções que, dessa forma, aumentam seu peso diante de outras unidades de registro com menos ocorrência.

Procura-se, dessa forma, relacionar elementos desde outra lógica que visa o exercício de evitar orientar-se via quantidade de ocorrências e, ao contrário, entender o que essas ocorrências em seu conjunto significam como um todo, para encontrar/entender o conceitual metodológico desde encontros referenciais. Esse configura um modo de apropriação do método como estratégia, que permite elencar núcleos e operadores na análise, na proposta de construção do objeto de pesquisa a ser pormenorizada a partir do próximo capítulo.

Esse entendimento é fundamental, pois direciona o protagonismo do método na execução metodológica da pesquisa, de onde emergem estratégias a fim de esmiuçar o corpus textual. A análise tem início a partir da localização de enfoques

⁶⁸ Os quadros referem-se ao momento da qualificação e englobam os encontros dos grupos Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación da ALAIC, Epistemología da Comunicação da Compós e Pesquisa Teorias da Comunicação da Intercom durante os anos 2014 e 2015, que integram a fase exploratória mencionada anteriormente. Estão disponíveis como apêndice deste trabalho, como componentes que ajudam a entender o processo de construção do objeto de pesquisa.

textuais baseados em empírico, teórico e ensaio, aliados aos desdobramentos do movimento de categorizar e, por fim, as características encontradas desde o contexto referencial dos textos.

7. O protagonismo do método na execução metodológica

No sentido etimológico, a palavra *análise* constitui a seguinte definição: “descrição ou a interpretação de uma situação ou de um objeto qualquer nos termos dos elementos mais simples pertencentes à situação ou ao objeto em questão” (ABBAGNANO, 2007, p. 51). Essa síntese, desdobra-se em explicitações desde sua etimologia. Assim, em Aristóteles, a finalidade de análise é *resolver* uma situação ou objeto. A partir de Descartes, atribui-se a ideia de que a análise demonstra um caminho pelo qual “a coisa foi metodicamente inventada e permite ver como os efeitos dependem da causa...”. Entre outros pensadores a que se refere o dicionário, Kant entende que é analítico o procedimento próprio da “lógica geral” a fim de valorizar o conhecimento. Além disso, Hegel entende o procedimento analítico não como matéria exteriormente dada, mas determinações do pensamento que também se transformam em dados (ABBAGNANO, 2007, p. 52-53).

A tendência analítica que perfaz a cultura contemporânea, coincide com um sentido metodológico que converge no empirismo, especialmente quando a ênfase é restrita à investigação de fatos observáveis e suas relações. Na prática, isso implica em demonstrar o método ou procedimento mediante o qual o fato pode ser efetivamente observado. Dessa forma, através do procedimento analítico, elimina-se realidades ou conceitos “em si” e, nessa perspectiva, ocorre também a tendência de progressiva eliminação de pontos finais, na diretriz analítica que evita imobilizar resultados assumidos como definitivos (ABBAGNANO, 2007, p. 53).

Isso posto, a introdução inicial é inserida tendo em vista a correspondência com a ação metódica da pesquisa. Nesse trabalho, o movimento metódico é proporcionado a partir de um conjunto de 262 textos relativos aos grupos de discussão a que se refere novamente, Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación, da Alaic, Epistemologia da Comunicação, da Compós e Teorias da Comunicação, da Intercom, no período de 2012 a 2016. A leitura dos textos inicia com os artigos referentes aos congressos da Alaic, dos anos 2012, 2014 e 2016, perfazendo um total de 93 trabalhos. A heterogeneidade referente a quantidade e padronização dos textos enviados ao GT é um ponto interessante a ser observado, a

exemplo da inclusão de trechos de poesias como epígrafe em alguns deles, presentes no início ou no desenvolvimento do tema. Os resumos em português de textos escritos por autores provenientes de países de língua espanhola apresentam erros de concordância e ortografia sendo que, provavelmente, o contrário também ocorra, ou seja, com relação a resumos de textos de língua espanhola cujo texto originalmente é escrito por autor de língua portuguesa. Essa característica compartilhada por autores latino-americanos revela indicativos de desconhecimento da língua oficial do país vizinho, no caso, do espanhol por autores brasileiros e do português por autores cuja língua materna é o espanhol.⁶⁹

Outra característica peculiar é formada por um quantitativo expressivo de textos cujo ritmo na introdução e no desenvolvimento recebe uma ruptura na conclusão. Assim, mesmo sem uma definição concisa que restrinja o número de páginas, a construção textual realizada com fôlego, recebe apenas um ou dois parágrafos de considerações finais. Além disso, outra prática interessante, observada nos eventos Compós e Intercom, é a retomada de textos publicados anteriormente com uma nova proposta de debate em resposta ao autor, o que se conjuga em diferentes proposições acerca do assunto em abordagem, desde a perspectiva de diferentes autores.

Com relação à Compós, a padronização da quantidade de textos enviados ao GT ocorre desde sua fundação, com 10 textos sendo publicados e discutidos a cada edição anual do evento. Verifica-se que, quanto à forma, os textos seguem a padronização proposta pelo modelo característico do evento. Mesmo que a maioria dos autores prefira apresentar seus textos com título, resumo e texto corrido, há a ocorrência de textos organizados por seções escritas em números romanos. Nessa questão do formalismo, ainda, o conjunto de textos provenientes da Intercom costuma apresentar títulos extensos, com título e subtítulo, diferente do que acontece, sobretudo, na Compós, com títulos curtos e objetivos. No conjunto de textos também é possível perceber enfoques temáticos que se desviam da ementa original dos grupos, na proposta de outras discussões.

Após esse momento inicial, que configura uma leitura flutuante proposta por Bardin (2009), a análise passa a englobar três eixos norteadores a serem especificados de forma distinta, os quais se distinguem na identificação de enfoques textuais, a

⁶⁹ Essas são características gerais que não perfazem, todavia, o enfoque analítico deste trabalho. Dessa forma, uma análise pormenorizada poderá ser realizada em trabalhos vindouros.

codificação e categorização desde as esferas analíticas e, afinal, a contextualização do referencial bibliográfico, com vistas a buscar elementos que constituam a compreensão de metodologia exposta nos textos. Esses movimentos configuram a ação metódica que recorre à decomposição de cada texto em fragmentos, também indicado por Bardin ao referir-se ao procedimento de Osgood (2009, p. 259).

Desde já, importa esclarecer que, do total de textos provenientes dos grupos de trabalho dos anos 2012 a 2016, delimita-se o corpus analítico em 140 artigos por neles encontrar distintos entendimentos acerca de metodologia que permitem, portanto, elaborar o objeto de pesquisa desde a proposta nesse trabalho. Essa decisão metodológica ocorre a partir da identificação do que se apresenta, do que emerge acerca dos sentidos de metodologia no contexto do grupo de textos, verificável desde sua publicação a partir dos eventos anteriormente citados. Portanto, parte-se do que está, nas relações estabelecidas no texto vinculadas ao conceito, reconhecendo-se, ainda, as possibilidades de realização no que concerne a tempo, afeto e discernimento durante o processo de pesquisa.

Ao caracterizar os assuntos que abarcam o corpus textual decorrente da ampliação da análise, optou-se por, inicialmente, visualizar as unidades que configuram sua composição temática. Importa, previamente, situar a questão linguística dos mesmos, quando do total de 140 textos, 101 estão escritos em língua portuguesa e os demais 39 encontram-se em espanhol. Essa questão é importante, uma vez que o conceitual decorre de referenciais de sentido cuja origem situa-se, majoritariamente, desde a língua portuguesa. Em vista disso, a relação de sentido com a língua espanhola será uma constante, onde a instância numérica não é restrita à quantidade de repetições e sim voltada de forma a auxiliar o panorama que emerge, a partir das propostas analíticas a serem vistas doravante.

No que configura a composição temática geral, ao reunir as esferas título, resumo, palavras-chave e organizadores textuais é possível construir um quadro de elementos norteadores dos textos em geral. Considera-se que essas esferas localizam os principais direcionamentos do conjunto textual, apontando suas intencionalidades, com o cuidado de retirar artigos, preposições, conjunções e advérbios. No que tange aos resumos, importa esclarecer que estes foram priorizados segundo a língua referencial do texto integrante do corpus. Assim, se este está escrito em português, o resumo será analisado nessa língua, acaso o texto esteja escrito em espanhol, esta será

a língua do resumo analisado. Após esses esclarecimentos, congrega-se o panorama de concentração temática do corpus em geral:

Concentração temática corpus					
N°	Unidade Português	Menções	Unidade Espanhol	Menções	Total
1	Comunicação	342	Comunicación	153	495
2	Pesquisa	113	Investigación	80	193
3	Estudo (s)	120	Estudio (s)	44	164
4	Social (s)	112	Sociales	31	143
5	Teoria (s)	99	Teoría	28	127
6	Campo (s)	123			123
7	Análise (s)	74	Análisis	23	97
8	Trabalho	73	Trabajo	23	96
9	Metodologia (s)	54	Metodología (s)	23	77
10	Método (s)	56			

Quadro 18 - Concentração temática corpus

Fonte: Barth, D. L. [2017]

A partir dessa visualização, identifica-se a frequência de uso da palavra Comunicação e sua versão em espanhol Comunicación, apontando para a recorrente necessidade de situar os assuntos dentro de um entendimento que configura a delimitação, aliado, nesse sentido, às menções a campo e social, além de sociais e sociales. Os textos provenientes das comunidades de encontro acerca do saber comunicacional também costumam citar, frequentemente, os termos pesquisa/investigación, trabalho/trabajo, estudo (s)/ estudios (s), além da recorrência à instância teórica na frequência de repetições a teoria (s) e teoría. Nas posições subsequentes, emerge a perspectiva metódica, quando é possível verificar a recorrência de análise e método, que se sobressaem desde já à metodologia, configurando um indício de sentido procedimental. Essa perfaz, de qualquer modo, uma síntese breve do conjunto de textos, que será efetivamente analisado desde estratégias específicas, posteriormente.

7.1 Enfoques textuais: teórico, empírico e ensaio

A leitura inicial dos textos é importante para organizar seu conteúdo e suas características, o que dá condições posteriores de analisar os elementos bem como semelhanças e diferenças acerca do fenômeno em estudo. Trata-se de buscar a

compreensão de uma lógica de sentido proposta pela escrita e aprofundar suas características.

Na composição de um acionamento metódico desde a análise de conteúdo, encontram-se definições que inscrevem, todavia, a reflexão crítica, ao considerar o lugar de fala metodológico exposto neste trabalho. Uma característica elementar da análise de conteúdo, encontrada em Richardson (1999) bem como em Bardin (2009), envolve a transmissão e aplicação da análise realizada em pesquisas posteriores, isto é, a maneira que o (a) analista de conteúdo trabalha, é exposta de forma que possa vir a ser repetida por outros pesquisadores. O exercício metodológico norteia-se, todavia, por outro entendimento de pesquisa, que marca um processo epistêmico único. Assim, apesar da indicação de transmissão e aplicação da análise apresentar riqueza de informações sobre o método, necessita-se a decodificação ou adaptações à realidade em estudo, onde emerge o papel fundamental de autonomia do pesquisador diante da pesquisa.

Por isso, invariavelmente, opera a observância do lugar de fala, da realidade contextual e de pesquisa em que este se encontra e, assim, é recomendável suspeitar da possibilidade de seguir modelos através da busca por pesquisas *exemplo*, a fim de executar o método, prática muito embora definida por especialistas como Bardin (2009) e Richardson (1999) ao indicarem a construção de um código, que poderá vir a ser utilizado por outros pesquisadores sobre um mesmo tema de estudo. Defende-se, novamente, que cada problema de pesquisa trata de uma incógnita, e cabe ao pesquisador desvendar, uma vez que o investimento de tempo, afeto e intelecto em pesquisa, é único.

Na abrangência que o movimento inicial de leitura flutuante (BARDIN, 2009) implica, delimita-se o corpus analítico em 140 textos, por neles encontrar distintos elementos acerca de metodologia que permitem, portanto, elaborar o objeto de pesquisa. Os textos organizam-se em termos gerais que englobam seu conteúdo e suas características, o que dá condições posteriores de analisar os elementos. Assim, ao examinar o conjunto de ações internas do texto (BRAGA, 2010; GARCIA, 2007), identifica-se três tendências que inscrevem os textos nas ênfases teórica, empírica e ensaio, cujo panorama numérico pode ser visualizado no quadro abaixo:

Instância numérica - Ênfase textual										
	Alaic			Compós			Intercom			
	A	B	C	A	B	C	A	B	C	Total
2016	12	3	2	2	3	1	3	4	7	37
2015	-	-	-	2	3	0	4	1	6	16
2014	11	8	1	1	1	3	6	5	6	42
2013	-	-	-	0	1	1	1	2	3	8
2012	6	9	11	1	-	3	3	2	2	37
Total	29	20	14	6	8	8	17	14	24	140

Quadro 19 - Instância numérica - Ênfase textual

Fonte: Barth, D. L. [2017]

Legenda: A – Empírico; B – Teórico; C- Ensaio

A instância numérica é concebida a partir do conjunto de textos analisados e sua ênfase, onde 63 referem-se ao Grupo Temático Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación, da Alaic, 22 foram publicados pelo Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação, da Compós e 55 textos referem-se ao grupo de pesquisa Teorias da Comunicação da Intercom, nos cinco anos estudados. Importa, ainda, situar o panorama numérico como auxiliar no tratamento do objeto de pesquisa, evitando-se, nesse sentido, seu posicionamento como organizador central, que visa a busca valorativa consoante a frequência de elementos.

Antes de apresentar características e discorrer sobre elas, é preciso elucidar que o movimento realizado visa identificar tendências em cada texto, a rigor necessárias, a fim de esmiuçar cientificamente o corpus em questão. Não se trata, porém, de apontar uma classificação engessada, visto que os textos apresentam tons diversos no decorrer de seu desenvolvimento. Portanto, opta-se por fazer emergir o sentido ou os sentidos implícitos, uma vez que a análise “liga-se às únicas palavras do texto que podem fundar interpretações: a análise associa estreitamente os temas e seus modos de expressão” (COMBESSIE, 2004, p. 107).

Nesse sentido, a identificação de enfoques perfaz tendências que se ressaltam na compreensão da forma e conteúdo, em relação direta com o sentido atribuído à metodologia. É a partir dessa orientação, que se identificam três ênfases que permitem caracterizar os artigos em teóricos, empíricos e ensaios. A síntese de cada uma delas está disposta no quadro abaixo:

Enfoques textuais		
Teórico	Empírico	Ensaio
A ênfase teórica é identificada quando há relações com vistas a conclusões de base teórica. O texto apresenta profundidade na discussão, seja na orientação constante, seja no trabalho analítico, no sentido de uma relação explícita a respeito de metodologia.	Nos textos de enfoque empírico, há o delineamento de duas vias de entendimento. A primeira compreende textos norteados a uma proposta de descrição e resultados empíricos. A segunda oferece uma proposta pedagógica, no sentido de descrever determinada lógica de escrita textual ou ainda apresentação de experiência de ensino.	Nos textos com enfoque ensaístico, manifesta-se a exposição de ideias e pontos de vista sobre o tema, com enfoque argumentativo, onde também há ocorrência de caráter descritivo empírico.

Quadro 20 - Enfoques textuais
 Fonte: Barth, D. L. [2017]

Uma vez realizadas essas considerações, a organização e a tipificação em enfoques textuais configura uma decisão metódica, a partir da identificação dessas tendências. As distinções de cada uma delas, desde a dimensão conceitual metodológica, passar a ser pormenorizada na sequência.

7.1.1 A tendência empírica

Nos textos de enfoque empírico, ao considerar a prática da pesquisa como uma prática metodológica (LOPES, 2010), identificam-se razões ou explicações para um problema. As relações que se associam à metodologia estão presentes nos textos através de duas vias de entendimento, as quais se relacionam à descrição experimental e seus resultados, bem como, em alguns casos, ao surgimento de uma proposta pedagógica.

De modo geral, os assuntos dos textos com enfoque empírico, relacionado à descrição experimental, são vastos. Os fatos abordados normalmente incluem e/ou geram dados estatísticos, uma vez que estes “(...) tem grande valor de convicção, constituindo quase sempre prova ou evidência incontestável” (GARCIA, 2007). A abrangência de temas se dá em comunicação interpessoal; comunicação e trabalho; indústrias culturais; interações no Facebook; audiências de música; jornalismo literário na internet; jovens e consumo de notícias e/ou redes sociais (2); plataformas

digitais e cidadania; pesquisa em comunicação e feminismo (2); pensamento comunicacional latino-americano; abordagem comunicacional de problema de ordem social; pesquisa *ethos* jornalístico (2); passos para o uso do método fenomenológico; estatuto da comunicação; antropologia visual; produção acadêmica de pesquisa; desenhos animados; vigilância crítica em pesquisa; pesquisa de blogs, redes sociais e e-mails; análise de conteúdo de jornais impressos; etnografia na internet; mídia, religião e consumo (2); Epistemologia da Comunicação da Compós; agendamento jornal *L'Osservatore Romano*; termo-conceito-argumento em periódicos nacionais; análise de frames; blogs e imprensa; histórias em quadrinhos; pesquisa audiovisual; enquadramentos da mídia sobre a nova classe média; Teoria Ator Rede e audiovisual; agenda *setting*; comunicação e política; opinião pública e regime militar; Twitter, blogs e Copa do Mundo; materialismo histórico e trabalho; midiatização e estudos de recepção; epistemologia e cobertura jornalística.

Na proposta de viés pedagógico, ocorre o enfoque em descrever a lógica empregada para a condução textual do artigo, ou seja, a experiência de escrever o texto, cujo componente abrange a proposta de reflexão do ensaio como escrita. Ainda, no sentido empírico pedagógico, há a referência à experiência e discussão de ensino na graduação e/ou pós-graduação, cujos assuntos abordam ensino de pesquisa em Comunicação Social (2); teorias da Comunicação; epistemologia no norte do Brasil; programa de pesquisa, além da condução textual pedagógica sobre possibilidades de análise do acontecimento.

7.1.2 O enfoque teórico

A ênfase teórica é identificada quando há relações abstratas que convergem a conclusões de base teórica, cuja leitura permite delinear as características gerais dos textos e demonstra que, constantemente, têm-se o predomínio de relações conceituais realizadas de acordo com a orientação que o autor deseja expor. Isso parece óbvio, porém, evitam-se as dúvidas e a problematização. Dessa maneira, a predominância é de argumentos que tendem a concordar com autores citados, de modo a apresentar um conceitual teórico que se encaixa nas relações pretendidas.

O texto teórico caracteriza-se pela profundidade na discussão, cuja composição apresenta clareza, coerência, objetividade, ordenamento lógico, presente

na redação técnica (GARCIA, 2007, p. 394). Contextualmente, o autor compõe enunciados onde a orientação textual é precisa, utilizando com essa finalidade uma linguagem que evita imprecisões, a partir do trabalho analítico que se apresenta.

Nessa tipologia, ora desenvolvem-se relações teóricas acerca de metodologia ou ainda a abordagem de outros temas, onde metodologia encontra-se no sentido de fazer constar, ou seja, há a ausência de um direcionamento acerca de discussão metodológica evidente. Os assuntos tratados nesses textos são variados e abrangem temas como mediação (5); estudos desconstrucionistas do audiovisual (2); indústrias criativas; história do campo da comunicação (2); cidadania investigativa; teoria da comunicação (2); comunicação, cultura e pesquisa qualitativa (3); leitura ontoética da comunicação; objeto científico da comunicação (2); modos de pensamento acerca da ciência; transmetodologia; discussão do campo da comunicação (3); teorias das redes (2); comunicação e tecnologia (3); sistemas conceituais; teorias dos sistemas e ecologia das mídias; mídia e religião; análise semi-discursiva; discurso informativo; interacionismo simbólico; produção de sentidos e linguagem; comunicação e cultura; estudos de recepção (2); materialismo histórico; publicidade.

7.1.3 A emergência do ensaio

Nos textos com enfoque ensaístico, observa-se a exposição de ideias e pontos de vista do autor sobre determinado tema, na busca de originalidade e com tendência argumentativa, porém sem explorar o tema de forma exaustiva ou propor valor de prova. Os textos ensaísticos que enfatizam o argumentativo, demarcam um caráter provocativo, propositivo, com o uso de uma lógica que se refere à construção de um pensamento original, que visa o convencimento a partir de fatos evidentes (GARCIA, 2007, p. 382) onde há, sobretudo, pouca recorrência ao referencial bibliográfico.

Outras possibilidades de textos ensaísticos traduzem-se em tentativas de alcance teórico ou empírico. No primeiro caso, identifica-se a pretensão de escrita de um texto teórico, porém sem alcançar profundidade. Denota-se, portanto, ensaios de teorias, com a frequente compilação de outros autores através de citações. O segundo caso é composto de textos com características de ensaio que intentam a ênfase na descrição empírica, desviando-se da lógica problema-método-resultado, para

apresentar relações conflituosas e de dispersão temática desde uma pressuposta investigação, mesmo que apresentem tabelas, números, mapas, etc.

Os textos normalmente lidam com ideias, evidências ou fatos, que também se desdobram em diversidade de temas. Estes, englobam midiatização (4); história do Jornalismo; ativação digital; campo Comunicação (2); metodologia autores latino-americanos; trajetórias comunicativas; observatório de meios e cidadania; corpo, música e baile; semiótica e hermenêutica; interdisciplinaridade; nova teoria da Comunicação (2); Comunicação e metáfora; epistemologia (3); Stuart Hall; música e semiótica; teoria da Comunicação (3); pesquisas comunicacionais; linguagem e Bakhtin; Foucault e Bakhtin; compreensão como método; recepção e cibercultura; comunicação, religião e América Latina; Comunicação, física e crise de paradigmas; performance e episteme comunicacional; teoria das redes e contextos digitais; produção de sentido, entrevista e jornalista; líder de opinião, Facebook e Twitter; Accountability e Jornalismo; Imaginário, cultura e cinema; estudos culturais e Comunicação; Jean Baudrillard e pesquisa em Comunicação; Imaginário, personagem e Comunicação; história da Comunicação; análise dos discursos mediáticos; trabalho, identidades sociais e Comunicação.

Ao sublinhar os tópicos que trazem elementos para a questão do texto científico como objeto de pesquisa, importa realizar considerações pertinentes, com o objetivo de apontar uma síntese que conjuga o movimento de pesquisa exposto. Uma primeira questão inferencial reflexiva engloba o entendimento do texto em unidades, tais como título, resumo, tópicos e bibliografia como partes de um quebra-cabeça montado pelo autor, cujo problema motivador da escrita nem sempre apresenta-se de forma explícita (SELLTIZ, C. et al; 1974). As ênfases empíricas e ensaísticas trazem indicadores disso, onde o teor relacionado à metodologia normalmente é entendido como descrição de procedimentos de captura e verificação estatística de dados. Já na tendência ensaística, o mesmo indicador em torno do procedimental encontra-se disposto de forma insuficiente, do ponto de vista da confecção via redação técnica (GARCIA, 2007), que reúne o normativo de entendimento exposto, por exemplo, pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

No conjunto dos textos, apesar de menções à metodologia estarem presentes, permitindo a construção de posteriores núcleos de sentido e operadores, evidenciou-se a escassez de discussão metodológica como proposta de tema central. Assim, metodologia aparece no conjunto textual com menções explícitas, de onde emergem

as tendências de textos com ênfases empíricas, teóricas ou ensaísticas. Os temas centrais, logo, partem desde outras instâncias e configuram o conjunto de assuntos encontrados em cada ênfase. Dessa forma, verifica-se que metodologia se situa, portanto, como um tema auxiliar no conjunto de textos analisados.

7.2 O movimento de categorizar

Após particularizar as ênfases encontradas no conjunto de textos, inicia-se o movimento de identificação de trechos curtos, onde Combessie aconselha: “(...) deve-se, tanto quanto possível, ignorar de qual entrevista, de qual texto eles foram extraídos”, dessa forma, intenta-se “(...) ‘fazer falar’ o texto” (2004, p. 107) para após atentar em direção às associações atribuídas à metodologia. Nessa análise, importa lembrar, desde já, que se evita o enfoque na ocorrência numérica de metodologia em cada texto, senão em trechos que são codificados com o auxílio do software MaxQda e que permitem a interpretação acerca dos sentidos que surgem acerca de metodologia. Assim, o panorama numérico auxilia a contextualizar, consoante uma proposta de leitura do analista de conteúdo que não é apenas ao “pé da letra” (BARDIN, 2009) e que, ao mesmo tempo, inclui a necessidade de objetividade, sistematização e inferência (RICHARDSON, 1999).

Dessa forma, na identificação distinta por eventos nas cinco edições analisadas, destaca-se a diversidade de menções no grupo temático da Alaic, com a marcação de 254 passagens codificadas no programa como *metodol*, a fim de encontrar menções à metodologia e derivações como metodológico (a) (s), no que também abarca a grafia em espanhol. Particularmente, nesse grupo temático, a maior quantidade de segmentos ocorre na edição de 2012, cujo destaque situa-se na unidade de sentido “estratégias metodológicas”. Na sequência, as publicações derivadas do grupo Intercom contabilizaram 131 passagens destacadas. Já no grupo da Compós, contudo, há a redução de passagens codificadas, com 90 menções à *metodol* nos textos. No entanto, é necessário acrescentar que as submissões são restritas a 10 trabalhos por grupo a cada evento, enquanto que os grupos da Alaic e da Intercom apresentam quantidade variável de trabalhos a cada ano, uma vez que não há limites de trabalhos por grupo.

Ao final do movimento de codificação, o número de passagens selecionadas e, portanto, relacionadas à metodologia, congrega um total de 475, distribuídas nos 140 documentos. O quadro abaixo ilustra a disposição por evento:

Segmentos codificados por ano e evento						
Comunidade de encontro	2016	2015	2014	2013	2012	Total
Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación – Alaic	46	-	91	-	117	254
Epistemologia da Comunicação – Compós	19	21	24	06	20	90
Teorias da Comunicação – Intercom	27	25	41	19	19	131
Total	92	46	156	25	156	475

Quadro 21 - Segmentos codificados por ano e evento

Fonte: Barth, D. L. [2017]

Inicialmente, são demonstráveis os indicadores de que metodologia e derivações estão presentes nos textos analisados de forma constante. Atentou-se para a diversidade de palavras incluídas nos segmentos codificados, o que culmina, dessa maneira, em sua localização desde as esferas analíticas, ao considerar distintos espaços do texto como um todo.

Ao situar o contexto numérico, importa recordar o exercício de evitar o enfoque no sentido de fazer emergir dados para, a partir da mensuração, valorar suas frequências. Logo, o critério metodológico, desde essa orientação, é buscar compreender o numérico como componente auxiliar no sentido de situar as primeiras inferências. Inclusive, relaciona-se a isso a ocorrência de textos que não se constituem desde as esferas analíticas desse trabalho, apresentando, em alguns casos, apenas título e texto corrido, a exemplo da caracterização geral mencionada anteriormente. Isso posto, ao reunir apenas os 140 títulos, as referências à metodologia estão presentes em 8 deles. A esfera palavras-chave oportuniza o encontro com apenas uma menção, onde metodologia situa-se como indexador. Ao particularizar a organização textual, somam-se 12 menções. Já no conjunto de resumos, há 53 considerações à metodologia. Por fim, a esfera analítica que oportuniza a recorrência de referências à metodologia configura-se no texto corrido, com 401 menções, sendo que isso totaliza, logo, os 475 segmentos codificados.

A partir do agrupamento por parentesco de sentido (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 219) esse conjunto de trechos codificados organiza-se em outro patamar de análise, com vistas a constituir o contextual de significados que emergem acerca de

metodologia, no que Combessie recomenda “a mobilização de *analogias* que sugerem eixos de leitura e de interpretação” (2004, p. 107). A emergência da bibliografia como esfera analítica realiza-se posteriormente, devido às particularidades de rotatividade de autores bem como indicadores de citações, os quais confluem para o contexto referencial particularizado em outro eixo de leitura.

Após o recorte de entendimentos acerca da análise de conteúdo, é preciso recordar que se defende o desenvolvimento epistêmico único de cada pesquisa. Dessa forma, procura-se alinhar-se a partir de descobertas que provém desde uma postura metodológica que permite idas e vindas, ao mesmo tempo que procura desviar-se de um olhar nomotético, na exigência de aplicação de um método cuja montagem sistemática permitiria sua reutilização em outras pesquisas. Além disso, como caracterizado anteriormente, a análise de conteúdo não se constitui em um método específico de uma área do conhecimento, portanto, aprimoramentos e adequações são realizados de acordo com as demandas da problemática em estudo e da construção do objeto de pesquisa. Assim, não é possível encaixar o problema para um instrumental com possibilidades previamente definidas. Portanto, trata-se de movimento hermenêutico de tomada de decisões ao longo do processo da pesquisa, uma vez que a utilização de técnicas concebidas *a priori* ou métodos instituídos desviam-se da compreensão dos fenômenos. E, nesse sentido, a lembrança de Mills, novamente, é importante:

Ser dominado por el ‘método’ o por la ‘teoría’ es sencillamente verse impedido para trabajar, para tantear, es decir, para averiguar lo que está sucediendo en el mundo. Sin penetrar el modo como se lleva a cabo el trabajo, los resultados del estudio son poco sólidos; sin la determinación de que el estudio llegue a resultados significativos, todo método es pretensión insignificante (1995, p. 135).

Ressalta-se, como esclarecido anteriormente, que não se trata do número de ocorrências com vistas a determinar a valoração de um conjunto, em detrimento de outros, mas sim o conjunto de palavras que se ligam à metodologia e que contemplam o enfoque desse trabalho, que é identificar e interpretar a instância conceitual metodológica acerca do saber comunicacional, desde encontros referenciais que ocorrem no âmbito da Alaic, Compós e Intercom na reunião periódica de comunidades de encontro. Sendo assim, a partir desse estágio de análise, é que se decodifica cada texto em elementos que são classificados e formam agrupamentos por

semelhança. Assim, no conjunto de menções codificadas nos textos, identifica-se a releitura de núcleos de sentido (BARDIN, 2009), em realização desde o processo exploratório e que se amplia ao permitir agregar entendimentos em torno de operadores de sentido. Esse movimento encontra-se sintetizado no panorama abaixo:

Operadores de sentido		
Ambiguidade	Análise	Aplicação
Caminho	Combinações	Constituição
Contribuição	Diligência	Planejamento

Quadro 22 - Operadores de sentido
 Fonte: Barth, D. L. [2017]

No quadro encontram-se nove operadores de sentido que estão dispostos em ordem alfabética, novamente, recorda-se, com o intuito de evitar estimular o enfoque desde a quantidade. As características de cada um deles passam a ser pormenorizadas a seguir.

7.2.1 Ambiguidade

O operador de sentido Ambiguidade refere-se aos núcleos em que metodologia oferece dúvida no decorrer do texto, o que engloba “possibilidade de interpretações diversas ou presença de alternativas que se excluem” (ABBAGNANO, 2007, p. 36). Isso ocorre, principalmente, em uma concepção dualística entre método/metodologia e, dessa maneira, emerge a confusão que, em geral, designa metodologia como o roteiro de ações metódicas dentro do texto.

Assim, identificam-se trechos com descrições de método que são intitulados metodologia, o que configura a necessidade de relato/descrição das etapas ou singularidades referentes à coleta de dados, sem o entendimento de metodologia como conceito vivo e processo crítico. Nessa perspectiva, encontram-se trechos inseridos em parágrafos de difícil compreensão, onde há margem para dúvidas, que podem ser relacionadas, desde o âmbito geral, em: o que é, exatamente, isso que se intenta expressar? Quais são os critérios para esse método? Ou ainda, possíveis questões no que tange à confusão da própria instância empírica, já apropriada como “procedimento metodológico”, que permite questionar: Qual procedimento, mesmo,

está em operação? O que há para além do procedimento? Qual relação empírica está em demonstração?

Há relações com um modo de pensar baseado em características do positivismo, ao isolar elementos, produzir sistemas funcionais e na ênfase pela inclusão de metodologia de forma mecânica, na procura por confirmar o caráter de cientificidade através das descrições empíricas. Consequentemente, também ocorre a ambiguidade no sentido formal de obrigatoriedade do método no texto, para demonstrar, em realidade, a apresentação de métodos, técnicas e instrumentos escolhidos com intuito de encaixarem-se ao estudo, onde se evitam espaços para dúvidas ou exercícios de problematização.

As ideias centrais formam núcleos de sentido que se concentram em Descrição, Padrão normativo e Opinião vaga. Dentre a constância de trechos codificados que formam os núcleos, em particular, Padrão normativo, importa incluir a menção à metodologia na esfera analítica palavras-chave, bem como configuradora de uma tendência presente em segmentos codificados desde a esfera Organização textual, que identificam ênfases desde esferas que localizam sentidos norteadores do texto nessas situações, ao considerar, de qualquer forma, a frequência constante de segmentos desde a esfera texto corrido. O quadro abaixo abarca os núcleos formadores dessa categoria:

Ambiguidade	
Núcleo de sentido	Segmentos codificados
Descrição	descrição reflexiva sobre a metodologia de análise; metodologia será através da revisão de literatura; la metodología es presentada de manera descriptiva; etnografia da audiência: uma metodologia para estudar a recepção;
Padrão normativo	procedimento metodológico; procedimientos metodológicos clásicos; procedimientos metodológicos tradicionales; recurso metodológico apropiado foi o bibliográfico; este trabalho utilizou como metodologia, inicialmente, pesquisa bibliográfica; o principal método da pesquisa é a etnometodologia; revisão bibliográfica e metodológica; metodologia de ordem estatística; metodologicamente este artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica; metodologicamente na análise de conteúdo; metodologias em Comunicação; ordem metodológica; fundamentos metodológicos mais precisos e estáveis; regras metodológicas;
Opinião vaga	cambio de la metodologia en mi trabajo de investigación; metodologias de coleta de dados; técnica metodológica empregada; metodologia anti-metódica; incerteza da metodologia, metodologia a análise de conteúdo qualitativa; metodología bibliométrica; uma metodologia diferente, tomar de empréstimo metodologias de outras disciplinas; temos mais métodos do que metodologias; como perfil

	histórico-metodológico ao texto; impressão metodológica; lógica metodológica é aprisionar o objeto; repetem metodologias; metodologia interdisciplinar; metodologia própria; metodologia quantitativa; metodologia quantitativa de análise de conteúdo; metodologias acadêmicas consolidadas;
--	---

Quadro 23 - Ambiguidade
 Fonte: Barth, D. L. [2017]

7.2.2 Análise

Desde o operador de sentido Análise emerge a inferência de realização metódica da pesquisa, onde incide uma compreensão de abordagem metodológica, formada pelos núcleos de sentido Aproximação, Exame e Avaliação. A partir do conjunto de sentidos formadores da categoria, encontram-se formulações de pensamento orientadas tanto pelo positivismo, quanto por uma concepção dialética.

Ao entender o conjunto de núcleos que compreendem esse operador, compõe-se uma lógica introdutória de Aproximação, que reúne indícios acerca de metodologia e remete o conceito a percepções iniciais. No núcleo Exame, a relação com metodologia é a de detalhamento, atribuído no estudo acerca do fenômeno em questão, tratado no texto. O núcleo Avaliação origina entendimentos que procuram julgar, criticamente, determinadas posturas relacionadas ao metodológico. Os segmentos codificados indicam estudos desde o reconhecimento do caráter procedimental que a metodologia implica no processo, aliados a uma tentativa de compreender e refletir acerca desses fatores em sua produção textual. A síntese dos núcleos e segmentos pode ser verificada no quadro abaixo:

Análise	
Núcleo de sentido	Segmentos codificados
Aproximação	aproximación metodológica; metodologias de análises inovadoras; pressupostos metodológicos;
Exame	análise da metodologia; análise das metodologias e ferramentas; detalhamento do processo de construção da metodologia de análise; metodologia de análise de sentimentos; símbolo, ícone e índice são categorias metodológicas; metodologia de análise; metodologia de análise cultural; metodologicamente; prática metodológica qualitativa; problema (s) metodológico (s); problemática metodológica;
Avaliação	metodologia científica positivista; “métodos y metodologías de la investigación”; apurar os instrumentos metodológicos; ejercicio metodológico de desconstrucción conceptual; crítica à metodologia de análise de conteúdo; metodologias de análise do cinema ou da TV; el saber comunicacional se piensa conjuntamente al metodológico; epistemológico-metodológico; lo metodológico no es

	autónomo; lo metodológico avanza en el conocimiento; problematizar escolhas metodológicas;
--	---

Quadro 24 - Análise

Fonte: Barth, D. L. [2017]

7.2.3 Aplicação

Na formação do operador de sentido Aplicação, distingue-se dois núcleos orientados à prática e ao procedimental, presentes, sobretudo, em segmentos codificados que se sobressaem, com destaque desde a esfera analítica Resumo, que demonstra a localização central na construção do texto. A maior ênfase de segmentos, todavia, ocorrer desde Texto corrido, como visto de modo geral, anteriormente.

Nesse operador ocorre, de forma explícita, a organização metódica da pesquisa em etapas, corroborando o conjunto dessas ações em metodologia. Desde essa perspectiva, valoriza-se, sobretudo, o lugar da empiria, da experiência nos textos analisados e, dessa forma, relaciona-se metodologia com uma demanda necessária de consentimento procedimental para validação *científica* de determinado estudo. Nem sempre, todavia, representa efetivamente a experiência de sentido empírico.

Desde essa lógica, origina-se o núcleo Modo, com ênfase ao *como*, em referência, por exemplo, à maneira que se realiza o tratamento de dados. Ainda, o núcleo Emprego, que também abrange a instância do *como*, porém, aliado à ênfase a um sentido *útil*, compreendendo formas de utilização, tais como aplicação desde modelos, métodos e/ou técnicas. Tendo em vista as características em questão, entende-se o norteamto positivista que corrobora nos segmentos codificados, uma vez que metodologia remete à possibilidade de mensurar para demonstrar, via aplicação prática. A partir disso, o quadro abaixo é construído:

Aplicação	
Núcleo de sentido	Segmentos codificados
Modo	abordagem metodológica também como tomada de decisões na prática da pesquisa; abordaje (s) metodológico (s); metodología de abordaje; metodologias de abordagem; expresión metodológica como hermenêutica; operaciones metodológicas; operações metodológicas; operadores metodológicos de circulação dos significados; operar metodologicamente a nivel de las tensiones de sentido; trabalhar metodologicamente; direciona metodologicamente a análise dos processos de produção; metodologia de enquadramento (Frame Analysis); metodología de investigación como la herramienta; metodología en la investigación; metodologicamente recortada e posicionada; metodologicamente, realizamos um trabalho de análise

	das imagens obedecendo a um procedimento em três etapas;
Emprego	como metodologia de análise do som; abordagem metodológica; ferramenta metodológica; herramientas metodológicas; instrumental metodológico; instrumento metodológico operativo; instrumentos metodológicos; protocolo metodológico; protocolo metodológico de pesquisa; recurso metodológico clave: la “observación participante”; um modelo metodológico que compreende suas fases e operações; um valor metodológico e operativo; executamos o planejamento da metodologia; experiência metodológica; experiencia metodológica en Comunicación Social en América Latina; indemostrable lógica y metodologicamente; metodología de investigación; metodologia de pesquisa em vídeo para a web; metodologia empregada; metodologias computacionais de Linguística de Corpus e Processamento de Linguagem Natural; modelo metodológico; nova aplicação metodológica; noção esquemática de metodologia; Notas Metodológicas; orientações metodológicas dessa linha de pensamento; prática metodológica; preguntas metodológicas básicas para elaborar el diseño de la investigación; momento metodológico y creativo; processo como a metodologia foi utilizada; metodologia utilizada consiste em revisão bibliográfica; metodologia utilizada será de observação indireta; apropriação metodológica; metodologia utilizada na testagem é exploratória com abordagem qualitativa; usaremos a etnometodologia; uso da metodologia quantitativa como uma ferramenta; uso de las distintas opciones de metodologia; uso de metodologias da Comunicação e da Psicologia Social; La metodología utilizada en el estudio en su fase inicial, fue el análisis documental; etnometodologia e às pesquisas empíricas; los usos que se da a la metodologia; melhor metodologia a ser utilizada;

Quadro 25 - Aplicação

Fonte: Barth, D. L. [2017]

7.2.4 Caminho

O operador Caminho é formado por núcleos de sentido que indicam Percurso e Escolha. O primeiro representa o trilhar da pesquisa, onde emerge a ideia de traçar uma rota de orientação, cujo objetivo é evitar perder-se, logo, ao segui-la, constrói-se uma objetivação profícua acerca do metodológico. Além disso, emerge a ideia de vertente, em uma metáfora em torno do verter metodológico à semelhança de curso das águas. Essa ideia também se alia, portanto, ao deslocar-se que permite fazer curvas, desvios, de modo a prevenir uma rota em linha reta. O núcleo de sentido Escolha inclui a possibilidade de opções que permitem realizar a pesquisa desde um entendimento espacial que incluiu delimitações ou ainda a concepção de mapeamento, onde se incluem os limites que o metodológico poderá alcançar. Dessa forma, emerge a necessidade de metodologia em demarcação, vinculada ao objeto.

Em ambos núcleos e como quesito formador da categoria, está a identificação de metodologia a um patamar específico de entendimento, uma vez que assume a ideia peculiar de significação em torno do Caminho, tanto no sentido de Percurso como de Escolha. Além disso, denota a tendência vinculada ao modo de pensar estruturalista, na medida em que promove uma visão da realidade subjetiva e procura estruturar fenômenos através da ideia de Caminho. A formação desse operador de sentido encontra-se no quadro abaixo:

Caminho	
Núcleo de sentido	Segmentos codificados
Percurso	caminho de construção da metodologia; caminho metodológico; Husserl assume quatro passos metodológicos; percurso metodológico; processo metodológico; processo metodológico que os caminhos se abrem; processos metodológicos; trilhar metodológico; melhores caminhos metodológicos a trilhar; metodologia abre o caminho; Metodologia aqui, portanto, diz respeito a um caminho percorrido na busca das respostas; recorrido metodológico; viés metodológico; vertente metodológica; vertiente transmetodológica; sentido metodológico; desemboque metodológico; encaminhamento metodológico; linha metodológica; possibilidade metodológica de acompanhar rastros; movimento metodológico; via da purificação metodológica
Escolha	opções metodológicas; opção metodológica; decisão metodológica; decisão metodológica que permite delimitar e tipificar; decisiones metodológicas; definiciones metodológicas; âmbito metodológico; termos metodológicos; términos metodológicos para descubrir las múltiples motivaciones; demarcações metodológicas; escolhas metodológicas; metodología de la investigación; metodologia é um desdobramento natural da problematização do objeto; é resultado da operacionalização dos conceitos norteadores; metodológica (el conjunto de decisiones y técnicas de investigación que, en estrecha relación con la concepción teórica y epistémica, nos orienta en el trabajo de campo); metodologías de investigación específicas; alcances metodológicos;

Quadro 26 - Caminho

Fonte: Barth, D. L. [2017]

7.2.5 Combinações

Com o operador Combinações, o que se interpreta é uma tentativa de entender a metodologia desde uma perspectiva ampla e aplicada, nem sempre com detalhamento explícito. Essa categoria perfaz a tendência dominante desde a esfera analítica Texto corrido, que constitui o maior quantitativo de segmentos codificados desse trabalho. O núcleo de sentido Multi decorre de um entendimento que vincula técnicas e ações metódicas em uma concepção de metodologia ampliada. Para ilustrar

essa tendência, encontra-se a ideia de triangulação metodológica, especialmente enfatizada em textos da comunidade de encontro da Alaic, com presença e ausência de atribuições teóricas.⁷⁰

Já o núcleo de sentido Teórico/Metodológico apresenta a tendência de enfatizar a teoria e a metodologia no texto de forma conjunta, o que aponta para uma constante significativa de repetições. Isso demonstra um entendimento que, a princípio, um conceito deve ser acionado em conjunto com o outro, em um vínculo simbiótico entre ambos. Assim, teoria e metodologia recebem o entendimento de que um conceito inexistente sem o outro. Entretanto, nem sempre a relação citada encontra-se explícita, uma vez que também ocorre a prática de constar no texto a fim de proporcionar caráter vinculado à ideia do científico. Além disso, podem ocorrer vinculações onde teórico e metodológico aparecem combinados com demais palavras associadas a sentidos formadores de outros núcleos de sentido, que integram a interpretação conceitual deste trabalho, entretanto, considera-se que, anterior a esse fato, situam-se desde um conjunto de sentidos que evidencia a combinação teórico e metodológico, a qual prevalece.

Além disso, agrega-se a essa categoria o núcleo de sentido Quanti/Quali que remete a semelhante patamar de entendimento, quando essa distinção se refere, em geral, a uma orientação estatística da pesquisa atribuída ao sentido quanti. Isso ocorre de modo a combinar a orientação que enfoca o aspecto qualitativo, incluído normalmente após as demonstrações numéricas. Importa considerar que esse sentido se relaciona a argumentos reproduzidos desde uma lógica de entendimento instrumental, na medida em que há necessidade de distinguir/desvincular essas instâncias.

Isso posto, a tendência que emerge desde o operador de sentido Combinações aponta para um modo de pensar estruturalista, onde também é possível compreender bifurcações, particularmente desde o núcleo quanti/quali. Inclui-se à formação dessa categoria, a diversidade atribuída ao entendimento acerca da metodologia onde, a partir do intuito de combinação, espera-se maior variedade de resultados. O quadro abaixo é construído com o intuito de síntese/demonstração desses sentidos:

⁷⁰ Em sua orientação teórica, a triangulação metodológica é mencionada com vínculos aos autores Cohen, N.; Piovani, J. (2008), Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S (2006) e, por fim, Jensen, K. B. E.; Jankowski, N. W. (1993).

Combinações	
Núcleo de sentido	Segmentos codificados
Multi	combinações metodológicas; triangulación metodológica; metodologia de natureza mista; articulaciones metodológicas; combinar varias formas de analizar, sistematizar y desarrollar una metodología que permitiera moverse; diversidade metodológica; enfoque metodológico mixto; metodologias pluralistas; metodológico mixto; múltiplas práticas metodológicas; seguindo as mais diversas metodologias; confluencia multiléctica transmetodológica; amplitud e diversidad metodológica; heterogeneidade metodológica; transmetodologia; triangulação metodológica;
Quanti/quali	metodologias qualitativas e quantitativas; metodologías cuantitativas y cualitativas; opções metodológicas de análises quantitativa e qualitativa; metodología cuantitativa y cualitativa; exclusión de uno u otra metodología (cualitativa – cuantitativa); acercamientos metodológicos cuantitativos y cualitativos; metodologia utilizada neste trabalho para a coleta de dados será quantitativa e qualitativa;
Teórico/metodológico	relação teórica e metodológica; associações teóricas e vinculações metodológicas; apontamentos teórico-metodológicos; aporte teórico-metodológico; aproximaciones teórico-metodológicas; armações teórico-metodológicas; arsenal teórico-metodológico; articulações teóricas e metodológicas; caminhar teórico-metodológico; complexa trama teórica e metodológica; constituição teórico-metodológica; contribuições teórico-metodológicas; cuidados teórico-metodológicos; decisiones teóricas y metodológicas, dependência teórica y metodológica de Estados Unidos; desafios teóricos-metodológicos; desenvolvimento teórico-metodológico; desvendar teórica e metodologicamente; discusión teórico-metodológica; distinções teórico-metodológicas; diversidade teórica e metodológica e ainda muita importação; ferramenta teórica-metodológica; fundamentos teórico-metodológicos; construcción teórico – metodológica; lentes teóricas e metodológicas renovadas, desembaçando visões viciadas; matrizes teórico-metodológicas; modas teóricas o metodológicas; molduras teórico-metodológica; novas abordagens teórico-metodológicas; opciones teóricas y metodológicas; opções teóricas e metodológicas; percurso teórico-metodológico; perspectiva teórico-metodológica; perspectivas teórico metodológica; pistas sobre as deficiências teóricas e metodológicas; pluralismo teórico y metodológico; posicionamento teórico-metodológico definido; proposições teóricas e metodológicas; rigor teórico metodológico; salto teórico-metodológico; teoría y metodología se discuten y alimentan reciprocamente; teórico metodológicos; teórico-metodológico; teórico-metodológica; teórico-metodologicamente; refinamentos teóricos e metodológicos; trajeto teórico-metodológico; territorio de la metodología y la teoria; formulações teóricas e metodológicas; reflexión teórico metodológica; modelos teóricos e metodológicos; teorias e metodologias da Comunicação; particularidades teóricas e metodológicas; problemas teóricos, metodológicos e empíricos; proposta teórico-metodológica;

Quadro 27 - Combinações
Fonte: Barth, D. L. [2017]

7.2.6 Constituição

A inferência com relação ao operador Constituição assume três possibilidades de interpretação em núcleos de sentido que abrangem Composição, Princípio e Natureza. Desde o viés kantiano, representa “o que condiciona a realidade dos objetos fenomênicos” (ABBAGNANO, 2007, p. 197). No núcleo Composição, localiza-se o entendimento acerca da dimensão que congrega a ideia de estrutura acerca de metodologia. Há também um sentido vinculado ao uso, ao instrumental, quando remete à aparato. No núcleo Princípio, entende-se o sentido de ponto de partida, que se relaciona à constituição de uma base fundamental, vinculada ao metodológico. Por fim, no núcleo Natureza, infere-se o sentido das propriedades constitutivas de metodologia.

Esse operador de sentido apresenta relação direta com o modo de pensar baseado no estruturalismo, ao procurar estruturar fenômenos no entendimento metodológico sob uma base de ordem estável. Também configura a tendência norteadora desde a esfera analítica Título, com menções em cada núcleo de sentido formador, que adquire grau de importância ao considerar esse sentido presente, portanto, na sentença que nomeia um texto. O quadro abaixo é construído a partir desses sentidos:

Constituição	
Núcleo de sentido	Segmentos codificados
Composição	arsenal metodológico; arranjo metodológico; artefato metodológico, aparato metodológico; construção metodológica; concepções metodológicas; dimensões metodológicas; metodologia metalúrgica; construção metodológica específica a cada pesquisa; construcción de metodologías fecundas; construcciones metodológicas, construções metodológicas; contexto metodológico; propio conjunto metodológico; tradições metodológicas; ensamblaje metodológico; estado de coisas metodológico; reflexión metodológica; Reflexiones metodológicas; metodológicamente informado del fenómeno comunicativo; repertório metodológico e conceitual
Princípio	princípio metodológico de Hall: lê os autores que mais lhe interessam que não os adote; princípios metodológicos; âncoras teóricas e metodológicas; arquitectura metodológica; arquitetura conceitual e metodológica; campo de las metodologias cualitativas; fundamentação metodológica mais precisa; fundamento metodológico adotado; elementos metodológicos; embasamentos metodológicos;
Natureza	categoria metodológica; cientificidade metodológica; colonialidad del saber metodológico; conceito metodológico, cultura metodológica da

	pesquisa qualitativa; culturas metodológicas positivistas, administrativas y burocratizadas; modalidade metodológica;
--	---

Quadro 28 - Constituição

Fonte: Barth, D. L. [2017]

7.2.7 Contribuição

Na formação do operador de sentido Contribuição, compreende-se, inicialmente, a noção de utilidade vinculada à metodologia, diante do seu uso no texto. Através desse entendimento, dois núcleos de sentido emergem, um norteado pela ideia de Colaboração, que perpassa, inclusive, o intuito formativo desde uma educação ao metodológico e valorização acerca disso, presente nas ideias de avanço e desenvolvimento. O segundo núcleo, por sua vez, agrega o sentido de Desafio, onde se insere a superação de modelos e receituários e, para além disso, encontram-se propostas alternativas em torno da heurística, confluindo para maior possibilidade de discussões metodológicas.

A categoria filia-se a correntes de pensamento tanto positivistas, contida em um ordenamento natural de avanço ou desenvolvimento de nova (s) metodologia (s), quanto dialética, ao propor alternativas a fim de contribuir para o entendimento da riqueza na elaboração metodológica. O quadro abaixo demonstra os segmentos formadores dos núcleos e do operador:

Contribuição	
Núcleo de sentido	Segmentos codificados
Colaboração	aporte metodológico; articulações metodológicas; clave metodológica para abordar los desafios de la convergência; avanço (s) metodológico (s); contribuições metodológicas; desarrollo de una metodología comunicacional para la activación digital; desenvolvimento metodológico; formulação metodológica; metodología adquiere, así, una potencia explicativa; relevância metodológica; educación metodológica; metodologia dos programas de pesquisa; clássica metodologia da educação popular; metodologías de implementación de plataformas participativas; textos metodológicos; tendencias metodológicas en la enseñanza sobre Teorías de la Comunicación; sesiones tipo taller, estudios de caso o seminarios como metodologia; formación metodológica específica; metodologia comunicativa; pautas metodológicas de la visión todavía hegemónica;
Desafio	receituários metodológicos; retos metodológicos; esforço metodológico; esforços de pensar metodologicamente a pesquisa em Comunicação; exigência metodológica; exigências metodológicos necessárias; comprensión metodológica; creatividad metodológica; convergencia metodológica; cuestiones metodológicas; desafio metodológico; desafio metodológico e reflexivo; desafios como a

	definição do “objeto da comunicação”; questão metodológica; questões teóricas e metodológicas; promover la investigación heurística, que desarrolla sus propios recursos metodológicos y pensamiento en todos los niveles; demandas metodológicas; carece de discussões metodológicas; hay que abrirse para el ensayo como metodologia; inovações metodológicas; metodologia aberta; dar respostas metodológicas; precisamos de novas metodologias e novas epistemologias para tentar vencer essa corrida; o campo comunicacional não pode estar sujeito a uma única diretriz metodológica; praxis teórica latinoamericana que inter-relacione formulaciones de metodologías con ejercicio de ciudadanía;
--	---

Quadro 29 - Contribuição
Fonte: Barth, D. L. [2017]

7.2.8 Diligência

Na formação do operador de sentido Diligência, encontra-se o núcleo Vigilância, que emerge desde segmentos codificados localizados, exclusivamente, desde a esfera analítica Texto corrido. O núcleo congrega sentidos que remetem ao cuidado com as formas de apresentação e, basicamente, o uso no sentido procedimental de metodologia. Essa categoria remete à formação e manutenção das virtudes epistêmicas do pesquisador, em um movimento crítico no ato da pesquisa.

Ao procurar orientar o entendimento da metodologia no sentido de uma problematização constante, é possível encontrar consonância com o modo de pensar dialético, na proposta de compreensão acerca da metodologia, além da instância procedimental. Todavia, faz-se presente outros trechos que remetem ao positivismo, onde o caráter instrumental está intimamente ligado à metodologia. O quadro abaixo demonstra a formação desse operador:

Diligência	
Núcleo de sentido	Segmentos codificados
Vigilância	rigor acadêmico e metodológico; vício metodológico; acciones metodologicamente reguladas; abandonar qualquer modelo metodológico; critérios de cientificidade aplicados às metodologias qualitativas; critérios metodológicos; crítica metodológica; dificuldades conceituais e metodológicas; dificuldades metodológicas; erro metodológico; mayor rigor el ámbito de lo metodológico; metodologias modelares; necessidade de metodologias mais atentas e aprofundadas; pesquisas menos rígidas metodologicamente; precaução metodológica; preocupação metodológica; preocupações metodológicas; rigor metodológico; tão preso às normas de conduta metodológicas; virtud metodológica; brazo metodológico idóneo; metodologias próprias e emprestadas; utilitarismo metodológico; evitar a mera aplicação metodológica; negar qualquer especificidade metodológica do marxismo; estar

	ciente tanto dos potenciais quanto das limitações do gesto metodológico adotado; necessidade de uma metodologia estabelecida e consagrada se propõe à pesquisa do objeto científico; hábitos metodológicos; nova postura metodológica é exigida; número de metodologias;
--	--

Quadro 30 - Diligência
Fonte: Barth, D. L. [2017]

7.2.9 Planejamento

Na continuação de sentidos encontrados nos textos, forma-se o operador intitulado Planejamento, onde se salienta a descrição, que se estende às etapas ou singularidades referentes à coleta de dados para a pesquisa, sobretudo desde menções encontradas na esfera analítica Resumo. Assim, a ênfase situa-se no tom explicativo e tentativa de sintetizar metodologia a partir desse entendimento. Além disso, importa mencionar que esse operador de sentido abrange também segmentos que se localizam na esfera analítica Título, onde se reconhece sua importância e centralidade evidente no texto.

A formação de sentidos é atribuída a três núcleos distintos em Perspectiva, Proposta e Estratégia, que demonstram vínculos com o modo de pensar baseado em uma ordem estrutural de metodologia, porém sem uma qualidade consistente, uma vez que remetem a possibilidades ou projeções de futuro. Ao mesmo tempo, ainda, há a procura de relações entre elementos, visivelmente expostas nas ideias de perspectiva e estratégias.

Mesmo que o exercício do trabalho procure evitar a ênfase baseada em demonstrações numéricas, vale constar a recorrência ao núcleo de sentido Estratégia. Esse configura um sentido associado à metodologia, que se distingue entre o conjunto de segmentos codificados, contabilizando 27 repetições. O quadro abaixo demonstra a construção do operador desde esses sentidos:

Planejamento	
Núcleo de sentido	Segmentos codificados
Perspectiva	perspectiva metodológica é a cartografia; aspecto metodológico; desenho metodológico; desenho metodológico preliminar; diseño metodológico es de carácter exploratório; diseño metodológico; diseño metodológicos mixtos; do ponto de vista metodológico; perspectiva metodológica; perspectiva transmetodológica; diferentes enfoques metodológicos; postura metodológica; postura ontológica e metodológica; posicionamientos metodológicos; metodología seguida es de corte documental e interpretativo;

Proposta	a performance serve metodologicamente para o estudo do espaço social como comunidade; as metodologias são concebidas, em um contexto de pesquisa qualitativa; proposta metodológica; propuesta metodológica; proposição metodológica; propósito metodológico y filosófico; fins metodológicos; cruzar transmetodologicamente teorías latino-americanas; metodologia de Lakatos; metodologia de reconhecimento; noção de performance como possibilidade metodológica; nova proposta metodológica; posibilidades metodológicas; posibilidad metodológica; potencialidades metodológicas;
Estratégia	substituir o método pela metodologia que, estrategicamente elaborada, adere ao objeto a fim de ser possível apreender, nas suas indeterminações, as brechas que nos permite ver além delas; aportes de la microsociología norteamericana, como estrategia apropiada; estratégia metodológica; postura metodológica; estrategia metodológica general; estrategia metodológica relacional; estrategias multimetodológicas; estratégia de combinação entre etnometodologia;

Quadro 31 - Planejamento
Fonte: Barth, D. L. [2017]

Afinal, a configuração de operadores de sentido demonstra a diversidade de núcleos e segmentos que convergem a uma compreensão de metodologia sem, contudo, afastar-se da condicionante instrumental para a proposta do metodológico desde outra instância. Ao mesmo tempo, também configuram interpretações heterogêneas e mesmo contraditórias, como é o caso dos núcleos Ambiguidade e Aplicação.

O protagonismo de menções à metodologia e a possibilidade de distintos agrupamentos em núcleos reforçam outra interpretação que se situa de modo anterior à premissa inicial do trabalho, em torno do silêncio conceitual metodológico. Essa, poderia ser mantida acaso a referência ao metodológico não ocorresse, ou ainda, a discussão metodológica fosse nula. Denota-se que este não é o caso. Ao prosseguir a análise, intenta-se, doravante, o exercício de elaboração do contexto referencial presente no corpus, a fim de obter uma leitura que permita maiores definições nesse sentido.

7.3 O contexto referencial

Ao considerar a esfera analítica Bibliografia no conjunto de 140 textos, intenta-se descobrir as matrizes formadoras dos sentidos identificados anteriormente em núcleos e operadores, que auxiliam a compreensão acerca do conceitual

metodológico. Esse tópico constrói-se desde uma perspectiva que visa contextualizar o mapa referencial dos textos, em um movimento que preconiza pensar sobre a bibliografia desse conjunto, que configura uma relação também importante na medida em que constitui estudos em/para a Comunicação (FUENTES NAVARRO, 2007, 2008). Assim, permite identificar o situacional na localização de indicadores que representam o conhecimento científico acerca de epistemologia desde comunidades de encontro e, sobretudo, sua relação à instância do metodológico.

Desde suas características gerais, os textos analisados somam 2.766 obras consultadas, com tendência a recorrer aos textos recentes. Assim, buscam-se por obras publicadas na última década, entre os 2000 a 2014, cujo destaque situa-se no ano de 2008, com 204 referências. Aliado a isso, ao considerar os locais físicos que concentram a publicação das obras, notadamente livros, observa-se a centralização geopolítica do conhecimento. Os locais que concentram essas publicações apontam São Paulo, com 636 menções; seguida de Rio de Janeiro, com 229 e Porto Alegre, com 115. Na sequência, também indicando locais na América Latina e demais países, emerge Buenos Aires, com 99 referências, seguida de Barcelona, com 93, Madrid, com 73, Nova York, com 68, Lisboa, com 63, e ainda, Londres e Paris, ambas com 56 menções de local de publicação.

Ao classificar o referencial teórico, é possível encontrar diversidade de indicações bibliográficas que contemplam diferentes temas, cujo principal indicador encontra-se na fragmentação do campo (FUENTES NAVARRO, 2007). As obras consultadas relacionam-se aos assuntos mencionados anteriormente, na distinção entre os enfoques textuais em teórico, empírico e ensaio. Entretanto, o conjunto de referências aponta para assuntos nucleares comuns aos textos, consoante a instância numérica de frequência. Por isso, enquanto ocorre o movimento de especialização e diversificação de temas que formam o conjunto de 140 textos, esses, por sua vez, também apresentam um núcleo comum de assuntos que constroem sua matriz referencial bibliográfica. Esta, situa-se, portanto, em um movimento convergente ao mote principal dos grupos de trabalho, organizados, por conseguinte, em torno do saber epistemológico comunicacional.

Dessa forma, constrói-se o quadro abaixo, no sentido de elencar os assuntos que reúnem tendências das obras consultadas. A instância numérica estende-se aos 20 assuntos com recorrência contínua, que se desdobram em palavras associadas, as quais se agregam ao quadro. Dessa maneira, intenta-se demonstrar as tendências que

se sobressaem, não apenas na língua portuguesa, ao assegurar-se a profundidade da análise ao fazer emergir tendências também frequentes na língua espanhola, que está em menor número, em comparação ao total de textos em português. Esses elementos apresentam-se, portanto, a seguir:

Instância numérica de assuntos – Bibliografia geral					
N°	Termo	Menções	Palavras associadas	Menções	Total
1	Comunicação	691	Comunicación	320	1218
			Communication	174	
			Comunicacional	33	
2	Social	174	Sociales	41	274
			Sociais	59	
3	Cultura	174	Cultural	59	280
			Culture	30	
			Culturas	17	
4	Pesquisa	133	Investigación	110	310
			Research	58	
			Pesquisas	9	
5	Trabalho	108			
6	Campo	104			
7	Teorias	104	Theory	66	212
			Teoria	28	
			Teórica	14	
8	Media	99	Mídia	67	275
			Meios	40	
			Midiatização	39	
			Medios	30	
9	Estudos	86	Estudios	38	198
			Studies	32	
			Estudo	23	
			Estudio	18	
10	Epistemologia	80			
11	Política	70			
12	Ciências	69	Ciência	43	275
			Ciencia	41	
			Ciencias	31	
			Científica	26	
			Science	25	
			Científico	22	
			Científicas	15	
13	Sociedade	65	Sociedad	42	138
			Society	31	
14	História	60	History	34	127
			Historia	33	
15	Jornalismo	60	Jornalistas	25	102
			Periodismo	15	
			Periodistas	2	
			Journalism	11	
16	Análise	49	Análisis	29	88
			Analysis	10	

17	Crítica	48			
18	Perspectiva	47	Perspectivas	30	77
19	Discurso	45			
20	Filosofia	42			

Quadro 32 - Instância numérica de assuntos – Bibliografia geral

Fonte: Barth, D. L. [2017]

Observa-se, inicialmente, a recorrência às repetições de Comunicação e termos associados que, juntamente com social e derivações, situam referencialmente os estudos no sentido de demarcar a área ou, ainda, sublinham a tentativa de situar as discussões em torno do saber comunicacional. Em convergência com essa ideia, encontram-se os termos pesquisa, trabalho e campo em posições recorrentes, bem como, na sequência, teorias e estudos, de forma semelhante aos indicadores encontrados nas demais esferas, do conjunto de textos em análise. O destaque que se apresenta em frequência contínua, todavia, perfaz o termo cultura e seus desdobramentos, bem como, também emergente, porém em menor escala, o termo *media* e seus desdobramentos.

Uma instância que aparece de forma recorrente, aliada ao sentido de demarcação, configura-se nas obras que incluem em seus títulos ciência e termos relacionados. Ainda, com relação à especialização em disciplinas, evidenciam-se as referências à História, Jornalismo e Filosofia. Em particular, no que tange ao Jornalismo, importa registrar que a ênfase se situa desde as referências contínuas em língua portuguesa, em detrimento às menções à periodismo e desdobramentos. Entre as especializações citadas, portanto, identifica-se o Jornalismo como assunto de certa relevância nos encontros, inserido na delimitação desde o campo da Comunicação.

De todo modo, é importante reconhecer a presença constante de termos continuamente citados na língua inglesa. Outra questão a ser mencionada nesse sentido é que, embora os textos incluam referências majoritariamente de língua inglesa, boa parte deles encontra-se traduzida na língua local, ou seja, tratam-se de obras traduzidas para a língua portuguesa, cuja tendência se encontra em relação aos autores brasileiros e obras traduzidas para a língua espanhola, quando se observa o referencial de autores de outros países latino-americanos. Aliado a isso, inclusive, nos textos escritos por autores brasileiros há a tendência pela inclusão de referências na língua portuguesa. Já nos textos escritos por autores de língua espanhola, ocorre a referência a obras na mesma língua. Nesse sentido, portanto, o próximo movimento visa apresentar um panorama de autores que constituem o referencial bibliográfico.

Em geral, conforme verificado em trabalhos anteriores (ROMANCINI, 2006; FUENTES NAVARRO, 2007; TORRICO, 2015) configura-se o emprego de referências provenientes do eixo Estados Unidos – Europa, principalmente quando se trata de análises que consideram conjuntos de textos representantes do saber comunicacional. No conjunto de obras referenciais analisadas nesse trabalho, entretanto, ressalva-se a ocorrência significativa de consultas a autores brasileiros e latino-americanos. A fim de obter um quadro comparativo acerca da citação de autores, quando se refere às obras individuais, constrói-se a lista de frequência seguinte, onde é possível verificar a sequência das primeiras 20 posições, às vezes divididas, entre autores brasileiros, da América Latina e estrangeiros:

Comparativo de citação de autores						
N°	Autores brasileiros	Cit.	América Latina	Cit.	Demais países	Cit.
1	MARTINO, L. C.	52				
2					BOURDIEU, P.	47
3	BRAGA, J. L.	44				
4			MARTIN BARBERO, J.	39		
5			VERÓN, E.	36		
6			FUENTES NAVARRO, R.	35		
7	LOPES, M. I. V.	33				
8					FOUCAULT, M.	31
9	MARTINO, L. M.	26				
10					HALL, S.	24
11	MARCONDES FILHO, C.	23				
12	FAUSTO NETO, A.	22			MC LUHAN	22
13			GALINDO CÁCERES, J.	21		
14					BAKHTIN, M.	20
15					FLUSSER, V. CRAIG, R.	19 19
16	SODRÉ, M.	18			WILLIAMS, R.	18
17					WOLF, M.	17
18			VIDALES, C.	16	LATOUR, B. SANTOS, B. S.	16 16
19	ESCOSTEGUY, A. C.	15				
20	FERREIRA, J. FRANÇA, V. MARQUES DE MELO, J.	14 14 14			CASTELLS, M.	14

Quadro 33 – Comparativo de citação de autores
Fonte: Barth, D. L. [2017]

Inicialmente, observa-se que os autores que integram o quadro de citações apresentam um trabalho consolidado e constantemente voltado à epistemologia do saber comunicacional. Aliado a isso, frequentemente, também participam do grupo de pesquisa Epistemologia da Comunicação, no caso dos autores mais citados brasileiros, e do grupo Teoría y Metodología de la Investigación de la Comunicación, no caso dos autores mais citados de países latino-americanos. No conjunto, também importa destacar a eminência do protagonismo feminino⁷¹ que surge preliminarmente, fato que culmina em alternativa a um contexto que, embora continue na reprodução de uma ideia de produtivismo e de galgar posições em *rankings* (competições) de citação, visto anteriormente, começa a indicar pontos de saída que permitem a variabilidade de autores.⁷²

A ocorrência de rotatividade de autores participantes nas edições dos eventos é característica constante, diante do conjunto de textos analisados. No entanto, alguns elementos a esse respeito podem ser mencionados. Os textos referentes à Compós figuram com frequência no conjunto referencial bibliográfico dos textos. Especialmente, em referência ao grupo de trabalho Epistemologia da Comunicação, há a permanência de um grupo de autores participantes nas cinco edições do evento analisadas, entre 2012 e 2016. Esse fato chegou a ser um ponto de discussão da reunião de encerramento em 2015, quando houve a defesa da participação recorrente com vistas ao “fluxo de debate” criado, referenciada anteriormente. Ainda, com relação à possibilidade de autocitação, é importante mencionar, nesse sentido, a ocorrência de monólogos paralelos em metade dos textos da comunidade de encontro da Alaic e também da Compós, com menos recorrência nos textos referentes à Intercom. O quadro abaixo apresenta a síntese numérica, com a quantidade de textos por evento proveniente do Quadro numérico de ênfase textual, apresentado anteriormente, em comparação àqueles onde essa prática foi encontrada, a que se acrescenta a porcentagem que representa em cada comunidade de encontro:

⁷¹ A discussão sobre a invisibilidade do trabalho das mulheres na academia, juntamente com a crítica à primazia masculina nas citações pode ser consultada no texto “Please Read the Article”? Please Cite Women Academics. Disponível em: <https://merylalper.com/2016/02/22/please-read-the-article-please-cite-women-academics/> Acesso em: 23 fev. 2016.

⁷² Essa é uma questão que pode ser analisada em trabalhos futuros, tendo em vista a possibilidade de realização de mapa conceitual situando a cartografia como possível entendimento metodológico a fim de localizar fluxos de intenso tráfego de ideias, perímetros teóricos bem como as periferias na metáfora de ruas e vielas. Uma analogia, portanto, desde o imaginário de cidades (SILVA, 2014) configura uma possibilidade para pensar essas questões.

Monólogos paralelos			
Comunidade de encontro	Textos por evento	Autocitações	Porcentagem
Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación – Alaic	63	32	50,7%
Epistemologia da Comunicação – Compós	22	12	54,5%
Teorias da Comunicação – Intercom	55	21	38,1%

Quadro 34 - Monólogos paralelos

Fonte: Barth, D. L. [2017]

Embora essas questões sejam de interesse constante para realização da pesquisa estado da arte, acerca do referencial teórico proveniente de textos, referentes a comunidades de encontros em torno do epistemológico acerca do saber comunicacional, é necessário atentar que, a partir da problematização proposta, intenta-se contextualizar, doravante, as matrizes formadoras dos significados atribuídos, particularmente, à metodologia. Assim, inicia-se o movimento de identificação de referências bibliográficas que indiquem em seus títulos alusões ao conceito, no sentido de encontrar menção explícita à metodologia e derivações como metodológico (a) (s).

Ao recordar que o conjunto de 140 textos propicia um total de 2.766 obras consultadas, as quais congregam seu referencial bibliográfico, quando se particulariza a busca por obras que façam alusão à metodologia, encontra-se apenas 71 títulos. Isso representa 2,5% do total de referências e aponta para o caráter emblemático de escassez de obras consultadas acerca do tema, bem como atesta o teor instrumental/procedimental atribuído à metodologia nas comunidades de encontro e suas publicações analisadas.

Importa, também, relacionar esse indicador ao fato de que os títulos encontrados estão situados em 41 textos, onde a metade deles menciona uma (1) obra de referência sobre metodologia no conjunto bibliográfico. Isso é esclarecedor, portanto, da maneira que se apresentam as referências bibliográficas, praticamente escassas, que tratam de metodologia. Aliado a isso, é necessário reforçar que o enfoque é sempre relacionado à metodologia, assim, portanto, evita-se procurar títulos cujos desdobramentos mencionem método (s) ou técnica (s) específica (s), por entender que a esfera analítica bibliografia segue também o mesmo critério das

demais, logo, a presença da codificação *metodol.* Assim, recorda-se o objeto de pesquisa construído a partir da orientação por descobrir a compreensão conceitual metodológica⁷³, uma vez que o exercício metodológico é anterior e dá sentido à escolha criteriosa do método, técnicas e/ou instrumentos na pesquisa.

Após esse movimento, direciona-se, especificamente, a atenção para as obras que congregam o conjunto bibliográfico que traz, logo, 71 títulos com menções explícitas à metodologia, a serem explorados doravante. Inicia-se a partir dos textos de metodologia referentes ao grupo Teoría y Metodología de la Investigación em Comunicación, em ordem alfabética, elencados abaixo nas três edições da Alaic analisadas:

Nº	Referencial GT Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación	Cit.
1	Archenti, N.; Marradi, A. & Piovani, J. (2007). Metodología de las ciencias sociales. Buenos Aires, Argentina: Emecé.	
2	Avendaño, C.; García Lucero, D. Gandía, Magallanes, G. ; Plenario, M. ; C. y Theyler, E.; (2007) Guía de Estudio Metodología de la Investigación. Universidad Nacional de Villa María. Mimeo. Villa María. Mimeo.	
3	Bonin, J. A. (2011). Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. En Maldonado, E. et al. Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos. (2ª ed.) (pp. 19-42). Porto Alegre: Sulina.	
4	Bourdieu, P., & Chamboredon, J-C. (2003). Epistemología y metodología; La ruptura; la construcción del objeto. In: P. Bourdieu, et al. El oficio del sociólogo/presupuestos epistemológicos. (5ª ed.) Madrid. Siglo XXI.	
5	Braga, J. (2011b, jan-abr.) A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-Compós. 14 (1), Brasília.	2
6	Cea D’Ancona, M ^a ,Á. (2001). Metodología Cuantitativa: Estrategias y técnicas de investigación social. España: SINTESIS SOCIOLOGIA	
7	Cohen, N., & Piovani, J. (2008). La metodología de la investigación en debate. La Plata: EDULP.	
8	Convenio Andrés Bello. (2015). Guía metodológica para la implementación de las Cuentas Satélite de Cultura en Iberoamérica. CAB 2015. Bogotá, Colombia: Convenio Andrés Bello.	
9	Coulon, A. (1995). Etnometodologia. Petrópolis: Vozes.	
10	Demo, P. (1995). Metodologia científica em ciências sociais. (3ª. ed. rev. e ampl.) São Paulo: Atlas.	
11	Fausto Neto, A. et al. (2010). Mdiatização e processos sociais: aspectos metodológicos. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.	
12	FUENTES NAVARRO, R. (1998). Acercamientos socioculturales a la investigación de la comunicación: el gozne metodológico. En Mejía y Sandoval (coord.) Tras las vetas de la investigación cualitativa. Guadalajara: ITESO.	
13	Galindo Cáceres, L. J. (2004): “Sobre comunicología y comunico metodología. Primera guía de apuntes sobre horizontes de lo posible” en Martell (coord.):	2

⁷³ No sentido de complementar essa questão, é possível buscar ampliar compreensões, em trabalhos futuros, acerca de método, técnica e instrumento, por exemplo.

	Hacia la construcción de una ciencia de la comunicación en México. Ejercicio reflexivo 1979-2004. México: Asociación Mexicana de Investigadores de la Comunicación, pp.127-145.	
14	Haguette, T. M. F. (1992). Metodologias qualitativas na sociologia. Petrópolis. Vozes.	
15	Heritage, J. C. (1999). Etnometodologia. En Giddens, A., & Turner, J Teoria social hoje. São Paulo: Unesp.	
16	Hernández Sampieri, R., Fernández-Collado, C., & Baptista Lucio, P. (2007): Metodología de la investigación. Mc Graw-Hill Interamericana Editores. México, D.F (México).	
17	Jensen, K. B. & Jankowski, N.W. (eds.) (1991): A Handbook of Qualitative Methodologies for Mass Communication Research. London: Routledge.	
18	Jensen, K. B. E., & Jankowski, N. W. (eds). (1993). Metodologías cualitativas de investigación en comunicación de masas. Barcelona. Bosch Casa Editorial.	2
19	Jensen, Klaus Bruhn (ed.) (2002): A Handbook of Media and Communication Research. Qualitative and Quantitative Methodologies. London & New York: Routledge.	2
20	Lago, C., & Benetti, M. (org.). (2010). Metodologia de pesquisa em jornalismo. (3ª ed.) Petrópolis: Vozes.	2
21	Laville, C., & Dionne, J. (1997). A Construção do Saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Editora UFMG.	
22	LOPES, Maria Immacolata V. (2000). "La investigación de la comunicación: cuestiones epistemológicas, teóricas y metodológicas" en Diálogos de la Comunicación, No. 56. Lima: FELAFACS, pp. 12-27	
23	Luchessi, L. (2010). Transdisciplina e multimetodologia: chaves para abordagem da midiatização em culturas hipermediatizadas. In: Fausto Neto, A. (2010) et al. Midiatização e processos sociais: aspectos metodológicos. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.	
24	MALDONADO, A. Efendy. Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica, In Revista Ciberlegenda, num.9, ano IV, 2002 (HYPERLINK " http://www.uff.br/ciberlegenda " www.uff.br/ciberlegenda).	
25	Maldonado, A. E. (2006). Práxis teórico-metodológica na pesquisa. In: A. E. Maldonado et al. Metodologias de pesquisa em comunicação/Olhares trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina.	
26	MALDONADO, A. Efendy; BONIN, Jiani; ROSARIO, Nísia (org.) (2008). Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa. João Pessoa: Editora UFPB, 323p.	3
27	Maldonado, A. E. (2009). Transmetodología de la investigación teórica em comunicación/Análisis de la vertiente Verón en América Latina. Quito: CIESPAL-INTYAN.	2
28	Maldonado, A. E., Bonin, J., & Rosário, N. (2013). Perspectivas metodológicas em comunicação/Novos desafios na prática investigativa. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones.	
29	MALDONADO, A. Efendy et. al. (2011). Metodologias de pesquisa em comunicação/Olhares, trilhas e processos. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 304p.	2
30	Maldonado, E., Bonin, J., & Rosario, N. M. do. [et al]. (2013). Metodologias de investigación en comunicación: Perspectivas transformadoras en la práctica investigativa. (1ª ed.) v. 1. Quito: Editorial Quipus CIESPAL.	
31	Monje Álvarez, Carlos Arturo (2011) Metodología de la investigación cuantitativa y cualitativa. Guía didáctica. Universidad Surcolombiana, Facultad de Ciencias Sociales y Humanas. Programa de Comunicación Social y Periodismo, Neiva.	
32	Rosário, N. M. do. & Bonin, J. (orgs.). (2013). Processualidades Metodológicas - configurações transformadoras em comunicação. (1ª ed.) Florianópolis: Insular.	

33	Rosário, N. M. do., Bonin, J., & Maldonado, A. E. (orgs.) (2013) Perspectivas metodológicas em comunicação: novos desafios da prática investigativa. (2ª ed.) Salamanca-Sevilha: Comunicación Social Ediciones e Publicaciones.	
34	Sampieri, R., Fernandez-Collado., Baptista, P. (2010). Metodología de la Investigación. Mexico: McGraw Hill.	
35	Sautu, R (2010) Manual de metodología. Construcción del marco teórico, formulación de los objetivos y elección de la metodología. Segunda edición. Clasco Prometeo libros	
36	Scribano, A. (2003) Conocimiento y participación: Hacia una metodología con los otros. Mimeo. Córdoba.	
37	Scribano, A. Magallanes, G. Gandía, C. y Vergara, G. Metodología de la investigación social. Una indagación sobre las prácticas del enseñar y el aprender. Buena Vista editores. UNVM. Villa María, 2007.	
38	Silva, G. (2008). Problemática metodológica em jornalismo impresso. Rumores. São Paulo, v. 1, n. 1, jul./dez.	
39	SONNLEITNER, W. 2013. Explorando las dimensiones territoriales del comportamiento político: Reflexiones teórico-metodológicas sobre la geografía electoral, la cartografía exploratoria y los enfoques espaciales del voto. Estudios Sociológicos, Vol. XXXI.	
40	Valles, Miguel (1997) Técnicas cualitativas de investigación social. Reflexión metodológica y práctica profesional. Madrid: Editorial Síntesis Sociológica.	
41	VASALLO DE LOPES, M. I. (1996). La investigación de la comunicación: cuestiones epistemológicas, teóricas y metodológicas. Diálogos de la Comunicación Nº 56.	
42	Vasallo de Lopes, M. I. (1999): La investigación en comunicación: cuestiones epistemológicas, teóricas y metodológicas en “Diálogos de la comunicación”, Núm. 56. Recuperado el 27 de enero de 2011: http://www.dialogosfelafacs.net/dialogos_epoca/pdf/5602MariaVassallo Pdf .	
43	Weber, Max (1982) La `objetividad` cognoscitiva de la ciencia social y de la política social en Ensayos sobre metodología sociológica. Buenos Aires: Editorial Amorrortu.	
44	Yapu, M. (coord.) (2013) Pautas metodológicas para investigaciones cualitativas y cuantitativas en ciencias sociales y humanas Primera parte. Universidad de Posgrado para la Investigación Estratégica en Bolivia. La Paz	

Quadro 35 - Referencial GT Teoría y Metodología de la Investigación e Comunicación
Fonte: Barth, D. L. [2017]

Os textos referentes ao grupo concentram a maior quantidade de títulos, com 44 obras que estão relacionadas à metodologia, cuja metade encontra-se em espanhol.⁷⁴ As associações que emergem configuram entendimentos desde disciplinas como Ciências Sociais e Humanas ou, ainda, a assuntos tais como a perspectiva etno, também relacionados a jornalismo e midiatização. Além disso, ocorre a incidência de títulos como guia de estudos e manual de metodologia, ao mesmo tempo em que a prática metodológica é abordada no sentido dos bastidores e no entendimento procedimental da pesquisa e construção do objeto. Há a incidência de elementos

⁷⁴ Importa explicitar que, nesse quadro e nos demais, tanto a grafia como demais características normativas de apresentação bibliográfica constam à maneira que foram extraídas dos textos.

formadores do operador de sentido Combinações, desde a perspectiva quanti/quali e teórico/metodológico, e, por fim, títulos acerca do sentido que amplia o entendimento de metodologia na ação de confluência e confrontação metódica, em referência ao conceito de transmetodologia.

Os autores são majoritariamente do Brasil e América Latina, entretanto, há citações em inglês. Com relação às autorias, ainda, há menções de obras dos autores que constam no quadro de citação de obras individuais, anteriormente exposto, como Bourdieu, P.; Braga, J. L.; Fuentes Navarro, R; Galindo Cáceres, J. e Lopes, M. I. V. Esses trabalhos, portanto, configuram obras referenciais acerca de epistemologia do saber comunicacional mencionada anteriormente, e que consolida sua presença também nas relações com o saber metodológico, desde os textos publicados dessa análise, particularmente, consoante a comunidade de encontro da Alaic.

Na sequência de caracterização bibliográfica textual, particulariza-se as obras que configuram o quadro de referências acerca de metodologia, desde o grupo de trabalho Epistemologia da Comunicação da Compós. No quadro abaixo, relacionam-se as referências encontradas nas cinco edições do evento analisadas, em ordem alfabética, que mencionam metodologia no título:

N°	Referencial GT Epistemologia da Comunicação	Cit.
1	BOURDIEU, Pierre et alli. Ofício de sociólogo. Metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.	
2	BRAGA, A. & GASTALDO, É. “Perspectivas Naturalistas em Comunicação: uma angulação teórico-metodológica”. In: BRAGA, LOPES, MARTINO (org.) Pesquisa Empírica em Comunicação. São Paulo, Paulus, 2010, p. 87-108.	
3	BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. Revista da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação - E-compós. Brasília, v. 14, n. 1, p. 1-33, jan./abr. 2011.	3
4	COIRO-MORAES. Ana Luiza. Estudos culturais aplicados a pesquisas em telejornalismo: paradigmas investigativo e metodológico no Jornal do Almoço. In GOMES, I. M. M. Análise de telejornalismo: desafios teórico-metodológicos. Salvador: Edufba, 2012. p. 97-114.	
5	COIRO-MORAES. Ana Luiza. In SOUZA, Rose Maria. Vidal; MARQUES de MELO, José; MORAIS, Osvando (orgs.) Teorias da Comunicação: Correntes de Pensamento e Metodologia de Ensino. 1.ed. São Paulo: Intercom, 2014. p. 226-259.	
6	DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1981.	
7	HAGUETTE, T. M. F. Metodologias qualitativas na sociologia. Petrópolis: Vozes, 1997.	
8	LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5ª edição. São Paulo: Atlas 2003.	
9	LAKATOS, Imre. “O Falseamento e a Metodologia dos Programas de Pesquisa	

	Científica”. In: I. Lakatos; A Musgrave (Org.). A Crítica e o Desenvolvimento do Conhecimento. São Paulo: Cultrix, EDUSP, p. 109-243. 1979.	
10	LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Ed, Artes Médicas Sul Ltda; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.	
11	LEAL, B. S; ANTUNES, E. O acontecimento como conteúdo: limites e implicações de uma metodologia. In: LEAL, B. S.; ANTUNES, E.; VAZ, P. B. (Orgs.). Jornalismo e acontecimento: percursos metodológicos. 1 ed. Florianópolis: Insular, 2011, v. 1, p. 17-36.	
12	LOPES, M. I. V. A telenovela como narrativa da nação Notas para uma experiência metodológica em comunidade virtual. Trabalho apresentado no 17o. Encontro da Compós. São Paulo, junho 2008.	
13	LOPES, Maria I. V. de. Pesquisa de Comunicação: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990	

Quadro 36 - Referencial GT Epistemologia da Comunicação

Fonte: Barth, D. L. [2017]

Observa-se, novamente, a recorrência de menções a autores que integram o rol do quadro de citações de obras individuais anteriormente mencionado, particularmente, nesse caso, os trabalhos de Bourdieu, P.; Braga, J. L. e Lopes, M. I. V. Essa característica desde textos escritos e publicados no Brasil, se relaciona diretamente ao indicativo anteriormente observado, na consideração do conjunto de referências dos 140 textos analisados, no que se refere à citação de autores desde a língua portuguesa, adicionado à frequência de obras do eixo Estados Unidos-Europa. Aliado a isso, inclusive, o conjunto de 13 obras é formado sem a presença de demais obras de latino-americanos e com a adição de autores brasileiros com trabalhos acerca de metodologia, desde a Comunicação e a Sociologia.

Com relação aos sentidos acerca de metodologia, afinal, há semelhanças com os temas associados, vistos anteriormente, nas referências presentes nos textos da Alaic. Entre eles, há adição de assuntos tais como estudos culturais e metodologia de ensino, que aponta para o viés pedagógico de sentido atribuído ao metodológico, em consonância ao enfoque textual empírico, também referido. Em geral, as publicações de autores alinhados à Comunicação são recentes, ao passo que se encontram trabalhos referentes à Sociologia publicados entre finais dos anos 70 até meados dos anos 90.

Ao prosseguir a análise, encontram-se as referências que explicitam metodologia provenientes do grupo Teoria da Comunicação, da Intercom. A lista das obras encontradas nas cinco edições do evento, em ordem alfabética, está no quadro abaixo:

N°	Referencial GP Teorias da Comunicação	Cit.
1	BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, Jean-Claude, PASSERON, Jean-Claude. Ofício de sociólogo. Metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis: Vozes, 2004.	
2	BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. Revista da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação - E-compós. Brasília: v. 14, n.1. 2011. p. 1-33. Jan./abr. 2011a.	
3	CASALI, Caroline. Desafios teórico-metodológicos para a pesquisa em comunicação no século XXI. IN: BIANCHI, Graziela; LACERDA, Juciano de Sousa; MALDONADO, Alberto Efendy; MÁXIMO, Maria Elisa (orgs.). Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação. Rio do Sul: UNIDAVI, 2012.	
4	FAÏTA, Daniel. A análise de práticas linguageiras e situações de trabalho: uma renovação metodológica imposta pelo objeto. In SOUZA E SILVA, Maria Cecília e FAÏTA, Daniel (Orgs.). Linguagem e trabalho. Construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002, p. 45-60.	
5	HAGUETTE, T. M. F. Metodologias qualitativas na sociologia, Petrópolis: Vozes, 1992	
6	HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias quantitativas na sociologia. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990	
7	KÖCHE, José Carlos. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 26. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.	
8	LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.	
9	LEAL, Ondina Fachel. Etnografia da audiência: uma discussão metodológica. In: SOUSA, Mauro Wilton de (Org.). Sujeito, o lado oculto do receptor. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.	2
10	LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Mediação e Recepção: algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. Matrizes, São Paulo, v. 8, n.1, p. 21-44, jan/jun. 2014.	
11	LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Uma agenda metodológica presente para a pesquisa de recepção na América Latina. In: JACKS, Nilda (Coord.). Análisis de recepción en América Latina: un recuento histórico con perspectivas al futuro. Quito: CIESPAL, 2011. p. 409-428	
12	OROZCO, Guillermo; GONZÁLEZ, Rodrigo. Una coartada metodológica: abordajes cualitativos en la investigación en comunicación, medios y audiencias. México: Tintable, 2012.	
13	ROTHBERG, Danilo. Enquadramento e metodologia de crítica de mídia. In: 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2007, Aracaju. Anais do 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2007. Aracaju: Intercom, 2007. Disponível em: < http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-0926-1.pdf >. Acesso em: 17 fev. 2016.	
14	WEBER, M. Metodologia das ciências sociais. Vol. 2. São Paulo/Campinas: Cortez/Unicamp, 1995	

Quadro 37 - Referencial GP Teorias da Comunicação
Fonte: Barth, D. L. [2017]

Novamente, repetem-se as associações à metodologia mencionadas anteriormente, consoante os trabalhos provenientes da Alaic. Dessa maneira, encontra-se obras desde as Ciências Sociais, além de assuntos que relacionam metodologia desde a pesquisa em Comunicação, etnografia, estudos de recepção e crítica de mídia. Aliadas a essas associações, situam-se as alusões às obras de estilo fundamentos ou manuais de metodologia. Há também incidência de elementos formadores do operador de sentido Combinações, desde a perspectiva qualitativa e associação entre teoria e metodologia.

Importa atentar para, nesse caso, a perspectiva numérica, que aponta para a escassez evidente de bibliografia com alusões à metodologia, desde essa comunidade de encontro, ao considerar maior quantidade de textos publicados a cada edição do evento em comparação à Compós, cuja normatização paira na aceitação de 10 publicações por grupo de trabalho, em cada edição. O fato amplia sua dimensão, ao atentar que, apesar de cinco edições da Intercom analisadas, desde o grupo de pesquisa, o número de referências bibliográficas com menções à metodologia não corresponde nem a metade de referências citadas em três edições do grupo temático da Alaic.

Além disso, com relação à autoria, repetem-se menções aos autores correspondentes ao quadro de citações individuais, desde o conjunto de bibliografias presentes nos 140 textos analisados, notadamente, Bourdieu, P.; Braga, J. L. e Lopes, M. I. V. Apesar da escassez de bibliografia comparada aos outros grupos há, ao contrário do que ocorre no grupo de Epistemologia da Compós, a referência a uma obra de autoria latino-americana, aliada à presença da reprodução recorrente a modos de pensar desde autores do eixo Estados Unidos - Europa.

Tendo em vista as observações realizadas na emergência referencial dos textos, é possível considerar a ocorrência de diversidade de temas nas indicações bibliográficas, embora a ênfase ao aspecto situacional desde o saber comunicacional situa-se constante. As repetições à comunicação e desdobramentos emerge como indicador dessa questão, bem como as instâncias que reúnem sentidos correlatos tais como pesquisa, estudo, trabalho, campo.

Ao considerar tendências emergentes, embora ocorra a referência constante à instância combinatória teoria e metodologia, que remete ao operador de sentidos Combinações, no referencial teórico evidencia-se que as preocupações e a recorrência inclinam-se ao teórico. A instância metodológica, todavia, apresenta constante

escassez de títulos específicos para discussão. Essa questão constitui em um indicador que converge com o aspecto auxiliar da metodologia também na construção referencial bibliográfica dos textos analisados, reforçando, assim, seu caráter instrumental.

No próximo capítulo, o movimento direciona-se na construção da compreensão conceitual metodológica, desde os achados no percurso metódico, aliado às composições teóricas incluídas desde uma perspectiva que ajuda a construir o próprio objeto de pesquisa e a reflexão de considerações para compreender o fenômeno. Não se intenta, dessa maneira, responder com soluções e/ou resultados o problema dessa pesquisa, posicionamento esse que, acredita-se, está evidente durante o trilhar metodológico que permite tal postura. Dessa forma, o capítulo seguinte, constitui-se de inferências que permitem construir esse entendimento a partir de tentativas inferenciais, com vistas ao movimento posterior de considerações finais que, por hora, também apontam outras possibilidades de análises futuras.

8. A compreensão conceitual metodológica

Esse tópico inicia-se através dos movimentos de instância empírica, situada desde 140 textos que representam o resultado de um momento em que os pesquisadores socializam modos de pensar, mediante o compartilhar da comunidade de encontro, que inclui a reflexão epistemológica e metodológica na composição do saber comunicacional. Na construção de inferências que elencam os elementos constituintes do conceitual metodológico, realiza-se o esforço no sentido de compreender os significados que resultam dessa análise, em operadores de sentido que os localizam dentro de um contexto situacional que propicia, dessa forma, desdobramentos doravante em questão.

Desde uma percepção orientada a partir da construção do objeto de pesquisa, a metodologia situa-se na concepção de conceito vivo, que permite compreender seu processo, articulado ao problema. O fortalecimento desde essa concepção conflui, também, para a construção de uma postura de autonomia na posição de agente da pesquisa, que permite idas e vindas durante o exercício metodológico para além do caráter procedimental, no auxílio e reflexão constantes diante da operacionalização do objeto e das inferências a que esse se relaciona.

A partir dos delineamentos que corroboram em modos de pensar, constituintes dos textos, identificam-se *lugares de fala*, os quais, por sua vez, revelam determinado modo para pensar o metodológico. Esse procede, a propósito, de uma posição teórica e epistemológica condicionante, de seleção a métodos e técnicas de pesquisa. Por isso, a instância da metodologia resulta de postulados que o pesquisador considera válidos, o que conforma a ação metódica.

A diversidade de temas que caracteriza os estudos em torno do saber comunicacional configura o que Sodré (2014) intitula “dispersão cognitiva”, algo que também suscita em observável nos textos analisados, cuja proposta, recorda-se, baseia-se na discussão epistemológica da Comunicação. Essa situação passa a compor, portanto, o que o autor intitula “ausência de episteme”.

Isso posto, a necessidade por *novas* ou múltiplos métodos considerados, todavia, de forma natural como metodologia, paira de forma constante na noção de

aceleração do tempo presente. Essa atitude contrapõe-se à necessidade de vivência temporal desde outra instância de contemplação, que conduza ao encadeamento da coisa, desde o fermento até sua maturação como pesquisa, em relação com o pensamento, que também é único, vivo, dinâmico. Na ousadia por compreender outro ritmo à pesquisa, que permita a maturação de ideias e, principalmente, a vivência do metodológico desde uma instância, promotora, por conseguinte, de vigilância epistemológica, é possível construir uma relação com o tempo para além do sentido cronológico, assim, encontrando a ideia de *kairós*.

Ao considerar a diversidade de termos colados à metodologia, o que se evidencia na quantidade de segmentos codificados, relaciona-se a ideia de intitular coisas “para entendê-las e poder usá-las para a satisfação de nossas necessidades” (RICHARDSON, 1999, p. 92). Isso atende, inclusive, à demanda pela novidade de “conceitos” que, na verdade, na postura metodológica baseada na pesquisa da pesquisa (BONIN, 2006), podem existir em obras ou questões tratadas anteriormente, em autores que, muitas vezes, demandam consultas pacientes nas estantes de bibliotecas e/ou não estão *na moda*. Aliado a isso, também se encontram simplificações e presença de autocitação nos textos, bem como, ao considerar 2.766 obras consultadas desde a esfera analítica Bibliografia, a presença de citação de autores frequentes, em detrimento de outros menos conhecidos.

Se a opção fosse aprofundar os estudos em torno de metodologia para, então, propor outras perspectivas conceituais que a mantenham como coisa viva, poderia existir a noção de desenvolvimento. Entretanto, ignora-se o passado para, a partir do situacionismo, criar rótulos diferentes agregados à metodologia, o que conduz à revisão constante do conhecimento para que, afinal, constitua-se o papel da ciência.

Os sentidos encontrados na categoria Ambiguidade evidenciam a primeira interpretação de dispersão, portanto, acerca do que é, do que se configura metodologia. Diante das inquietações realizadas desde a problematização acerca do conceitual metodológico e no encontro empírico com sentidos que acionam a interpretação de dispersão, metodologia colada a diferentes termos remete a um processo de entropia, que também se relaciona à ideia de ruído (OLIVEIRA, 2014). Infere-se, preliminarmente, a possibilidade que algo está em gestação, que poderá ser maturado e, por conseguinte, ressignificado na continuação dessa prática. Todavia, ao inferir para além de um sentido de dispersão que amplia e desorienta, ao passo que se movimenta desde a sensação de aceleração do tempo, a situação de entendimento

metodológico no corpus constitui, ao contrário, a dispersão que se funde como um todo que, ao final, significa o excesso, desde a vinculação de metodologia ao caráter procedimental. Existem fatores possíveis que orbitam nesse contexto, que vão desde o pensamento voltado à publicação (na ideia de publicar primeiro, editar/analisar depois) ou, ainda, a própria dispersão proporcionada no digital, desde o excesso de textos/publicações, até mesmo o desvio de possibilidades analíticas inerentes ao tema/problema exposto.

A própria articulação procedimento + metodológico demonstra a urgência por fazer constar metodologia nos textos, desde o caráter instrumental reconhecido no método. Nesse sentido, recorda-se Barthes e o caráter de salvaguarda que está implicado no método (1975), aliado ao panorama de não saber metodológico (RUSSI-DUARTE, 2007). Também emerge, desde essa perspectiva, a via para a realização de textos *meta* metodológicos, que refletem sobre o ato e organização de ideias no sentido pedagógico, em referência à metodologia de escrita do texto empregada. Ou seja, com vistas a responder *como*. A necessidade de produzir respostas está distante da construção textual para além do essencialmente burocrático, uma vez que, como referido anteriormente, escrever um texto é, antes de tudo, um modo de pensar.

A segunda interpretação inferencial é a ênfase na repetição. Em um patamar paralelo à dispersão, urge a tendência de repetição de descrições empíricas demonstradas ao longo dos capítulos. Abrange o sentido de *mimeses*, ou seja, a necessidade de constar método (s) e descrevê-lo (s) de acordo com outros trabalhos realizados, inclusive como modelos. Demonstra um fazer ciência voltado a resultados esperados, onde prevalece o *status quo*, no sentido de repetir o que se encontra instituído e chegar a conclusões menos desafiadoras ou conflitantes, cumprindo algo semelhante a um contrato de leitura (VERÓN, 2004) entre os pares, interessados nos mesmos objetos de estudo. Aliado a isso, ao se considerar a construção dos artigos, atenta-se para a abordagem teórica seletiva, a fim de concordar com o tema, incorporando a tendência a simplificações e repetições que remetem ao situacional.

A apropriação metodológica de métodos e técnicas desde o saber comunicacional, diante de outras áreas do conhecimento, é outra tendência que se contempla desde a repetição. Essas práticas representam o oposto da percepção “cultivemos a ciência por si mesma, sem considerar no momento as suas aplicações”, como refere-se Ramón y Cajal (1979, p. 18). Recorda-se que os métodos apropriados desde pensamentos e construções metódicas estão historicamente situados visando

responder problemas que se localizam desde outras perspectivas. Do ponto de vista epistêmico desde o metodológico, o panorama resulta de arranjos e construções que ocorrem ao longo do século XX e conformam desdobramentos metódicos adequados aos estudos de fenômenos comunicacionais, cujas práticas configuram um recorte de usos até a contemporaneidade, como ilustra trabalho anterior a partir do viés da Escola de Chicago (BARTH, 2017). A fim de indicar uma perspectiva antes inspiradora do que tão somente crítica, entende-se a necessidade de uma postura, que também é metodológica, em que transcorra a formulação conceitual pela construção de um saber metodológico no comunicacional, aliada à ideia propiciada pela preservação do diálogo, para além do instrumental, no exercício periódico de comunidades de encontro.

Na análise do contexto referencial que orienta o conjunto de artigos do corpus, descobre-se a escassez de obras consultadas acerca de metodologia que, além de não configurar o tema central dos textos, insiste-se, está situada desde um entendimento auxiliar, secundário, instrumental. A distinção da escassez de publicações que tratam do estudo e reflexão metodológica para a análise das constatações/interpretações nos artigos, corrobora, entre outros fatores, com a problematização inicialmente apresentada. Ao considerar essa situação, a metodologia é entendida de forma secundária, estanque, que remete ao instrumental, quando é mencionada nos textos. E demonstra a importância de refletir e entender metodologia conceitualmente, em especial no que é expresso desde Kerlinger (1974), Selltiz et al, (1974) e Goode & Hatt (1989).

Além disso, figura a instância do teórico, aliada ao metodológico de forma contínua, que ilustra a ideia de repetição identificada seja no enfoque textual, seja nos operadores de sentido e, ainda, no referencial bibliográfico. A aliança teoria + metodologia em sua repetição, representa, também, o caráter auxiliar atribuído a metodologia, de forma constante.

Com relação, ainda, à esfera analítica Bibliografia, ao se considerar a presença de 71 títulos que tratam explicitamente de metodologia, reconhece-se que apenas 41 textos incluem alguma obra de referência à metodologia. A inclusão dessas obras não significa, todavia, reflexão metodológica, pois denota, através das associações realizadas ao termo, o quanto o caráter de entendimento instrumental faz-se evidente. Assim, ocorre a tentativa de fazer constar posições valorativas por colocações científicas, na inquietação pelo cientificismo validado através do método. Esse

entendimento, mesmo na inclusão de metodologia como tema, também perpassa os operadores de sentido e o eixo analítico de enfoques textuais.

Ao estudar as produções referentes às cinco edições de comunidades de encontro, cujas discussões pairam em torno da epistemologia da Comunicação, observa-se a tendência de citações e menções à metodologia nas esferas analíticas do trabalho, considerando os últimos dois anos, particularmente na Intercom e Compós, sendo que o grupo temático da Alaic apresenta constância durante o período analisado. É emblemático o lugar em que, repetidamente, metodologia e seus desdobramentos ocupa nos textos. Isso significa que, no que se relaciona às esferas analíticas, esse lugar é ocupado com frequência no texto corrido, cujo destaque fica com os textos referentes ao grupo de trabalho da Compós. Dessa forma, encontra-se outro indicador do caráter auxiliar de metodologia, que emerge na construção textual.

Em termos de construção de modos de pensar, esse trabalho é insuficiente no sentido de permitir maiores considerações acerca de mudanças no entendimento conceitual metodológico diante do saber comunicacional, que poderia ser objeto de estudo em outros processos de pesquisa. A partir das considerações realizadas, de qualquer forma, identificam-se relações entre os núcleos e operadores de sentido com delineamentos cognitivos, cuja posição enfática situa-se desde correntes de pensamento tais como o positivismo e o estruturalismo.

A partir das considerações realizadas, por fim, é possível apontar a direção de que, desde o aspecto situacional, sobressai-se o entendimento instrumental de metodologia. Todavia, atenta-se para pontos de saída que permitem situar reflexões desde o metódico, presente nos operadores Análise, Contribuição e Vigilância. Esse indicador promove o entendimento da metodologia desde princípios que a caracterizam como imprescindível, na experiência/concepção da ciência *viva*. Esse cenário remete, sobretudo, à importância fundamental do cultivo da autonomia do pesquisador diante da pesquisa, entretanto, mediante a presença e cultivo também das virtudes epistêmicas em sua formação, que é constante.

8.1 Considerações finais

No intuito de revisitar os capítulos desenvolvidos e discorrer sobre a jornada percorrida, importa retomar questões a que se tratou bem como traçar inferências,

com vistas ao que se propõe em termos de conhecimentos a se compartilhar. Por isso, inicialmente, retoma-se o entendimento apresentado na introdução, que localiza o trabalho no sentido de evitar enfatizar o ponto de chegada, senão apontar pontos de partida que possam servir a elaborações futuras.

Ao revisitar as leituras conceituais presentes no trabalho, a formulação conceitual acerca da epistemologia e o viés conceitual metodológico, que congregam o segundo capítulo, alinham-se à possibilidade de construção de um lugar de fala acerca de metodologia, onde se engloba, ainda, a perspectiva processual metodológica e a autonomia como virtude epistêmica do pesquisador. A partir do reconhecimento da postura metodológica do pesquisador, salienta-se a construção de modos de pensar e posterior especialização dos saberes. Nesse sentido, emerge, portanto, a construção de fala do pesquisador, desde a autonomia, que permite a elaboração da pesquisa em consonância com o saber comunicacional na compreensão da ciência falível, o que possibilita a metodologia recordada⁷⁵ como conceito vivo.

A realização do terceiro capítulo delinea-se aliada à questão de modos de pensar, com a passagem por correntes de pensamento desde a emergência das Ciências Sociais, assim, procurando situar perspectivas acerca do positivismo lógico, o estruturalismo e o materialismo dialético. A partir dessa dinâmica, faz-se possível prosseguir no intento de refletir as reconfigurações metódicas e também metodológicas ao longo do século XX, situando a importância da Escola de Chicago e suas repercussões. Além disso, essas questões passam a se relacionar posteriormente, na própria ação metódica da pesquisa, em especial, na configuração de operadores de sentido acerca do conceitual metodológico presente nos textos.

No quarto capítulo, discorre-se sobre a emergência do saber comunicacional, seu processo de busca por legitimidade científica, com o que se adicionam as apropriações metodológicas desde as delimitações do campo. Dessa forma, encontrando a questão de decisões metodológicas baseadas em métodos e técnicas emprestados que configuram o histórico e o atual uso metódico das pesquisas em Comunicação.

Ao tratar mais especificamente do objeto de pesquisa, emerge a necessidade de contextualização da produção acadêmica nas comunidades de encontro, representadas pelos grupos de trabalho em torno da epistemologia da Comunicação da

⁷⁵ Especialmente como o sentido latino *re-cordis*, que significa “voltar a passar pelo coração”.

Alaic, Compós e Intercom, no período de 2012 a 2016. A análise proporciona a leitura de 262 textos componentes do conjunto textual desse período para, posteriormente, delimitar-se no enfoque a 140 deles. Muito embora a ação metódica esteja presente, desde perspectiva de construção do objeto de pesquisa e para entender e buscar inferências acerca da instância conceitual metodológica, realiza-se o movimento metodológico de reflexão acerca dos critérios de análise e as decisões que definem movimentos, tendo em vista o exercício que permita acionar a pesquisa em formação, por meio de diferentes eixos de análise.

A instância empírica perpassa a contextualização dos percursos de cada organização, no que se inclui as suas características e o entendimento em torno da ideia de comunidades de encontro. Como produto que emerge dos eventos periódicos, o texto científico e o sentido de publicá-lo compreende o tópico que se discorre nessa sequência. Há que se considerar que a reprodutibilidade técnica da obra (BENJAMIN, 1983) permite ao objeto permanecer em circulação e, é nesse sentido, que se reconhece um esforço na manutenção do significado da publicação de artigos científicos como uma atividade intrínseca à prática de pesquisa, mantendo o objeto empírico deste trabalho presente por gerações. Ao finalizar o capítulo, introduz-se o movimento de pesquisa no entendimento de esferas analíticas dos textos científicos que importa, sobretudo e, posteriormente, na localização de metodologia e suas associações realizadas nos textos.

Importa mencionar que, na indicação dos percursos das entidades que congregam os textos publicados, a ideia de comunicação escrita ambienta e auxilia a promoção do entendimento procedimental atribuído ao metodológico. Na discussão acerca disso, os operadores de sentido demonstram o cenário de culto à retórica no espaço acadêmico, diante do saber comunicacional, onde a descrição e utilização de métodos com o sentido de *fazer constar* nos textos científicos estudados permanece em evidência. Assim, reproduzem-se modos de pensar que mantêm vínculos com as correntes de pensamento conformadoras, também, das Ciências Sociais, desde o positivismo lógico, o estruturalismo e o materialismo dialético. Desde esses modos de pensar, é possível observar o contexto de importação de métodos primeiramente das Ciências Exatas pelas Ciências Sociais, na consideração de Física Social (COMBESSIE, 2004, p. 40), que também tem implicações desde a Escola de Chicago e posteriormente, nos estudos que constituem um saber comunicacional. A lógica da

importação metódica se reproduz, portanto, em conformismo metódico atribuído ao metodológico.

O capítulo sobre o protagonismo do método na execução metodológica, inclui os contornos que a análise recebe, iniciando pela busca de enfoques e tendências textuais relacionadas à metodologia, o refinamento da análise na codificação *metodol*, dos quais provêm os segmentos codificados, que são posteriormente agrupados em núcleos e estes, em operadores de sentido. Esses movimentos permitem construir inferências acerca do conjunto textual, com o intuito de elaborar um processo metodológico que também gera reflexões e críticas, além de resultados.

A dispersão encontrada no metódico, a partir dos operadores, vai de encontro com a própria instância situacional de fragmentação do campo referenciada anteriormente, que se instaura como consequência da fragmentação contínua dos saberes em especializações e *subespecializações*. Isso marca uma sociedade fragmentária (individualista), como está em Chatelet: “Nossa sociedade é uma sociedade dividida, fragmentada não só em instituições, mas também em gêneros culturais cada vez mais numerosos” (1993, p. 156). Na conformação metódica atribuída ao metodológico, entra em cena a relação com o conceito de antimetodologia, que pode dar margem a investigações futuras, na crítica autocrítica da metodologia (DEMO, 2014, p. 55), onde a produção científica obedece uma estrutura de situação normalizada.

Após, com o mesmo intuito, desdobrou-se em descobrir, no contexto referencial dos textos, outro eixo norteador com vistas a identificar matrizes de pensamento acerca de metodologia. Importa mencionar a performática acadêmica com vistas à publicação, indicadores de autocitação e culto aos autores mais citados na tentativa de aumentar os coeficientes científicos, tanto de produções próprias como de futuras publicações em periódicos. Além disso, é importante refletir acerca da interação e compartilhamento de ideias da instituição academia, quando as publicações indicam, ainda, a escassez de referências entre pares que pesquisam temas correlatos, optando-se, como ocorre historicamente na América Latina, pela citação de autores prestigiados no eixo Estados Unidos-Europa e a escassez no que tange especificamente à metodologia.

Após esses movimentos, constrói-se o tópico final sobre a compreensão conceitual metodológica proveniente, portanto, dos textos publicados desde encontros referenciais acerca do saber comunicacional. O esforço inferencial desde os nove

operadores situa os sentidos que orientam o conceitual metodológico em dispersão, descrição e caráter auxiliar atribuído à metodologia, vistos anteriormente.

O cenário que orienta o entendimento metodológico inscrito na prerrogativa do *como* (como fazer) e do *para* (finalidade, operacionalização) desvia-se das inquirições cognitivas *o quê* (o que é isso que estou fazendo?) e *por quê* (por que estou fazendo?). Esse cenário contraria a metodologia como um processo vivo, mas também falível, cuja montagem e operacionalização se dá ao longo das idas e vindas de sua execução, a partir de reflexões inerentes aos atos de pesquisa. Assim, a inferência que se constrói corrobora na conformação, desde a instância metódica que se atribui ao metodológico, a qual perpassa a premissa inicial de silêncio conceitual metodológico, na reprodução e manutenção de um *status quo* desde o entendimento procedimental. Se pensar metodologicamente dá trabalho, ao conformar-se e alinhar-se ao *status quo*, remete-se à reprodução do caráter procedimental, que atravessa o conceitual metodológico no corpus em estudo, de modo a seguir um protocolo que deve dar respostas ao instituído, ou seja, ao que já está.

O panorama conformista também está associado a ideia dos dados, na insistência por um entendimento computacional da mente, das ênfases que colocam o desenvolvimento técnico dos meios na centralidade dos estudos, que evocam fenômenos trabalhados no saber comunicacional (QUIROGA, 2013), o que indica a valorização do procedimento que se encontra desde a instância conceitual metodológica. Nesse sentido, pensar alternativas que permitam a construção de um saber metodológico comunicacional é ir além disso, tema inerente a outras abordagens necessárias, em trabalhos futuros.

A fim de observar mudanças nesse panorama, urge o entendimento de formação constante do pesquisador dentro do que se entende como metodologia, pois é no processo de formação que o pesquisador aprende e mantém uma postura de abertura. Essa deve ser cultivada na vivência acadêmica, em contraposição às armadilhas impostas pela manutenção do *status quo* que, conseqüentemente, conformam as posturas metodológicas.

Dentro da concepção processual do método, insere-se a necessidade da reflexão/pergunta, muito embora de caráter subjetivo, que se situa na aprendizagem inscrita desde essa pesquisa. Ao refletir sobre o processo, portanto, fez-se possível compreender a construção de um problema, desde um quadro teórico inicial que ajuda a pensar esse problema, bem como, principalmente, entender a figura do pesquisador

com autonomia diante do processo, o que possibilita inferências que se interligam às perspectivas oferecidas pelo objeto de pesquisa, permitindo sua construção.

De fato, concluir não significa finalizar ou esgotar o tema da compreensão conceitual metodológica por completo. Esse pode ser um empreendimento durante uma vida acadêmica. Portanto, salienta-se a importância do estudo como inspiração de questões de diferentes trabalhos vindouros sobre o tema. Uma possível continuação é descobrir quais operadores de sentido poderiam ser encontrados em outros eventos, tais como as comunidades de encontro da ICA e/ou IAMCR, na construção de uma perspectiva que insere eventos referenciais em termos de saber comunicacional, na medida em que se situam desde o caráter internacional.⁷⁶ Além disso, ao reconhecer o trabalho que se constrói a partir do que se encontra explícito, ou seja, o que emerge de menções à metodologia, em diferentes esferas analíticas, a partir do conjunto de textos, é possível problematizar também a questão daquilo que *não está*, em uma outra configuração, portanto, das intenções explícitas ao remeter a lógica reconstruída que representa o artigo.

Nesse trabalho, o recorte que atravessa o conceitual metodológico se localiza no âmbito instrumental do acionamento metódico. E é necessário erigir a situação em que se encontra metodologia, uma vez que a instância procedimental está continuamente colada ao metodológico, questão essa que merece relevância uma vez que, na postura metodológica adotada, a possibilidade de segmentos textuais onde ocorram menções à método, técnica e/ou instrumento não são abordadas. Assim, constata-se o imperativo da força exercida pelos dados, que propaga a ênfase no procedimental metódico no que concerne ao metodológico.

Trata-se de um contexto que evita a discussão acerca do caminho ao procurar assegurar a finalidade em si mesmo, ou seja, o resultado. Isso corrobora na lógica de produção onde a observância e crítica metodológica torna-se empecilho, um atraso à força que está, preliminarmente, nos dados e na medição. Assim, emerge o texto útil a ser apresentado e, ao evitar o diálogo, em rápidas apresentações ou monólogos de alguns participantes, que monopolizam a situação ideal de fala (HABERMAS, 1983), sendo que, após, termina publicado nos anais provenientes de comunidades de

⁷⁶ É possível identificar, preliminarmente, indícios semelhantes a este trabalho, a exemplo de *The International Encyclopedia of Communication* (DONSBACH, 2008) com mais de 5.000 páginas e a falta de considerações a metodologia em seu conteúdo. Antes, há menções às dimensões quanti/quali, etno, methapor. Configura-se um indicativo do quão interessante é possível avançar neste sentido, interpretando a inquietação presente na problematização de diferentes patamares.

encontro, garantindo as publicações necessárias às avaliações periódicas de docentes, discentes e programas de pesquisa.

A ideia da formação da comunidade de encontro derrapa no cumprimento de prazos e manutenção protocolar, a fim de legitimar o *status quo* produtivo e o lugar dos poderes estabelecidos. No cenário que preconiza a medição, na medida, portanto, que repete e repete o mesmo *status quo*, também conforma. Ao contrário disso, o exercício metodológico integra o pensar científico do incômodo, dando oportunidade ao questionamento: por que fiz essa pesquisa?

Com esse intuito, mesmo que não componham a regra, observa-se pontos de saída desse corte transversal conformador, ou seja, desvios estratégicos que correspondem a trabalhos onde abre-se a possibilidade de questionamento metodológico na compreensão das dinâmicas. O esforço em discutir metodologia apresenta-se nessas estratégias desviantes, de forma cíclica, o que contribui para pensar além do silêncio conceitual metodológico que configurou a premissa inicial do trabalho.

Ao considerar a autonomia como virtude epistêmica do pesquisador, a postura metodológica de discussão diante de situações de pesquisa, entretanto, deveria ser comum. As ideias que preconizam o resgate da ciência sem pretensões voltadas ao que é monetizado, que permite outra experiência de tempo aliado às epistemologias que buscam diferentes modos de pensar, surge como possível aprendizado, onde o argumento principal é a vivência do tempo de pesquisa que pode emergir em uma postura libertadora do enfoque em resultados. Nessa perspectiva, o respeito e o cultivo das virtudes epistêmicas é essencial. Se muitos dos problemas que se apresentam nas sociedades contemporâneas têm relações com os modos de comunicar-se, faz-se importante catapultar a discussão metodológica no sentido das entradas de investigação e até possíveis intervenções nos fenômenos, para além do estudo de mediações técnicas e conformação de posturas.

Bibliografia

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Trad. (1ª ed.) Alfredo Bosi; rev. Tradução e novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1969.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). *NBR 6023: Informação e documentação: Referências: Elaboração*. Rio de Janeiro: 2002.

_____. *NBR 10520: Informação e documentação: Citações em documentos: Apresentação*. Rio de Janeiro, 2002.

_____. *NBR 6022: Informação e documentação: Artigo em publicação periódica científica impressa – Apresentação*. Rio de Janeiro: 2003.

BACHELARD, G. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Trad.: Esteia dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Trad.: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 4ª ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARRENA, S. *La razón creativa. Crecimiento y finalidad del ser humano según C. S. Peirce*. Madrid: Ediciones Rialp, 2007.

BARTH, D. L.; BARCELLOS, P. Não se pode viver para sempre, mas se pode amar para sempre. *Primeira Impressão – Mundos Invisíveis*. São Leopoldo (RS): Editora Unisinos, 2006.

BARTH, D.L. *Internet, imaginário e migrantes brasileiras: o sonho de morar na Europa visto do site www.midiamigra.com.br*. 2006. 108f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação Comunicação Social – Jornalismo). Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo (RS), 2006.

_____. Brasileiros na Espanha: Internet, migração transnacional e redes sociais. 2009. 183f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São Leopoldo (RS), 2009.

_____. Notas sobre metodologia e o saber comunicacional a partir do viés da Escola de Chicago. *Tropos*, [S.l.], v. 6, n. 1, jul. 2017. ISSN 2358-212X. Disponível em: <<http://revistas.ufac.br/revista/index.php/tropos/article/view/1198>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

BARTHES, R. *Escritores, intelectuais, professores e outros ensaios*. Lisboa: Presença, 1975.

BECKER, H. *A escola de Chicago*. *Mana*, vol.2, n° .2, Rio de Janeiro, Oct. 1996 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200008 Acesso em: 20 set. 2016

BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, W.; ADORNO, T.W.; HABERMAS, J. *Textos escolhidos*. 2.ed, São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores).

BERELSON, B. *Content analysis in communication research*. New York: Hafner Publishing Company, 1971.

BERGSON, H. *O pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BLUMER, H. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, C. (Org.) *Teoria da Comunicação: textos básicos*. SP: Mosaico, 1980

BONIN, J. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: MALDONADO, E. et al. *Metodologia de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 21-40.

BOURDIEU, P. (Coord.) et al. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

_____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Trad.: Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOUGNOUX, D. O que é um problema de comunicação. In: BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às ciências da comunicação*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 13-30.

BRAGA, J. L. Comunicação, disciplina indiciária. *Matrizes*. N. 2. Abril, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38193/40936> Acesso em: 21 out. 2016.

_____. Análise performática: Cem casos de Pesquisa Empírica. BRAGA, J. L.; LOPES, M. I. V.; MARTINO, L. C. *Pesquisa empírica em Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2010 (Coleção Comunicação)

_____. Constituição do campo da Comunicação. *Verso e Reverso*, XXV (58). Jan-Abr, 2011, p. 62-77. (a)

_____. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. *Revista da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-compós*, Brasília, v. 14, n.1, p.1-33, jan/abr. 2011. (b)

BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BUNGE, M. *Epistemologia: curso de atualização*. Trad. Claudio Navarra. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. Universidade de São Paulo, 1980.

CAPRA, F. *A teia da vida: uma compreensão científica dos sistemas vivos*. Trad.: Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARDOSO, T. C. *O silêncio na Comunicação*. Biblioteca on-line de ciências da comunicação. 2001. Disponível em: <http://bocc.unisinos.br/pag/cunha-tito-cardoso-silencio.pdf> Acesso em: 12 out. 2016

CASSIRER, E. *A filosofia do iluminismo*. Trad. Álvaro Cabral. Campinas (SP): Editora Unicamp, 1992.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. *Metodologia Científica*. 5ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHALMERS, A. F. *O que é ciência afinal?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1993

CHÂTELET, F. *Uma história da razão*. Entrevistas com Émile Noël. Lisboa: Presença, 1993.

CHAUÍ, M. *Escritos sobre a universidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

_____. *A ideologia da competência*. Escritos de Marilena Chauí. Org.: André Rocha. Vol. 3. Belo Horizonte: Autêntica Editora. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014.

COHEN, N.; PIOVANI, J. *La metodología de la investigación en debate*. La Plata: EDULP, 2008.

COGO, D.; GUTIERREZ, M.; HUERTAS BAILÉN, A. (coords.) *Medios de comunicación y migraciones transnacionales: relatos desde Barcelona y Porto Alegre*. Madri: Los Libros de La Catarata, 2008.

COMBESSIE, J-C. *O método em Sociologia*. O que é, como se faz. Trad. Maria Stela Gonçalves. Edições Loyola: São Paulo, 2004

COOLEY, C. H. *El yo espejo*. Cuadernos de Información y Comunicación, 2005.
Disponível em:
<http://revistas.ucm.es/inf/11357991/articulos/CIYC0505110013A.PDF> Acesso em: 21 set. 2015

COULON, A. *A Escola de Chicago*. Campinas, SP: Papirus Editora, 1995.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. E-Book (2003). Disponível em:
<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf> Acesso em 20 jan. 2016

DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*:1. Artes de fazer. Trad.: Ephraim Ferreira Alves. 21.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. 3ª ed. rev. e ampl. – 17. reimpr. São Paulo: Atlas, 2014.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Penso, 2006

DONSBACH, W. *The international encyclopedia of communication*. Blackwell Publishing: Oxford (UK), 2008.

DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. 2ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

DURKHEIM, E. Introdução. In: *Suicídio*. 6ª ed. Lisboa: Presença, 1996, p.07-21.

FEYERABEND, P. *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

FILHO, J. “Mais armas, menos pesquisas” – A profecia de Alexandre de Moraes está se cumprindo. *The Intercept Brasil*. 15 outubro 2017. Disponível em: <https://theintercept.com/2017/10/15/mais-armas-menos-pesquisas-a-profecia-de-alexandre-de-moraes-esta-se-cumprindo/> Acesso em: 17 out. 2017.

FOUCAULT, M. *Aesthetics, Method and Epistemology*. New York: The New Press, 1998. Disponível em: http://www.english.upenn.edu/~cavitch/pdflibrary/Foucault_Author.pdf

_____. *A arqueologia do saber*. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves, 7ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FUENTES NAVARRO, R. “La investigación de la comunicación en América Latina: condiciones y perspectivas para el siglo XXI”, en *Diálogos de la comunicación*, núm. 56, pp. 52-68, FELAFACS, Lima, 1999.

_____. La producción social de sentido sobre la producción social de sentido: hacia la construcción de un marco epistemológico para los estudios de comunicación. In: LOPES, M. I. V. (coord.) *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

_____. Fontes bibliográficas da pesquisa acadêmica nos cursos de pós-graduação em comunicação no Brasil e no México: uma aproximação da análise comparativa. *Matrizes*. N.1, outubro 2007.

_____. *Bibliografías, biblionomías, bibliometrías*: los libros fundamentales em el estudio de la comunicación. Nueva época, N. 10, julio-diciembre, 2008, p. 15-53.

GALINDO CÁCERES, J. Sobre comunicología y comunicometodología. Primera guía de apuntes sobre horizontes de lo posible. *Culturales*, Vol. I, Núm. I, Enero-Junio, 2005.

GARCIA, O. M.; *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 26ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

GHIRALDELLI Jr, P. *O que é pragmatismo?* São Paulo: Brasiliense. Coleção Primeiros Passos, 2007.

GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar*. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. *Métodos em pesquisa social*. São Paulo: Ed. Nacional, 1989

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1985.

HAACK, S. *Manifesto de uma moderada apaixonada: ensaios contra a moda irracionalista*. Rio de Janeiro: PUC-RJ; Edições Loyola, 2011.

HINE, C. *Virtual Ethnography*. London: Sage Publications Ltd., 2000.

JANSEN, R. “BRASIL vai perder muitos cérebros com o fim do Ministério da Ciência”. *Deutsche Welle*, 13 junho 2016. Disponível em: <http://p.dw.com/p/1J5t7>
Acesso em: 17 out. 2017

JENSEN, K. B. E.; JANKOWSKI, N. W. (eds). *Metodologías cualitativas de investigación en comunicación de masas*. Barcelona. Bosch Casa Editorial, 1993.

JOAS, H. Interacionalismo simbólico. In: Giddens, A. & Turner, J. (orgs.) *Teoria Social Hoje*. São Paulo: Editora UNESP, 1999, pp. 127-174.

KANT, I. Resposta à pergunta: Que é esclarecimento? (Aufklärung). Trad. Floriano de Souza Fernandes. In: BUZZI, A. R; BOFF, L. (Coords.). *Immanuel Kant – Textos seletos*. 2ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1985.

KAPLAN, A. *A conduta na Pesquisa*. Metodologia para as ciências do comportamento. São Paulo: EPU/EDUSP, 1975.

KNAPPENBERGER, B. *O menino da Internet*: A história de Aaron Swartz. Reino Unido, 120 min, 2014.

KERLINGER, F. N. *Metodologia da pesquisa em ciências sociais*. 1974.

KOYRÉ, A. *Estudos de história do pensamento científico*. Brasília: UnB, 1982.

KÜNSCH, D.; BARROS, L. M. *Comunicação: saber, arte ou ciência?* São Paulo: Plêiade, 2008.

LASSWELL, H. "Why be quantitative?". *Language and Politics: Studies in Quantitative Semantics*, Cambridge: MIT Press, 1949, pp. 40-52.

LAVILLE, C; DIONNE, J. *A Construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Trad.: Heloísa Monteiro & Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEÃO, E.C. *Aprendendo a pensar*. Vol. I, 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LEDUR, P. F. *Guia Prático da Nova Ortografia*. 6ª ed. Porto Alegre: Editora AGE, 2009.

LOPES, M. I. V. Pesquisa em comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. Vol. XXVII, nº 1, jan/jun 2004.

_____. Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em comunicação. BRAGA, J. L.; LOPES, M. I. V.; MARTINO, L. C. *Pesquisa empírica em comunicação*. Livro Compós 2010.

MALDONADO, A. E. Produtos midiáticos, estratégias, recepção: a perspectiva transmetodológica. In: *Ciberlegenda*. Rio de Janeiro, 2002, n. 9. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/repant2.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2015

_____. A transmetodologia no contexto latino-americano. In.: MALDONADO, A. E. et al. *Epistemologia, Investigação e Formação Científica em Comunicação*. Natal; Rio do Sul: Editora da UFRN; Editora Unidavi, 2012.

_____. Pensar os processos sociocomunicacionais em recepção na conjuntura latino-americana de transformação civilizadora. In: BONIN, J.; ROSÁRIO, N. M. (Orgs.) *Processualidades metodológicas*. Configurações transformadoras em Comunicação. Florianópolis: Insular, 2013.

MALINOWSKI, B. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ed. Abril, 1978.

MARQUES, F. Os impactos do investimento. *Pesquisa FAPESP*. Ed. 246, agosto 2016. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2016/08/18/os-impactos-do-investimento/> Acesso em: 17 out. 2017.

MARTINO, L. C. As epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação. In: LOPES, M. I. V. L. (Org.). *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003

_____. BERGER, C. R.; CRAIG, R. T. *Teorias da comunicação: Muitas ou poucas?* Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2007.

_____. O saber epistemológico sobre a Comunicação. In.: KÜNSCH, D.; BARROS, L. M. *Comunicação: saber, arte ou ciência?* São Paulo: Plêiade, 2008.

MARTINS, E. R. O conhecimento histórico e sua rede fatorial. In: PRADO, M. E.; MUNTEAL, O. (Orgs.) *Francisco Falcon*. O ofício do historiador. Rio de Janeiro: Revan, 2012, p. 99-121.

MATSUURA, S.; FERREIRA, P. Pesquisadores criticam fusão de ministérios da Ciência e Comunicações. *O Globo*, 17 maio 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/pesquisadores-criticam-fusao-de-ministerios-da-ciencia-comunicacoes-19318187> Acesso em: 17 out. 2017.

MATTELART, A., MATTELART, M. *Penser les medias*. 1. ed. Paris: La Découverte, 1991.

MILLS, C. W. *La imaginación sociológica*. Santiago: Fondo de Cultura Económica, 1995.

_____. Do Artesanato Intelectual. In: MILLS, C. W. *A imaginação sociológica*. Trad.: Waltensir Dutra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975, p. 211-243.

MOLINA, J. A.; HOFFMANN, E. A. Nova ordem para novos conhecimentos: o projeto leibniziano de enciclopédia científica. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 81-94, mar. 2007. ISSN 2316-8994. Disponível em: <http://journals.usp.br/ss/article/view/11103> Acesso em: 18 oct. 2017

MORIN, E. *O Método 3: A consciência da consciência*. Trad.: Juremir Machado da Silva. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 1999.

NORSTEIN, Y. *O ouriço no nevoeiro*. URSS, 1975, 10 min.

OLIVEIRA, D. N. Entropia. In: Ciro Marcondes Filho. (Org.). *Dicionário da Comunicação*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2014,

O PAPEL decisivo das universidades. *Pesquisa FAPESP*. Ed. 259, setembro 2017. Disponível: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2017/09/22/o-papel-decisivo-das-universidades/> Acesso em: 10 out. 2017

OSGOOD, C. E. The representational model and relevant research methods. In: Ithiel de Sola Pool (Org.). *Trends in content analysis*. Urbana: University of Illinois Press, 1959. p. 33-88.

PARK, R. *A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento*. In: Berger, C; Marocco, B. *A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PAUL, H. Performing History: How Historical Scholarship is Shaped by Epistemic Virtues. *History and Theory*, February, 2011, p. 1-19.

PEIRCE, C.S. *A fixação da Crença*. Trad.: Anabela Gradim, 1877. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/peirce_a_fixacao_da_crenca.pdf Acesso em: 20 mar. 2014

POPPER. K. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 1972.

QUIROGA, T. *Pensando a episteme comunicacional*. 2.ed. Campina Grande: EDUEPB, 2013.

RAMÓN Y CAJAL, S. *Regras e conselhos sobre a investigação científica*. SP: USP, 1979 [1920]; p.9-23.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa Social. Métodos e Técnicas*. 3ª ed. rev. amp., São Paulo: Atlas, 1999.

ROMANCINI, R. *O campo científico da Comunicação no Brasil: institucionalização e capital científico*. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

ROTHMAN, J. Why is academic writing so academic? *The New Yorker*. 20 fevereiro 2014. Disponível em: <https://www.newyorker.com/books/page-turner/why-is-academic-writing-so-academic> Acesso em: 10 out. 2017.

RÜDIGER, F. Epistemologia “da” Comunicação: elementos para a crítica de uma fantasia acadêmica. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 21, n.2, p. 395-417, maio-agosto 2014

_____. *O mito da Agulha Hipodérmica e a Era da Propaganda*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

_____. *Origens do Pensamento Acadêmico em Jornalismo: Alemanha, União Soviética e Japão*. Florianópolis: Insular, 2017.

RUSSI, P. A dinâmica da pesquisa como processos e interações comunicacionais... reflexões. *Revista de Comunicação da Universidade de Caxias do Sul* – v. 4, n. 8, jul./dez. 2005, p.69-80.

_____. Angulações reflexivas sobre um “não saber metodológico”. *Anais XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom*. Santos, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

SALMON, W. C. O objeto da Lógica. In: *Lógica*. RJ: Zahar, 1971; p.13-33.

SANTAELLA, L. *Comunicação e pesquisa*. São Paulo: Hacker, 2001

_____. Navegar no ciberespaço: O perfil cognitivo do leitor imersivo. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2009.

SELLTIZ, C. et al. Seleção e formulação de um problema de pesquisa. In: *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: EPU, 1974. P. 33-57

SFEZ, L. A ciência tradicional da comunicação. In: SFEZ, L. *Crítica da comunicação*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994, p. 37-68.

SHINN, T.; RAGOUET, P. *Controvérsias sobre a ciência: Por uma sociologia transversalista da atividade científica*. Trad.: Pablo Rubén Mariconda e Sylvia Gemignani Garcia. São Paulo: Associação Filosófica Scientia Studia/Editora 34, 2008.

SILVA, A. *Imaginários: estranhamentos urbanos*. Trad. Carmen Ferrer. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

SILVA, J. M. *O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES*. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana*, vol. 11, n°2, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132005000200010
Acesso em: 21 set. 2016

SODRÉ, M. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014

STOKSTAD, E. The 1% of scientific publishing. *Science*. 11 julho 2014. Disponível em: <http://www.sciencemag.org/news/2014/07/1-scientific-publishing> Acesso em: 8 nov. 2017.

TARNAS, R. *A epopeia do pensamento ocidental: para compreender as ideias que moldaram nossa visão de mundo*. Trad.: Beatriz Sidou, 8ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

TAVARES, G. M. *Breves notas sobre ciência*. Florianópolis: EdUFSC/ Ed. da Casa, 2010.

TORRICO, E. “Acercamiento a la comunicación como cultura académica y a sus posiciones teóricas generales”. In: *Conexão*, UCS, Caxias do Sul, Vol. 4, N° 8, pp. 39-49, 2005.

TORRICO, E. La comunicación “occidental”. *Oficios Terrestres*, n°. 32, enero-junio, 2015, p. 3-23. Disponível em:
<http://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/oficiosterrestres/article/view/2381>

VARGAS LLOSA, M. *A civilização do espetáculo*. Trad. Ivone Benedetti, Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

VAN NOORDEN, R. New record: 66 journals banned for boosting impact factor with self-citations. *Nature News Blog*, 19 junho 2013. Disponível em:
<http://blogs.nature.com/news/2013/06/new-record-66-journals-banned-for-boosting-impact-factor-with-self-citations.html> Acesso em 8 nov. 2017.

VERNANT, J-P. Do mito à razão. *Mito & pensamento entre os gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 439-484

VERÓN, E. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

WEBER, M. *A ciência como vocação*. [2005] Disponível em:
http://www.lusosofia.net/textos/weber_a_ciencia_como_vocacao.pdf

WHITEHEAD, A. N.; *A Ciência e o Mundo Moderno*. São Paulo: Paulus, 2006

WINKIN, Y. *A nova comunicação: Da teoria ao trabalho de campo*. Tradução: Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papirus, 1998.

WOLF, M. *Teorias da Comunicação*. Trad.: Maria Jorge Vilar de Figueiredo. 5ª ed. Lisboa: Presença 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Quadro Textos – *corpus final*

APÊNDICE B – Organizador central – Alaic 2014

APÊNDICE C – Organizador central – Compós 2014

APÊNDICE D – Organizador central – Intercom 2014

APÊNDICE E – Organizador central – Compós 2015

APÊNDICE A

QUADRO TEXTOS – corpus final				
N°	Título	Autor	Ano	Evento
01	Recorridos de la investigación sobre comunicación interpersonal e intersubjetiva en México. Un mapa de temas, perspectivas y retos	RIZO GARCÍA, M.	2016	ALAIC
02	Dispositivos comunicacionais no mundo do trabalho: revisão e aplicação	FIGARO, R; GROHMANN, R.	2016	ALAIC
03	Los enfoques pedagógicos y los tipos de cursos empleados en la enseñanza de las teorías de comunicación	GARCÍA, C. P.; CASTELLANOS BARBOSA, A. M.	2016	ALAIC
04	Tres metodologías de análisis de las Industrias Culturales y Creativas: MEC-2009, ESSnet-2012 y CAB-2015. Midiendo cultura y diversidad	FUERTES, M.; BADILLO, A.	2016	ALAIC
05	Mapeando interações no Facebook: uma proposta de análise da dimensão geográfica do “like” e do voto	GONÇALVES, R.D.; CERVI, E.U.	2016	ALAIC
06	Os tipos de mediação e seus ordenamentos	SANTI, V.J.; BAPTAGLIN, L. A.	2016	ALAIC
07	Ensayo, interfaz y comprensión. Una propuesta metodológica de la comprensión como método, la interfaz como herramienta y el ensayo como escritura	COSTA, C. R.; OLIVEIRA, J. G.	2016	ALAIC
08	A desmontagem e o arranjo como princípios metodológicos na pesquisa em comunicação	SILVA, A. R.; ARAÚJO, A. C. S.; ABREU, L. F. S.	2016	ALAIC
09	La experiencia de sí en tiempos mediatizados. Revisión teórico-metodológica	DA PORTA, E.	2016	ALAIC
10	Problemática metodológica na pesquisa em história do jornalismo	ASSUNÇÃO, C.; STRONGREN, F.	2016	ALAIC
11	Audiencias de la Música Acusmática. Resultados	YÁÑEZ, L.	2016	ALAIC
12	Del desafío del diseño metodológico para la investigación del periodismo literario en Internet	SALVATIERRA, C.	2016	ALAIC
13	Jóvenes y consumo de noticias: propuesta metodológica para recolección de datos en contextos de movilidad y convergencia	GAJARDO, C.; MORENO, T.	2016	ALAIC
14	Reflexiones metodológicas sobre el concepto de industrias creativas	TOUSSAINT, F.	2016	ALAIC
15	Plataformas digitales para la participación ciudadana. La experiencia de “México Participa”	MENESES, M. E. et al	2016	ALAIC
16	Uma questão de método: apontamentos sobre a análise de som e música no cinema	ALVIM, L.; CARREIRO, R.	2016	ALAIC
17	A pesquisa em Comunicação no Brasil e seus encontros com o feminismo (2005/2014)	MARTIN, V. et al	2016	ALAIC
18	A ATENÇÃO FLUTUANTE, A DISPERSÃO E AS SÉRIES COMO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA ESTUDOS DESCONSTRUCIONISTAS DO AUDIOVISUAL	SILVA, A. R.; LUCAS, C.B.	2014	ALAIC

19	EL PAPEL DE LA HISTORIA EN EL CAMPO, LA TEORÍA Y LA INVESTIGACIÓN DE LA COMUNICACIÓN	VIDALES, C.	2014	ALAIC
20	CONFIGURAÇÕES COMUNICACIONAIS RENOVADORAS, CIDADANIA INVESTIGATIVA E DESAFIOS TEÓRICOS CRÍTICOS	MALDONADO, A. E.	2014	ALAIC
21	ENFOQUE METODOLÓGICO MIXTO APLICADO AL DISEÑO DE ENCUESTAS PARA EL ESTUDIO DE LA PARTICIPACIÓN POLÍTICA Y USO DE REDES SOCIALES EN JÓVENES UNIVERSITARIOS	ORTEGA GUTIÉRREZ, E.; URBINA, G. A.; MENESES ROCHA, M. E.	2014	ALAIC
22	A CONTRACORRIENTE: LA TEORÍA COMO CONDICIÓN DE POSIBILIDAD DE LA COMUNICACIÓN	TORRICO, E.	2014	ALAIC
23	PRIMERA RUPTURA EPISTEMOLÓGICA DEL PENSAMIENTO COMUNICACIONAL LATINOAMERICANO	PORTUGAL BERNEDO, F.	2014	ALAIC
24	HITOS CONFLICTUANTES Y TENSIONES DE SENTIDO. UNA PROPUESTA DE ABORDAJE COMUNICACIONAL PARA EL PROBLEMA DEL ORDEN SOCIAL	KENBEL, C.	2014	ALAIC
25	ETNOMETODOLOGIA E ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE: VISÕES DA REALIDADE SOCIAL A PARTIR DE COMBINAÇÃO METODOLÓGICA APLICADA A PESQUISA SOBRE ETHOS JORNALÍSTICO	DANTAS, J. B. A.; LACERDA, J. S.	2014	ALAIC
26	MEDIATIZACIÓN Y SUBJETIVIDADES CONTEMPORÁNEAS. APORTES PARA SU ESTUDIO	DA PORTA, E.	2014	ALAIC
27	A CULTURA METODOLÓGICA DA PESQUISA QUALITATIVA: DESENVOLVIMENTO E CRITÉRIOS DE CIENTIFICIDADE NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO	AGUIAR, L. M.; ROSÁRIO, N. M.	2014	ALAIC
28	SER, COMUNICACIÓN Y VIDA COTIDIANA. ALGUNAS CLAVES PARA UNA LECTURA ONTOÉTICA DE LA COMUNICACIÓN	RIZO GARCÍA, M.	2014	ALAIC
29	FENOMENOLOGIA: O USO DO MÉTODO EM COMUNICAÇÃO	MARTINEZ, M.; SILVA, P.C.	2014	ALAIC
30	COMUNICAÇÃO E TRABALHO UMA ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA DE PESQUISA	FIGARO, R.	2014	ALAIC
31	MEDIAÇÃO E MEDIATEZAÇÃO: CARTOGRAMA COMPARATIVO DAS ARMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	SANTI, V.J.	2014	ALAIC
32	QUAL O ESTATUTO DA COMUNICAÇÃO? – APROXIMAÇÕES A PARTIR DE UM LEVANTAMENTO COM PESQUISADORES BRASILEIROS DA ÁREA	BOAVENTURA, K. T.	2014	ALAIC
33	FRICCIONES DE LA MEMORIA Y EL OLVIDO: UN REPLANTEAMIENTO ESTÉTICO SOBRE EL TESTIMONIO EN UNA EXPERIENCIA DE ANTROPOLOGÍA VISUAL	OCHOA, S.; CATAÑO, J. L.	2014	ALAIC
34	IMPACTO DE LA PRODUCCIÓN ACADÉMICA SOBRE COMUNICACIÓN DIGITAL EN ESPAÑOL. UN ESTUDIO COMPARATIVO ENTRE SCOPUS Y WEB OF SCIENCE	VILLA, M.I.; GÓMEZ VARGAS, M.; PALACIO CORREA, M.A.	2014	ALAIC

35	RESULTADOS PRELIMINARES DEL PROYECTO: "INVESTIGACIÓN EM COMUNICACIÓN ADELANTADA EN ANTIOQUIA- COLOMBIA (2010-2011). HACÍA LA IMPLEMENTACIÓN DEL OBSERVATORIO ANTIOQUEÑO DE LA INVESTIGACIÓN EN COMUNICACIÓN	VALLE FLÓREZ, M.M.	2014	ALAIC
36	MEDIATIZACIÓN DE LA PROTESTA: LA ACTIVACIÓN DIGITAL COMO MODALIDAD DE COMUNICACIÓN POLÍTICA. VIAJE AL CENTRO DEL MOVIMIENTO ESTUDIANTIL 2011 EN CHIL	BUSTAMENTE, O.	2014	ALAIC
37	OS DESENHOS ANIMADOS NA ÁREA DA COMUNICAÇÃO: CONTEÚDOS E ABORDAGENS PRESENTES NAS TESES E DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS ENTRE 1987 E 2012 NO BRASIL	VIEIRA, A. R. D.; BRITO, G. S.	2014	ALAIC
38	Da dupla ruptura epistemológica à noção de circulação: apontamentos sobre a produção de conhecimento em Ciências da Comunicação	CASALI, C.	2012	ALAIC
39	Retos de los estudios de comunicación para el nuevo milenio: ¿disciplina o transdisciplina?	PEZA CASARES, M. C.	2012	ALAIC
40	"VIGILANCIA CRÍTICA EN INVESTIGACIÓN: UNA REVISIÓN DE LOS ASPECTOS METODOLÓGICOS DE NUESTROS PAPERS".	ECHEVERRÍA, M.P.	2012	ALAIC
41	Narrativas identitárias de mulheres: considerações teóricas e metodológicas	ESCOSTEGUY, A.C.; BRAUN, H. G.	2012	ALAIC
42	O objeto científico da comunicação entre mediações e interações	FERRARA, L. A.	2012	ALAIC
43	Blogs, redes sociales y correo electrónico: conversaciones en el espacio virtual. Discusión de posibles aproximaciones teórico – metodológicas para su investigación.	FORNI PAYSSÉ, M.	2012	ALAIC
44	La comunicación y la doble hermenéutica: convergências entre disciplinas científicas y profesiones	FUENTES NAVARRO, R.	2012	ALAIC
45	DESAFÍOS METODOLÓGICOS DE LA INVESTIGACIÓN EN COMUNICACIÓN SOCIAL EN AMÉRICA LATINA	GARCÍA LUCERO, D. et al	2012	ALAIC
46	Las trayectorias comunicativas y un enfoque integrado de los procesos comunicativos	GRILLO, M.	2012	ALAIC
47	Comunicação e perspectivas metodológicas das multiplicidades	ROSÁRIO, N. M.	2012	ALAIC
48	Reflexiones sobre los paradigmas de la investigación desde un observatorio de medios y de la ciudadanía	GUTIERREZ	2012	ALAIC
49	"NO PUEDO TOMAR NOTAS MIENTRAS BAILO". REFLEXIONES PARA LA INVESTIGACION SOBRE EL CUERPO, LA MUSICA Y EL BAILE.	LENARDUZZI, V.	2012	ALAIC
50	En busca del objeto de perdido: La construcción del problema de la comunicación y el cruce entre semiótica y hermenéutica	LÓPEZ VENERONI, F.	2012	ALAIC
51	"La perspectiva transmetodológica para la investigación de prácticas comunicacionales"	MALDONADO, A. E.	2012	ALAIC
52	RELEVAMIENTO DE LA INVESTIGACIÓN EN COMUNICACIÓN DE CÓRDOBA 2010-2011	MANSILLA, H.; BONFIGLI, L.; MERILES, A.	2012	ALAIC

53	Interdisciplinaridade, novas abordagens metodológicas e compromisso social do pesquisador	MEDINA FILHO, A. L.	2012	ALAIC
54	Comunicação e midiatização: reflexões metodológicas	OLIVEIRA, I. S.; JATENE; I. A.	2012	ALAIC
55	Teoría de Redes y Fenómenos de Comunicación: Problemas Metodológicos	PLOTTIER, J. L.	2012	ALAIC
56	Sobretudo a comunicação: pressupostos para entender a Nova Teoria	CUNHA, K. M. R.	2012	ALAIC
57	La investigación en comunicación social: una experiencia Pedagógica	RODRÍGUEZ, L.; SANTANGELO, G.	2012	ALAIC
58	Natureza e especificidade da Midiatização como Mediação	SALDANHA, A. P. et al	2012	ALAIC
59	Reflexión sobre la construcción de objeto. El diálogo entre la teoría y la empiria y la condición de objetivar al que objetiva.	SCHLEIFER, P.	2012	ALAIC
60	¿Qué es problematizar la investigación sobre la relación entre Comunicación y Tecnología?	SOUSA, J.; ELIZONDO, J. O.; RUSSI, P.	2012	ALAIC
61	Metodologia quantitativa de análise de conteúdo: uma proposta aplicada para pesquisas sobre cobertura jornalística em jornais impressos	TAVARES, C. Q.; MASSUCHIN, M. G.; CERVI, E.U.	2012	ALAIC
62	El relativismo teórico, la semiosis histórica y los sistemas conceptuales en los estudios de la comunicación	VIDALES, C.	2012	ALAIC
63	Etnografía de un proceso de reconstrucción biográfica en Internet	WINOCUR, R.	2012	ALAIC
64	UMA BIFURCAÇÃO NA ESTRADA: Robert Craig, Luiz C. Martino e a fundamentação do campo da Comunicação	BOAVENTURA, K. T.; VARÃO, R.	2016	COMPÓS
65	MIDIATIZAÇÃO: investigações brasileiras e europeias e o midiacentrismo ¹	CARVALHO, C. A.	2016	COMPÓS
66	ANÁLISE DO ACONTECIMENTO: possibilidades metodológicas	FRANÇA, V. R.V., LOPES, S.C.	2016	COMPÓS
67	A CARTOGRAFIA DE UM CAMPO: singularidades e possibilidades nas relações entre Religião e Consumo nos trabalhos desenvolvidos na Comunicação	PATRIOTA, K. R. M. P.; FALCÃO, C. C.; RODRIGUES, E. G. B.	2016	COMPÓS
68	MUDANÇAS TEÓRICAS NAS TRAJETÓRIAS DE FUNCIONALISTAS E FRANKFURTIANOS	ROSSETTI, R.	2016	COMPÓS
69	DAS MATERIALIDADES ÀS MATÉRIAS-PRIMAS DA COMUNICAÇÃO: notas para uma perspectiva teórica geológica	TELLES, M.	2016	COMPÓS
70	Pensamento Sistemico-Ecológico: Luhmann, McLuhan e o Sujeito	BRAGA, A.; RODRIGUES, A. D.	2015	COMPÓS
71	A análise cultural	MORAES, A. L. C.	2015	COMPÓS
72	ANALOGIAS: operações para construção de casos sobre a midiatização e circulação como objetos de pesquisa	FERREIRA, J.	2015	COMPÓS
73	CIRCULAÇÃO DAS DISCUSSÕES TEÓRICAS E EPISTEMOLÓGICAS DA COMUNICAÇÃO NO NORTE DO BRASIL	MALCHER, M. A.; LOPES, S. C.; MIRANDA, F. C.	2015	COMPÓS

74	A Metodologia dos Programas de Pesquisa para a Comunicação: Uma Proposta com base em Marshall McLuhan e Harold Innis	BARBOSA, R. M.	2015	COMPÓS
75	A comunicação como metáfora para compreensão do social	CARVALHO, C. A.	2014	COMPÓS
76	A Comunicação: da epistemologia ao empírico	FERRARA, L. A.	2014	COMPÓS
77	STUART HALL A PARTIR DO BRASIL	SOVIK, L.	2014	COMPÓS
78	Economia, abundância e diversidade: a pertinência da avaliação qualitativa nos processos comunicacionais	LOPES, P. R. M.	2014	COMPÓS
79	TRILHAS DA INVESTIGAÇÃO EPISTEMOLÓGICA: o GT Epistemologia da Comunicação da Compós1	MARTINO, L. M. S.	2014	COMPÓS
80	DO PARADIGMA AO COSMOGRAMA. Sete Contribuições da Teoria Ator-Rede para a Pesquisa em Comunicação1	HOLANDA, A.; LEMOS, A.	2013	COMPÓS
81	A epistemologia de uma comunicação indecisa	FERRARA, L. A.	2013	COMPÓS
82	A MÚSICA TENSIONADA ENTRE A LOGOSFERA E A SEMIOSFERA: um ponto de vista heurístico para se pensar a epistemologia da comunicação	LOPES, P. R. M.	2012	COMPÓS
83	DA EXOGENIA AOS DISPOSITIVOS: Roteiro para uma teorização autônoma da comunicação	SIGNATES, L.	2012	COMPÓS
84	DO DEBATE EPISTEMOLÓGICO À SALA DE AULA: a disciplinarização da epistemologia no ensino da(s) Teoria(s) da Comunicação	MARTINO, L. M. S.	2012	COMPÓS
85	Pela adoção da perspectiva da pertinência em pesquisas comunicacionais	CARVALHO, C. A.; LAGE, L.	2012	COMPÓS
86	História da Comunicação: entre o historiador e o comunicólogo	MARTINO, L. C.	2016	INTERCOM
87	O Inter-Humano e a Tensão Constitutiva do Ser na Linguagem: Excesso, Falta e Acabamento na Estética e na Ética a Partir de Bakhtin	LEAL, L. S.	2016	INTERCOM
88	Algumas Considerações sobre o Enunciado em Foucault e Bakhtin	GIRARDI JR., L.	2016	INTERCOM
89	Estudos Culturais e Cultura Periférica: aproximações possíveis	SILVA, A. R. F.	2016	INTERCOM
90	Metateoria e Epistemologia da Compreensão: um Ensaio Sobre a Compreensão como Método no Campo da Comunicação	BRITO, P. D.	2016	INTERCOM
91	Entre Ausências e Emergências: a Epistemologia do Sul, de Boaventura de Souza Santos, e a pesquisa em Mídia, Religião e Política	CUNHA, M. N.	2016	INTERCOM
92	Das Ciências da Comunicação: reflexão sobre a construção de sentido pelo viés da análise semiodiscursiva	ANDRADE, I. H.; FERREIRA, G. M.	2016	INTERCOM
93	A Velocidade na Comunicação: questões de emissão e recepção na sociedade da cibercultura	ALVES, D. M.	2016	INTERCOM
94	Escola Latino Americana de Comunicação e Igreja Católica: aproximações e contribuições para as ideais comunicacionais latino-americanas	ALVARENGA, R. C.	2016	INTERCOM

95	O Vaticano e os Conflitos no Oriente Médio: o Agendamento no Jornal L'Osservatore Romano	GARIBALDI, L. B.	2016	INTERCOM
96	Contratos Comunicativos e Zonas de Interseção A negociação entre Jornalismo, Assessoria de Imprensa e Leitor na construção do Discurso Informativo	CARVALHO, C.	2016	INTERCOM
97	Lacuna teórica do Meio de Comunicação: análise da relação termo-conceito-argumento em periódicos nacionais	PEREIRA, A. L. S.; PAIVA, D. C.	2016	INTERCOM
98	Frame Analysis: processo de construção de método para pesquisas	BONONE, L. M.	2016	INTERCOM
99	A comunicação encontra a Física: como a crise de paradigmas permite novos diálogos no campo comunicacional	FIGUEIREDO, C.	2016	INTERCOM
100	Comunidade e Espaço na Episteme Comunicacional: A Noção Performática	DAMASIO, J.	2015	INTERCOM
101	Teoria Ator-Rede: uma alternativa para pensar a Comunicação em contextos digitais	SANTANA, A. P.	2015	INTERCOM
102	Do Interacionismo Simbólico aos Jogos de Linguagem: a produção social de sentido	GIRARDI JR., L.	2015	INTERCOM
103	A hipótese de terceira pessoa: entre os blogueiros sujos e a imprensa tradicional	QUEIROZ, C.C.	2015	INTERCOM
104	Experiência estética de pessoas surdas com história em quadrinhos	BUSARELLO, R. I.; BIEGING, P.	2015	INTERCOM
105	A produção de sentido no processo comunicativo: a construção da entrevista como conflito na memória e identidade do sujeito jornalista	SOUSA, G.	2015	INTERCOM
106	O novo líder de opinião e sua atuação no facebook e twitter	OLIVEIRA, T. S.; MORAES, G. C. L. C.	2015	INTERCOM
107	Accountability Social e Jornalismo: um exercício teórico de comunicação	SISTON, F. R.; ELLWANGER, T. M.	2015	INTERCOM
108	Apontamentos para a pesquisa do audiovisual em plataformas de vídeo	MONTAÑO, S.	2015	INTERCOM
109	Por uma Nova Teoria da Comunicação: a contribuição da Escola de São Paulo	TEIXEIRA, A. P. M.	2015	INTERCOM
110	Nova classe média: um estudo empírico sobre os enquadramentos da mídia	SOARES, A. A.; SOUZA, R. R.	2015	INTERCOM
111	Percurso de análise de obras audiovisuais: agenciamentos materiais e semiológicos	TRENTO, F. B.	2014	INTERCOM
112	Inovação como evolução na Teoria da Comunicação Funcionalista	ROSSETTI, R.	2014	INTERCOM
113	Representações Midiáticas e Representações Sociais: A Agenda Setting e a Construção da Realidade Social	MENDONÇA, R. F.; BRAGA, C. F.	2014	INTERCOM
114	Do Imaginário às Tecnologias: a noção de imaginário para pensar a comunicação	TONIN, J.; AZUBEL, L.	2014	INTERCOM
115	Imaginário, cultura e entretenimento no cinema: análise contemporânea do filme O Show de Truman	CATARIN, R. B.	2014	INTERCOM

116	Flusser na Intercom trinta anos depois: memórias “achadas no sótão”	AREU, G. I. P.	2014	INTERCOM
117	Do Objeto Empírico ao Objeto de Conhecimento: Demarcações Metodológicas de uma Pesquisa Comunicacional	DALMOLIN, A. R.	2014	INTERCOM
118	Comunicação e Política: o Agendamento do Tema Lula e o The New York Times	GARIBALDI, L. B.; TREIN, S. R.	2014	INTERCOM
119	A comunicação como processo de interação verbal e produção de sentidos	FÍGARO, R.	2014	INTERCOM
120	O campo comunicacional e a justificativa de uma Comunicação Social entremeio às ciências da Comunicação	LIRA, E. C.; BERTI, O. M. C.	2014	INTERCOM
121	O Potencial Teórico do Conceito de Mdiatização e os Estudos sobre Classes Sociais na Comunicação	GROHMANN, R.; MAURO, R.	2014	INTERCOM
122	Jean Baudrillard e o problema de pesquisa em Comunicação	MONTEIRO, A. V.	2014	INTERCOM
123	Veja e a formação de uma opinião pública favorável ao Regime Militar	LEAL, R.; HOHLFELDT, A. C.	2014	INTERCOM
124	Considerações históricas e teóricas dos Estudos Culturais e aproximações com os estudos em Comunicação	SILVA, P. K.	2014	INTERCOM
125	Os Entrelaçamentos Entre Comunicação e Cultura na América Latina	DACAS, M.	2014	INTERCOM
126	A circulação de conteúdo no Twitter: Dilma e os jornalistas-blogueiros na abertura da Copa do Mundo Fifa 2014	QUEIROZ, C. C.	2014	INTERCOM
127	A Comunicação, a Explicação e a Compreensão: Ensaio de uma Epistemologia Compreensiva da Comunicação	KÜNSCH, D. A.	2014	INTERCOM
128	ESTUDOS DE RECEPÇÃO Os desafios da construção de um eixo teórico no campo da comunicação	COSTA, F. S.; SILVA, F. I. C.; RODRIGUES, J. P.	2013	INTERCOM
129	The Blood is the Life Sensação e materialidade na mitologia vampírica	GARCIA, Y.	2013	INTERCOM
130	Marx De Volta e na Comunicação?	GROHMANN, R.	2013	INTERCOM
131	O Trabalho em Emergência: Objeto e Matéria Estrangeira na Comunicação	AZEVEDO, J. A.	2013	INTERCOM
132	Os Meios da História: como se escreve a história da comunicação?	MARTINO, L. C.	2013	INTERCOM
133	DAS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO: UM BREVE PERCURSO DA MENSAGEM A CERTOS DESAFIOS DA ANÁLISE DOS DISCURSOS MEDIÁTICOS	FERREIRA, G. M.	2013	INTERCOM
134	A centralidade do trabalho na formação das identidades sociais e suas implicações nas pesquisas em comunicação	ROVIDA, M. F.	2012	INTERCOM
135	Vivências e Sentidos da IURD na Mdiatização Contemporânea: Elos Interpretativos de um Estudo de Recepção	NASCIMENTO, R. N. A.	2012	INTERCOM
136	Como compreender epistemologicamente a Comunicação da Ciência como processo colaborativo de produção de conhecimento	MALCHER, M. A.; LOPES, S. C.	2012	INTERCOM

	científico?			
137	Um estudo de caso sobre a cobertura jornalística do centenário de Marshall McLuhan	BRAGA, B. C. A.; BOMFIM, F. M. A.	2012	INTERCOM
138	Teorias, Escolas e Autores de Comunicação: reflexões a partir da construção de um dicionário para o campo	CAMARGO, R. Z.; BENDASSOLLI, P. F.; VALENTE, P.	2012	INTERCOM
139	Incursões pelos estudos de recepção: retomadas históricas e perspectivas futuras	SIFUENTES, L.	2012	INTERCOM
140	Publicidade: a prática e o fenômeno	PAVARINO, R. N.	2012	INTERCOM

APÊNDICE B

ORGANIZADOR CENTRAL – ALAIC 2014			
N°	Título artigo	Palavras-chave	Itens do artigo
1	A atenção flutuante, a dispersão e as séries como estratégias metodológicas para estudos desconstrucionistas do Audiovisual	-	Introdução; Primeira fase: a atenção flutuante; Segunda fase: arqueologia e dispersão; Terceira fase: a série; Excertos; Considerações; Referências bibliográficas
2	El papel de la Historia en el campo, la teoría y la investigación de la comunicación	Historia; teoría; investigación de la comunicación; campo de la comunicación; Cibersemiótica	Introducción; Una caracterización contemporánea del campo de la comunicación; Historia e historiografía: la invención de un campo, un objeto y un problema de identidad conceptual; De la idea de comunicación al concepto y las teorías de la comunicación; De las genealogías a los objetos de conocimiento: campos y sub-campos de producción conceptual; Referencias bibliográficas
3	Configurações comunicacionais renovadoras, cidadania investigativa e desafios teóricos críticos	Configuraciones transmediáticas; desafíos para la investigación teórica; América Latina; ciudadanía científica	Realizaciones transmediáticas revitalizadoras; Tal.TV; Praxis teórica; inter-relaciones metodológicas y ejercicio de ciudadanía; Desafíos teóricos críticos para la coyuntura comunicativa de la segunda década del siglo XXI; Referencias bibliográficas
4	Enfoque metodológico mixto aplicado al diseño de encuestas para el estudio de la participación política y uso de redes sociales en jóvenes universitarios	Jóvenes; participación política y ciudadana; metodología mixta; encuesta; competencias investigativas y tecnológicas	Introducción; Categorías de análisis y enfoque metodológico; Algunas consideraciones sobre el uso de encuestas en los estudio de la participación política el involucramiento público y el uso de redes sociales; Enfoque metodológico mixto aplicado al diseño de encuestas para el estudio de la participación política y uso de redes sociales en jóvenes universitarios; Ventajas y limitaciones de la plataforma Google Drive en el diseño, aplicación, distribución y análisis de los datos del cuestionario, Conclusiones y recomendaciones, Referencias bibliográficas
5	A contracorriente: La teoría como condición de posibilidad de la comunicación	Teoría; campo comunicacional; condición de posibilidad	Lo común en el desacuerdo; Puesta en duda compartida; Resumen de dificultades; Teorizar la comunicación; Referencias bibliográficas
6	Primera ruptura epistemológica del pensamiento comunicacional latinoamericano	Ruptura epistemológica; pensamiento comunicacional latinoamericano	Introducción; Objetivos del estudio y tema central a abordar; Enfoque y metodología de abordaje; Estado de la cuestión; Enfoque teórico, PCL y ruptura epistemológica; La ruptura

			epistemológica del PCL en la década del 70; El informe del Seminario de CIESPAL; Las críticas de Luis Ramiro Beltrán al paradigma norteamericano de las ciencias sociales; Beltrán propone una nueva ciencia de la comunicación en Latinoamérica; Rupturas epistemológicas y persistencias teóricas; Conclusiones; Referências bibliográficas
7	La comunicación y su "especificidad" en contra de la heteronomía: riesgos para un desarrollo de la interdisciplinariedad	-	Não constam itens ou subtítulos, apenas numericamente o autor separa o texto.
8	A Comunicação, o acontecimento, o objeto a coisa	Epistemologia; Comunicação; Objeto; Coisa	Ponto de partida, Referências bibliográficas
9	Hitos conflictuantes y tensiones de sentido. Una propuesta de abordaje comunicacional para el problema del orden social	-	Introducción; Orden, cultura y tensiones de sentidos: Configurando el problema; Una lectura integrada desde las estructuras y los movimientos como estrategia metodológica general; Las funciones que cumplen los actores en el sostenimiento o la discusión de los sentidos referidos al orden social; Segundo nivel en el análisis relacional: las trayectorias; Potencialidades para el abordaje desde las tensiones de sentidos y el establecimiento de los hitos; Referências bibliográficas
10	Etnometodologia e entrevistas em profundidade: visões da realidade social a partir de combinação metodológica aplicada a pesquisa sobre <i>ethos</i> jornalístico	Comunicação; metodologia; etnometodologia; entrevista em profundidade	Introdução; Caminho metodológico; Da pesquisa exploratória à entrevista em profundidade; Pesquisa quantitativa: radiografia do jornalismo potiguar; Pesquisa qualitativa: a visão do jornalista assessor; Considerações finais; Referências bibliográficas
11	Mediatización y subjetividades contemporáneas, aportes para su estudio	-	Texto completo; Usos, apropiaciones; experiencias; Referencias bibliográficas
12	A cultura metodológica da pesquisa qualitativa: desenvolvimento e critérios de cientificidade no campo da comunicação	Método; pesquisa qualitativa; comunicação	Introdução; Estatuto de cientificidade nas origens e desenvolvimento da pesquisa qualitativa; Pesquisa qualitativa em comunicação: adoção de múltiplas práticas metodológicas; Considerações finais; Referências bibliográficas
13	Ser, comunicación y vida cotidiana. Algunas claves para una lectura ontoética de la comunicación	Comunicación; teoría; filosofía; ontología; ética; existencialismo	En torno al diálogo entre la filosofía y la comunicación: presentación general; Un breve apunte sobre la concepción de la comunicación en diccionarios filosóficos; Lecturas ontológicas y éticas sobre la comunicación; Apuntes conclusivos; Referencias bibliográficas
14	Fenomenologia: O uso do	Comunicação;	Introdução; Edmund Husserl (1859-

	método em Comunicação	Fenomenologia; Teoria; Metodologia	1938): o filósofo alemão fundador da fenomenologia; Maurice Merleau-Ponty (1908-1961): a fenomenologia da existência; Vilém Flusser (1920-1991): a ponte com a comunicação do filósofo tcheco-brasileiro; Observações sobre o método fenomenológico; A importância da escolha das técnicas; Proposta para o uso da fenomenologia como método em comunicação; Primeiro passo: revisão de literatura; Segundo passo: a descrição dos procedimentos metodológicos; Terceiro passo: a entrada no campo e a seleção das fontes; Os instrumentos: diário ou caderno de campo; A postura do pesquisador fenomenológico; Quarto passo: a interpretação; Quinto passo: a redação; Sexto passo: o retorno aos participantes da pesquisa; Sétimo passo: o compartilhamento com a comunidade científica; Reflexões sobre um estudo que emprega o método fenomenológico em comunicação; Revisões de literatura; A descrição dos procedimentos metodológicos; A entrada no campo e a seleção das fontes; A interpretação; A redação; O retorno aos participantes e o compartilhamento com a comunidade científica; Considerações finais; Referências bibliográficas.
15	Comunicação e trabalho uma abordagem teórico-metodológica de pesquisa	Comunicação e trabalho; atividade humana; jornalistas	Introdução; Atividade humana de trabalho e de comunicação; As tecnologias para o binômio comunicação e trabalho; Pesquisa com jornalistas; Objetivo e metodologia da pesquisa; Os resultados da pesquisa; Considerações finais; Referências bibliográficas
16	Habermas y la fundamentación comunicacional del psicoanálisis. Implicancias de la comprensión de la práctica terapéutica como restitución de capacidades comunicativas	-	Habermas y el problema de la fundamentación; La reinterpretación habermasiana de la práctica terapéutica; Alienación y restitución comunicativas; Aplicación y ampliación; Representación y reconocimiento; Otras voces a través de los muros; Conclusión: comunicación, estética y sentido; Referencias bibliográficas.
17	Mediação e midiatização: cartograma comparativo das armações teórico-metodológicas	Mediações; midiatização; teoria da comunicação	Introdução; Mapa comparativo das armações; Considerações finais, Referências bibliográficas.
18	Qual o estatuto da comunicação? Aproximações a partir de um levantamento com	-	Introdução; Sobre o estatuto da Comunicação; Questionário; Análise; Considerações finais; Referências bibliográficas

	pesquisadores brasileiros da área		
19	Do determinismo tecnológico à Determinação Teórica	Teoria da comunicação; Determinismo tecnológico; epistemologia da comunicação	Definição, conseqüências e argumentos contrários; Formulações mais sofisticadas e possibilidade de superação do determinismo tecnológico; Ontologia, epistemologia, empiria; Posicionamentos encontrados na literatura específica; Três Faces: Normativa, Nomológica, Conseqüências não intencionais; Os diferentes aspectos; Vivo ou Morto?; Do determinismo tecnológico à determinação teórica: discussão crítica; Conclusão; Referências bibliográficas.
20	Fricciones de la memoria y el olvido: un replanteamiento estético sobre el testimonio en una experiencia de antropología visual	Antropología visual; narraciones audiovisuales; globalización del testimonio; estética del terror; fotoelicitación; comunicación como práctica cultural	Memoria, guerra y sensibilidad desde el método de la antropología visual; Políticas de la memoria y el olvido; Por una contraestética del terror; Referências bibliográficas
21	Histórias de vida, narrativas de la otredad inmigrantes cochabambinos en la ciudad de La Plata, Argentina	-	Introducción; Marco teórico y metodológico; El lugar de las historias; Construyendo sentidos; Historias de vida; Aperturas y continuidades; Referencias bibliográficas
22	Resultados preliminares del proyecto: "Investigación en comunicación adelantada en Antioquia – Colombia (2010-2011) Hacia la implementación del observatorio antioqueño de la investigación en comunicación	-	Introducción; Resultados preliminares; Universidad de Antioquia; Universidad de Medellín; Universidad Cooperativa; Politécnico Colombiano Jaime Isaza Cadavid; Fundación Universitaria Luis Amigó; A manera de síntesis provisional y general; Énfasis de los Trabajos de grado en Universidades de Antioquia; Referencias bibliográficas.
23	Impacto de la producción académica sobre comunicación digital en Español. Un estudio comparativo entre Scopus y Web of Science	-	Introducción; Metodología; Resultados; Distribución de la producción por zonas geográficas; Relaciones multidisciplinares y revistas representativas; Redes de colaboración; Conclusiones; Referencias bibliográficas.
24	Mediatización de la protesta: La <i>Activación</i> digital como modalidad de comunicación política. Viaje al <i>Centro</i> del movimiento estudiantil 2011 en Chile	-	Lámina 2: definición A.D; Lámina 3: los tres contextos de la A.D; Lámina 4: dimensiones de la A.D; Lámina 5: enfoque tripartito de la A.D; Lámina 6: pregunta de investigación; Lámina 7: Transición de zonas de malestar en dictadura y democracia en Chile; Lámina 8: Tres momentos del movimiento estudiantil chileno como <i>mediador</i>

			<i>evanescente</i> (1977-2011); Lámina 9: Imagem 27-F; Lámina 10: Imagen Mineros; Lámina 11: pregunta de investigación 2; Lámina 12: pregunta 3; Lámina 13; Lámina 14: figuras de subjetividad y naturaleza espacios de autonomía del movimiento estudiantil chileno
25	Convergencias y fragmentaciones de la investigación de la comunicación en América Latina: Una internacionalización desintegrada	-	Referencias bibliográficas
26	Os desenhos animados na área da comunicação: conteúdos e abordagens presentes nas teses e dissertações defendidas entre 1987 e 2012 no Brasil	Comunicação; estado da arte; pesquisa; metodologia; pesquisa bibliográfica	Introdução; Definição do corpus de análise; Coleta de dados e definição de categorias de análise; Análise dos resultados; Abordagens interdisciplinares (interfaces); Mídias nas quais os desenhos animados foram abordados; Origem das referências utilizadas; Autores citados; Considerações finais

APÊNDICE C

ORGANIZADOR CENTRAL - COMPÓS 2014			
N°	Título artigo	Palavras-chave	Itens do artigo
27	Processo midiático e o problema do triplo isolamento	Processo midiático; midiaticização; campo midiático	Introdução; Vínculo; Processo midiático; Passagem; Instauração do campo midiático; Deslocamento do campo midiático; Diferenciação midiática de segundo grau; Processo midiático e ilegitimidade social; Observações finais; Referências
28	A comunicação como metáfora para compreensão do social	Comunicação; metáfora; social	Metáfora; inovação semântica e compreensão; Comunicação, sociedade e negociações de sentido; À guisa de um programa de pesquisa; Apontamentos rumo a desenvolvimentos posteriores; Referências
29	Os vínculos, a massa, as manifestações: teoria da comunicação e psicanálise	Teorias da comunicação; nova psicanálise; manifestações de rua	Ruas e shopping centers; Dissolução dos vínculos e psicanálise; A pulsão, o revirão e a transformática; Os vínculos relativos, os recalques e o vínculo absoluto; A teoria polar; o conhecimento e a transa das formações; Massa, maioria...; Perguntas; Referências
30	A Comunicação: da epistemologia ao empírico	Comunicação; epistemologia; empiria; dúvida; pergunta	Uma questão em fronteira; A fronteira como fresta entre certezas – O empírico, A dúvida sobre o empírico, O empírico como exercício de sagacidade, O empírico como exercício cognitivo; O empírico como experiência; Comunicação empírica: o mapa não é o território; Referências bibliográficas.
31	Stuart Hall a partir do Brasil	Stuart Hall; Teoria da Comunicação; Estudos Culturais	Preâmbulos e pretextos; Em defesa de Stuart Hall; O que se ganha com Stuart Hall; Referências
32	Economia; abundância e diversidade: a pertinência da avaliação qualitativa nos processos comunicacionais	Epistemologia; tradução semiótica; diversidade	Introdução; O espaço semiótico como sistema de comunicação e cultura; A diversidade como condição de sustentabilidade dos sistemas; Considerações finais; Referências
33	Comunicação digital, mudanças cognitivas e pragmatismo	Epistemologia; comunicação; pragmatismo	Os estudos em comunicação e a realidade do pensamento mutante; Mudança cognitiva e pragmatismo – A ideia de Peirce, O significado como hábito mental geral. Coletivo e mutante; Mudanças cognitivas e processos comunicacionais multicódigos – As hipóteses do pensamento em mudança, Eficiência comunicacional como objetivo ético e

			mudança, A percepção estética da ambiência compartilhada, A compreensão da lógica mutante dos processos comunicacionais; Referências.
34	Trilhas da investigação epistemológica: o GT Epistemologia da Comunicação da Compós	Epistemologia; teoria da comunicação; pesquisa; compós	Introdução; A variedade de referências: a partir de onde se pensa a epistemologia?; A variedade temática: quais são as questões epistemológicas?; As derivações epistemológicas; Considerações finais; Referências
35	Recolocar a recepção: uma análise a partir dos meios de comunicação	Recepção; teorias da comunicação; meios de comunicação	Introdução; Insuficiências da formulação da comunicação como conflito de classe; Visão instrumental dos meios de comunicação; Recepção como instituição social; Referências
36	Um conhecimento aforístico	Aforismo; conhecimento aforístico; pensamento aforístico e comunicação	O modo aforístico; Um conhecimento aforístico; Referências bibliográficas

APÊNDICE D

ORGANIZADOR CENTRAL – INTERCOM 2014			
N°	Título artigo	Palavras-chave	Itens do artigo
37	Percurso de análise de obras audiovisuais: agenciamentos materiais e semiológicos	Ecologia midiática; teoria dos agenciamentos; dispositivo, teoria ator-rede; audiovisual	Introdução; Um percurso metodológico; Agenciamentos Biopolíticos; Conclusão; Referências bibliográficas
38	Inovação como evolução na teoria da comunicação funcionalista	Comunicação e inovação; teoria funcionalista; evolução	Introdução; Os vários sentidos do conceito de inovação; A trajetória de surgimento de novas ideias na teoria da Comunicação Funcionalista; A evolução das ideias funcionalistas sobre comunicação; Considerações finais; Referências
39	Representações Midiáticas e Representações sociais: A agenda Setting e a Construção da Realidade Social	Comunicação midiática; agenda setting; representações sociais; teorias da comunicação	Introdução; A teoria das representações sociais e a teoria da Agenda Setting; Métodos, amostra e procedimentos - O objeto de pesquisa, As representações midiáticas, Resultados da pesquisa de opinião, Resultado da pesquisa de evocações; Considerações finais; Referências
40	Comunicação, tecnologia e práticas interativas: Diálogos e circularidades	Comunicação; tecnologia; interação; participação	Quanto ao contemporâneo: ruptura e reforço; Quanto às novas textualidades; Referências
41	Do imaginário às tecnologias: A noção de imaginário para pensar a comunicação	Imaginário; comunicação; Durand, Maffesoli; Silva	Texto corrido e Referências
42	Critérios de análise para a cobertura do centenário de Marshall McLuhan no Brasil	Pensamento mcluhaniano; critérios de noticiabilidade; notícia, novas tecnologias; cultura	Corpo do trabalho; O centenário é notícia; A metodologia em detalhe; Vitrine conceitual; Notícia; Cultura; Aplicando a metodologia; Os critérios de noticiabilidade nas notícias de McLuhan; Análise geral; Resultados; Considerações & Perspectivas; Referências bibliográficas
43	Elucidações nos estudos em mídia e religião no Brasil na contemporaneidade: a perspectiva das mediações culturais e comunicacionais	Mídia; religião; cultura; mediações culturais; mediações comunicacionais	Preliminares; Mediações do “religioso” – Na comunicação religiosa; Na comunicação não-religiosa; Mediações comunicacionais da religião; O surgimento das igrejas midiáticas; Os cristãos como segmento de mercado; Mídias como mediação do sagrado; Espetáculo: consumo e entretenimento; O lugar das mídias sociais; Perspectivas; Referências
44	A mediação de conflitos na sociedade argentina à luz da racionalidade comunicativa habermasiana	Habermas; Agir comunicativo; Racionalidade; Mediação de conflitos;	Introdução, Materiais e métodos; Resultados e discussões, Referências

		Comunicação	
45	Imaginário, cultura e entretenimento no cinema: Análise contemporânea do filme O Show de Truman	Escola de Frankfurt; Teoria Crítica; Reality Show; Meios de Comunicação; Consumo	Introdução; Imaginário; Cultura; Entretenimento; Filme “O Show de Truman – O Show da Vida”; A indústria cultural; Considerações finais; Referências
46	Flusser na Intercom trinta anos depois: memórias “achadas no sótão”	Vilém Flusser; teoria da comunicação; semiótica; pensamento da comunicação, memória	Introdução; Flusser e o “Pós-Analfabetismo: A contra revolução de imagens contra textos; Vilém Flusser e a comunicação na “cultura midiaticizada”; Considerações Finais; Referências bibliográficas e digitais
47	Do Objeto Empírico ao Objeto de Conhecimento: Demarcações Metodológicas de uma Pesquisa Comunicacional	Epistemologia; metodologia; objeto de pesquisa; discurso; mídia e religião	Introdução; Perspectivas epistemológicas do campo comunicacional; Demarcações iniciais: o objeto empírico; Demarcações teórico-metodológicas da pesquisa; Do objeto ao campo: a transversalidade dos estudos de mídia e religião na abordagem da imprensa católica; Considerações finais; Referências bibliográficas
48	Comunicação e construção de processos identitários: entrelaçamentos, não-ditos e caminhos de possibilidades	Comunicação relacional; modelo praxiológico; identidade; dispositivo	Para começar: delimitando o ambiente conceitual; Identidades: a construção do dispositivo identitário; A comunicação e o dispositivo identitário; Entrelaçamentos, mas em relação de dependência; Um primeiro slato: das relações imperfeitas ao <i>não-dito</i> ; Em conclusão: outro salto para possibilidades; Referências
49	Uma comunicação sem fronteiras: contribuições teóricas da psicanálise	Teorias da comunicação; Nova Psicanálise; Pós-modernidade	Introdução; Diluição de fronteiras e estruturas em rede; A teoria psicanalítica da comunicação; Considerações finais; Referências bibliográficas
50	Comunicação e Política: o Agendamento do Tema Lula e o <i>The New York Times</i>	Comunicação; política; escândalo; agenda setting;; Lula e New York Times	Introdução; Comunicação e Política; Agenda Setting; Pressupostos e Tipologias; Categorias analíticas; Estudo de caso; Análise da reportagem do New York Times; Agendamento na imprensa brasileira; Conclusão; Referências
51	A comunicação como processo de interação verbal e produção de sentidos	Comunicação; linguagem verbal; produção de sentidos, circulação.	Introdução; A relação linguagem/pensamento; Comunicação e Linguagem; Linguagem arena das disputas sociais; Considerações finais; Referências
52	O campo comunicacional e a justificativa de uma Comunicação Social entremeio às ciências da Comunicação	Comunicação; Comunicação Social; Campo da comunicação; epistemologia da comunicação; teoria da comunicação	O campo comunicacional e suas reflexões para a Comunicação Social; A epistemologia da Comunicação; Considerações e reflexões; Referências
53	O potencial teórico do conceito de midiatização e	Midiatização; concieto,	Introdução; Classe social como tema da comunicação; Midiatização: diferentes

	os estudos sobre classes sociais na comunicação	comunicação; mediação, classe	abordagens; Mídiação e mediação; Considerações finais; Referências bibliográficas
54	Jean Baudrillard e o problema de pesquisa em Comunicação	Metodologia; Objeto; Informação; Estética; Imagem	Somos pensadores da Comunicação?; Se não for o conteúdo, o que nos resta?; Transcendência dos objetos, ou o nada da informação; A estética e o pensamento midiático; Imaginário e imagem tridimensional; Referências bibliográficas
55	<i>Veja</i> e a formação de uma opinião pública favorável ao Regime Militar	<i>Veja</i> ; ditadura militar; espiral do silêncio	Introdução; A ditadura e sua relação com a mídia (1964-1985); A espiral do silêncio; <i>VEJA</i> em prol do silenciamento; Considerações finais; Referências bibliográficas
56	Digressões sobre o objeto da comunicação a partir da semiótica Lacaniana	Teorias da comunicação; objeto da comunicação; semiótica; real; Lacan	Introdução; Da impossibilidade do significado nas teorias da Comunicação; O signo para Saussure; O signo invertido de Lacan; O objeto da comunicação e a cadeia significante; O significante é uma metáfora; O real como retorno; Considerações; Referências
57	Considerações históricas e teóricas dos Estudos Culturais e aproximações com os estudos em Comunicação	Estudos culturais; comunicação; formação cultural	Formação cultural e estudos culturais; Estudos culturais: história e pesquisas; Abordagens temáticas dos estudos culturais; Estudos culturais e comunicação; Considerações finais; Referências
58	Os entrelaçamentos entre comunicação e cultura na América Latina	Comunicação; cultura; América Latina; estudos culturais	Introdução; Referências
59	A circulação de conteúdo no Twitter: Dilma e os jornalistas-blogueiros na abertura da Copa do Mundo Fifa 2014	Blogueiros sujos; circulação; Twitter; Dilma; Copa do mundo	Introdução; Os blogueiros sujos; A (re) circulação no Twitter; O fato; Procedimentos metodológicos; Resultados e discussões; Considerações finais; Referências
60	A comunicação, a explicação e a compreensão: Ensaio de uma epistemologia compreensiva da comunicação	Epistemologia da comunicação; teorias da comunicação; compreensão	Parábola do elefante e dos cegos; Teorias que (de fato) não se conversam; Inclusão, exclusão e compreensão; Da supremacia do signo da explicação; Inspirações para uma epistemologia compreensiva; Referências bibliográficas
61	Comunicação e identidade: o discurso de guerra de Winston Churchill	Comunicação; Churchill; discurso, sujeito britânico; vitória	Retórica e Oratória Política; A constituição da britanicidade; O Discurso do Sujeito Vencedor: <i>Blood, Toil, Tears & Sweat</i> ; Referências
62	Reflexões em torno da matriz pragmatista: algumas contribuições à dinâmica interativa do Movimento Gandarela	Pragmatismo; ação; experiência; comunicação; meio-ambiente	A matriz pragmatista: o caminho que leva à ação; A abrangência da experiência; Pensar o modelo relacional: a interação, o gesto; Considerações; Referências

APÊNDICE E

ORGANIZADOR CENTRAL – COMPÓS 2015			
N°	Título artigo	Palavras-chave	Itens do artigo
63	Pensamento Sistêmico-Ecológico: Luhmann, McLuhan e o Sujeito	Teoria da comunicação; Teoria dos sistemas; Ecologia das Mídias.	Introdução; Uma arqueologia do pensamento sistêmico; O pensamento sistêmico em McLuhan; Pensamento Sistêmico-Ecológico; O lugar do sujeito no pensamento sistêmico; Considerações finais
64	A análise cultural	Epistemologia; estudos culturais; análise cultural; método analítico.	Métodos de abordagem e métodos analíticos; A análise cultural como método analítico; <i>A análise cultural é política; A análise cultural é conjuntural; A análise cultural trabalha com estruturas de sentimento; A análise cultural articula produção e consumo;</i> Considerações finais
65	O grau zero da Comunicação	Imitação. Invenção. Grau Zero. Gabriel Tarde. Comunicação. Interação.	1. Introdução: a comunicação precede a linguagem; 2. A competência de imitação como grau zero; 3. Gabriel Tarde; 4. Transferências & tensionamentos; 5. Conclusão: a heurística do grau zero; Referências bibliográficas
66	A arte de conversar – existência, epistemologia e comunicação	Epistemologia da Comunicação; Filosofia; Hermenêutica; Conversação	-
67	Analogias: operações para construção de casos sobre a midiática e circulação como objetos de pesquisa	Analogia. Miatização. Circulação. Epistemologia. Metodologia	1 Contexto de uma proposição: a problemática da circulação; 1.1 O que é gramática de produção? Heterogeneidade nos processos de inferência; 2 Referências para um resgate dessa topologia de pesquisa sobre a circulação.; 2.1 Analogia e argumento; 2.2 Tipos de analogias; 2.3 A constituição de identidades midiáticas; 3 Inferências finais
68	Interdisciplinaridade e comunicação: um levantamento crítico	Epistemologia da Comunicação; Interdisciplinaridade; Crítica à interdisciplinaridade	Introdução; Ausência de um conceito para interdisciplinaridade; Incompreensão das disciplinas; Modismo; Complexidade do objeto; Superficialidade X Aprofundamento; Diversidade de objetos; Dispersão teórica; Crítica à ciência; Confusão de instâncias; Considerações finais
69	Pierre Bourdieu: Mercados Lingüísticos e poder simbólico	habitus linguístico, héxis, capital simbólico, mercado linguístico, poder simbólico	O senso de oportunidade e o senso de aceitabilidade; Capital Cultural e habitus linguístico; A doxa e o poder simbólico

70	A retórica na epistemologia da comunicação	Comunicação, epistemologia, retórica, política	1. Como nasce uma ideia?; 2. Pensar é achar uma metáfora; 3. Comunicar é achar um modo de dizer; 4. A comunicação não é um significante vazio; 5. O lugar improvável do comunicar; 6. Uma epistemologia política da comunicação;
71	Circulação das discussões teóricas e Epistemológicas da Comunicação no Norte do Brasil	Teorias da Comunicação; Epistemologia; Pós-graduação; Compós; Região Norte	Breve introdução ao cenário de circulação escolhido; A circulação das discussões sobre epistemologia da Comunicação nas dissertações; Sala de aula como ambiente fundamental de circulação de conhecimentos; Provocações para debate; Referências
72	A Metodologia dos Programas de Pesquisa para a Comunicação: Uma Proposta com base em Marshall McLuhan e Harold Innis	Harold Innis. Marshall McLuhan. Programa de Pesquisa. Teorias da Comunicação	A Metodologia dos Programas de Pesquisa aplicada a Comunicação; 1. O núcleo central; 1.1 A centralidade dos meios de comunicação; 1.2 O viés é a mensagem: para além da neutralidade dos meios de comunicação; 2. Hipóteses auxiliares; 2.1 Uma hipótese estético-sensorial; 2.2 Uma hipótese materialista-organizacional; 2.3 Monopólios do Conhecimento; 2.4 Leis dos meios; O conceito de meio de comunicação; Considerações finais

ANEXOS

ANEXO A – GT Epistemologia da Comunicação – Chamada de trabalhos Compós 2015

ANEXO B – Chamada de trabalhos GP Teorias da Comunicação 2015

ANEXO A

Imprimir

18/01/15 16:17

Assunto: [COMPOS] GT Epistemologia da Comunicação - Chamada de Trabalhos Compós 2015

De: Luís Mauro Imsmartino@gmail.com [COMPOS] (COMPOS@yahoogroups.com)

Para: Compos@yahoogroups.com;

Data: Terça-feira, 13 de Janeiro de 2015 11:22

Prezadas e prezados colegas,

O GT Epistemologia da Comunicação convida pesquisadores e pesquisadoras da área para participarem, com envio de trabalhos para avaliação, do 24o. Encontro da Compós, a ser realizado em Brasília, em junho deste ano.

O que se busca, no GT de Epistemologia, em artigos e reflexões muito diversificadas, é pensar a Comunicação. Como toda pesquisa na área, para além de seus objetivos específicos, ajuda a constituir aspectos relevantes deste campo de conhecimento, convidamos pesquisadores e pesquisadoras a participar do GT com artigos que voltem o olhar sobre sua própria pesquisa para refletir a respeito de como aparecem, aí, as questões comunicacionais. Como sua pesquisa pensa o campo de estudos em Comunicação?

O Grupo constitui espaço de interlocução sobre questões teóricas, metodológicas e conceituais presentes na Área de Comunicação, bem como seus fundamentos, desdobramentos e articulações com outras áreas do conhecimento.

São bem-vindos tanto trabalhos direcionados especificamente ao debate epistemológico, quanto textos que proponham a discussão dos aspectos teóricos, conceituais e metodológicos de pesquisas vinculadas, por seu recorte, a outros espaços dos estudos em Comunicação

about:blank

Página 1 de 3

Dentre os principais temas cobertos pelo GT podem ser destacados os seguintes:

- os fundamentos da comunicação como área de conhecimento;
- a caracterização do fenômeno comunicacional como objeto de pesquisa;
- questões epistemológicas e metodológicas geradas pelos objetos em estudo na comunicação e suas consequências teóricas;
- as correntes teóricas da comunicação, seus idealizadores e respectivas linguagens e metodologias;
- a relação entre produção de conhecimento e pesquisa empírica em comunicação;
- a crítica dos processos de pesquisa nos estudos da comunicação;
- abordagens teórico-reflexivas sobre as inter-relações da comunicação com outros campos do saber, em particular as interfaces com as ciências.
- relevância científica e social da produção de conhecimento em comunicação
- decorrências dos processos de internacionalização de ensino e pesquisa em comunicação no Brasil
- reflexões sobre os ofícios, as práticas e as referências epistemológicas que sustentam pesquisas, ensino e agenciamentos institucionais especialmente em jornalismo, relações públicas, publicidade no ambiente das mídias.

Para além dos Encontros da Compós, as discussões do GT vêm fomentando a criação e Grupos ou Projetos de Pesquisa sediados em diversas instituições.

Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino

Faculdade Cásper Líbero – Coordenador

Prof. Dr. Carlos Alberto de Carvalho

UFMG – Vice-Coordenador

Posted by: =?UTF-8?Q?Lu=C3=ADs_Mauro?= <lmsmartino@gmail.com>

[VISIT YOUR GROUP](#) [New Members 1](#) |

YAHOO! GROUPS

[Privacy](#) · [Unsubscribe](#) · [Terms of Use](#)

ANEXO B

Gmail - [sociosdaintercom] Chamada de trabalhos para o GP ...

<https://mail.google.com/mail/u/0/?ui=2&ik=32d004c604&jsv...>



Daiani Barth <daiani.barth@gmail.com>

[sociosdaintercom] Chamada de trabalhos para o GP Teorias da Comunicação

Edson Dalmonte <edsondalmonte@gmail.com>
Responder a: sociosdaintercom@googlegroups.com
Para: sociosdaintercom@googlegroups.com

29 de maio de 2015 10:32

Chamada de trabalhos para o GP Teorias da Comunicação - XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom - 2015)

Prezados(as) colegas,

O Grupo de Pesquisa Teorias da Comunicação convida o XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

O evento, promovido pela Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, ocorrerá na UFRJ entre os dias 4 e 7 de setembro. Interessados em submeter trabalhos devem se inscrever até o dia 13 de julho.

Abaixo, a ementa do GP Teorias da Comunicação:

O GP se propõe analisar a Comunicação a partir das várias correntes teóricas e suas perspectivas metodológicas. Trata-se de pensar o processo, o campo teórico, o objeto, o estatuto disciplinar do saber comunicacional e demais contribuições voltadas para a formação de um amplo panorama de conhecimentos necessários a sua fundamentação.

Palavras-chave - Teorias da comunicação; Teorias da recepção; Pensamento comunicacional; Epistemologia da comunicação.

As normas e o documento-padrão para as submissões estão disponíveis no endereço: http://www.portalintercom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5531&catid=307

O calendário e o passo a passo das inscrições podem ser consultados em: http://www.portalintercom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5530&catid=307

O site oficial do evento, com toda a programação científica e outras informações, já está no ar: <http://www.intercom2015.com/>

Atenciosamente,

1 de 2

14/01/18 15:00

--

Edson Fernando Dalmonte, FACOM/UFBA
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas
<http://poscom.ufba.br>
Grupo de pesquisa CNPq ANALÍTICA: Crítica de mídia, Estética e Produtos Midiáticos
>> www.analitica.ufba.br

--

Você recebeu essa mensagem porque está inscrito no grupo "Sócios da Intercom" dos Grupos do Google.
Para cancelar inscrição nesse grupo e parar de receber e-mails dele, envie um e-mail para sociosdaintercom+unsubscribe@googlegroups.com.
Para postar nesse grupo, envie um e-mail para sociosdaintercom@googlegroups.com.
Para ver essa discussão na Web, acesse <https://groups.google.com/d/msgid/sociosdaintercom/CAGuToC8V-g%3D-DV-vZNHGVq%2B41n4QAB8QwM4q2MKiSZxxMRVWVQ%40mail.gmail.com>.
Para mais opções, acesse <https://groups.google.com/d/optout>.